

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

MARIA DO HORTO MACHADO CAMPOGARA

**CULTURA ESCOLAR, PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES DA ESCOLA NORMAL
NOSSA SENHORA DO HORTO DE DOM PEDRITO/RS (1947–1975)**

Bagé

2021

MARIA DO HORTO MACHADO CAMPONOGARA

**CULTURA ESCOLAR, PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES DA ESCOLA NORMAL
NOSSA SENHORA DO HORTO DE DOM PEDRITO/RS (1947–1975)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Ensino da Fundação Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ensino.

Orientador: Prof. Dr. Alessandro Carvalho Bica.

**Bagé
2021**

MARIA DO HORTO MACHADO CAMPONOGARA

**CULTURA ESCOLAR, PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES DA ESCOLA NORMAL
NOSSA SENHORA DO HORTO DE DOM PEDRITO/RS (1947–1975)**

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Ensino da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), como requisito para obtenção do título de Mestre em Ensino.

Dissertação de Mestrado defendido e aprovado em: 29 de outubro 2021.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Alessandro Carvalho Bica

Orientador

UNIPAMPA – Campus Bagé

Prof.^a Dr.^a Ana Cristina da Silva Rodrigues

UNIPAMPA – Campus Jaguarão

Prof.^a Dr.^a Virgínia Pereira da Silva de Ávila

UPE – Campus Petrolina



Assinado eletronicamente por **ALESSANDRO CARVALHO BICA**,
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR, em 26/11/2021, às 21:08,
conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais

aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **ANA CRISTINA DA SILVA RODRIGUES**,
PROFESSOR DO MAGISTERIOSUPERIOR, em 27/12/2021, às 18:04, conforme
horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site
[https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?
acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código
verificador **0678561** eo código CRC **C53BCF2C**.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

C186c Camponogara, Maria do Horto Machado
Cultura escolar, práticas e representações da Escola
Normal Nossa Senhora do Horto de Dom Pedrito/RS (1947-1975) /
Maria do Horto Machado Camponogara.
287 p.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Pampa,
MESTRADO EM ENSINO, 2021.
"Orientação: Alessandro Carvalho Bica".

1. Cultura escolar. 2. Escola Normal. 3. Formação de
professores. 4. Práticas escolares. 5. História da educação.
I. Título.

Dedico este trabalho à minha mãe, Professora Clélia Leite Machado, que me incentivou a valorizar o estudo e a aprendizagem tendo a dedicação, a responsabilidade e a afetividade como fonte de força, energia, equilíbrio, superação e poder de resiliência. Ela sempre disse e diz: *“Só a educação salva o ser humano da pobreza material e espiritual, quem adquire o conhecimento pensa por si, e, não é levado pelas correntezas da ignorância”*.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus por me fortalecer, ouviu minhas súplicas e permitiu que eu chegasse ao fim deste desafio.

Agradeço a minha família, meu marido Rubens, meus filhos Leandro e Letícia, minhas irmãs Rita, Lília e Elizângela, que me amparam durante o percurso deste mestrado, fornecendo o ombro amigo, o acolhimento, o incentivo e a presença afetiva, que me encorajaram a prosseguir rumo à defesa desta dissertação.

Agradeço, em especial, a minha mãe Clélia, que me certifica a todo momento, que existem planos maiores ainda para minha vida, que eu mesma desconheço.

Agradeço ao Professor Doutor Alessandro Carvalho Bica, pela compreensão, quanto as minhas limitações, minhas subjetividades, enquanto indivíduo e acadêmico. A forma paciente, comprometida, amável com que me orientou nestes estudos, a liberdade que me deu para expor meus pensamentos, e, por fim, por seus esclarecimentos, que foram fundamentais para conclusão deste projeto. Nossas reuniões foram de diálogo, de trocas, de encontro e partilha.

Apreendi com este exigente, amoroso, atuante e dedicado professor, que nem sempre é necessário demarcar um percurso, nos primeiros passos de nossos estudos na pretensão de construir uma pesquisa, na área documental, por mais seguro que isto nos pareça, mas é sempre fundamental, desde muito cedo, descortinar horizontes, através do estudo, da leitura, da análise, pois é na plenitude das possibilidades, que se estabelecem os caminhos a seguir, as metas a cumprir e o destino a atingir – o projeto de pesquisa em si, o foco do estudo, que a partir dos achados vai se solidificando.

Nesta busca de resgate do passado, para também, poder compreender melhor o momento atual, fica minha eterna consideração por este historiador, que despertou em mim a paixão por velar o passado, registrando-o com seriedade e responsabilidade, para não cair no esquecimento dos homens, fatos, ações, datas, práticas, que só podem ser compreendidos a partir de sua gênese.

Aos membros da Banca, Prof.^a Dr.^a Ana Cristina da Silva Rodrigues e Prof.^a Dr.^a Virgínia Pereira da Silva de Ávila, que colaboram imensamente com a organização de meus pensamentos, alinhando a proposta a algo possível e verdadeiramente útil ao meio acadêmico, todo meu carinho e reconhecimento. Peço, gentilmente, que perdoem qualquer lapso de minha parte, qualquer pequenez que se avizinha, nestas

páginas, mas tenham a certeza de que cada palavra dirigida a mim, na Qualificação desse Projeto, que ora, torna-se uma Dissertação de Mestrado, foi considerada, avaliada, discutida e acolhida com extrema gratidão.

Tenho a plena convicção de que foi nos direcionamentos propostos, em uma fala, com compreensão, carinho, delicadeza, desprendimento humano, inigualáveis, que esta pesquisa delineou-se, tomou a forma e a robustez necessárias como trabalho científico, diante do processo de amadurecimento e de compreensão do que é uma pesquisa.

As faces destas duas pesquisadoras, impregnadas de leveza, sensibilidade compreensão, carinho e alegria, ficaram gravadas, na minha mente e no Drive, onde acesso, por vezes, para me orgulhar e me certificar, que de fato, estou dando, neste período, os primeiros passos, como pesquisadora, que poderão me conduzir rumo a um Doutorado, um sonho que, hoje está mais perto, com os aprendizados do Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Ensino da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Campus Bagé/RS.

Obrigada! Obrigada! Obrigada! Se, como diz minha mãe: *“Só a educação salva o ser humano da pobreza material e espiritual [...]”*, posso afirmar, que só o professor, pode, nesse contexto educacional, incentivar o desbravamento de fronteiras nunca antes imaginadas, através do permitir ao estudante sonhar e no sonhar, despertar o desejo, que o leva a concretizar, por isso agradeço a todos que desenvolveram em mim a certeza de que, como educadora, devo assumir a postura de mediadora de esperanças, pastora de projetos, como tão bem pontua Ruben Alves e outros pensadores da história da educação no Brasil de hoje.

“[...] Numerosas turmas cursaram-no, e saindo, espalharam longe os benefícios morais e culturais, decorrentes da instrução fundada, nos mandamentos divinos, sugestiva das atitudes dignas e caritativas na existência de muitas jovens e de mães de famílias. Inestimáveis, por conseguinte, os resultados do labor das ‘Figlie di Maria SS. Dell’Orto’ no meio social pedritense. [...]”

Capa do Jornal Ponche Verde – Homenagem ao Cinquentenário do Ginásio e Escola Nossa Senhora do Horto, que foi realizado, com grandes festividades, de 26 de abril a 03 de maio de 1958 (PONCHE VERDE, Dom Pedrito, 26 de abril de 1958)

RESUMO

O presente estudo teve como Objetivo Geral Compreender a cultura escolar, as práticas (educativas e escolares), e, representações da Escola Normal Nossa Senhora do Horto de Dom Pedrito/RS na/para formação de professoras (1947 – 1975), como contribuições para a escrita da formação de professoras, na história da educação. O critério para o recorte temporal foi o início e término do Curso de Formação de Professores Primários, na instituição. Foi realizada pesquisa documental com aporte em fontes orais (5 depoimentos de egressas), que resultou 768 imagens, dados deste estudo, colhidos a partir de documentos como Álbuns Fotográficos, Livro Termos de Visitas, Atas, Históricos, Diplomas, Cartões de Formatura, Jornais, etc. De acervos: - Da Instituição; - Públicos; e, - Pessoais. Vasconcelos (2014), revela que a investigação em instituições de ensino transitam entre a memória e a história expondo contradições e versões. A escola e os professores são construções históricas, perpetrando a formação de identidades pessoais e coletivas. O acervo colhido busca favorecer a compreensão das particularidades do processo em curso da profissionalização da categoria e seus dilemas na definição da identidade profissional, como pontua Xavier (2014). Pela análise dos dados é possível dizer que: - A Escola Normal do Horto de Dom Pedrito agiu como instância tradicional de ensino, instituidora de *habitus*, com poder de ditar valores, normas e condutas. - Visava o desenvolvimento integral do aluno, com disciplinas e práticas educativas, obrigatórias e optativas. Contava para isso com uma série de instrumentos, indo do Coral da Escola, que funcionou de forma esporádica desde sua fundação, 03 de maio de 1908, até o Centro de Tradições Gaúchas Flor dos Pampas, originado em 1968. - Na formação de professoras, teve um caráter, tanto mantenedor, quanto transformador das representações sociais e culturais da época. - O lema expresso no Convite de Formatura do ano de 1974: “Como princípio a Pátria. Como norma a criança. Como fim Deus”, indica que o ensino secundário, de caráter terminal e profissionalizante do Horto construía um soldado da nação. - Em 28 anos de existência, esta instituição, particular, religiosa e católica, ligada ao Instituto Filhas de Maria Santíssima do Horto, (1.^a Escola da Rede Horto no Brasil), diplomou 854 Normalistas. - Ali havia formação de caráter, ditames morais e disciplina de conduta, em um sistema de ensino rígido, organizado, cumprindo com as prescrições da legislação do sistema de ensino brasileiro e estadual. - O aparato para a prática da Didática no Horto, as Caixas de Materiais, davam uma certa segurança para a Normalista formada ali – uma distinção, pois a professora, quando no exercício de sua docência lá estava com suas caixas de sabedoria, tentando resolver os problemas de uma população pouco letrada. O “como ensinar” estava na visão daquela professora iniciante, de certa forma resolvido. Recém formadas, zelosas como as Irmãs iam alfabetizar a “petizada”, meninos e meninas. – Esta escola foi eleita para representar os conceitos de cidade progressista, moderna e civilizada, seu grupo comunitário, estabeleceu representações sociais e processos simbólicos que interviam nas relações da sociedade da época – distribuiu uma visão de mundo e contribuiu para identidade social do município.

Palavras-chave: Cultura escolar. Escola Normal. Formação de professores. Práticas escolares. História da Educação.

ABSTRACT

The present study aimed to understand the school culture, practices (educational and school), and representations of the Normal School Nossa Senhora do Horto de Dom Pedrito/RS in/for teacher training (1947 – 1975), as contributions to the writing of teacher education in the history of education. The criterion for the time frame was the beginning and end of the Primary Teacher Training Course at the institution. Documentary research was carried out using oral sources (5 testimonies from graduates), which resulted in 768 images, data from this study, collected from documents such as Photo Albums, Visiting Terms Book, Minutes, History, Diplomas, Graduation Cards, Newspapers , etc. From collections: - From the Institution; - Publics; and, - Personal. Vasconcelos (2014), reveals that research in educational institutions moves between memory and history, exposing contradictions and versions. The school and the teachers are historical constructions, perpetrating the formation of personal and collective identities. The collected collection seeks to favor the understanding of the particularities of the ongoing process of professionalization of the category and its dilemmas in the definition of professional identity, as pointed out by Xavier (2014). Based on the data analysis, it is possible to say that: - The Normal School of Horto de Dom Pedrito acted as a traditional instance of education, instituting habitus, with the power to dictate values, norms and conduct. - Aimed at the integral development of the student, with compulsory and optional educational disciplines and practices. It counted on a series of instruments, ranging from the School Choir, which operated sporadically since its foundation, on May 3, 1908, to the Centro de Tradições Gaúchas Flor dos Pampas, created in 1968. - In teacher training, it had a character, both maintaining and transforming the social and cultural representations of the time. - The motto expressed in the 1974 Graduation Invitation: “The Fatherland as a principle. As the child's norm. God is the end”, indicates that the secondary education, with a terminal and professional character in the Horto, was building a nation's soldier. - In 28 years of existence, this private, religious and Catholic institution, linked to the Daughters of Maria Santíssima do Horto Institute, (1st School of the Horto Network in Brazil), has graduated 854 Normalists. - There was character formation, moral dictates and discipline of conduct there, in a rigid, organized education system, complying with the requirements of the legislation of the Brazilian and state education system. - The apparatus for the practice of Didactics in the Garden, the Material Boxes, gave a certain security to the Normalist trained there – a distinction, because the teacher, when in the exercise of her teaching, was there with her boxes of wisdom, trying to solve the problems of a poorly literate population. The “how to teach” was in the view of that beginning teacher, somehow resolved. Newly graduated, as zealous as the Sisters, they went to teach the “petizada”, boys and girls, to read and write. – This school was chosen to represent the concepts of a progressive, modern and civilized city, its community group, established social representations and symbolic processes that intervened in the relations of society at the time – distributed a worldview and contributed to the municipality's social identity.

Keywords: School culture. Normal School. Teacher training. School practices. History of Education.

LISTA DE SIGLAS

AEE – Atendimento Educacional Especializado

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEBRACE - Centro Brasileiro de Construções e Equipamentos Escolares

GEEHN - Grupo de Estudos em Educação, História e Narrativas (Universidade Federal do Pampa/Bagé/RS)

LDB – Lei de Diretrizes e Bases (da Educação Brasileira)

LOEN – Lei Orgânica do Ensino Normal

MEC – Ministério da Educação e Cultura

NEPHEL - Núcleo de Extensão e Pesquisa em História, Educação, Linguística e Literatura (Universidade de Pernambuco, Campus Petrolina/PE)

PHERA - Grupo de Pesquisa em História da Educação, Repositórios Digitais e Acervos Históricos (Universidade Federal do Pampa/Bagé/RS)

RS – Rio Grande do Sul

UNIPAMPA – Universidade Federal do Pampa

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Local de origem da instituição: Mapa de localização de Dom Pedrito/RS	70
Figura 2 - Quadro de formandas das Alunas-Mestras de 1940.....	75
Figura 3 - Ata do 1.º Exame de Admissão ao Curso de Formação de Professores Primários da Escola Normal Nossa Senhora do Horto/Dom Pedrito/RS – 1947.....	80
Figura 4 - Livro de Registro das Médias Finais por Disciplinas e da Média Final dos Diplomas, registro de 4 estudantes, primeiras formandas do Curso Normal no Horto	82
Figura 5 - Ata Exames de Admissão ao Curso de Formação de Professores Primários da Escola Normal Nossa Senhora do Horto/Dom Pedrito/RS - 1950.....	84
Figura 6 - Atuação de uma normalista da Escola Normal do Horto, ano de 1959.....	92
Figura 7 - A Escola Normal Nossa Senhora do Horto reunida, em 1952	106
Figura 8 - Primeira turma de formandas da Escola Normal do Horto, 1949.....	111
Figura 9 - Diploma de Professor-Primário, expedido em 1949.....	113
Figura 10 - Bolilla, aparelho de sortear números dos objetivos estudados para os exames finais e tomadas “do ponto”	115
Figura 11 - Imagem de uma instalação de como era o quarto de uma interna	118
Figura 12 - Documento de 1951, por ocasião de canonização de seu fundador	119
Figura 13 - Requerimento para matrícula na Escola Normal Nossa Senhora do Horto	120
Figura 14 - Convite do Cinquentenário do Ginásio e da Escola Normal Nossa Senhora do Horto, ano de 1958	121
Figura 15 - Cartão de formatura, formandas de 1963	122
Figura 16 - Comemoração Cívica do ano de 1960, o Coral de Ex-Alunas.....	123
Figura 17 - A didática na prática: Normalistas de 1967 na Escola Normal Nossa Senhora do Horto	124
Figura 18 - Formandas 1968, da Escola Normal Nossa Senhora do Horto, em Dom Pedrito/RS	129
Figura 19 - Normalistas em frente à Escola Normal do Horto de Dom Pedrito/RS: 1970	131
Figura 20 - Jantar-baile de formatura no Dom Pedrito Country Club: 1972	132
Figura 21 - O prédio do Horto/Dom Pedrito/RS: ontem e hoje	136

Figura 22 - Atestado Mensal de uma aluna do ano de 1914, época de inauguração do Colégio Nossa Senhora do Horto	138
Figura 23 - Normalistas da Escola Normal do Horto de Dom Pedrito visitam o Departamento de Cultura Pedagógica, no Palácio Piratini, em 1960	139
Figura 24 - Disposição e mobiliário em sala de aula	142
Figura 25 - Imagem de um momento de descontração no pátio da escola, em 1957	143
Figura 26 - A Capela da Escola Normal, local de devoção e grandes eventos	144
Figura 27 - Campanha dos mil cruzeiros, recursos para construção da capela	145
Figura 28 - Turma do 3.º Ano do Curso Normal, ano de 1964	147
Figura 29 - A dinâmica de ensino renovado, ano de 1967, em um espaço conservado e conservador	149
Figura 30 - Professora de Francês, Filosofia e Psicologia no Curso Normal, Professora Maria Veiga Miranda	153
Figura 31 - Mesa de autoridades de formatura, com a presença da Professora Maria Miranda	154
Figura 32 - As professoras do Curso Normal reunidas para 1.ª Festa das Normalistas, em 1968	155
Figura 33 - Livro de Registros dos Termos de Visita, ano de 1974	156
Figura 34 - Depoimento da Professora Maria Miranda sobre as atividades de Educação Física na Escola Normal Nossa Senhora do Horto	163
Figura 35 - Estudo sobre Currículo do Ensino Médio, 1964	166
Figura 36 - Histórico escolar de uma formanda, última turma de normalistas 1975	168
Figura 37 - Comemoração no pátio da Escola Normal Nossa Senhora do Horto 1949	170
Figura 38 - Ata de abertura da semana da Pátria, ano de 1956	172
Figura 39 - Comemorações artísticas alusiva aos 50 anos da Escola Normal, 1958	173
Figura 40 - A Banda da Escola Normal Nossa Senhora do Horto fundada em 1959	174
Figura 41 - Evento do ano de 1964, com a presença da Banda Marcial do Quartel	175
Figura 42 - Normalistas do ano de 1966	177

Figura 43 - Diploma de Mérito TUITI conferido à escola pelo Comandante do 14º RC, no ano de 1966	179
Figura 44 - Desfile Cívico, ano de 1968	181
Figura 45 - Festa das Normalistas, ano de 1970.....	182
Figura 46 - Teatro, Conjunto Horto Canta, Coral Infantil e Festa das Normalistas, 1969, 1970,1971.....	185
Figura 47 - Cartão de Formatura do Curso Normal, Turma de 1974.....	187
Figura 48 - Colação de Grau 1974.....	188
Figura 49 - Registro da última formatura de Professoras Primárias Curso Normal na Escola Normal Nossa Senhora do Horto, em 1975.....	189
Figura 50 - Ata da última turma de formandas do Curso Normal da Escola Normal Nossa Senhora do Horto, em Dom Pedrito/RS.....	191
Figura 51 - Diploma do Curso Normal expedido em 1975	192
Figura 52 - Lembrança Hino do Cinquentenário.....	199
Figura 53 - O reconhecimento da imprensa no aniversário da escola em 1958 “Dom Pedrito em festa.....	201
Figura 54 - Convite para concerto de orquestra sinfônica.....	202
Figura 55 - Anúncio dos ciclo de palestras transmitidas pela imprensa falada Rádio ponche Verde (hoje Rádio Sulina)	204
Figura 56 - Palestra Radiofônica da semana comemorativa aos 50 anos da Escola Normal.....	205
Figura 57 - Visita de Normalistas à Assembleia Legislativa, ano de 1959	208

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Frequência de formandas, as Normalistas da Escola Normal Nossa Senhora do Horto, em Dom Pedrito/RS, período de 1947 a 1971/75	88
--	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Estudos escolhidos para compor o corpus de análise	37
Quadro 2 - Demonstrativo dos dados das fontes orais da pesquisa	44
Quadro 3 - Metodologia: os conceitos gerais da pesquisa e seus teóricos	53
Quadro 4 - Referencial Teórico: os conceitos específicos da pesquisa e seus teóricos.....	54
Quadro 5 - Os cursos desenvolvidos no Horto de Dom Pedrito/RS, de 1908 a 1997	74
Quadro 6 - Diretoras no período de existência do Curso Normal.....	157

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	19
2	A PESQUISA E SEUS ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....	32
2.1	Etapas e procedimentos da pesquisa	35
2.2	Referencial teórico	55
3	ESCOLA NORMAL NOSSA SENHORA DO HORTO DE DOM PEDRITO/RS (1947-1975).....	69
3.1	O <i>habitus</i> constituidor da Escola Normal do Horto e as práticas educativas.....	96
3.2	A formação de professoras na Escola Normal do município de Dom Pedrito entre as décadas de 1940 a 1970	105
4	ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO DA ESCOLA NORMAL DO HORTO	136
4.1	Arquitetura, espaços, mobiliários.....	136
4.2	Horários, disciplinas, perfil dos alunos e professores	150
4.3	Festas e comemorações.....	170
4.4	Representações da escola na imprensa escrita e falada.....	194
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	214
	REFERÊNCIAS.....	231
	APÊNDICE A - Roteiro de entrevista online às normalistas professoras...242	
	APÊNDICE B - Carta de cessão de direitos autorais.....245	
	APÊNDICE C - Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)	246
	ANEXO A – Imagem da Fachada atual do Prédio da Escola Nossa Senhora do Horto, em Dom Pedrito/RS e pátio interno, ala direita, ao fundo a Capela onde antes de 1953 tinha um arvoredos de eucaliptos.....	247
	ANEXO B – Imagem aérea do Prédio da Escola Nossa Senhora do Horto, em Dom Pedrito/RS e pátio interno, ala esquerda.....	248
	ANEXO C – Imagem da Biblioteca da escola	249

ANEXO D – Imagem do Arquivo da escola.....	250
ANEXO E – Imagem do Interior do museu da escola, Museu Melânia Mottoso.....	251
ANEXO F – Jornal “Vitória” primeira e segunda edição, do ano de 1942, sob a coordenação das alunas terceiranistas (Alunas-Mestras)	252
ANEXO G – Regulamento do Ensino Normal do RS, 1955.....	256
ANEXO H – Documento Orientador para o Currículo de Ensino Médio fornecido pelo Sindicato dos Estabelecimentos Particulares de Ensino do Rio Grande do Sul: o currículo do ensino médio, junho de 1964.....	264
ANEXO I – Cartão de formatura, turma de 1963.....	266
ANEXO J – Reinauguração do <i>Hortus Conclusus</i> com apoio de 60 integrantes da Confraria Nossa Senhora do Horto, 21/11/2003	273
ANEXO K – Capela na atualidade.....	274
ANEXO L – Exames Finais, anos de 1949 e 1956	275
ANEXO M – Plano de distribuição do Estado do RS de auxílio aos estudantes, Lei 522, de 21 de dezembro de 1949	279
ANEXO N – Nova legislação, disciplina de educação física, ano de 1956.....	282
ANEXO O – Resenha de palestra radiofônica, ano de 1958.....	283

1 INTRODUÇÃO

Na história de minha cidade natal, desde o ano de 1914, conforme registros cartoriais, denomina-se seguidamente “Maria do Horto” as meninas nascidas aqui. Fruto das crenças e devoções, atreladas à existência de um educandário que formava professoras, criado no ano de 1908, por Freiras Católicas vindas expulsas do Uruguai. Lá onde minha mãe estudou como interna e eu concluí o 2.º Grau com Habilitação para o Magistério, recebendo o título de Professor do Ensino de Primeiro Grau, em 1989.

Por devoção a Santíssima Virgem do Horto, e, por respeito, amor e veneração pelos momentos de aprendizado e socialização vividos ali, batizaram com este nome muitas meninas. Um reflexo da cultura social de uma época, que perdura na realidade local em que vivo, eu, mais uma Maria do Horto a fazer parte da história de Dom Pedrito, no Rio Grande do Sul (RS). Um povo aguerrido da região fronteira brasileira, arraigado a velhos hábitos, cuja tradição, família e propriedade regem os meandros sociais, como cita o cantor e compositor brasileiro de música nativista, Miro Saldanha (2011): “Foi essa cepa antiga, linha dura, que forjou essa cultura, que chegou até nós”.

Afrânio Silva, Bruno Loureiro, Cássia Miranda e Fátima Ferreira, estudam a sociedade e suas transformações, no livro “Sociologia em Movimento”, Silva *et al.* (2017, p. 60) e enfatizam que é “por meio da cultura que nós buscamos soluções para os nossos problemas cotidianos, interpretamos a realidade e produzimos novas formas de interação social”. Conhecer, analisar, refletir sobre a cultura, sobre a cultura do ontem, a partir do olhar daquele que a experienciou, na atualidade, inspira certa perspectiva de ação futura, por isso se faz importante conhecer os aspectos que marcaram o passado, a história, em especial, a história da profissão docente, que imprimiu um modelo de educação, defendido e reproduzido pelos professores nas instituições de ensino, uma inquietação constante do meu cotidiano profissional – a cultura escolar.

Como coloca Viñao Frago (1995, p. 69), cultura escolar “É toda a vida escolar”, refere-se a um “Conjunto de ideias, princípios, critérios, normas e práticas sedimentadas ao longo do tempo das instituições educativas” (VINÃO FRAGO, 2000, p. 100). É a vida desenvolvida de forma ímpar em cada instituição educativa, a história do dia a dia no fazer escolar – vida da escola, na escola da vida.

Essas inquietações sobre cultura escolar foram criando robustez a partir das reflexões (desde 2019), diante dos estudos deste mestrado na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), em Bagé/RS, na participação em projetos da Universidade, dos diálogos travados no Grupo de Estudos em Educação, História e Narrativas (GEEHN), ligado ao Repositório Digital de História da Educação da Unipampa, Campus Bagé/RS, denominado “Repositório Digital Tatu”¹, cuja proposta é dar a todos a oportunidade de acesso às fontes para o ensino de história, de educação e de história da educação.

Atualmente o GEEHN mudou sua denominação para Grupo de Pesquisa em História da Educação, Repositórios Digitais e Acervos Históricos (PHERA), cujo foco versa sobre História da Educação e História da/em Educação Popular na fronteira e no pampa gaúcho, o que veio favorecer a pesquisa, que concluo através desta dissertação. Cabe destacar a participação no grupo da TV Nephel², vinculado ao Núcleo de Extensão e Pesquisa em História, Educação, Linguística e Literatura (NEPHEL), da Universidade de Pernambuco, Campus Petrolina.

Estudos como este, sobre *cultura escolar, práticas e representações da Escola Normal Nossa Senhora do Horto de Dom Pedrito/RS (1947-1975), considerando a instituição sua cultura, suas práticas e suas representações, na formação de professoras – as Normalistas, como eixos norteadores:*

Nos ajudam a perceber nuances das relações entre as instituições de formação e os saberes produzidos e postos em circulação, assim como evidenciam os valores e as ações coletivas mobilizadas em momentos-chave do processo de construção histórica da profissão docente. (XAVIER, 2014, p. 18).

A pesquisadora, Libânia Nacif Xavier, que estuda a construção social e histórica da profissão docente, diz que a ambivalência da profissão docente “metade intelectuais (livres-pensadores) e metade representantes do Estado (burocratas) – representa, de certa forma, um dilema na definição da identidade profissional desse

¹ RODRIGUES, Tobias de Medeiros; BICA, Alessandro Carvalho. **Memórias de ensino:** o repositório digital de história da educação da UNIPAMPA. Anais do 10º SALÃO INTERNACIONAL DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO – SIEPE. Universidade Federal do Pampa/ Santana do Livramento, 6 a 8 de novembro de 2018. Disponível em: https://guri.unipampa.edu.br/uploads/evt/arq_trabalhos/15942/seer_15942.pdf. Acesso em: 4 de jul. 2020.

² Um canal público, educativo, de natureza universitária, interinstitucional, multi e interdisciplinar, sem fins lucrativos, da Universidade de Pernambuco (UPE), Campus Petrolina.

grupo.” Dilemas que afloram quando se busca considerar pessoas, culturas, respeitar seus modos de vida, sua identidade.

Xavier (2014, p.13), enfatiza que a “construção de uma abordagem sócio histórica da temática em questão representa um avanço para a compreensão das particularidades que constituem o processo de profissionalização da categoria docente”. O conhecimento e a análise sobre a construção social e histórica da formação docente pode e deve fazer parte do cotidiano reflexivo dos professores, fornecendo subsídios para discussões sobre a cultura escolar das escolas do Brasil e do porquê desse modelo construído e repetido continuamente.

Com 31 anos de exercício no magistério, como professora regente, efetiva, da rede pública municipal e estadual de ensino, em Dom Pedrito/RS, há 18 anos professora da área de Educação Especial, 1ª Sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE) no município, Sala de Recursos de uma escola estadual, vivenciei e vivencio as transições desta área, resistências, avanços e retrocessos diante da cultura escolar vigente.

Como experiência profissional trabalhei também em Equipe Diretiva, como Orientadora, Supervisora Educacional e Coordenadora de Atividades Educativas em instituição de guarda, preservação, investigação e difusão de acervos de patrimônio histórico cultural (Museu). Diante de minha formação em Magistério, Técnico em Contabilidade, Pedagogia (com formação na Área de Deficiência Mental/Intelectual), segunda licenciatura em História, sempre valorizei aspectos da construção histórica para a sociedade e em especial, para o profissional da área de educação e refleti sobre a cultura escolar, que em meus 30 anos de magistério, na minha visão, não mudou muito nos bancos escolares do Estado do RS e nas tentativas de mudanças, que presenciei não foram positivas ao processo de ensino-aprendizagem.

Nos meus estudos em Cursos de Pós-Graduação, nas áreas de: Gestão Educacional, Orientação e Supervisão, Neuropsicopedagogia e Educação Especial Inclusiva, Atendimento Educacional Especializado e outros, apreendi que no mundo do trabalho docente, há exigência de uma dinâmica social de aprendizado constante, mas também, a necessidade de uma análise histórica, da compreensão dessa teia de ações, que o profissional da educação deve ter, sobre sua formação.

Uma análise econômico-sócio-cultural através dos tempos e de seu tempo, em busca da revisão de suas práticas escolares, muitas vezes, sedimentadoras de uma cultura escolar identificada, hoje, como injusta, ideológica, dogmática,

segregacionista e excludente, advinda do reflexo da própria cultura escolar, enquanto estudante – essa consciência é adquirida, a princípio, nos cursos de formação.

No cenário brasileiro, a escola puramente tradicional imperou por quatrocentos e trinta anos até o início da Era Vargas, 15 anos distribuídos entre o Governo Provisório, o Governo Constitucional e o Estado Novo. Com o governo do gaúcho Getúlio Dornelles Vargas, 1930 a 1945, buscou-se uma certa abertura intelectual e dinamismo pedagógico com o advento da escola nova, movimento discutido pela sociedade intelectual brasileira em 1932, que fez disseminar a escola pública primária e por consequência a Escola Normal, formadora de professoras para atuar nessa fase escolar, por isso a imagem deste político povoou os escritos acadêmicos que pesquisam esse período, como recorte temporal.

A pesquisadora Dr.^a em Educação Leonor Maria Tanuri (2000, p. 62) esclarece que “As primeiras instituições destinadas a formar professores para as escolas primárias”, nasceram no século XIX, incentivadas pela consolidação dos Estados Nacionais e a implantação dos sistemas públicos de ensino, mas se desenvolveram de forma modesta centradas sobretudo no conteúdo a ser ensinado e foram aos poucos incorporando um conteúdo didático-pedagógico, principalmente a partir da década de 1940.

A Escola Normal brasileira foi inicialmente incentivada e organizada pela Lei Orgânica do Ensino Normal (LOEN), de 1946, pela Primeira Lei de Diretrizes e Bases (LDB) da Educação Nacional, Lei 4.024/61 e foi transformada em um ensino técnico a partir da LDB 5.692/71. De 1946 a 1971, o processo de formação do professor primário se deu, no Brasil, em nível secundário (hoje Ensino Médio), na Escola Normal.

O período de 1946 a 1971, marca a trajetória especificamente da existência na legislação brasileira dessa formação. Instalação, consolidação e encerramento do Curso Normal, que formava as Normalistas, perpassando por estas três leis. Este foi, inicialmente, o critério de **delimitação do tema**, 1946 a 1971, no entanto, a Escola Normal Nossa Senhora do Horto (Anexo A), foco deste estudo, iniciou o Curso de Formação de Professores Primários em 1947, amparada na LOEN e sua última turma formou-se em 1975, por isso a escolha do **recorte temporal** da pesquisa **1947 a 1975**.

Esse período histórico de 1947 a 1975, passa por marcas importantes na história humana: - o recente final da segunda guerra mundial (1 de setembro de 1939 – 2 de setembro de 1945); - o grande período da guerra fria, que começa em 1947 e vai até 1991 (quando a União Soviética foi dissolvida), espaço de tempo em que os Estados Unidos da América para barrar o socialismo pelo mundo e defender sua ideologia liberava verbas, apoio técnico e humano em sua estratégia geopolítica visando a polarização do mundo ao sistema econômico capitalista.

Bem como, no cenário brasileiro: - a ebulição social no Brasil, reflexo do que acontecia no mundo na década de 1960; - a ditadura civil-militar³ instaurada em 1964; - a tentativa da adoção das características do ensino estadunidense, disseminação de suas ideias para o ensino brasileiro, principalmente a partir de 1964, com o regime militar; - a discussão das ideias pedagógicas, da Escola Nova ao Ensino Tecnista.

Em 1964 a escola tecnicista e o modelo de ensino estadunidense recheados de padrões e métodos educativos imprimiram novas políticas educacionais no Brasil. Tanuri (2000, p. 77) expõe que no censo escolar desse ano de 1964, dos professores primários em regência de classe, apenas 56% tinham formação para atuar na área, e, dos 44% de professores leigos, 71% tinham apenas o curso primário completo ou incompleto.

Ou seja, na década de 1960 para 1970 – período em que o analfabetismo no Brasil caiu 6%, segundo Braga e Mazzeu (2017) – existia uma carência de professores com formação adequada para regência no ensino primário no Brasil, o que incentivou manter e criar novas turmas nas escolas normais, nesse sistema de ensino, conforme a legislação brasileira.

Estas instituições educativas iam “[...] Formando cidadãos para a Pátria e corações para o mundo”, como cita Lucidoro Brito, em artigo intitulado “Uma Grande Efeméride”, publicado no Jornal Ponche Verde, em 29 de março de 1958, ocasião em que descreve, nas páginas desse periódico local, a vida da Escola Normal Nossa Senhora do Horto em Dom Pedrito, foco deste estudo e conclama a atenção ao cinquentenário desta “Oficina primorosa que lapida espíritos e forma caracteres úteis

³ “O termo civil-militar, ao invés de somente Ditadura Militar, serve para reforçar e lembrar a participação dos setores civis da sociedade no momento dos golpes de estado e durante o período ditatorial.” (FERNANDES, 2009, p. 34).

à Pátria e a humanidade”. (BRITO, 1958). O autor, representante da imprensa escrita, indica que esta escola representa muito para o município e constitui “Tesouro altamente precioso” para a comunidade pedritense.

Certa de que, ao longo da vida o homem constrói sua história, como sugere Lispector (1977), oscilando entre passado e presente, entrelaçando o pessoal e o social em uma teia de ações, cujos fios se espriam em vivências, experiências e consequências, que emaranhados vivem e sobrevivem em uma metamorfose constante, e, de que a relatividade do saber se expõe na incerteza e incompletude, iniciamos este trabalho, em busca do título de Mestre em Ensino, um empreendimento, que espero, possa expor, respeitosa e verdadeiramente, na própria expressão dos indivíduos, a cultura viva de uma comunidade humana, estudo que pretende responder ao seguinte **Problema de Pesquisa:**

- Qual era a cultura escolar na Escola Normal Nossa Senhora do Horto de Dom Pedrito/RS (1947 – 1975), suas práticas (educativas e escolares) e representações produzidas na/para formação de professoras nesse período histórico?

Procuro no passado expor e compreender, estabelecendo um possível diálogo entre tempos históricos e suas configurações sociais, as raízes que conduzem o trabalho docente na educação básica brasileira através da investigação sobre a cultura da Escola Normal, as práticas escolares na formação de professoras e suas representações, na História da Educação, em busca de possíveis reflexões sobre a cultura das escolas, em um esforço para ressignificá-la nesta contemporaneidade, para isso a pesquisa buscou alcançar os seguintes objetivos:

Objetivo geral: *- Compreender a cultura escolar, as práticas (educativas e escolares), e, representações da Escola Normal Nossa Senhora do Horto de Dom Pedrito/RS na/para formação de professoras (1947 – 1975), como contribuições para a escrita da formação de professoras, na história da educação.*

Objetivos específicos: *- Descrever a instituição Escola Normal Nossa Senhora do Horto, em Dom Pedrito/RS, no período de 1947 a 1975, na formação de professoras e sua cultura; - Investigar quais foram as práticas educativas e escolares desta instituição, na formação de professoras, diante do contexto sócio histórico de 1947 – 1975 na cultura dessa instituição educacional; - Identificar o processo de formação de professores, das normalistas e representações, diante da*

realidade desenvolvida em uma instituição de ensino, particular, cristã e católica – a Escola Normal Nossa Senhora do Horto, em Dom Pedrito/RS (1947-1975).

As investigações sobre instituições formadoras de professores, em nível de ensino secundário, o estudo das memórias desses profissionais, descrevendo as ações ocorridas em determinada época social e política, darão visibilidade à história da formação de professoras primárias e favorecerão aspectos ainda não percebidos.

Nesse sentido, o resultado da pesquisa proposta, ao fomentar essa análise, servirá como contribuição para a escrita da formação de professores na história da educação, pois busca compreender as vivências da/na Escola Normal Nossa Senhora do Horto de Dom Pedrito, no Rio Grande do Sul, na formação de professoras, no período de 1947 a 1975, cultura, práticas e suas representações, bem como promover diálogos sobre história e memória desses processos formativos, a partir das análises das práticas escolares, em busca do entendimento do porquê do passado, quiçá fomentar um “para quê” em relação ao futuro.

A pesquisa foi realizada, propriamente, de agosto de 2019 a dezembro de 2020, seguiu-se de uma Pesquisa Documental, que segundo Bica (2012) e Nunes (1990, 2005), baseia-se: - Em buscar referencial; - Coletar dados; - Mapear e decodificar os dados, inventando um método que melhor funcione para explorar cada documento e o conjunto de documentos, problematizando essas fontes, dialogar e indagar as fontes, analisando-as. Como enfatiza Bica (2012, p. 10) “A análise documental se constitui em um importante aporte teórico-metodológico na pesquisa qualitativa, impulsionando o surgimento de novos aspectos de um tema ou de um problema de pesquisa”.

A análise documental proporciona evidências que problematizam as inquietações do pesquisador e direcionam suas afirmações, amarrando as evidências encontradas ao problema de pesquisa no intuito de respondê-lo. No exercício desta tarefa buscamos ultrapassar a ideia de documento/monumento, “Cabe-nos também desmonumentalizar os relatórios oficiais, mesmo que concentrando o olhar nos acontecimentos descritos.” (VASCONCELOS, 2014, p. 41).

Uma pesquisa que teve como foco de estudo, análise de documentos da/sobre Escola Normal Nossa Senhora do Horto, no município de Dom Pedrito. Fazendo-se uso de fontes documentais e orais, observando o que pontua Nunes (1990, 2005) e Bica (2012) sobre Pesquisa Documental e Análise Documental.

Nunes (2005) coloca que pesquisa histórica está sobre um tripé: 1. Fontes; 2. Interpretação; 3. Narração. A narração, última fase, apresenta a análise feita dos achados e representa uma pequena porção de todo trabalho desenvolvido, como se fosse uma ponta de um iceberg profundo.

A pesquisa, cujo foco foi a Escola Normal Nossa Senhora do Horto, de Dom Pedrito (Escola de Ensino Médio Nossa Senhora do Horto, Anexo B), e o Curso de Formação de Professores Primários, o Curso Normal, que existiu entre 1947 e 1975 no Horto, iniciou com a visita à Diretora atual desta instituição de ensino, que muito gentilmente, em nosso primeiro encontro, no dia 23 de agosto de 2019, entregou-me o livro “Nos Caminhos do Horto” (1986), resultado dos estudos para a Dissertação de Mestrado da Irmã Amabile Abatti, docente da escola, aposentada, como fonte histórica oficial da instituição. Um documento – monumento, como cita o historiador Le Goff (1990).

Logo após, apresentou-me à Professora responsável pela Biblioteca (Anexo C) e Arquivo da Escola (Anexo D), professora Cleusa de Mello Portilho, que organizou cronograma de visitas, separou documentos, permitiu meu acesso aos documentos do Arquivo e do Museu da Escola, Museu Melânia Mottoso (Anexo E), documentos aos quais me foi permitido tirar fotografias, que foram impressas e arquivadas em pen drive (768 imagens registradas), para permitir melhor análise, sendo realizado análise documental e de conteúdo.

A estas profissionais da educação, todo meu apreço e consideração, pois sem o apoio dos gestores e dos profissionais responsáveis por esses espaços de guarda de acervos, pouco se pode fazer em termos de pesquisa, um acervo preservado representa espaço fecundo de encontro com a história. A pandemia, que sobreveio em 2020 dificultou a forma presencial da pesquisa e impôs maiores contatos telefônicos e utilização de mídias e recursos digitais como: - o WhatsApp, aplicativo de troca de mensagens e comunicação em áudio e vídeo pela internet, disponível para smartphones; - o Facebook, a maior rede social de todo o mundo; e, o maior serviço de comunicação por vídeo desenvolvido pelo Google, - o Google Meet.

Neste estudo foi feito levantamento de fontes escritas existentes:

1. Fontes documentais primárias: a) Documentos escritos ou não pertencentes a arquivos públicos, Museu Paulo Firpo; b) De instituições particulares, Museu Melânia Mottoso; Arquivo da Escola, documentos oficiais do Horto; c)

Domicílios, Acervos das Famílias de ex-alunas do Curso de Formação de Professoras primárias do Horto (1947 – 1975); d) Fontes estatísticas.

2. Fontes documentais secundárias:

a) Livros, artigos e escritos de historiadores locais, que revelam as características sociais, econômicas, culturais e educacionais da cidade no período recorte temporal da pesquisa (1947-1975), como os livros: “Nos Caminhos do Horto”, da Irmã Ana, Amabile Abatti (1986), “Dom Pedrito - ontem hoje e sempre...”, da bibliotecária Maria Izabel Vasconcellos (2008), “Dom Pedrito e sua história”, da historiadora Ivone Maria Vieira Lermen (1989).

b) Livros e artigos publicados por historiadores e educadores da educação que desenvolvem estudos sobre o Estado do Rio Grande do Sul, sobre a região de fronteira, sobre a cidade de Dom Pedrito e sobre a instituição de ensino pesquisada, como “História e historiografia da educação no Rio Grande do Sul: instituições, culturas e práticas educativas”, de Fernando Ripe, José Edimar de Souza, Maria A. Martiarena de Oliveira (2019), “Escola no Rio Grande do Sul (1889 – 1950): ensino, cultura e práticas escolares”, organizado pelo historiador José Edimar de Souza (2020).

Todas as fontes documentais encontradas foram fotografadas página a página, resultando 768 fotos, com imagens: - da fachada e dependências da instituição; - livros ata, de concluintes, de exame de admissão ao curso, de exames finais,; - livros de visitas; - correspondência; - boletins; - diplomas; - atas de atividades cívicas; - periódicos; - jornal Vitória (jornal interno da escola, organizados ,inicialmente, por alunas-mestras,1942 primeiras publicações, 1.^ae 2.^a, Anexo F); - instalações do museu da escola; - registros de atividades da escola; - quadros de formandas; - documentos, decretos, leis; - trabalhos de pesquisa arquivados; - recortes de jornais; - álbuns fotográficos; - organização das disciplinas dos professores; - atas de exames;- periódicos locais; - cartões de formatura;- históricos escolares; - álbuns de fotografias contando a história da instituição; - leis arquivadas; - fotografias de acervos pessoais de formaturas e eventos na escola; - convites e convites de formatura; - documento orientador para o currículo de ensino médio fornecido pelo Sindicato dos Estabelecimentos Particulares de Ensino do RS, de julho de 1964; - regulamento do ensino normal do RS, de 1955, que serviu de base para reformulação do curso; - plano de distribuição do Estado do RS de auxílio aos estudantes; - legislação da Educação Física, de 1956, que gerou mudanças no

ensino; - resenha de palestra radiofônica, do ano de 1958; - registros da história do *Hortus Conclusus*, o oratório destinado à adoração da padroeira da instituição, que foi transferido e reconstruído.

Ou seja, foram muitos os documentos registrados. O aporte em fontes orais, neste estudo, deu-se através das entrevistas na busca do registro da memória de egressas do Curso Normal do Horto de Dom Pedrito/RS. Nora (1993) coloca que memória seria as experiências vividas e sua reconstrução intelectual seria história. Cabe ao historiador captar essas vivências e traduzi-las de forma clara, objetiva e compreensível o suficiente conforme suas escolhas, dentro de suas concepções de verdade científica.

Peter Burke (1992, p. 4) afirma que “Nossas mentes não refletem diretamente a realidade. Só percebemos o mundo através de uma estrutura de convenções, esquemas e estereótipos, um entrelaçamento que varia de uma cultura para outra”. Ou seja, nossa memória percebe diante de um emaranhado do que é pessoal, regido por uma orquestra do social. A análise que fazemos, o que guardamos, escondemos ou que externamos depende em parte das vivências pessoais e sociais aceitas em determinada época e isto o pesquisador tem que ter em mente, na hora da análise de fontes orais.

As entrevistas, que ilustram a pesquisa documental, foram feitas entre março e dezembro de 2020, com gravação *online* pelo *Google Meet*, em agosto de 2020. Foram realizadas com 5 estudantes egressas do Curso Normal, da Escola Nossa Senhora do Horto, Dom Pedrito/RS, período de 1947 a 1975: 2 entre as décadas de 1940-1950; 2 entre as décadas de 1960-1970; e, 1 entre as década de 1970-1980 (1975 foi a última turma de formandas de Normalistas, no Curso Normal do Horto). Todas professoras já aposentadas, que por mais de 30 anos exerceram à docência, no município de Dom Pedrito, Rio Grande do Sul.

Optou-se por construir nomes fictícios para as entrevistadas: Professora Ana, 91 anos de idade a época da entrevista - 2020; Professora Bárbara, 90 anos; Professora Cecília, 76 anos; Professora Dulce, 70 anos; e, Professora Elvira, 66 anos – entendendo que a identificação poderia intimidar possíveis respostas, que teriam potencial de impactar na pequena comunidade, bem como dar liberdade de expressão à essas testemunhas, que poderiam ficar retraídas diante do “poder da sociedade do passado sobre a memória e o futuro”, como enfatiza Le Goff (1990, p.

6). Um estudo baseado em: Cellard (2008); Gil (2017); Lakatos e Marconi (2001); Lüdke e André (1986).

A, hoje, Escola de Ensino Médio Nossa Senhora do Horto, conta com 113 anos de serviços prestados à Dom Pedrito, no Rio Grande do Sul. Foi a única escola no município responsável por formar inúmeros profissionais em seus cursos de formação de professores, que funcionaram de 1930 a 1997, persistindo em diferentes legislações, por sessenta e sete anos a instituição se dedicou à formação de professores, professoras na verdade, as quais atuaram e ainda atuam nas classes do ensino público e privado no município, refletindo muito do que foi vivido, experienciado e aprendido nessa escola responsável pela formação identitária de docentes voltadas ao ensino primário, no município e além..

Nesse período, de 1930 a 1997, apenas mulheres formaram-se como professoras, alunos homens matriculados nos cursos de formação de professores foram 2 (dois) e logo desistiram, no primeiro ano do curso, fato que pode ser melhor estudado futuramente. Diante dos estudos, pode-se dizer que a cultura escolar ali desenvolvida primava por uma educação finamente em consonância com a legislação e as tendências pedagógicas mais atuais da época, balisadas pelas práticas religiosas cristãs, católicas, que estavam presente em todas as atividades, com seus rituais e símbolos, era um ensino “ofertado”, em uma organização, cujo fio que interligava essas ações eram estas práticas educativas e escolares emaranhadas às políticas educacionais que lhes atravessavam.

Neste trabalho, assim como diz o historiador, Professor Doutor em Educação Elomar Tambara (2000, p. 81) “Está inserida aqui a ideia de que em cada investigação existe um projeto de transformação para a sociedade. A pesquisa deve responder a algo, e este algo deve ser socialmente construído” – é o compromisso social do pesquisador assumido diante de seus valores, do qual comungamos.

Por estas razões, justifica-se pesquisar cultura e práticas educativas e escolares, na formação de professoras, na instituição Escola Normal, como estratégia reflexiva na/para a construção histórica da profissão docente, em especial das professoras.

As raízes que imprimiram a cultura escolar, as práticas escolares, da Escola Normal, formadora das Normalistas e suas representações, compreendidas, possibilitarão a consciência histórica, que é o maior benefício da História – a consciência crítica ao homem, cujo olhar para esse patrimônio demanda, sem

juízos ou radicalismos, o entendimento proposto por Ipólito e Almeida (2020), de que, o desenvolvimento da sociedade é resultado de um processo, no qual as mudanças acontecem de forma lenta, gradual e as rupturas, propriamente, de certa forma, não existem, pois as concepções de mundo coexistem, convivem, dialogam e sempre deixam seus legados.

As Normalistas foram instruídas na Escola Normal por um ensino que primava por extremo senso de nacionalidade, uma rígida disciplina e estritos valores morais e normas sociais, que foram se perdendo ao longo da história, mas que ditou as regras do ensino, em especial o público, nesse período e mais além, pois as concepções – coexistem, convivem, dialogam e sempre deixam seus legados.

No Capítulo 2 A pesquisa e seus aspectos teórico-metodológicos descreve os passos percorridos neste estudo. Para perceber e entender como o tempo é visto na escrita da História e buscar como as instituições, a cultura e as práticas escolares se concretizaram em contextos estudados anteriormente, quais e quantas pesquisas específicas sobre a temática foram desenvolvidas, pesquisou-se no Catálogo de Teses e Dissertações CAPES, no mês de agosto a outubro de 2019 – uma pesquisa bibliográfica, pois foi analisado documentos já elaborados, 3 Teses e 10 Dissertações (GIL, 2017), da qual resultou dois subtítulos: 2.1 Etapas e procedimentos da pesquisa e 2.2 Referencial teórico.

Da análise documental e de conteúdo emergiram as categorias: - Escola Normal e cultura escolar; - Práticas educativas e práticas escolares; - Formação de professoras: as normalistas e representações produzidas, resultando o Capítulo 3 Escola Normal Nossa Senhora do Horto de Dom Pedrito/RS (1947-1975), com seus dois subtítulos destacando: 3.1 O *habitus* constituidor da Escola Normal do Horto e as práticas educativas e 3.2 A formação de professores na Escola Normal no município de Dom Pedrito entre as décadas de 1940 a 1970.

O Capítulo 4 Organização e funcionamento da Escola Normal do Horto, destaca em seus quatro subtítulos: 4.1 Arquitetura, espaços, mobiliários; 4.2 Horários, disciplinas, perfil de alunos e professores; 4.3 Festas e comemorações; 4.4 Representações da escola na imprensa escrita e falada. Na sequência é apresentado no Capítulo 5 Considerações Finais seguida das referências, apêndices e anexos. Um estudo, cuja dedicação exigiu reflexão sobre minhas concepções, seriedade às ações, e, honestidade à pesquisa realizada.

Na Escola Normal se encontra as produções sociais sobre a formação docente, recuperar a trajetória dessas instituições e seus atores, demonstrar a participação no desenvolvimento da comunidade em que está inserida, constitui-se em uma utilidade social, que irá contribuir para a escrita da formação de professoras na História da Educação.

2 A PESQUISA E SEUS ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A pesquisadora nas áreas de formação de professores e pesquisa em educação, falecida em 04 de janeiro de 2020, Professora, Doutora em Psicologia da Educação Marli André (2005, p. 56) coloca que o “[...] movimento que valoriza a pesquisa na formação do professor é bastante recente” e passou a crescer a partir de 1980, 1990, no qual o professor universitário, Doutor em Ciências da Educação e História Moderna e Contemporânea, Antonio Nóvoa, é um de seus expoentes.

Nóvoa vem desenvolvendo suas ações com levantamento dos espólios arquivísticos, bibliográficos e museográficos das instituições escolares de ensino não superior em Portugal, coordenando levantamento do patrimônio das escolas, as heranças do sistema de ensino de seu país, imprimindo relevância desse segmento em suas pesquisas, enquanto base para a escrita da História da Educação.

A Professora de História da Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Pós-Doutora Maria Celi Chaves Vasconcelos (2014, p. 43-44), alerta que investigar instituições como a Escola Normal, responsável pela formação de professoras, uma instituição particular e católica, além da arquitetura grandiosa, “busca compreender, particularmente, o perfil das mulheres, professoras e alunas, bem como os processos educacionais que ali se davam entre os anos em que funcionaram.”

Estudos nessa linha exige observar que nesse espaço ocorre a “construção de uma identidade ligada à religiosidade, baseada nos princípios da igreja católica, que regiam o cotidiano carregado de rituais e símbolos sagrados.” Essa era a realidade encontrada nas escolas normais do Brasil.

Já a pesquisadora, professora titular da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Pós-Doutora Flávia Obino Correa Werle *et al.* (2001), em seus estudos sobre as escolas femininas de ensino, expõem que a investigação em instituições como essas entremeia memória e história, “para permitir a compreensão de um processo educacional instituído como modelo, em uma determinada época, e possibilitar o conhecimento de suas contradições e versões, as quais não podem ser desconsideradas,” tanto na leitura documental, quanto nos depoimentos transcritos, como pontua Vasconcelos (2014, p. 46). História e memória, suscitam a parceria da História Oral:

A História Oral se mostra como um caminho metodológico capaz de dar voz aos sujeitos – protagonistas ou testemunhas de acontecimentos – e que possibilita a reconstrução da história por meio dos relatos [...]. (ARAGÃO; TIMM; KREUTZ, 2013, p. 35).

Neste trabalho, essa ferramenta age como fonte oral complementar, um recurso instigador de comprovação ou contraposição das vivências sociais e culturais, em uma investigação documental. (THOMPSON, 1992; LOZANO, 2006; PORTELLI, 1997).

Uma instituição escolar de ensino possui, portanto, regras advindas do meio externo (do social), mas tem também uma relativa autonomia, cujos paradigmas do período histórico em que existe, comandam, por assim dizer, suas ações. Essas ações constituem as práticas escolares de sua cultura, que são únicas em cada coletividade e, fomentam a história e memória local de cada comunidade, que às têm como símbolo patrimonial histórico de sua identidade social. (ORTIZ, 2014; LEMIECHEK, 2014; LOUZADA, 2018; MARINHO, 2008; SANTIAGO, 2015; VASCONCELOS, 2014).

Na intensão de compactuar com Nunes (2006), quando diz que vê a História da Educação como possibilidade de desenvolvimento de cidadania, uma demanda que provém da sociedade e exige do sujeito pesquisador uma escrita que venha despertar inquietações e dúvidas e que possam promover o senso crítico em busca de quebras de paradigmas, o texto – nesta atualidade da revolução da informática, das mídias, espaço em que uma imagem vale mais que mil palavras – é apresentado, entre imagens – fontes da pesquisa, que expõem as concepções advindas do referencial teórico estudado e as análises feitas.

A História da Educação apresenta um potencial formativo, reflexivo, cognitivo, e, em princípio, beneficia-se com estudos como este, como explica Bica (2012):

É possível identificar que estas novas pesquisas que envolvem a história da educação, abranjam estudos mais localizados e regionalizados, permitindo leituras mais singulares, que levam os pesquisadores a inserções mais profundas em seus recortes temporais, priorizando as questões de pesquisa e um contato mais próximo com suas fontes. (BICA, 2012, p. 2).

Estudos nesta linha, se bem feitos, permitem um recontar das singularidades históricas. As análises estão dispostas com a utilização de concepções, também, através da arte em imagens, inserindo o conceito de Bourdieu (1989, p. 39), quando ele diz “Para mim, a vida intelectual está mais próxima da vida de artista do que as

rotinas de uma existência acadêmica,” discutindo em torno da configuração do papel e do exercício do intelectual impondo ao pesquisador o uso de todas as armas possíveis para o exercício da crítica reflexiva.

Como esclarece Araújo *et al.* (2017) e Werle (2001; 2004), o sistema de organização das escolas normais foi iniciado nas décadas de 1830 e 1840 do século XIX e foi consolidado a partir de 1890 e, principalmente, das primeiras décadas do século XX, com a importação de materiais didáticos, carteiras escolares, tradução de obras visando a formação de professores, produção de manuais voltados à didática docente, a construção de Escolas Normais, como verdadeiros monumentos arquitetônicos.

Espaços em que a elegância e o esmero das formaturas de Normalistas eram noticiados na imprensa escrita brasileira como feitos educacionais à elite mandatária da nação; e, seus ensinamentos constituíam aos olhos da sociedade da época como luz para o espírito – livro na mão e o intelecto alimentado pelos valores como higiene, família, Pátria, trabalho e religiosidade, em estreita ligação entre Estado e Religião.

A urbanização e a industrialização incentivaram as reformas educacionais, através de legislações, nas primeiras décadas da república surgindo a organização das Diretorias de Instrução Pública, os Serviços de Inspeção Escolar, a ampliação do acesso ao ensino primário, que entremeado pelo movimento da Escola Nova inseriu o ensino ativo e a racionalidade pedagógica, novas tendências pedagógicas.

Avanços educacionais para a época, que fixaram regras e normas, e padronizaram, mesmo que, minimamente, a partir da Lei orgânica do Ensino Normal (LOEN – Lei 8.530, de 2 de janeiro de 1946), a instrução nas escolas normais e incentivaram o processo de feminização do magistério primário, com a formação de Normalistas até 1971, neste ensino secundário, de caráter terminal e profissionalizante.

Com a publicação da LDB, Lei nº 5.692, de 11/08/1971, as Escolas Normais e seus respectivos Cursos Secundários de Formação de Professores Primários foram substituídos pelo Curso de Magistério, em um ensino estritamente técnico.

Pesquisar pressupõe métodos e técnicas que levem o investigador criteriosamente a resolver problemas, como citam Gaio, Carvalho e Simões (2008, p.148), “[...] é pertinente que a pesquisa científica esteja alicerçada pelo método, o que significa elucidar a capacidade de observar, selecionar e organizar

cientificamente os caminhos que devem ser percorridos para que a investigação se concretize”. Dentro deste conceito, objetivamente esta pesquisa esteve baseada em: Cellard, 2008; Gil, 2017; Lakatos e Marconi, 2001; Lüdke e André, 1986.

- Quanto a abordagem, é qualitativa, pois é uma pesquisa científica focada no desenvolvimento de teorias científicas para melhoria da predição ou compreensão de fenômenos naturais, pretende estudar a relação entre o mundo e os sujeitos, em uma instituição escolar formadora de professoras, uma instância tradicional de socialização responsável por longa data pela formação ética, identitária e cognitiva das normalistas professoras primárias no ensino brasileiro. A pesquisa qualitativa é descrita por Gil (2017) como uma sequência de procedimentos que incluem a redução dos dados, sua classificação, interpretação e redação do relatório.

- Quanto a natureza, constitui-se em uma pesquisa básica, pois é realizada sem pensar em fins práticos, objetiva gerar conhecimentos para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista.⁴ (TUANI; LEITE; ALMEIDA, 2016, p. 4).

- Quanto aos objetivos, é uma pesquisa descritiva, porque pretendeu caracterizar a expressão das ações dos indivíduos, a cultura viva de uma comunidade humana, as práticas educativas, escolares desenvolvidas pelos atores de uma instituição escolar, uma Escola Normal, formadora de professoras.

- Quanto aos procedimentos, partiu de uma pesquisa bibliográfica, logo após uma pesquisa documental, com aporte em fontes orais, com o uso de depoimentos de normalistas, da década de 1940 a 1970, como evidências empíricas, visando a interpretação e argumentação textual.

2.1 Etapas e procedimentos da pesquisa

O estudo iniciou em agosto de 2019, com uma pesquisa bibliográfica (agosto a outubro de 2019), visto que analisa documentos já elaborados, neste caso, dissertações e teses (Gil, 2017), de natureza qualitativa, descrita por Gil (2017) como uma sequência de procedimentos que incluem a redução dos dados, sua classificação, interpretação e redação do relatório. Neste tipo de investigação o desenvolvimento de conceitos é gerado a partir “[...] do entendimento indutivo e

⁴ TUANI, Marcelo; LEITE, Leandro Butier; ALMEIDA, Adriana Aparecida Borin de. **Manual de metodologia da pesquisa aplicada à educação**. Faculdade de Porto Feliz. Porto Feliz, 2016.

interpretativo que se atribui aos dados descobertos, associados ao problema de pesquisa” (SOARES; FONSECA, 2019, p. 169).

Para obtenção dos dados empíricos, pesquisou-se no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, o seguinte descritor: “Escola Normal” (singular) OR “Escolas Normais” (plural). A aplicação das aspas e do operador OR restringiu os resultados da busca aos termos exatos. O corpus de análise foi refinado até a obtenção quantitativa inferior a 150 resultados, seguindo os critérios: (1) publicação dos últimos dez anos [2008-2018], sendo 2019 desconsiderado por estar em andamento na época da busca (2) e Área de Concentração em Educação, escolha intencional pela especificidade da pesquisa.

Na sequência, a partir da leitura atenta dos títulos, resumos e palavras-chave, selecionou-se aquelas que tinham recorte temporal entre ou aproximado de 1946 a 1971 e que relatassem a história da educação da Escola Normal, da cultura e das práticas escolares dessa instituição formadora de professores no Brasil.

A partir da busca do descritor “Escola Normal” OR “Escolas Normais” no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES obtiveram-se 744 resultados (223 teses e 521 dissertações). O refinamento temporal (2008-2018) resultou em 441 estudos (144 teses e 297 dissertações) e por Área de Concentrou (Educação) finalizou-se a busca com 127 (46 teses e 81 dissertações).

Destas 127 pesquisas, a leitura dos títulos, resumos e palavras-chave identificou que 24 enquadravam-se nos critérios de seleção. Contudo, o corpus de análise foi restrito a 13 (dez dissertações e três teses), descritas no Quadro 1. As demais não possuíam divulgação autorizada ou não tinham a Escola Normal como foco de estudo.

Quadro 1 - Estudos escolhidos para compor o corpus de análise

	Autoria	Ano	Título
T E S E S	LOUZADA, Maria Cristina do Santos.	2018	Memórias e trajetórias de egressas das Escolas Normais Assis Brasil e São José em Pelotas/RS, no período do governo de Leonel Brizola (1959-1963).
	MARTINS, Ana Maria Gomes de Sousa.	2016	A formação de professores primários no Piauí (1947-1961): entre as apropriações e mudanças decorrentes da lei orgânica do ensino normal.
	MORAES, Andreia Demetrio Jorge.	2014	História e memória da formação docente em Ituiutaba – MG.
D I S S E R T A Ç Õ E S	ANDRADE, Fabiana Aparecida de.	2016	Colégio das freiras: educação feminina no Curso Normal no sul de Goiás (1939/1968).
	BEZERRA, Arthur Damico.	2015	A Escola Normal de Ponta Porã, sul de Mato Grosso (1959- 1974).
	CARVALHO, Luciana Belíssimo de.	2014	Implantação e consolidação da escola normal no sul de Mato Grosso: Escola Normal Jango de Castro, Aquidauana (1949-1975).
	INÁCIO, Clarissa Betanho.	2017	Estado militar e educação e a formação de professores: as iniciativas da Escola Normal de Uberlândia (1970 - 1980).
	LEMIECHEK, Lucimara.	2014	Aspectos históricos da formação de professores normalistas no município de Laranjeiras do sul - PR (1946 – 1980).
	MARINHO, Joseanne Zingleara.	2008	Entre Letras e Bordados: o tecer das tramas na história das normalistas em Teresina (1930-1949).
	MOURA, Suely Barbosa de.	2014	O Colégio São José e a formação das professoras normalistas em Caxias – Maranhão: formando para a igreja, para a pátria e o lar (1949 – 1972).
	ORTIZ, Fernanda Ros.	2014	A escola normal de moças das elites: um estudo das práticas escolares, culturais e sociais do colégio nossa senhora auxiliadora (1946 – 1961).
	SANTIAGO, Alda Margarete Silva Farias.	2015	Vozes e saudades: as narrativas das ex-alunas sobre a Escola Normal Regional Nossa Senhora da Assunção - Guimarães/MA (1957-1961).
SIMÕES, Caroline Hardoim.	2014	A formação de professores na Escola Normal Joaquim Murtinho no sul de Mato Grosso no período de 1930 a 1973.	

Fonte: Autora (2020)

O quadro 1 apresenta os trabalhos que foram analisados, 10 (dez) Dissertações e 3 (três) Teses escritas entre os anos de 2008 e 2018; uma, escrita por autor do sexo masculino e todas as demais escrita por autores do sexo feminino.

Identifica-se que 77%, constituíram-se por dissertações. A dissertação mais atual foi publicada em 2017, por Inácio (2017) - MG, a mais antiga foi publicada em 2008, por Marinho (2008) - PI. Percebeu-se que 23% dos estudos constituíram-se por teses. Das teses, a mais antiga, de Minas Gerais, Moraes (2014), a mais atual, publicada por Louzada (2018) - RS.

A leitura inicial dos arquivos possibilitou observar que apesar de Simões (2014); Santiago (2015); Bezerra (2015) e Inácio (2017), apresentarem o descritor

“Escola Normal”, no título, no resumo, nas palavras-chave e no corpo do trabalho; foi em Ortiz (2014), que duas das palavras-chave desta pesquisa estiveram presentes no título e nas palavras-chave: “Escola Normal” e “práticas escolares” (“culturais e sociais”); bem como estes e o descritor: “formação de professores” estiveram presentes no resumo e no corpo do trabalho.

Todos os autores acima influenciaram na escrita do referencial teórico construído neste projeto, em especial, a autora em destaque, acima, a tese, construída sobre a realidade do processo formador de professores no Rio Grande do Sul, a mais atual, de Louzada (2018), que enfatiza um período temporal significativo para a educação no Estado muito representativo para as Normalistas gaúchas e expõe as práticas escolares, em especial na década de 1960.

Na análise, percebe-se que o maior número de dissertações, dentre as 10 (dez) selecionadas para este estudo, que tratam especificamente sobre Escola Normal, formação de professores e práticas escolares, foram desenvolvidas no ano de 2014.

Quanto aos locais de realização dos estudos e as cidades sede da Escola Normal pesquisada entre dissertações e teses selecionadas: 4 foram no Estado do Mato Grosso do Sul, 3 em Campo Grande e 1, em Aquidauana; 3 no Piauí, 2 pesquisam em Teresina e 1 pesquisou em Caxias/Maranhão; 2 em Minas Gerais, em Ituiutaba e Uberlândia; 1 em Goiás, em Morrinhos; 1 no Paraná, em Laranjeiras do Sul; 1 no Maranhão, em Guimarães, e, 1 no Rio Grande do Sul, em Pelotas.

Os períodos descritos nas pesquisas recontam 1930, 1940, 1950, 1960, 1970 e 1980. Essas décadas estão retratadas através das pesquisas realizadas. Os autores em destaque, são os que mais estiveram presentes nas dissertações e teses analisadas: Araújo, Freitas e Lopes (2008); Azzi (2008); Basbaum (1985); Bittar (2004); Bourdieu (1999, 2008); Certeau (2002); Chartier (2009); Forquim (1993); Ghirardeli Jr (1990); Le Goff (1994); Lopes e Galvão (2001); Lourenço Filho (2001); Nosella e Buffa (1996); Nóvoa (2009); Queiroz (2006); Romanelli (2006); Saviani (2005, 2006, 2007, 2008, 2009); Tanuri (2000); Thompsom (2002); Villela (1992); Werle (2004).

De agosto de 2019 a dezembro de 2020 foi realizado a coleta de dados documentais, a pesquisa documental em si, baseada em fontes primárias e secundárias. Foi realizado logo após a coleta: a pré-análise dos dados; a exploração

do material; mapeamento e decodificação de dados; escolha das unidades, enumeração e classificação, resultando nas categorias de análise.

Procurou-se entender, descrever e explicar os fenômenos sociais de modos diferentes, através da análise de experiências individuais e grupais, exame de interações e comunicações, assim como da investigação de documentos variados, na busca da compreensão e classificação dos processos dinâmicos vivenciados pelo grupo social pesquisado, através da análise de conteúdo, tendo por fim último um entendimento mais profundo sobre a realidade estudada, entrecruzando os dados das fontes documentais com os dados das fontes orais.

Durante o percurso buscou-se assumir a visão de História descrita como “Nova História”, no sentido do que diz Le Goff (1990), moldamos as evidências, articulando, produzindo sentido, construindo uma narrativa que tenha por objetivo a possibilidade de compreensão da trama histórica em que indícios e pistas estavam envolvidos, porque como afirma o historiador citado “A história deve esclarecer a memória e ajudá-la a retificar os seus erros”. (LE GOFF, 1990, p. 23). O presente projeto é inspirado na Nova História, contrapondo, de certa forma as abordagens, da maioria dos estudos analisados, que se amparam ora no positivismo, ora no marxismo, no entanto, não desconsidera tais aportes teóricos, pois os entendem como história em processo.

Lucia Mara de Lima Padilha e Maria Isabel Moura Nascimento, no artigo intitulado “*A pesquisa histórica e a História da Educação*” (2015): descrevem que “a atividade da História Nova reside em colocar em evidência novos problemas, tendo como fundamentos substituir a história narrativa descritiva da história tradicional por meio da análise histórica de um problema que contemple o tempo presente “[...] a realidade é social e culturalmente construída, sendo o movimento da história um diálogo com atribuições de valores entre constantes entre o passado e o presente e vice e versa” (PADILHA; NASCIMENTO, 2015, p. 129).

Ao mesmo tempo, como cita Ribeiro (2014), estudos nessa linha pretendem possibilitar a revisão das concepções de linearidade, progressividade, decadência, evolução e progresso que ainda reina em História, apesar dos esforços da academia por novas compreensões.

Buscou-se descrever de forma contextualizada sobre o tema: *Cultura escolar, práticas e representações da Escola Normal Nossa Senhora do Horto de Dom Pedrito/RS (1947-1975)*.

Delimitando o tema com o recorte temporal – 1947 a 1975 – que marca o início do Curso Normal na Escola do Horto (1947), e a última turma formada (1975), trajetória da existência na legislação brasileira dessa formação (LOEN 8.530/46; LDB 4.024/61 e LDB 5.692/71), em 1947 começa a Escola Normal do Horto, alinhada a implantação da nova legislação, de 1946, perpassando pela 1ª LDB de 1961 e de 1971, indo até 1975.

Esse foi o período, em Dom Pedrito, de ascensão e decadência, início e término, do Curso que formava as Normalistas, Curso de Formação de Professores Primários da Escola Normal Nossa Senhora do Horto de Dom Pedrito – O Curso Normal na escola do Horto. A partir de 1971, com uma estrutura simplificada, a legislação transformou o Ensino Normal em uma formação estritamente técnica.

Buscou-se, com este estudo, responder ao seguinte problema de pesquisa:

Qual era a cultura escolar na Escola Normal Nossa Senhora do Horto de Dom Pedrito/RS (1947 – 1975), suas práticas (educativas e escolares) e representações produzidas na/para formação de professoras nesse período histórico?

As práticas escolares, na formação de professores, na Escola Normal, constitui-se em rica fonte histórica, em sua plenitude, como enfatiza Nóvoa (1995):

As escolas constituem uma territorialidade espacial e cultural, onde se exprime o jogo dos actores educativos internos e externos; por isso, a sua análise só tem verdadeiro sentido se conseguir mobilizar todas as dimensões pessoais, simbólicas e políticas da vida escolar, não reduzindo o pensamento e a acção educativa a perspectivas técnicas, de gestão ou de eficácia *stricto sensu*. (NÓVOA, 1995, p. 16).

Segundo Lakatos e Marconi (2001), a pesquisa documental muito utilizada em pesquisas puramente teóricas ou naquelas em que o delineamento principal é o estudo de caso, que exige a coleta de documentos, as autoras conceituam como sendo a coleta de dados em fontes primárias, como documentos escritos ou não, pertencentes a arquivos públicos; arquivos particulares de instituições e domicílios, e fontes estatísticas.

Tendo por documento o conceito de Silva *et al.* (2009, p. 1), “[...] entende-se por documento todas as realizações produzidas pelo homem que se mostram como indícios de sua ação e que podem revelar suas ideias, opiniões e formas de atuar e viver.” Como os escritos, os numéricos ou estatísticos, os de reprodução de som e imagem e os documentos-objeto. E, o conceito de Le Goff (1990), quando diz que

documento tornou-se um “monumento”, nesse conceito o autor identifica e atribui a permanência e delimitação das interpretações possíveis sobre uma época, fato, acontecimento, período, personagem, etc.

Ao mesmo tempo ultrapassar esse conceito, questionando a informação contida no documento, como cita Vasconcelos (2014, p. 41), “ultrapassando a ideia de documento/monumento, cabe-nos também desmonumentalizar os relatórios oficiais, mesmo que concentrando o olhar nos acontecimentos descritos.”

O historiador, membro da Escola dos Annales,⁵ pertencente à terceira geração desta escola, pesquisador francês Jacques Le Goff (1990), cujas obras esclarecem a aplicação prática como teoria para compreensão histórica dos conceitos desta escola, pondera sobre a não neutralidade do documento, o que Silva *et al.* (2009) analisa:

Como produto de uma sociedade, o documento manifesta o jogo de força dos que detêm o poder. Não são, portanto, produções isentas, ingênuas; traduzem leituras e modos de interpretação do vivido por um determinado grupo de pessoas em um dado tempo e espaço. (SILVA *et al.*, 2009, p. 3).

Observando o fato, descrito por Le Goff (1990) de que todo o documento é ao mesmo tempo falso e verdadeiro, até que se prove, com indícios, sua falsidade ou veracidade, trata-se de explorar as condições de sua produção, de sua distribuição e de mostrar o quanto esse documento é ou não é instrumento de um poder, de uma autoridade que dele fez/faz uso.

Considerando Callado e Ferreira (2004), quando falam que a localização dos documentos pode ser muito diversificada: a própria instituição, o arquivo público, o acervo museológico, etc. Foi realizado um levantamento de fontes documentais escritas existentes de forma diversa:

- Na instituição foco da pesquisa, Escola Nossa Senhora do Horto: Livros de Atas (1949-1975); Livro Termo de Visitas (1944, 1947, 1956); Atas de Conclusão de

⁵ Uma das mais importantes escolas históricas, cuja atividade começou em 1929. Uma instituição tal como uma universidade ou uma revista universitária especializada. Um grupo de historiadores se organizou em torno do periódico francês *Annales d'histoire économique et sociale* (Anais de história econômica e social), ali eram publicados seus principais trabalhos. Constituiu-se em um movimento historiográfico do século XX, conhecido como Nova História, que fez críticas ferrenhas ao método histórico positivista que vigorava no século XIX, no qual ao historiador bastava expor as fontes escritas, sem necessidade de interrogar os documentos, de interpretá-los nas entrelinhas ou de confrontá-los com outras fontes. Os pesquisadores propunham que fosse levado em consideração novas fontes à pesquisa histórica e realizasse um novo tipo de abordagem.

Curso de Formação de Professores Primários (1949-1975); Atas do Grêmio Estudantil Nossa Senhora do Horto (1954-1971); na Secretaria e no Arquivo;

- No acervo do Museu Melânia Mottoso – pertencente a Escola, álbuns, trabalhos de pesquisa, objetos e instalações;

- No acervo do Museu Municipal de Dom Pedrito/RS, Museu Paulo Firpo, jornais;

- Em Acervos de ex-alunas. Famílias Esteve, Fontoura; Machado; Portilho; Ribas; Santos; Silva; Torres e Vargas.

Utilizou-se como complemento fontes orais, entrevista (depoimento) online, com 5 estudantes, egressas do Curso Normal, da Escola Nossa Senhora do Horto, período de 1947 a 1975. Roteiro de Entrevista Online às Normalistas Professoras– Apêndice A.

Cabe colocar que, diante da pandemia, da dificuldade de comunicação presencial, assim que foi feito o convite inicial, por telefone, às entrevistadas para participar da pesquisa, prontamente se dispuseram e enfatizaram a participação imediata, conversações feitas entre julho a dezembro de 2020, com gravação online em agosto de 2020.

As entrevistas foram realizadas com 5 (cinco) estudantes do Curso Normal, da Escola Nossa Senhora do Horto, Dom Pedrito/RS, do período de 1947 a 1975: duas entre as décadas de 1940-1950, duas entre as décadas de 1960-1970 e uma entre as década de 1970-1980 (1975 foi a última turma de formandas de normalistas, no Curso Normal do Horto).

Optou-se por construir nomes fictícios para as entrevistadas: professora Ana; Professora Bárbara (Da primeira turma de formandas, 1949); Professora Cecília; Professora Dulce; e, Professora Elvira (Da última turma de formandas 1975), visto que a identificação poderia intimidar possíveis respostas, que poderiam impactar na pequena comunidade de um município com menos de 40 mil habitantes.

Das entrevistas foram feitas as transcrições e a análise, conjuntamente com os achados documentais, a partir da análise de conteúdos, segundo Bardin (2011), do qual resultou as categorias: - Escola Normal e cultura escolar; - Práticas educativas e práticas escolares; - Formação de professoras: as normalistas e representações produzidas. As entrevistas, tendo como foco as estudantes egressas, versaram sobre 6 indicadores:

1 – O surgimento da Escola do Horto e a formação das normalistas (a imagem da instituição, o que representava para o município, para a comunidade e para a normalista) – a sociedade, a escola, seus personagens;

2 - O perfil das normalistas da Escola do Horto no período (Quem era a clientela da Escola do Horto? – aspectos de segregação, exclusão social e discriminação de gênero);

3 – A instituição e seus espaços, a sala de aula (Os valores católicos e a formação ofertada) – valores, atitudes e posturas sociais sedimentadoras de mecanismos (de tentativas) de perpetuação de dogmas e paradigmas à época;

4 – A instituição e o corpo docente (Os saberes, métodos de ensino, práticas escolares) – o valor social da instituição como fontes de identidade social e de seu sentimento de pertencimento de uma realidade local;

5 – O manual de ensino à formação das normalistas (o currículo, os materiais pedagógicos exigidos, as atividades religiosas, as atividades sociais, o movimento estudantil, a banda, os times desportivos) – as práticas escolares vivenciadas pelas normalistas;

6 – A imagem da instituição nas percepções das normalistas (a formação de professores, noções de ensino) – os valores implícitos e explícitos na formação dessas normalistas.

Às participantes da pesquisa foi apresentado a Carta de Cessão de Direitos Autorais – Apêndice B e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Apêndice C, que foram assinados e arquivados.

Quadro 2 - Demonstrativo dos dados das fontes orais da pesquisa

Período em que estudou no Curso Normal da Escola Normal Nossa Senhora do Horto em Dom Pedrito/RS	Data de nascimento	Idade	Profissão/Anos de atuação no magistério	Nome fictício /Data de formatura	N.º
Entre as décadas de 1940 e 1950	8 de agosto de 1929	91 anos	Professora aposentada/ 30 anos de atuação docente	Professora Ana/1949	01
	3 de fevereiro de 1930	90 anos	Professora aposentada/ 30 anos de atuação docente	Professora Bárbara/1949	01
Entre as décadas de 1960 e 1970	26 de fevereiro de 1944	76 anos	Professora aposentada/ 33 anos de atuação docente	Professora Cecília/1963	01
	1.º de agosto de 1950	70 anos	Professora aposentada/ 48 anos de atuação docente	Professora Dulce/1970	01
Entre as décadas de 1970 e 1980	8 de agosto de 1954	66 anos	Professora aposentada/ 42 anos de atuação docente	Professora Elvira/1975	01
Total					05

Fonte: Autora (2020)

O Quadro 2 Demonstrativo dos dados das fontes orais da pesquisa: 05 professoras formadas inicialmente no Curso Normal, Curso de Formação de Professores Primários da Escola Normal Nossa Senhora do Horto, 02 entre as décadas de 1940 e 1950, formandas da primeira turma de Normalistas; 02 entre as décadas de 1960 e 1970; 01 entre as décadas de 1970 e 1980, formanda de 1975, última formatura desse curso. Todas as fontes optaram pela profissão de Professora e atuaram por mais de 30 anos de exercício de docência na rede pública e particular de ensino do município de Dom Pedrito, com atuação em 2 turnos de trabalho, perfazendo 40 horas.

Das 05 professoras, estudantes egressas do Curso de Formação de Professores Primários do Horto, fontes desta pesquisa, 03 estiveram à frente de cargos de Supervisão Educacional na rede de ensino, 02 estiveram em cargos na Secretaria de Educação Municipal, 04 atuaram na escola foco da pesquisa e 01 atuou também como Professora do Curso de Formação de Professores da Escola Nossa Senhora do Horto.

Destaca-se o período de atuação dessas profissionais: 2 – 30 anos; 1 – 33 anos; 1 – 42 anos; 1 – 48 anos de exercício do magistério. Uma vida dedicada à docência, amparada em métodos e técnicas unindo “o que ensinar” com o “como ensinar”, aprendidos inicialmente na instituição foco deste estudo. Muitas destas profissionais alargaram seus horizontes com formação superior e pós-graduação. Uma professora das fontes orais relata que fez o “Curso de Estudos Adicionais na Área de Comunicação e Expressão”, que funcionou na Escola Normal Nossa Senhora do Horto, somente no ano de 1975 e diplomou 25 professoras nessa área.

Mesmo considerando o que alerta Thomson (2002), ao dizer que muitas vezes a memória passa por uma negociação do processo coletivo de rememoração, de seleção no processo de lembrar e da forma como alguns fatos estão armazenados nas memórias individuais, entendemos que trabalhar a análise documental aliada a história oral, como fontes orais dos fatos vividos são essenciais para suscitar dúvidas, quanto às fontes documentais.

Fontes, que são por vezes, impostas ao pesquisador pelas instituições, estas que se apropriam das memórias sociais e coletivas, como pontua o historiador Le Goff (1990), escolhendo o documento que pode ou não ser mostrado, os quais representam tão somente a ponta de um iceberg. Para aproximar-nos das verdades, mesmo que parciais, esse entrelaçamento parece indispensável. Thompson (1992, p. 204), enfatiza que “a lição importante é aprender a estar atento àquilo que não está sendo dito, e a considerar o que significam os silêncios”. Indicando a postura atenta do pesquisador.

Dos estudos de Porteli (2006), depreende-se que recordações e lembranças construídas e recuperadas com base no passado são rememoradas com todas as atribuições que as vivências do presente lhe concedem, fato que não foi desconsiderado neste trabalho, na escuta e análise dessas fontes orais.

Das fontes, além dos Livros foram pesquisados periódicos, álbuns e arquivos do Museu Melânia Mottozo, Museu Municipal Paulo Firpo, e, Acervo de ex-alunas:

Famílias Barbieri; Esteve, Fontoura; Machado; Miranda; Portilho, Ribas; Santos; Silva; e, Vargas.

Os documentos foram fotografados resultando uma coletânea de 768 fotos, agrupadas por imagens: - da fachada e dependências da instituição; - livros ata; - correspondência; - boletins; - diplomas; - atas de atividades cívicas; - periódicos; - jornal Vitória (jornal interno da escola, organizados, inicialmente, por alunas-mestras, 1942 primeira publicação); - instalações do museu da escola; - atividades cívicas na instituição; - história da escola; - documentos, decretos, leis; - trabalhos de pesquisa com relatos (arquivados no Museu da escola).

Com base nas fontes documentais e orais, com apoio dos registros fotográficos, foi feita análise e interpretação, utilizando-se procedimentos metodológicos de uma pesquisa documental, dos quais extraiu-se conclusões, em busca de História e Memória, relativas às práticas escolares desenvolvidas na instituição foco da pesquisa.

História e Memória, que para Le Goff (1990) têm um ponto em comum: - são espaços de poder. Funcionam como antídotos do esquecimento e representam fontes de imortalidade. (DELGADO, 2003, p. 11). São espaços de poder, pois tecem o registro de verdades, verdades, que por vezes, não há o desejo de que venham à tona, mesmo sendo verdades parciais promovem o arquivo, que pode ser “revirado,” investigado, (re)investigado e, pode ser também recheado de testemunhos vivos em fontes orais ricas de memórias pessoais e históricas.

Gil (2017), postula que este tipo de pesquisa, a documental, torna-se particularmente importante quando o problema requer muitos dados dispersos pelo espaço. O autor destaca a atenção que o pesquisador deve ter quanto à qualidade das fontes utilizadas, pois a utilização de dados equivocados reproduz ou, pode chegar a ampliar seus erros.

Embora, não desconhecendo a compreensão crítica de alguns cientistas, de que em uma pesquisa documental, encontra-se “amostras-representativas dos fenômenos estudados”; que delimitam a problemática da objetividade e validade dos documentos e sua utilização “pode representar escolhas arbitrárias, por parte de seus autores, de aspectos a serem enfatizados e temáticas a serem focalizadas”, possíveis desvantagens ou ciladas, como a descrita acima, por Gil (2017).

Aspectos que representam, como diz Cellard (2008), “obstáculos “e “armadilhas” para o pesquisador que trabalha com documentos: públicos arquivados

e não arquivados; arquivos privados; documentos pessoais – variadas e múltiplas fontes documentais.

E, apesar de pouco difundida, percebemos através dos estudos, que trabalhar com a investigação documental representa uma possibilidade de custo relativamente baixo, proporcionando ao pesquisador que este possa mergulhar nas fontes naturais de informações, em busca de evidências que deem estabilidade aos dados obtidos, constituindo-se em um método seguro, em uma análise qualitativa crítica, como postulam Lüdke e André (1986):

Embora pouco explorada não só na área de educação como em outras áreas de ação social, a análise documental pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema. (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 38).

As fontes documentais validam a história no campo das ciências. Para a história o documento é sempre importante, como pontua De Decca (2000), visto que a história é uma narrativa de eventos reais e, na modernidade, a narrativa historiográfica moderna tem se firmado em documentos, estes que estão sujeitos aos critérios da prova, uma exigência específica do campo das ciências.

Nunes (2005) postula que pesquisa histórica se constrói sobre um tripé: fontes, interpretação e narração visando suplantar o senso comum científico deixando florescer novas formas de fazer pesquisa, para a autora “Praticar a pesquisa é transformar incessantemente o método”. (NUNES, 2005, p. 258).

Durante o trabalho de pesquisa, manteve-se com as fontes em História da Educação, o que enfatiza Bica (2012) “um novo olhar, paciente e radical sobre estes documentos e fontes historiográficas”, construindo um método de análise para explorar cada documento e, ao mesmo tempo, o conjunto de documentos.

As fontes desta pesquisa sofreram dois tipos de análise: análise documental sob a ótica de Nunes (1990, 2005) e Bica (2012); e análise de conteúdo, sob os preceitos de Bardin (2011).

Na análise documental, visando o processo de construção de uma narrativa em História da Educação, procurou-se como ação de pesquisador, o que explica Bica (2012, p. 7): “mergulhar nas fontes disponíveis”, que devem “ser iluminadas pelos olhos do presente numa releitura do passado e à luz dos seus problemas de pesquisa”. Diante de uma temática maior seguiu-se as orientações de Bica (2012):

1º Depois de uma busca em pesquisas sobre o tema e construção de um referencial teórico, recorrer aos arquivos e seus acervos, como ponto de partida da pesquisa documental – a coleta de dados.

2.º Mapear e decodificar os dados. Inventar um método que melhor funcione para explorar cada documento e o conjunto de documentos, problematizando essas fontes na busca do “fazer história” tendo como base a teoria e a metodologia da história.

Oportunidade em que há construção de um problema de pesquisa e o objetivo da pesquisa diante das fontes encontradas, isto a partir do diálogo entre o historiador e as fontes. Como pontua Bica (2012, p. 5): “Dialogar com as várias fontes usadas para a construção de um arcabouço de idéias que procuram desvelar o passado percorrido pela História da Educação [...]”. Indagar às fontes: Porque foram produzidas? Quais às intenções de sua produção? Quais os sentidos de quem as produziu?

3.º Definição da metodologia para a abordagem das fontes mapeadas e apresentadas, escolha da abordagem técnico-metodológica para o tratamento das fontes a luz das técnicas empregadas pela análise documental:

1. Fontes primárias – 1a) Documentos oficiais: leis, decretos, relatórios, regulamentos, correspondências, livros de ata, livros de visita; e, 1b) Análise de jornais, que informam sobre o panorama educacional do município e da instituição foco da pesquisa.

2. Fontes secundárias: 2a) Livros, artigos e escritos de historiadores locais, que revelam as características sociais, econômicas, culturais e educacionais da cidade no período recorte temporal da pesquisa; e, 2b) Livros e artigos publicados por historiadores e historiadores da educação que desenvolvem estudos sobre o Estado do Rio Grande do Sul, sobre a região de fronteira, sobre a cidade de Dom Pedrito e sobre a instituição de ensino pesquisada.

A análise documental proporciona evidências que problematizam as inquietações do pesquisador e direcionam suas afirmações, amarrando às evidências encontradas ao problema de pesquisa no intuito de respondê-lo. Como pontua Bica (2012) “A análise documental se constitui em um importante aporte teórico-metodológico na pesquisa qualitativa, impulsionando o surgimento de novos aspectos de um tema ou de um problema de pesquisa”. Desta análise consolidaram-se as categorias de estudo na intensão de atingir os objetivos da pesquisa.

Um importante destaque dá-se às fotografias, como fonte auxiliar à escrita do pesquisador: “A fotografia tem, como objetivo principal, verbalizar, reproduzir, descrever o escrito sobre a ótica do pesquisador.” (BICA, 2012, p. 7). Para ilustrar e comprovar as diversas fases pela qual passou a Escola Normal Nossa Senhora do Horto de Dom Pedrito/RS foram utilizadas no corpo desta narrativa, que conta a vida de uma comunidade escolar, bem como foi fotografado cada fonte desta pesquisa constituindo-se em imagens que estarão disponíveis a todos no Repositório Digital Tatu, da UNIPAMPA/Bagé/RS.

A Escola Normal do Horto foi uma instituição educativa que serviu como representação no sentido de identidade de classe ou de grupo, como lugar simbólico da construção dos sujeitos e de suas práticas: na construção da identidade de educador, de professor, de exercício da docência, como coloca Nunes (2005) em suas investigações sobre História Cultural e História da Educação nas instituições pedagógicas formadora de professores.

Clarice Nunes na Revista Educação em Questão (2005, p. 256) explica que “Na “nova história cultural,” como quer Roger Chartier, há três elementos indissociáveis: os objetos, na sua materialidade, as práticas, nas suas diferenças, as configurações, nas suas variações”. A autora faz colocações sobre a opção teórico-metodológica, da qual compartilhamos: “Permito-me, hoje, sem conflito de fidelidade, afirmar que nenhuma matriz teórica explica tudo, dá conta de tudo. Se alguém tiver essa pretensão no que diz respeito às matrizes teóricas que escolheu, está apenas evidenciando uma compreensão onipotente e totalitária da pesquisa e dos métodos de pensamento e de investigação. (NUNES, 2005, p. 262).

Para Nunes (2005) as relações econômicas e sociais não seriam propriamente anteriores às práticas culturais, nem as determinariam. Elas próprias seriam campos de prática e produção cultural. (NUNES, 2005, p. 257).

Os passos de acordo com os descritos por Bardin (2011) foram:

Primeiramente, verificar a disponibilidade dos documentos para o estudo e estudar a documentação observada.

1. *Pré-análise*: - escolha de documentos; -confrontação/reformulação de hipóteses e, - preparação do material para análise.

2. *Exploração do material e o tratamento dos dados*: escolha das unidades, enumeração e classificação.

3. *Tratamento dos dados*: - inferência e – interpretação, através da análise de conteúdo.

Clarice Nunes (1990, p. 39) postula que “[...] qualquer busca nos arquivos tem origem numa inquietação que exige, paradoxalmente, humildade e ambição”.

A autora salienta que ao reconhecer nossa ignorância, não representa aceitá-las como desculpas para falhas, que ocorrerem, mas sim, entendê-las como “alavanca da curiosidade e da elaboração de uma nova erudição”, expõe que o pesquisador não deve depender dos modelos pré-existentes, mas ter a “ousadia de afirmar a própria voz no diálogo com os outros.” Assim pretendemos.

Segundo Bardin (2011, p.15), a “[...] análise do conteúdo é um conjunto de instrumentos de cunho metodológico em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados,” em busca do desvendar da criticidade. Da identificação do que está por trás.

Bardin focou seus estudos em quatro aspectos: - história e teoria (perspectiva histórica); - parte prática (análises de entrevistas, de comunicação de massa, de questões abertas e de testes); - métodos de análise (organização, codificação, categorização, inferência e informatização das análises) e, - técnicas de análise (análise categorial, de avaliação, de enunciação, proposicional do discurso, de expressão e das relações).

Na *pré-análise* é preciso observar algumas regras: - exaustividade, esgotando todo o assunto sem omissão de nenhuma parte; - representatividade, preocupando-se com amostras que representem o universo; - homogeneidade, nesse caso os dados devem referir-se ao mesmo tema, serem coletados por meio de técnicas iguais e indivíduos semelhantes; - pertinência, é necessário que os documentos sejam adaptados aos objetivos da pesquisa; e - exclusividade, um elemento não deve ser classificado em mais de uma categoria.

Segundo Bardin (2011), o contato inicial com os documentos, momento chamado “*leitura flutuante*” é a fase em que são elaboradas as hipóteses e os objetivos da pesquisa.

A escolha do recorte que se dará na pesquisa será feita ao codificar os dados, Bardin (2011), diz que uma *unidade de registro* significa uma unidade a se codificar, podendo esta ser um tema, uma palavra ou uma frase.

Bardin (2011) apresenta classes que agrupam determinados elementos reunindo características comuns, seria como uma forma de pensamento que reflete a realidade, de forma resumida ou não.

O autor apresenta também *critérios de categorização*, da escolha de categorias (classificação e agregação), organizadas em duas etapas: *inventário* (onde agrupam-se os elementos comuns) e *classificação* (onde divide-se os elementos de forma organizada). Derivando daí as proposições.

Daí resultando as inferências e as interpretações do que foi encontrado com a investigação, apresentadas por meio de várias técnicas aplicadas à análise do conteúdo: análise categorial, de avaliação, de enunciação, de expressão e das relações. Nesta pesquisa, optamos pela análise categorial, conforme os dados foram sendo analisados.

Apesar do entendimento de que se pode fazer história valendo-se do fragmentário, do subjetivo, do específico, a análise histórica não pode perder o caráter de universalidade. Como nos esclarece Le Goff (1990), o contexto maior social tem que estar presente para embalar e sedimentar o pensamento reflexivo do pesquisador, pois o singular e o universal não se dissociam.

Moraes (2014), em sua Tese, coloca que a nova história começou a se interessar por toda a atividade humana, ampliando o campo e as fontes de pesquisa, permitindo um olhar mais específico, centralizado nas particularidades e singularidade de cada objeto em questão, abrindo espaço e valorização para a história local e regional.

Como as “histórias das instituições escolares” na área da “História da Educação brasileira” possibilitando a investigação dos fatos ocorridos no “[...] interior dessas instituições formativas desvendando as inúmeras nuances da informação e dos atores nela envolvidos” (MORAES, 2014, p. 58).

As ações dessas instituições podem ser preservadas também por imagens, nesta pesquisa buscou-se utilizar essas ricas fontes:

As imagens - fotografias, pinturas, mapas, filmes - caracterizam-se por documentarem, tanto as situações que figuram no registro visual, quanto a sua própria fatura como produto de relações sociais. A análise histórica de imagens convoca para a sua total compreensão a sociedade que a produziu e consumiu, que a imaginou e arquivou, que a vivenciou e esqueceu. (MAUAD, 2015, p. 106).

Louzada (2018, p.57), coloca que “O conjunto de imagens de uma determinada instituição ou de um grupo é reveladora do tempo e dos valores disseminados pelas trajetórias de pessoas que vivenciaram juntas certas experiências”, no entanto é preciso observar o seguinte:

[...] deve-se levar em conta que, para analisar a significação da imagem, é importante reconhecer que esta se encontra permeada por uma série de construções e intencionalidades, especialmente no que tange a sua produção. Fotografias nascem de necessidades e de interesses. A sua produção está condicionada a seleções e escolhas. São grupos sociais ou pessoas determinadas que as requerem. (OLIVEIRA, 2012, p. 38).

Estas imagens foram colhidas durante as visitas à escola, que foram feitas de março a dezembro de 2020. A partir de agosto de 2020 começaram os registros fotográficos feitos pela Fotógrafa Paula Fischer, do Estúdio Ricordare de forma pré-agendada, com a presença desta pesquisadora. Como a pandemia do COVID-19 mudou a organização e acesso às escolas foi sugerido o início imediato dos registros, com espaçamento entre uma visita e outra de 15 dias, o que foi feito, com a devida observação dos protocolos sanitários. Ao todo foram realizadas 12 visitas à escola, onde foram acessados documentos e feito registros fotográficos, bem como foram realizados contatos telefônicos visando dirimir dúvidas.

Le Goff (1990, p. 408), postula a ideia do uso da memória e da história pelas instituições constituídas e o aponta como um problema, pois estes se apropriam dessas memórias: “os criadores e os denominadores da memória coletiva: Estados, meios sociais e políticos, comunidades de experiências históricas ou de gerações, levadas a constituir os seus arquivos em função dos usos diferentes que fazem da memória”. O autor enfatiza que estas instituições usam essa memória como fonte de poder, delimitando na verdade, a ação do cientista. Mostra-se o que interessa como fonte de representação positiva para a instituição que dela faz a guarda.

Vencer esses obstáculos constitui uma das vertentes de todo pesquisador que analisa essas relações, por isso o uso de outras fontes além das documentais, para que estes possam ser confrontados. Sobre a explicitação dos conceitos e dos teóricos utilizados na pesquisa foi feito 2 quadros representativos, Quadros 2 e 3:

Quadro 3 - Metodologia: os conceitos gerais da pesquisa e seus teóricos

GERAIS	
Os conceitos e os e os teóricos estão entre as 10 dissertações e três teses estudadas, e em:	
PESQUISA DOCUMENTAL/ QUALITATIVA/HISTÓRIA ORAL	Alberti (2006); Aragão; Bica (2012); Timm; Kreutz (2013); André (2005); Cellard (2008); Gil (2017); Lakatos e Marconi (2001); Lozano (2006); Porteli (1997); Thompson (1992).
DOCUMENTO	Calado; Ferreira (2004); Le Goff (1990); Vasconcelos (2014).
ANÁLISE DOCUMENTAL	Bica (2012); NUNES (1990, 2005).
ANÁLISE DE CONTEÚDO	Bardin (2011).
IMAGENS/FOTOGRAFIA	Bica (2012); Louzada (2018), Mauad (2015), Oliveira (2012).

Fonte: Autora (2020)

O Quadro 3 mostra os conceitos gerais da pesquisa e seus teóricos, utilizados na Metodologia, com base nos estudos desenvolvidos a partir da pesquisa bibliográfica.

Os conceitos gerais e seus teóricos, na Metodologia observam as 10 Dissertações e 3 Teses dos autores pesquisados no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, e, em específico, baseiam-se nos autores citados no Quadro acima, distribuídos nas categorias: - Pesquisa Documental/Qualitativa/História oral; - Documento; - Análise documental; - Análise de conteúdo; - Imagens/Fotografia.

Quadro 4 - Referencial Teórico: os conceitos específicos da pesquisa e seus teóricos

ESPECÍFICOS	
Os conceitos e os e os teóricos estão entre as 10 dissertações e três teses estudadas, e em:	
HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA	Hobsbawn (1995, 1998); Burke (1992); Chartier (2010); Garnica (2010); Lopes e Galvão (2005); Bica (2002); Bica (2012); Padilha e Vasconcelos (2014); Padilha e Nascimento (2015).
FORMAÇÃO DO PROFESSOR	Araújo; Freitas; Lopes (017); Nóvoa (1991, 1995, 2004, 2005, 2009), Saviani (1989, 1991, 2004, 2009, 2010); Silva (1991); Tanuri (2000); Romanelli (2006); Xavier (2014).
CULTURA	Bourdieu (1983, 1989, 1990, 2007, 2008); Certeau (1994); Chartier (2010).
PRÁTICAS EDUCATIVAS ESCOLARES	E Azevedo (2003); Gadotti (2005); Werle (2001); Oliveira (2012)
PRÁTICAS E CULTURA ESCOLAR	Araújo; Freitas; Lopes (2017); Forquin (1993); Frago e Escolano (2001); Julia (2001); Vasconcelos (2014); Vinão Frago (1995, 2000)
HISTÓRIA, MEMÓRIA, HISTÓRIA CULTURAL, HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E NOVA HISTÓRIA	Araújo; Freitas; Lopes (2017); Bosi (1994, 2004); De Decca (1992); Ipólito e Almeida (2020); Le Goff (1990, 1993); Louzada (2018); Nossela e Bufo (2002); Nora (1978, 2003); Padilha e Nascimento (2015); Ribeiro (2014); Tanuri (2000); Stephanou (1998, 2004); Burke (1992).

Fonte: Autora (2020)

O Quadro 4 demonstra os conceitos específicos da pesquisa e seus teóricos. No referencial teórico, estão os conceitos apresentados nas 10 Dissertações e 3 Teses dos autores pesquisados no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, e, em específico nos autores citados no Quadro acima, distribuídos nas categorias: - História e historiografia; - Formação do Professor; - Cultura; - Práticas educativas e escolares; História e Memória/ História cultural/História da educação/Nova história.

Estudar, analisar e investigar como foi a formação de professoras primárias, nas escolas normais, em diferentes contextos regionais, permitiu a compreensão do processo que instituiu e manteve por longa data, essas instituições de ensino.

Foi o aumento da demanda social pela educação que exigiu a presença de professores habilitados culminando no aumento de vagas e na criação de escolas normais públicas, sendo que a maior parte delas entre 1947 a 1971, recorte temporal deste estudo, foram as congregações religiosas que abarcaram este tipo de ensino no cenário brasileiro.

As práticas descritas nas memórias relatadas nos estudos descrevem as instalações como local de espaço social, instituição tradicional de socialização, no qual foram cultivados valores, atitudes e posturas sociais, enfatizando atividades religiosas e cívicas, com práticas de inclusão e de exclusão social, que permearam as histórias singulares das instituições e das normalistas. Histórias que precisam ser recontadas na intenção de salvar o passado para servir o presente e o futuro, como bem pontua o historiador francês Jacques Le Goff (1924-2014).

2.2 Referencial teórico

Autores como Jacques Le Goff, Peter Burke, Roger Chartier e outros concluem que em uma pesquisa existe sempre a interpretação da “verdade” encontrada a partir de uma busca alicerçada em escolhas, de um ponto de vista, a forma como se trilha esse caminho que vai ao encontro da “verdade”, que é uma entre tantas outras “verdades”, nesta pesquisa, busca contemplar as ditas: novas visões historiográficas.

As novas visões historiográficas expõem que o rosto de uma época só pode ser decifrável dependendo do ângulo visto e da relatividade da reflexão proposta ou desejada, mas uma coisa é certa: esses indícios descobertos e dispostos de forma acessível sempre promovem uma série de reflexões que incentivam na quebra de paradigmas e na ruptura que ampara um novo pensamento humano. (LE GOFF, 1990).

Segundo Garnica (2010), História é o estudo dos homens no tempo, vivendo em comunidade, que visa informar o presente e ajuda na compreensão de nossa própria experiência, enquanto seres sociais, mais especificamente, contribui com o a criticidade histórica nos/dos sujeitos. Historiografia consiste no registro dessa história por agentes sociais, os historiadores, que se dedicam a registrá-la.

Aragão; Timm; Kreutz (2013), dizem que a partir de 1970, 1980 a forma de se entender História passou a ser questionada no Brasil, vindo nas pesquisas, a compreensão da Nova História, da História Cultural, ou Sociocultural, que se utiliza de toda e qualquer fonte, como resquício de memória e possível História.

Os autores discorrem sobre a História Oral, que passa a ser utilizada, “na medida em que os documentos oficiais deixam de ser expressão da verdade e os “grandes intelectuais” saem do lugar de mensageiros desta, há que se procurar a

História em outros espaços, ouvir novas fontes.” – nos discursos, em entrevistas e depoimentos.

Isto em busca de maiores vestígios, que diante da análise, irão aproximar fragmentos até que estes se cruzem entre diversas fontes de pesquisa e esponham as verdades históricas encontradas, que são relativas e apenas parte de um texto e de um contexto histórico, frente ao conceito de Nova História, sempre com potencial de reescrita.

Em uma pesquisa sobre espaços de memória, como uma instituição escolar, os estudos sobre essas relações construídas socialmente e estabelecidas entre indivíduo, grupos e o universo social, nos ajuda a construir noções, proporcionando mudanças no nosso modo de entender a nós mesmos, entender os outros e as relações sociais estabelecidas na realidade que se apresenta.

O tempo histórico, encontra-se em um nível muito sofisticado, o velho tempo da memória, que atravessa a história e a alimenta. Memória – o vestígio que pode ser história, seja ela individual ou coletiva, nos impulsiona na construção de novas experiências, novas posturas a partir da valorização do já vivido. (LE GOFF, 1990).

Cabe enfatizar que:

Tal como ocorreu em outros domínios da História, os historiadores da educação incorporaram a ideia de que a História se faz a partir de qualquer traço ou vestígio deixado pelas sociedades passadas e que, em muitos casos, as fontes oficiais são insuficientes para compreender aspectos fundamentais (LOPES; GALVÃO, 2005, p.80-81).

Os autores ainda advertem, que “Em sua inteireza e completude, o passado nunca será plenamente conhecido e compreendido; no limite, podemos entendê-lo em seus fragmentos, em suas incertezas.” Mesmo apostando no rigor metodológico, permanecem sempre “fluidos e fugidios os pedaços de história que se quer reconstruir.” (LOPES; GALVÃO, 2005, p. 77). Eis o limite complexo, de nossas ações, como pesquisadores.

Azevedo (2003), em sua pesquisa historiográfica, explicita em seus estudos aspectos que se colocam como possibilidade de pensar sobre o reflexo das práticas vividas pelas professoras, em seus cursos de formação. Os escritos da autora permite reconhecer através da história da instituição pesquisada, essas práticas e compreendê-las sobre a visão das práticas educativas daquele período – possibilidade que a história e a história da educação encaminha e permite.

Andrade (2016) descreve, pesquisando o recorte temporal de 1939 a 1968, o que foi a Escola Normal em Goiás, destacando aí o que se sabe sobre as escolas de Curso Normal (singularidades e similitudes), memória e história desses locais no Brasil, espaços que foram instituídos em diferentes localidades geográficas e sociais, diante de diferentes comunidades, cujas culturas permaneciam ímpares, instituição sob as regras de religiosidade, geralmente, da Igreja Católica, com o ensino conservador direcionado para as elites locais, pautadas no rigor e na obediência, com ensino de línguas às boas maneiras, hábitos, habilidades manuais, prendas domésticas inerentes às atribuições femininas, fossem elas no lar ou no exercício da profissão docente.

Santiago (2015), cuja pesquisa investigou o período de 1957 a 1961, no Maranhão destaca que a Escola Normal, constituiu-se como lugar de memória coletiva, favoreceu a autonomia feminina, a formação e a inserção de mulheres no mundo produtivo. Entre as décadas de 1940 a 1970, deu-se através da legislação educacional brasileira, o surgimento, a expansão, a consolidação e a extinção de um modelo específico de Escola Normal particular, para a partir daí abrir esse ensino de forma pública, visando um ensino técnico. (CARVALHO, 2014). Estudos como estes fomentam a reflexão quanto a identidade do profissional docente e os conflitos deste processo em curso na sociedade brasileira.

Segundo Lawn (2000, p. 70), “a identidade do professor simboliza o sistema e a nação que o criou”, e, espelha o projeto educativo da nação. A escola normal formadora de professores está associada a efetivação da instrução primária. A escola pública foi reinventada no mundo moderno tendo por alicerce a escola normal e o ensino primário. Pode-se dizer que a escola normal adquiriu estabilidade a partir das ideias liberais de educação popular, da obrigatoriedade da instrução primária e da liberdade de ensino.

Esse modelo escolar público que conhecemos é fruto de um longo processo produzido através de complexas relações sociais e suas modificações, no tempo e no espaço, nas representações sobre o mundo e as pessoas. Esse processo de formação da identidade do profissional docente, como cita Xavier (2014) perpassa pelos dilemas na definição da identidade profissional. A escola e os professores são construções históricas. As histórias individuais e coletivas são construídas no decorrer do tempo perpetrando a formação de identidades pessoais e coletivas.

Ao professor, exige-se esforço, preparo, conhecimento, pesquisa, tempo e dedicação, compromisso e comprometimento. Essa profissão requer a compreensão dos contextos históricos, sociais, culturais e organizacionais que fazem parte e interferem na sua atividade docente, resultando em competência do conhecimento, profissionalismo ético e consciência política.

Este trabalho é fruto da necessidade reflexiva na/para formação de professores, que no presente, encontra-se contagiado de tantas incertezas, principalmente quanto a análise histórica da construção de sua identidade profissional, que ora pende para o entendimento vocacional, arraigado lá em sua origem, quando os padres da Companhia de Jesus, instalaram a primeira escola primária brasileira, em Salvador, no ano de 1549, ora pende para o sentido profissional em sua essência, buscando amparo no capitalismo, mas que se complica pela falta de clareza nas atribuições dessa profissão devido a necessidade do exercício de diversas funções no processo educativo.

Essa diversidade de incumbências vem inflingindo certa confusão, que precisa ser extirpada a partir de uma melhor compreensão sobre o que já foi vivido até hoje na sociedade brasileira no tange a formação desse profissional. Esse entendimento pode ser produzido a partir da construção de consciência histórica sobre como foi edificada ou arquitetada através dos tempos essa profissão de professor, principalmente do professor primário (dos anos iniciais). Como era construído a socialização formativa no interior das instituições que moldavam professores primários para o ensino brasileiro do antigo curso primário, hoje anos iniciais da Educação básica? Que ensinamentos eram passados? Como esses ensinamentos marcavam a vida e a história desses profissionais? Como era vista e propagada a identidade profissional docente?

A partir dessas respostas há uma construção da consciência histórica, que permite estabelecer uma relação entre fatos do passado e acontecimentos vividos no presente, identificar que em cada tempo histórico há uma coexistência entre o passado e o presente. Perceber mudanças e permanências, diferenças e semelhanças entre passado, presente e futuro.

Vasconcelos (2014, p. 46), expõe que a investigação em instituições de ensino “[...] transita entre a memória e a história, para permitir a compreensão de um processo educacional instituído como modelo, em uma determinada época, e possibilitar o conhecimento de suas contradições e versões, as quais não podem ser

desconsideradas, seja na leitura documental, seja nos depoimentos registrados”. Uma instituição escolar de ensino possui, portanto, regras advindas do meio externo (do social), mas tem também uma relativa autonomia, cujos paradigmas do período histórico em que existe, comandam suas ações.

Entre 1940 e 1950 existia no Brasil o Ensino Primário de no mínimo 4 anos, que poderia estender-se até 6 anos, obrigatório a partir dos 7 anos de idade. O Ensino Médio, era dividido em 2 ciclos: o ginásial (de 4 anos), de acesso através de um exame de admissão; o colegial (ensino de no mínimo 3 anos) ;com o qual se adentrava também ao Curso Secundário , que admitia uma variedade de currículos e que no 3º ano visava a uma preparação dos alunos para o ingresso ao Ensino Superior; e o Ensino Técnico de grau médio; cursos industrial, agrícola e comercial. Já existia em 1945 então, o primário, com 4 anos de escolaridade; depois vinha o ginásial, com 4 anos também; e o clássico ou científico, com três anos. Sobre o Exame de Admissão ao ginásio Clarice Nunes (2000), coloca:

O exame de admissão mobilizava os estudantes, seus pais e irmãos. Obter a aprovação nas provas tinha uma importância equivalente à aprovação nos exames vestibulares ao ensino superior. Era uma espécie de senha para a ascensão social. A seletividade do ensino secundário era agravada por esse exame, pois cada escola secundária organizava seus programas e não os divulgava, de modo que os candidatos e suas famílias não sabiam se o nível de exigência das provas acompanharia o nível do conteúdo da quarta série das escolas primárias. O fracasso nos exames era praticamente inevitável, o que acarretou a disseminação dos cursos de admissão organizados por particulares, mantidos à custa de altas taxas e dificultando condições às populações mais pobres de participar do processo seletivo. (NUNES, 2000, p.45).

Nessa época existia pouco acesso ao ensino primário, escolas insuficientes de ensino técnico e o exame de admissão para entrada no ginásio excluía muitos candidatos despreparados, principalmente a parcela carente, sem acesso à cultura.

O Curso secundário representava status, pois poucos tinham nesse período. O primário era para as massas e o secundário para as classes mandatárias da nação, representava um caminho de acesso ao ensino superior, que poucas vagas oferecia.

Gadoti (2005) e Saviani (2009, 2010) indicam que entre 1950 e 1960 a ideia de que no secundário era necessário formar o pretensu ou pretencioso cidadão, ocasião em que ao buscar organização social e meios de representatividade como os sindicatos, entre filosofias e concepções revolucionárias espalhadas pelo mundo,

principalmente pela comunidade jovem, ocorre a ruptura do sistema organizacional político brasileiro desencadeando o Golpe Civil-Militar, indicando esse sujeito que “tinha” a pretensão de “ser cidadão”, como “pretencioso”, estes eram aquela parcela da população do Brasil, que não fazia parte da elite.

Entre 1950 e 1960 a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), a partir do pós-guerra (2.^a Guerra Mundial), passa a elaborar livros escolares e influir nas propostas curriculares do ensino brasileiro. A fala social era de que se necessitava de ensino mais articulado e integral que fosse útil às necessidades da sociedade da época.

A concepção era de que as classes sociais, nesse momento no Brasil, eram vistas como agentes das transformações históricas. Ocorreram debates sobre a educação nacional, que resultou, em 1961, na Lei 4.024, de Diretrizes e Bases, 1.^a LDB, que flexibilizou o currículo, pois deu abertura, porque colocou a possibilidade de áreas optativas ao currículo mínimo prescrito pelo Conselho Federal de Educação vindo de encontro à necessidade do regionalismo, das propostas desenvolvimentistas e das políticas que incorporavam noções de centro e periferia.

O ano de 1964 marca o Golpe Civil-Militar no Brasil, que fecha os movimentos organizados do país, como os movimentos sindicais, em prol da “segurança nacional” e reposiciona as concepções na sociedade brasileira impondo novas configurações ao ensino, culminando com a Lei 5.692/71, de 11 de agosto de 1971.

O primeiro presidente militar, Humberto de Alencar Castelo Branco, apresentada ao Congresso Nacional em 1966: “Estruturado com graves defeitos qualitativos, submetido a baixos padrões de eficiência, não atendendo aos princípios democráticos de justiça social, o ensino brasileiro transformara-se em óbice, ao invés de atuar como alavanca de desenvolvimento econômico e social”. (BRANCO, 1987, p.383). A crítica estava na falta de articulação dos níveis de ensino, à separação dos ensinamentos clássico e científico e à falta de um ensino mais profissionalizante, que pudesse preparar uma mão de obra qualificada para o trabalho. O ensino deveria servir ao desenvolvimento da nação.

Na busca formação da mão-de-obra da indústria crescente, os conteúdos escolares foram reunidos em núcleos comuns concebidos de modo diferente para cada série, a partir do tratamento metodológico que deveriam receber. No meio social brasileiro a discussão sobre o ensino técnico volta à tona com força, pois

existiam poucas pessoas qualificadas para preencherem as vagas no mercado de trabalho.

Na nova legislação de 1971 foi inserido: o fim do exame de admissão e o ensino obrigatório de 8 anos da escola de primeiro grau, unindo o antigo ensino primário ao ginásio, e incorporou às séries finais a iniciação para o trabalho e a sondagem de aptidões. Embora tenha aumentado a taxa de escolarização no ensino brasileiro nesse período, a repetência, a evasão escolar, a falta de espaço adequado aos cursos técnicos, escolas obsoletas e falta de investimento público necessário foi minando essa organização com longas críticas sociais internas e externas, nas décadas que se sucederam.

Para compreender esses meandros históricos a narrativa, que propõe histórica, versa sobre as seguintes categorias de análise:

- **Escola Normal e a cultura escolar:** Escola Normal, entendida como a instituição escolar, educativa, que formava professoras para atuar nos anos iniciais de ensino básico em todo o país, que no Brasil, como explica Lemiechek (2014, p.7), teve “[...] sua origem num processo articulado entre as políticas públicas nacionais e as necessidades da elite local,” que inspirados nos estudos de Setton (2002), sobre “A teoria do *habitus* em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea,” autora que estuda os formas de socialização, podemos dizer que a Escola Normal se constituiu em instância tradicional de socialização.

Como expõe Lourenço Filho (2001) e Tanuri (2000) ocorreu ao longo do tempo (mais especificamente 1947-1971, podemos dizer) uma transição entre a prática do ensino para a prática de ensino, diferenciando a prática que acontecia de forma artesanal, por meio da convivência, observação e imitação de outro professor, daquela ancorada nos estudos da Escola Normal, por uma outra, que além de reproduzir normas e transmitir cultura, disseminava conhecimentos e técnicas, normas e valores próprios da profissão docente, com ênfase nos processos de ensino e aprendizagens e técnicas de ensino, permeado pelas ideias escolanovistas o desenvolvimento da Psicologia e da Biologia Infantil, valorizando sobremaneira a prática educacional.

Este outro tipo, que suplantou a ideia de que a ideia de docência restringia-se em sua formação a observação dos mestres mais experientes, a prática destes em sala de aula, foi como nos conta a história inviabilizada pelas questões econômicas, pelo pouco valor que tinha o professor primário, pelo abandono dos bancos

escolares dessa instituição das clientelas mais abastadas economicamente de nosso país, que migraram para profissões mais rentosas, pelo desencanto com a Escola Normal e, claro, porque demandava investimento público palpável.

O historiador francês Dominique Julia explica que cultura escolar é um:

Conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). [...] Modos de pensar e de agir largamente difundidos no interior de nossas sociedades, modos que concebem aquisição de conhecimentos e de habilidades senão por intermédio de processos formais de escolarização”. (JULIA, 2001, p 10-11).

As práticas educativas, embora tenham o intuito de educar, ensinar, podem ser desenvolvidas por qualquer sujeito, em qualquer espaço, não propriamente em uma escola, instituição, por isso é conceituado práticas educativas versus práticas escolares.

No Brasil, desde a organização social colonial, do século XVIII, havia uma sociedade latifundiária, escravocrata e aristocrática, que necessitava apenas de pessoas incultas e submissas – os servidores, a educação era voltada a reforçar o sistema sócio político daquela era, endossado pela poder da Igreja. Aos poucos foi sendo tirado o poder da Igreja e colocado nas mãos do Estado, uma educação voltada, a partir daí, a cumprir com os interesses do Estado.

Pesquisadores da história da educação brasileira, como Dermeval Saviani, Moacir Gadotti, Paolo Nosella, Ester Buffa explicam que no início do século XIX a classe emergente, a pequena burguesia, considerando baixo o nível das escolas oficiais brasileiras, incentivava as escolas particulares, voltadas para a elite governante, espaço onde seus filhos estavam matriculados com o objetivo de que ao concluírem o nível secundário e/ou superior fossem os futuros administradores do país.

Na década de 1920, começa o declínio das oligarquias, do modelo agrário-comercial-exportador e o impulso à industrialização com o modelo nacional-desenvolvimentista.

Em 1930, é criado o Ministério da Educação e Saúde, pasta ocupada por Francisco Campos, que organiza a reforma do ensino secundário definindo o currículo seriado, a frequência obrigatória, dois ciclos, um fundamental de cinco

anos e o outro complementar de dois anos, e a exigência de habilitação neles para ingresso no curso superior.

De 1931 a 1937, congressos, seminários e conferências foram realizados, com embates entre escolanovistas e intelectuais católicos, que foram em partes contemplados pelas políticas públicas visando um arrefecimento dos ânimos. O ano de 1937 foi marcado pela instauração do Estado Novo, regime ditatorial, de Vargas.

No período de 1940, a oligarquia cafeeira e a burguesia industrial vinham realizando uma queda de braço, que resultou no fim da chamada República Velha e a tomada do poder por Getúlio Vargas. A educação começa a mudar, em resposta às novas necessidades da industrialização do país, que precisava de mão de obra melhor qualificada, para as funções que se abriam no mercado de trabalho, houve aí uma tentativa de se traçar uma política educacional de âmbito nacional.

Em 1942, com a Reforma Capanema,⁶ a ideologia educacional foi voltada para o patriotismo e o nacionalismo, impondo disciplina e ordem através dos cursos de moral e civismo e de educação militar para os alunos do sexo masculino nas escolas secundárias.

Na Escola Normal da década de 1940, a futura professora buscava na prática uma forma de contemplar as teorias da Pedagogia Ativa, mas encontrava o entrave de um sistema baseado na disciplina e obediência, no silêncio e nas imposições, fidamente arraigado à proposta Tradicional de ensino.

O fim da 2ª Guerra Mundial (1945) foi cenário para que na política brasileira baseada naquela época no populismo, nacionalismo e desenvolvimentismo, houvesse a deposição de Getúlio Dornelles Vargas (1937-1945) imprimindo uma fase de redemocratização do país, enquanto o capitalismo avançou nos países periféricos.

Várias legislações resultaram na organicidade do sistema educacional brasileiro, dentre elas a Lei Orgânica do Ensino Normal (LOEN), Decreto-Lei nº 8.530, de 1946, que preconizou uma certa uniformidade na formação para o magistério, esse ensino que foi abarcado pelas escolas de cunho religioso,

6 Gustavo Capanema, Ministro da Educação na Era Vargas (1930-1945). Foi na gestão do ministro Gustavo Capanema que foi promulgada, em 9 de abril de 1942, a Lei Orgânica do Ensino Secundário, também conhecida como Reforma Capanema. Por essa lei, foram instituídos no ensino secundário um primeiro ciclo de quatro anos de duração, denominado ginásial, e um segundo ciclo de três anos.

principalmente escolas católicas, mais conhecidas como Escola das Freiras. (MARINHO, 2008; ANDRADE, 2016).

O ensino constituía-se em valores cívicos, sociais, dogmáticos e religiosos. (ARAÚJO; FREITAS; LOPES, 2017). Essa legislação dá, propriamente a origem a Escola Normal, padronizando-a no sistema de ensino brasileiro.

As escolas normais formadoras de professores para o ensino primário no Brasil, estavam atreladas às políticas públicas educacionais que às instituiu, e, nesse período de 1946 a 1971 essas organizações foram pautadas basicamente em duas forças distintas no cenário político brasileiro, estadistas e liberalistas

Com concepções antagônicas, os estadistas entendiam que a finalidade da educação consistia no preparo do indivíduo para o bem da sociedade, portanto, só o Estado poderia e deveria educar, as escolas particulares só poderiam existir como uma concessão do poder público.

Já os liberalistas entendiam que a pessoa possuía direitos naturais e que não cabia ao Estado garanti-los ou negá-los, mas simplesmente respeitá-los, eles compreendiam que a educação é um dever da família, que deve escolher dentre uma variedade de opções de escolas particulares, para o Estado, restaria a função de traçar as diretrizes do sistema educacional e garantir, por intermédio de bolsas, o acesso às escolas particulares para as pessoas de famílias de baixa renda – os pobres, os carentes.

Essas forças embora antagônicas, no espaço educacional, acharam um meio termo, nas “bolsas gratuitas para custeio total ou parcial dos estudos”, as bolsas de estudo eram distribuídas às escolas particulares, como a escola administrada por religiosos, a escola das freiras, por intermédio das forças políticas locais que as administravam, eram oferecidas para quem demonstrasse “necessidade e aptidão para os estudos”. (BRASIL, 1961). Pelo estudo feito, pode-se dizer que isto ocorria em Dom Pedrito, na Escola Normal Nossa Senhora do Horto, boa parte das alunas tinham bolsa parcial ou total.

Marinho (2008) e Andrade (2016) dizem que a concepção que tinham sobre as “Escola das Freiras” era a de um lugar fechado, ainda mais uma Escola Normal, mais especificamente destinada a moças, cuja formação deveria ser prioritariamente no interior da escola. Na década de 1930 e 1940 ocorreu um movimento de renovação da educação através de várias iniciativas do governo central como a

Reforma Francisco Campos e a Reforma Capanema,⁷ mas não foi amplamente encampado nas escolas.

Marinho (2008), demonstra em seu trabalho que na escola normal antiga, dos anos de 1930, 1940, a formação de professores preparava a estudante para o trabalho no magistério primário e para a realização das tarefas domésticas consideradas como “tipicamente femininas em um futuro casamento,” não estava preocupada com novas metodologias de ensino.

Ela concluiu em seu resumo que o ofício de professor servia “ao desenvolvimento da nação e ao engrandecimento da pátria.” Foi nesse período histórico, que inicialmente, as normalistas do final da década de 40, formadas a partir de um ensino pautado na prática artesanal do “como ensinar”, construíram a sua identidade pessoal e profissional.

A Lei Orgânica do Ensino Normal, Decreto Lei 8.530, de 2 de janeiro de 1946 estabeleceu as linhas gerais para o funcionamento das escolas normais, os Estados adotaram a lei e padronizaram esse ensino no cenário nacional brasileiro. O ensino normal possuía caráter terminal e profissionalizante. A lei dividia os estabelecimentos de ensino normal, em 3 tipos:

Art. 4º Haverá três tipos de estabelecimentos de ensino normal: o curso normal regional, a escola normal e o instituto de educação.

§ 1º Curso normal regional será o estabelecimento destinado a ministrar tão somente o primeiro ciclo de ensino normal.

§ 2º Escola normal será o estabelecimento destinado a dar o curso de segundo ciclo desse ensino, e ciclo ginásial do ensino secundário.

§ 3º Instituto de educação será o estabelecimento que, além dos cursos próprios da escola normal, ministre ensino de especialização do magistério e de habilitação para administradores escolares do grau primário.

§ 4º Os estabelecimentos de ensino normal não poderão adotar outra denominação senão as indicadas no artigo anterior, na conformidade dos cursos que ministrarem. (BRASIL, 1946).

Quando foi estabelecida essa divisão, Moraes (2014, p. 86) diz que, “acabou-se criando uma dualidade entre os cursos de formação de professores primários, justificada pelas diferentes necessidades econômicas apresentadas pelas várias regiões do país.” Essa legislação, a LOEN, dá, propriamente a origem a Escola Normal, padronizando-a no sistema de ensino brasileiro.

7 Essas medidas, que estavam incluídas na proposta de modernização do país, provocaram a expansão da educação primária, que finalmente foi realizada, e ainda a melhoria da qualidade educacional. (MARINHO, 2008, p 16).

- **Práticas educativas e práticas escolares**, neste projeto são apresentados vários conceitos que as definem como um conjunto dinâmico, nesta proposta são entendidas como sendo as ações advindas da cultura escolar singular do cotidiano da instituição, que interliga em uma união indissolúvel, as práticas escolares, com as culturais e as sociais desenvolvidas na comunidade escolar com o intuito de educar (prática escolar, abarcando cultura escolar), amparado no conceito de Julia (2001).

A proposta faz distinção entre práticas escolares e educativas, considerando que: - as práticas educativas antecedem as práticas escolares, no sentido de que estas últimas são desenvolvidas em uma instituição própria ao trabalho que tem por objetivo final a educação, a transmissão das heranças de geração para geração, com o objetivo de assegurar a formação e o desenvolvimento físico, intelectual e moral de um ser humano, pensadas por profissionais da área da educação e desenvolvidas nas ações de uma instituição própria – a instituição escolar. Abaixo serão citados alguns conceitos como o de Ortiz (2014):

Por práticas escolares ou educativas, compreendemos aquelas nas quais figuram as disciplinas escolares e conteúdos expressos em planos de estudos, programas e pontos de provas, os quais se unem a práticas culturais e sociais na composição da educação das moças, tais quais as festividades, os comportamentos e as ações das Irmãs em prol dessa formação, e que podem guardar resquícios de sua materialidade nos relatos de ex-alunas e em diversos documentos. (ORTIZ, 2014, p. 116).

Frago e Escolano (2001) difundem a ideia de que cultura escolar como conjunto de teorias, princípios ou critérios, normas e práticas consolidadas ao longo do tempo no seio das instituições educativas e os modos de pensar e atuar que se constituem nas ações dos personagens na escola. Forquim (1993), também fala sobre escola e cultura,

- **Formação de professores: as normalistas e representações produzidas**, o filósofo, pedagogo e historiador Saviani (2009, p. 147) esclarece que no processo de formação de professores, houve uma predominância das escolas normais no século XIX, uma escola que tentou aliar cultura geral e cultura profissional e falhou, mesmo com a Lei Orgânica do Ensino Normal (LOEN), Decreto lei 8.530/46, que buscava organizar e padronizar esse ensino formador de professores para o exercer seu trabalho nas salas do ensino primário no Brasil:

No Brasil a questão do preparo de professores emerge de forma explícita após a independência, quando se cogita da organização da instrução popular. [...] o que se pressupunha era que os professores deveriam ter o domínio daqueles conteúdos que lhes caberia transmitir às crianças, desconsiderando-se o preparo didático-pedagógico. [...] predominou nelas a preocupação com o domínio dos conhecimentos a serem transmitidos nas escolas de primeiras letras. (SAVIANI, 2009, p. 143-144).

A partir da lei 4.024/61, com o advento da 1ª Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (tratando sobre os ensinos primário, médio e superior), que tinha como ideário, que a educação brasileira se modernizasse, na verdade pouco mudou, porque essa lei não conseguiu resolver a questão da descontinuidade entre o ensino primário e o ensino médio, embora tenha dado relativa descentralização do sistema como um todo, concedendo considerável margem de autonomia aos estados;

Com o golpe civil-militar de 1964⁸, adequações no campo educacional foram efetivadas mediante mudanças na legislação do ensino com a lei n. 5.692/71. (BRASIL, 1971). Segundo Saviani (2009, p. 147), “A formação de professores para o antigo ensino primário foi, pois, reduzida a uma habilitação dispersa em meio a tantas outras, configurando um quadro de precariedade bastante preocupante”.

A Escola Normal do período de 1947 a 1971 agiu, como deixa entender Setton (2002): como uma instância tradicional de socialização, instituidora de *habitus*, com poder de ditar valores, normas e condutas, na qual, as religiosas, apresentavam-se como referência cultural na formação ética, identitária e cognitiva da normalista, da professora primária em uma época em que as referências culturais e a circulação das informações eram restritas, começando a alargarem-se a partir de 1960/1970.

Quanto às representações produzidas, enfatiza-se que os periódicos, as rádios locais, imprensa escrita e falada, visavam a promoção do desenvolvimento individual e o progresso da comunidade local, então elegiam a suntuosa edificação da Escola Normal e os expoentes que ali se forjavam, como referência, inspiração e comprovação do progresso alcançado.

Nos discursos dispostos nos periódicos pesquisados é possível a compreensão da realidade e a reconstituição da memória daquele período, um

8 “O termo civil-militar, ao invés de somente Ditadura Militar, serve para reforçar e relembrar a participação dos setores civis da sociedade no momento dos golpes de estado e durante o período ditatorial.” (FERNANDES, 2009, p. 34).

esboço do mundo social veiculado– imprensa escrita. Bem como identificar a visão de mundo dos atores, produtores e receptores de cultura.

Baczko (1985), explica que o imaginário social, constituído pelo conjunto de representações, é uma peça eficiente para controlar a vida social e coletiva, como espaço de poder legítimo. Os símbolos eleitos estão ancoradas nas necessidades dos indivíduos e dos grupos sociais.

No caso, a Escola Normal foi eleita para representar os conceitos de cidade progressista, moderna e civilizada. Na figura da Escola Normal e da Normalista estavam depositados os anseios sociais da comunidade. O Jornal Ponche Verde e a Rádio Ponche Verde (Hoje Rádio Sulina), veículos de imprensa, que persistem em Dom Pedrito/RS, ante outros instalados e desativados, representam fontes importantes da realidade local, informando e formando a opinião pública. A organização do imaginário social e a produção das representações eram orientada por esses meios de imprensa.

As Irmãs e Professoras da Escola Normal Nossa Senhora do Horto, eram tidas como seletos grupo de intelectuais, disseminador de cultura no município, que queria ser reconhecido na conjuntura educacional do Estado. As Normalistas sentiam-se ícones do processo educativo no município, estar no Horto de Dom Pedrito era sinal de status e deferência. Mesmo não desconsiderando que as representações feitas na imprensa local estavam imbuídas de interesses e significações, as imagens e símbolos produzidos e os significados/funções que lhes foram atribuídos, constituem um complexo sistema de representações, que esboçam o cenário do mundo social local daquela época.

Diante de todos os conceitos apresentados e analisados: Escola Normal e cultura escolar; práticas educativas e práticas escolares; formação de professoras: as normalistas e as representações produzidas, enfatizando a compreensão de que Setton (2002 p. 67) expõe “[...] *habitus* como história sendo feita; *habitus* como expressão de uma identidade social em construção [...],” entende-se que essa pesquisa irá contribuir para o campo da História da Educação, para o campo da formação de professoras, para uma melhor compreensão das ações que regem os processos educativos, diante da cultura escolar, que é construída e alimentada através das práticas desenvolvidas na escola, que forma aquele (aquela, no caso, a normalista), que disseminou essa cultura.

3 ESCOLA NORMAL NOSSA SENHORA DO HORTO DE DOM PEDRITO/RS (1947-1975)

A região onde se situa as terras do município de Dom Pedrito foi marcada por três conflitos armados: Revolução Farroupilha (1835-1845), Revolução Federalista de 1893 (1893 a 1895) e pela Revolução de 1923. O Tratado de Paz da Revolução Farroupilha ocorreu em Ponche Verde, hoje, 4º subdistrito de Dom Pedrito, em 1º de março de 1945, o que lhe deu o apelido de Capital da Paz.

Nestas terras, embora acompanhe o desenrolar da história sócio-histórica-econômica nacional, impera historicamente, a cultura tradicional e conservadora do interior do Rio Grande do Sul. Tradicionalismo e conservadorismo, melhor dizendo: tradição, família e propriedade regem os meandros sociais. Nesse espaço geográfico, na cultura reinante o homem é chamado, com orgulho, de chiru⁹, a mulher de china véia¹⁰ e a criança de petizada¹¹.

Dom Pedrito é territorialmente caracterizado por sua ancestralidade histórica ligada ao processo de ocupação de terras do final do século XIX, as Sesmarias, e, mais tarde pela inovação de técnicas produtivas adotadas a partir do desenvolvimento do capital, com a modernização agrícola advinda a partir da segunda metade do século XX.

Período em que houve a introdução das Charqueadas, abarcando as estâncias pastoris, a expansão da agricultura pelos idos de 1960, principalmente, com a mão de imigrantes italianos e alemães, bem como o início da mecanização dos processos de produção, fato que acelerou o êxodo rural das famílias que mantinham pequenas propriedades na zona rural do município e promoveu o inchaço demográfico urbano à combalida estrutura municipal, a partir da década de 1970 – mudanças no campo e crises na cidade.

Um município da Região da Campanha gaúcha, cuja economia gira hoje em torno da agricultura, principalmente orizícola, e luta pelo reconhecimento, através de fontes documentais, de primeiro produtor de soja no Estado do Rio Grande do Sul. Uma de suas características que perdura é a concentração de renda em um modelo de produção agrícola, cujas unidades produtoras são de grandes dimensões – as

⁹ No dicionário informal significa: Peão, homem do campo.

¹⁰ Usado para designar a mulher ou companheira do gaúcho, no dicionário informal. Véia significa companheira de longa data.

¹¹ Garotada, no significado do gaúcho.

fazendas, dos estancieiros, hoje na mão empresarial dos agricultores, outro fato que persiste é que grande parte da população vive no núcleo urbano do município.

Figura 1 - Local de origem da instituição: Mapa de localização de Dom Pedrito/RS



Fonte: Autora (2020)

A Figura 1, mostra o Mapa de localização de Dom Pedrito/RS. Dom Pedrito comemora como fundação, a data de 30 de outubro de 1872, o aniversário de Vilamento da comunidade, tem 148 anos de existência, situa-se no Estado do Rio Grande do Sul, no extremo sul do Brasil. Possui uma área de 5.192 km². A distância rodoviária até Porto Alegre, capital administrativa estadual, é de 441 km e tem população total estimada hoje em 38.589 (trinta e oito mil, quinhentos e oitenta e nove) habitantes. (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2018).

O município de Dom Pedrito se limita ao sul, com o Departamento de Rivera, Uruguai. No Estado, se limita a oeste com Santana do Livramento, ao norte com Rosário do Sul, com São Gabriel e com Lavras do Sul. A leste o limite é com Bagé. O município é servido pelas bacias hidrográficas dos rios Rio Camaquã e Rio Santa Maria. Este último nasce no nordeste do município.

No final do século XVIII, início do século XIX, a elite da comunidade pedritense, oprimida pelas guerrilhas, composta de estancieiros (proprietários de fazendas, com grandes extensões de terra), de religião católica, em sua maioria,

preocupavam-se com o progresso social, dentre estas preocupações estava aquela relativa à educação para as filhas da alta-rodada da comunidade.

Nessa época, no ano de 1900, o governo do Uruguai, dominado por ideias anticlericais, expulsou as congregações religiosas que trabalhavam nos asilos mantidos pelo Estado e outros particulares que não acataram as ordens do governo, o que contribuiu para a expansão fronteiriça da instituição, que encontrou no Brasil o acolhimento, em especial, em Dom Pedrito, que teve como recompensa os serviços prestados pelas irmãs de Nossa Senhora do Horto. (ABATTI, 1986).

Estas irmãs se transferem, então, oficialmente do Uruguai, onde estavam sofrendo perseguição por parte das novas políticas governamentais daquele país, chegando em Dom Pedrito no dia 10 de abril de 1908, depois de tratativas com as forças públicas do município. O então Intendente Alexandre de Abreu Fialho e o Coronel Longuinho oferecem a comunidade para o desenvolvimento da obra apostólica do Instituto, uma escola para meninas, a primeira instituição educacional das Filhas de Maria Santíssima do Horto, no Brasil. Iniciando suas atividades com 44 alunos, 12 meninos e 32 meninas, um número expressivo para uma comunidade de 15 mil habitantes à época. As 7 Irmãs desdobravam-se para atender as turmas de estudantes do Colégio.

Fontes históricas da história de Dom Pedrito, como Lermen (1989) e Vasconcellos (2008), ditam que na época de 1908-1910, funcionavam na sede de Dom Pedrito, O Ateneu, o Colégio do Horto, 8 escolas municipais, 5 escolas estaduais (2 mistas, masculina e feminina). Quando o Colégio do Horto foi criado já existiam, então, outras escolas em Dom Pedrito, bem como Professores Particulares, os Mestres que atendiam diretamente na casa do estudante. A missão desta instituição – O Colégio do Horto, seria pregar o amor divino, a caridade fraterna e a felicidade plena pelo dever cristão cumprido.

A instituição de ensino, particular, cristã e católica (hoje, da rede Horto de Ensino, está presente em Dom Pedrito - 1ª Escola do Horto no Brasil; Uruguaiana - 2ª e Porto Alegre - 3ª). Em Dom Pedrito/RS foi fundada em 3 de maio de 1908, sendo o seu 1º prédio a casa do Deputado Estadual Coronel Longuinho Saraiva da Costa, situada na Rua Júlio de Castilhos, número 48.

Período em que era Intendente Municipal o Doutor Alexandre de Abreu Fialho, era Vigário o Reverendíssimo Alberto Blanc, e, era sacerdote o Reverendíssimo Ludovico Ceyte. A instituição, originou-se sob o nome de Colégio

Nossa Senhora do Horto, tendo o Ensino Elementar, com 8 anos de duração, (até 1941), pois depois passou-se a chamar, esse ensino, na linha do tempo, segundo a legislação, “Ensino Primário Ginásial”, “Ensino de Primeiro Grau” (atualmente, “a Educação Básica, Ensino Fundamental, anos iniciais”).

Depois do ano de 1908, o Colégio funcionou em prédio alugado, na Rua Coronel Demétrio Xavier, hoje Avenida Barão do Upacaray. Em 1910 foi adquirido o terreno, onde hoje funciona a escola, Avenida Rio Branco, número 1206, e, foi lançada a pedra fundamental, em 8 de setembro de 2010 (data em que a igreja católica celebra a natividade da Santíssima Virgem Maria).

Já era Intendente Municipal, nesse ano, o Coronel Longuinho Saraiva da Costa, seu bem feitor, que ofereceu a Madre Provincial na época, Irmã Maria Aurélia Sanguinetti, a lapiseira com que assinou a ata e, a pazinha de prata com a qual se despejou as primeiras pás de terra, bem como as duas fitas com as quais os padrinhos sustentavam a pedra fundamental, objetos que estão em exposição no Museu da escola, Museu Melânia Mottoso.

Assim como foi descrito no Livro de Fatos Notáveis (1908, p.10, *apud* ABATTI, 1986, p. 54): “As filhas de Gianelli, ao inaugurar o colégio (3 de maio de 1908), assumiam com a comunidade eclesial, com a comunidade pedritense, o compromisso de educar seus filhos, nos princípios evangélicos e preconizados pelo Carisma próprio da instituição.” No Livro de Fatos Notáveis, as Irmãs falam também sobre “as almas confiadas a elas” e sobre “pagar amor com amor” à comunidade que lhes acolhia em um momento difícil.

As filhas dos ilustres cidadãos da cidade, assim como citado em diversos estudos – a elite (ORTIZ, 2014; MARINHO, 2008; MOURA, 2014; LEMIECHEK, 2014; ANDRADE, 2016; MARTINS, 2016; SANTIAGO, 2015; LOUZADA, 2018), tinham por fim uma escola, que lhes era mais apropriada para frequentar. A avaliação final do ano letivo de 1908 foi feita conforme o método utilizado em Montevideu e nos colégios da Europa.

No entanto, não era nada fácil acompanhar as regras rígidas da escola, o cotidiano escolar iniciava às 6h da manhã, (para as internas pagantes, as bolsistas acordavam mais cedo, às 5h, para realizar atividades como limpeza das instalações da escola), começava o dia com o café e a missa matinal, que era às 6h, às 8h iniciavam as aulas que eram em dois turnos, manhã e tarde e existia o intervalo de meia hora para lanche nos turnos – assim era na Escola Normal Nossa Senhora do

Horto, em Dom Pedrito, interior do Rio Grande do Sul, no período estudado, segundo as fontes orais deste estudo.

O prédio foi construído através de doações de famílias da comunidade que se uniram para atingir esse objetivo, como cita Abatti (1986, p. 38): “Os líderes de ambos os partidos que muito bem souberam conduzir os seus correligionários para concretizar esses intentos. Eram eles, o Coronel Longuinho Saraiva da Costa e o Coronel Antônio Pedro Dias Lopes,” eles [...] “Souberam transpor as ideologias e uniram-se em busca do bem comum”.

As forças vivas da comunidade da época entenderam a necessidade de um espaço adequado para a instrução das crianças e jovens pertencentes à comunidade ilustre da localidade, este aspecto foi o que moveu as ações no intento de criar uma escola para meninas em terras pedritenses. A autora destaca também a presença das mulheres nesse processo de criação do Colégio do Horto:

Todavia, resta-nos salientar a força intuitiva da mulher pedritense, entre elas - senhoras Maria Euphrázia Marques da Costa e Etelvina Xavier Lopes, Esposas dos coronéis Longuinho da Costa e Antônio Pedro Dias Lopes, que haviam sido educadas em colégios de religiosas e, **portanto, conheciam os benefícios que semelhantes instituição poderia trazer para cidade.** (ABATTI, 1986, p. 38, *grifo nosso*).

A Irmã Abatti, egressa do Curso Normal da década de 1950, da Escola Normal do Horto de Dom Pedrito retornou à escola em 1982, para ocupar a cadeira de Didática de Estudos Sociais. Esta professora também foi uma das principais fundadoras do Museu da escola, Museu Melânia Mottoso, seu livro “Nos Caminhos do Horto”, de 1986 é entregue por sua diretoria como a história oficial da Escola do Horto em Dom Pedrito. Como membro do Instituto Maria Santíssima do Horto, em seus escritos, recai seu olhar sob o reconhecimento dos “benefícios cristãos católicos para a educação”. (ABATTI, 1986). Os preceitos cristãos católicos foram responsáveis ao longo da história, em grande parte, pela formação cultural, artística, social e administrativa do Brasil.

O prédio do colégio, na época de inauguração, possuía hall, sala de recepção, salas de aula, dependências das irmãs, capela (Inaugurada em 1954 no espaço em que ocupa hoje) e pátio interno. Abatti (1986, p. 44) coloca: “Todo Anseio do povo é receber o benefício da instrução, sua ânsia educar-se, tem paixão pela música, desenhos, idiomas, trabalhos manuais, etc., Motivo pelo qual olham como grande

progresso a fundação que se vai realizar “. A comunidade era cortês e hospitaleira, balizados na fé católica, com grande apreço às imagens, pois em sua maioria, eram educados em colégios religiosos.

Quadro 5 - Os cursos desenvolvidos no Horto de Dom Pedrito/RS, de 1908 a 1997

Nome do Curso	Período de Existência
Curso Elementar	Foi o começo do ensino no Horto, de 1908 a 1941, era um curso com 8 anos de duração.
Curso Complementar	Pelo Decreto n.º 3.927 de dezembro de 1927, de acordo com o artigo 110 do Regulamento do Ensino Normal do Rio Grande do Sul, aprovado pelo Decreto 4.277 de março de 1929 inicia o curso que formava Alunas-Mestras, que vigorou de de 1930 a 1944, quando formou-se a última turma. Um curso com 3 anos de ensino
Curso Primário	Com início em 1941, a última turma foi no ano de 1971, era um curso com 5 anos de duração.
Curso Ginásial	Teve início em 1943, a última turma foi em 1974, era um curso com 4 anos de duração.
Curso Normal	Pelo Decreto n.º 2.329, de 19 de março de 1947 foi criado o Curso de Formação de Professores Primários da Escola Normal Nossa Senhora do Horto/Dom Pedrito/RS (Teve início, na prática, dia 10 de março de 1947, com o 1.º Exame de Admissão ao Curso de Formação de Professores Primários do Horto), formando-se a última turma em 20 de dezembro de 1975. Inicialmente um curso de 3 anos, com a prática da educação primária desenvolvida na 2.ª e 3.ª séries, reformulado, em 1958 inicia nova turma, em um curso de 3 anos e meio, com estágio no último semestre.
Curso Magistério	Iniciou em 1973, a última turma formou-se em 1997, um curso de 3 anos e meio, com estágio no último semestre
Curso de Estudos Adicionais	. Funcionou apenas no ano de 1975.
Ensino Fundamental	Teve início em 1972 com as séries finais de 6ª a 8ª série.
Ensino Médio	Início em 1999, cursos de 3 anos de ensino.
Ensino Fundamental de 9 Anos	Inicia no ano de 2016.
Jardim de Infância	Funcionou esporadicamente a partir do ano de 1944, foi reestruturado em 1984.

Fonte: Autora (2020)

Observa-se no Quadro 5, que em agosto de 1930 a Escola Nossa Senhora do Horto foi equiparada às Escolas Complementares do Estado, passou a formar Alunas-Mestras (em 3 anos de estudo), pelo Decreto n.º 3.927/12/1927, de acordo com o artigo 110 do Regulamento do Ensino Normal do Rio Grande do Sul, aprovado pelo Decreto 4.277 de março de 1929. Era, então, o Colégio Elementar Nossa Senhora do Horto.

O currículo era composto de: Português, Matemática, História do Brasil, Música, Trabalhos Manuais, Ciências, Francês, Química, Física, Ginástica, Prática

Profissional, Higiene, Desenho, Religião, Geografia Geral e Cosmografia, Pedagogia e Caligrafia.

O Coronel Longuinho Saraiva da Costa foi o Paraninfo da primeira turma de Alunas-Mestras, que deveria ser em 1933, mas a formatura aconteceu em 19 de março de 1934, devido aos exames de segunda época, nos quais uma, das 11 alunas, ficou para concluir o curso no ano seguinte. O Curso Elementar funcionou por 14 anos, findando em 1944, formando, das 601 estudantes que frequentaram-no, 141 Alunas-Mestras. (ABATTI, 1986).

Figura 2 - Quadro de formandas das Alunas-Mestras de 1940



Fonte: Autora (2020)

No Livro de Atas da primeira formatura de Alunas-Mestras há o destaque de que as formandas “Foram as primeiras pedritenses, glória e honra para seus pais [...] Por sua fé e piedade saberão levar às crianças a luz da verdade, inspiradas pelo Evangelho”. (ABATTI, 1986, p. 126).

A Figura 2, mostra a imagem do Quadro de Formandas de Alunas-Mestras de 1940, são 18 estudantes, do Colégio Nossa Senhora do Horto de Dom Pedrito. O quadro, em destaque, está exposto no saguão de entrada da hoje, Escola de Ensino Médio Nossa Senhora do Horto, o dizer central expõe a concepção do ensino ministrado na formação de professoras da instituição: “Põe a Deus na frente de todos os teus atos e não errarás”. Enfatizando os preceitos cristãos como delineadores de uma vida correta.

Em 1943, no Horto, inicia o “Curso Ginásial” (1943 a 1974), e, em 1947, pelo Decreto n.º 2.329, de 19 de março de 1947 era criado o Curso de Formação de

Professores Primários, conhecido como o Curso Normal, refletindo a nova legislação brasileira, a Lei Orgânica do Ensino Normal (LOEN), Decreto Lei 8.530, de 2 de janeiro de 1946.

No currículo disposto pela LOEN de 1946 havia predominância de disciplinas de formação geral sobre as disciplinas de formação profissional, com ênfase, portanto, na cultura geral.

No Artigo 30, falava sobre a habilitação dos alunos às séries seguintes: “A habilitação dos alunos, para a promoção à série imediata, ou conclusão de curso, dependerá, em cada disciplina, de uma nota anual de exercícios, da nota obtida em prova parcial e das notas do exame final. E no parágrafo único, do Artigo 30, determinava que “As notas serão expressas em escala de zero a cem.”

Como cita Saviani (2009) “universalizar a instrução elementar conduziu à organização dos sistemas nacionais de ensino,” que exigiu a formação de professores para atuar aí, na reforma estrutural do Estado. O ensino constituía-se em valores cívicos, sociais, dogmáticos e religiosos. (ARAÚJO; FREITAS; LOPES, 2017).

Nessa época havia um interesse relativo por instruir uma elite da pirâmide social, em que às meninas era reservado um pretensório ensino, cujo objetivo era o preparo para uma boa esposa e mãe de família, bela, recatada e do lar.

Existia um pálido interesse governamental em instruir “o povo” em suas “primeiras letras”, com distinção de gênero. Assim foi essa época passada. (BEZERRA, 2015; LEMIECHEK, 2014; MOURA, 2014; MARINHO, 2008; ORTIZ, 2014; SAVIANI, 1989, 1991, 2009, 2010; SIMÕES, 2014). Le Goff (1990, p.163) coloca que “O passado é uma construção e uma reinterpretação constante.” Diante desses autores a compreensão é de um certo descaso com o ensino público.

Martins (2016) expõe em sua pesquisa que entre as apropriações e mudanças decorrentes da Lei Orgânica do Ensino Normal, que disseminou representações e práticas, houve resistência, na qual os atores através de diferentes táticas ressignificaram essas práticas sugeridas ou dispostas em lei, diante de seu status, sua grandeza cultural e educacional, promotora de modernidade.

Esses locais de memória agiram também como vetor de mudanças sociais, em uma educação conservadora entre rituais e símbolos sagrados, dispostos pelas congregações que forneciam esse ensino, formavam profissionais, as moças das

classes mais abastadas pagantes e as estudantes bolsistas, que muitas vezes pagavam com o próprio trabalho o estudo nessas instituições, mesmo em classes muito diversas, essas professoras foram expoentes da educação em suas comunidades. (ORTIZ, 2014).

Como cita Marinho (2008, p. 172), essas meninas moças estavam sendo preparadas para serem “mães, criarem filhos fortes e sadios, os brasileiros de amanhã, comprometidos com o futuro da nação.” Cumprindo assim com o papel da mulher da época.

A Escola Normal, uma escola particular, cristã era organizada em uma instituição com instalações amplas, edificação imponente, reservada da curiosidade da vida “lá fora”; instituição, na qual meninas moças iniciam seus estudos na formação de seus conhecimentos para atuar na sociedade como boas esposas, preparando-se para “o casamento” e para o ofício de professora.

Fechadas, entre muros, em uma educação, no caso de Dom Pedrito e outras tantas – católica, formadora de elites intelectuais, na qual, a partir de uma educação conservadora a Escola Normal cumpria com o papel da formação da mulher da época, que era organizar, cuidar, educar. (MARINHO, 2008).

Em vários municípios foram construídos escolas como expoentes do ensino, muitas em locais onde não tinha qualquer estrutura de moradia, transporte ou mesmo higiene – carentes e em desenvolvimento. Azevedo e Stamatto (2012, p. 32) colocam que: “Os prédios escolares fizeram parte da produção da leitura da modernidade e do progresso feita pelas elites locais e se transformaram em um dos alvos prediletos para a difusão do ideário republicano.”

Ortiz (2014) coloca que a educação ministrada nas escolas normais era pautada em disciplina, bom comportamento, obediência, preceitos morais e valores “da instituição religiosa.”

Frago e Escolano (2001, p. 47) dizem que “[...] a escola, em suas diferentes concretizações, é um produto de cada tempo, e suas formas construtivas são, além dos suportes da memória coletiva cultural, a expressão simbólica dos valores dominantes nas diferentes épocas”.

Na LOEN, quando trata da admissão ao curso de qualquer dos ciclos do ensino normal, em seu Art. 20, 21, cita as exigências aos candidatos:

CAPÍTULO III
DOS ALUNOS E DA ADMISSÃO AOS CURSOS

Art. 20. Para admissão ao curso de qualquer dos ciclos de ensino normal, serão exigidas do candidato as seguintes condições;

- a) qualidade de brasileiro;
- b) sanidade física e mental;
- c) ausência de defeito físico ou distúrbio funcional que contraindique o exercício da função docente;
- d) bom comportamento social;
- e) habilitação nos exames de admissão.

Art. 21. Para inscrição nos exames de admissão ao curso de primeiro ciclo será exigida do candidato prova de conclusão dos estudos primários e idade mínima de treze anos; para inscrição aos de segundo ciclo, certificado de conclusão de primeiro ciclo ou certificado do curso ginasial, e idade mínima de quinze anos. (BRASIL, 1946).

Nesta lei de 1946¹², ocorrem modificação nas percepções sociais de modo tímido, identifica-se a concepção social da época, da qual se percebe uma escola voltada não para todos, mas para aqueles que conseguissem cumprir com as regras necessárias para acessá-la, como ter condições financeiras suficientes para arcar com os custos desse ensino, que estava em franca ascensão, para prover as vagas das escolas de ensino básico, que estavam sendo criadas, incentivadas pelo Estado. Uma necessidade da Pátria.

Mesmo buscando o aumento das vagas no ensino básico, o país ainda agia como uma colônia rural, como se dependesse apenas da força braçal, por isso saber e escrever era um luxo desnecessário. Essa visão acompanhou a Primeira República (1889-1930), também conhecida como República Velha e perdurou na educação do Brasil por longa data. Exemplo disso é que a exigência de exames de admissão, perpassa a LDB 4.024/61 perdurando até 1971 (LDB 5.692/71). Só com os movimentos populares, de mobilização sindical nos anos de 1960 é que se instituiu mudanças, mas eram propostas que se constituíam em cópias mal elaboradas do sistema de ensino estadunidense.

Sobre o currículo, o Curso de Formação de Professores Primários, disposto em 3 séries anuais (podendo ser feito, também, em dois anos de estudos intensivos), continha:

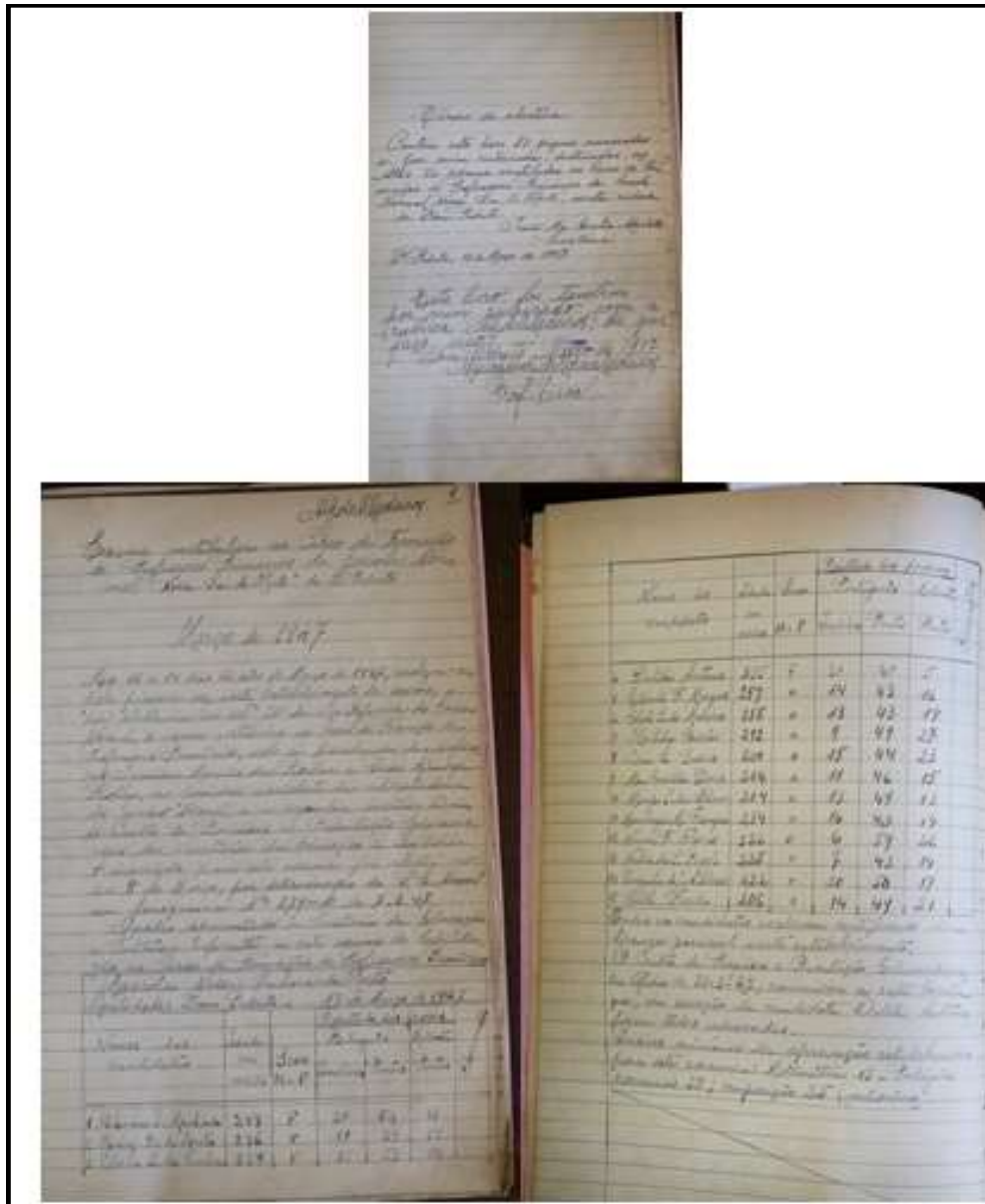
¹² De acordo com a Lei Orgânica do Ensino Normal (Lei n. 8.530/1946), o ensino normal era composto de dois ciclos. O primeiro formaria regentes para o ensino primário, em quatro anos, e o segundo, formaria professores primários, em três anos (salvo no período em que houve curso intensivo de dois anos). Este último estaria articulado ao ciclo ginasial e seria equivalente ao segundo grau (colegial), dando acesso aos cursos superiores de Filosofia. A partir de 1961, a Lei de Diretrizes e Bases equiparou todos os cursos secundários, o que permitiu que as normalistas tivessem acesso a outros cursos do ensino superior.

Primeira série : 1) Português. 2) Matemática. 3) Física e química. 4) Anatomia e fisiologia humanas. 5) Música e canto. 6) Desenho e artes aplicadas. 7) Educação física, recreação, e jogos.

Segunda série: 1) Biologia educacional. 2) Psicologia educacional. 3) Higiene e educação sanitária. 4) Metodologia do ensino primário. 5) Desenho e artes aplicadas. 6) Música e canto. 7) Educação física, recreação e jogos.

Terceira série: 1) Psicologia educacional. 2) Sociologia educacional. 3) História e filosofia da educação. 4) Higiene e puericultura. 5) Metodologia do ensino primário. 6) Desenho e artes aplicadas. 7) Música e canto, 8) Prática do ensino. 9) Educação física, recreação e jogos.

Figura 3 - Ata do 1.º Exame de Admissão ao Curso de Formação de Professores Primários da Escola Normal Nossa Senhora do Horto/Dom Pedrito/RS – 1947



Fonte: Autora (2020)

A Figura 3, mostra o registro do Livro de Atas do Exame Vestibular ao Curso de Professores Primários da Escola Nossa Senhora do Horto de Dom Pedrito, Rio Grande do Sul, assinado pela Secretária Irmã Maria Amélia Marletto, em 10 de março de 1947, sob a guarda do Arquivo da Escola, espaço muito bem organizado, atualmente, sob a Coordenação da Professora Cleusa Portilho, responsável também pela Biblioteca da Escola, Biblioteca *Hortus Conclusus*, de 1931, registrado no Instituto Nacional do Livro, número 1286, Centro de Pesquisa e Orientação Educacional, número 89. Em 1969 foi criada na escola também, a Biblioteca Infantil Walt Disney.

A organizadora do Arquivo da Escola esclarece, que os documentos antigamente eram acondicionados na biblioteca e de lá eram descartados, na década de 1980 ocorreu uma inundação no local onde estavam guardados os documentos da instituição, em suas palavras *“Um sinistro encheu o arquivo de água”*, ocasião em que foram perdidos muitos registros históricos. As fichas de matrícula da época, que elucidariam o valor, por exemplo, que era pago por uma estudante do Curso Normal, não estavam disponíveis.

No Livro de Registro de Atas dos Exames de Admissão ao Curso de Formação de Professores Primários da Escola Normal Nossa Senhora do Horto/Dom Pedrito/RS, Figura 3, acima, 15 estudantes, com idades entre 16 e 20 anos, prestaram o Exame Vestibular, sendo 1 aluna reprovada nessa ocasião.

O Exame esteve sob a fiscalização da Assistente da Superintendência do Ensino Normal e da Auxiliar Técnica do Centro de Pesquisa e Orientação Educacional da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do RS. Todas as estudantes eram do sexo feminino, tinham o Certificado de Licença Ginásial da própria Escola Nossa Senhora do Horto.

A Professora Ana (2020), que prestou o 1.º Exame de Admissão ao Curso de Formação de Professores Primários, da Escola Normal Nossa Senhora do Horto, concluído o Curso Normal em 1949, uma das contribuintes desta pesquisa, década de 1940-1950, esclarece que neste exame eram duas provas: Matemática e Português, mas a prova de Português, Prova Objetiva de Linguagem, constava de texto, exercícios e composição sobre um título que era proposto na hora da realização do exame. Dos exercícios e da redação era atribuída uma nota, feita a média e as estudantes tinham que atingir os índices mínimos para a aprovação.

Figura 4 - Livro de Registro das Médias Finais por Disciplinas e da Média Final dos Diplomas, registro de 4 estudantes, primeiras formandas do Curso Normal no Horto

The image shows two pages from a handwritten record book. The top page is a title page with the heading "Curso Normal" and a date "1949". The bottom page is a table with columns for student names and various subjects, with numerical scores and averages written in blue ink.

Nome da Aluna	1º Ano	2º Ano	3º Ano	Média Final
Ceny Terezinha Oliveira	70	75	78	74,3
[Other student names]	[Scores]	[Scores]	[Scores]	[Averages]

Fonte: Autora (2020)

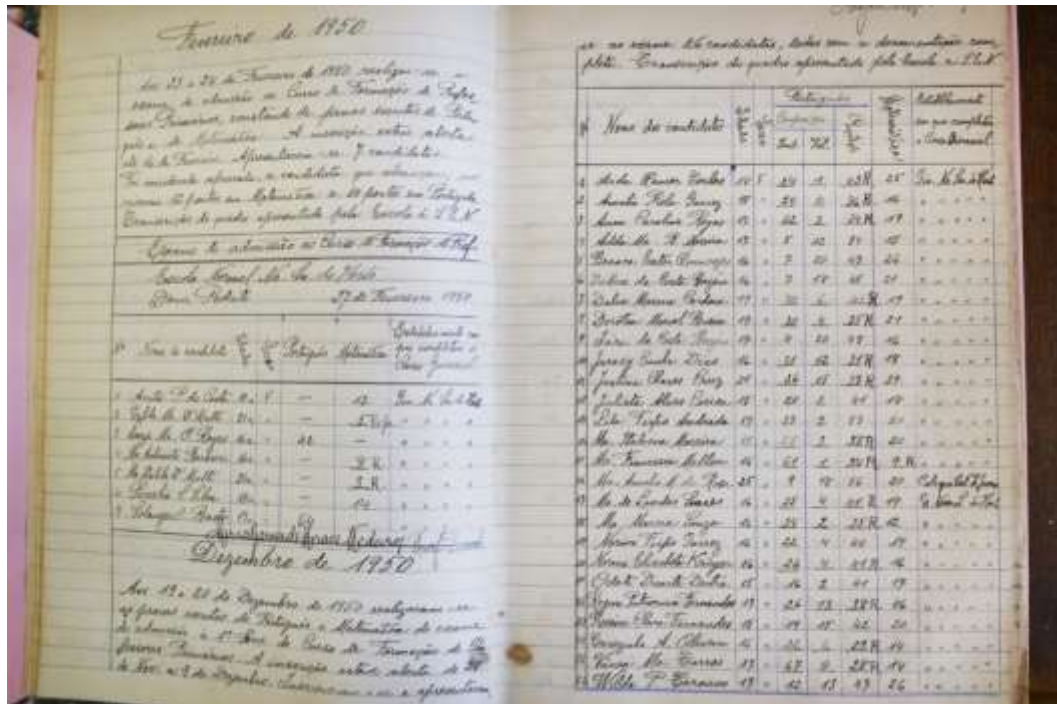
A Figura 4, mostra uma página do Livro de Registro das Médias Finais por Disciplinas e da Média Final dos Diplomas, do Curso de Formação de Professoras Primárias, da Escola Normal Nossa Senhora do Horto, datado do ano de 1949, registro de 4 estudantes, primeiras formandas do Curso Normal no Horto.

Observa-se que o livro em um caderno pautado simples, à esquerda da imagem constam as 19 disciplinas constantes do currículo de 1947 a 1955, dos primeiros, segundos e terceiros anos do Curso, os nomes das matérias. Nas colunas ao lado está descrito as médias finais das séries e a média final para o Diploma expedido em 1949. Existia, como pode se observar nas anotações, uma classificação, do total de pontos de cada aluna, cuja média indicava sua posição dentre os pontos computados. Nesta página, a aluna Ceny Terezinha Oliveira

Royes, atingiu o 6.º lugar do ranking estabelecido naquele 1º ano de existência do Curso Normal.

Das quatro estudantes descritas, acima, a menor média foi 66, em Matemática, disciplina da 1.ª série do Curso Normal; e, a maior média 99, em História e Filosofia da Educação, disciplina da 3.ª série do Curso de Formação de Professoras Primárias. O 1.º lugar coube nesse ano à aluna Solange Vargas de Souza, cujo total de pontos lhe atribuiu um índice de 95,35 de média. A média mais baixa dessa aluna foi 86 em Anatomia e Fisiologia Humanas, disciplina da 1.ª série do Curso.

Figura 5 - Ata Exames de Admissão ao Curso de Formação de Professores Primários da Escola Normal Nossa Senhora do Horto/Dom Pedrito/RS - 1950



Fonte: Autora (2020)

Na Figura 5, observa-se a imagem do Livro de Ata Exames de Admissão ao Curso de Formação de Professores Primários da Escola Normal Nossa Senhora do Horto/Dom Pedrito/RS, estão expostos dois Exames de Admissão ao Curso de Professores Primários, Curso Normal, na Escola Normal Nossa Senhora do Horto, nos meses de fevereiro e dezembro de 1950.

Por norma todas as estudantes tinham que apresentar documentação e realizar a prova de qualidade brasileira, conforme o Art. 20 da LOEN: “a) qualidade de brasileiro; b) sanidade física e mental; c) ausência de defeito físico ou distúrbio funcional que contraindique o exercício da função docente; d) bom comportamento social; e) habilitação nos exames de admissão.” (BRASIL, 1946).

Em fevereiro de 1950, nos dias 23 e 24, 7 alunas, todas advindas da própria instituição, com idades entre 16 e 21 anos, realizaram o exame de Português e Matemática, sendo 3 reprovadas.

Em dezembro de 1950, nos dias 19 e 20, 26 candidatas se apresentaram para realizar o Exame de Admissão, todas do sexo feminino, com idades entre 15 e 25 anos, sendo uma única aluna oriunda de outra escola. Do exame resultou a reprovação de 15 candidatas dentre as 26, demonstrando o alto grau de dificuldade das provas ou a pouca preparação das estudantes.

A partir da década de 1950 ocorreu uma expansão do ensino normal. Braga e Mazzeu (2017, p. 26), colocam as taxas de analfabetismo no Brasil, no período de 1940 a 1970: 1940 (56,1%); 1950 (50,5%); 1960 (39,7%) e 1970 (33,7%). Identificando avanços significativos no enfrentamento dessa mazela do sistema de ensino brasileiro, que nos assombra até os dias atuais.

Simões (2014) expõe que a gênese da Escola Normal, primeiro se deu de forma descontínua, só se fortalecendo nos anos de 1950 e 1960, como único espaço formador de professores qualificados para atuar no ensino primário, em caráter terminal e profissionalizante, em uma época em que o acesso ao ensino superior das normalistas era limitado a alguns cursos da faculdade de Filosofia.

Tanuri (2000, p. 77) coloca que a grande maioria dos estados tomou a Lei (LOEN) como “modelo para reorganização de suas escolas normais, o que contribuiu para que se consolidasse em todo o país um padrão semelhante de formação, ainda que diversificado em dois níveis de escolas.” A autora coloca, que esta lei, a LOEN, no entanto, consagrou um padrão que já vinha sendo adotado nas escolas normais do país. Aumentou o acesso ao ensino, mas não houve a preocupação com a qualidade da educação desenvolvida.

Andreotti (2006, p. 103), esclarece que “de 1945 até 1961, período identificado como a segunda fase de industrialização e de ajuste do país ao desenvolvimento econômico mundial, assiste-se a uma ampla discussão sobre a necessidade de se criar uma legislação nacional com diretrizes para todos os graus ou áreas de ensino”, discussão que depois de 13 anos, converteu-se na primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação, promulgada em 1961, Lei n.º 4.024 de 20/12/1961, que passou a dar autonomia aos Estados da Federação quanto às disciplinas ministradas no ensino médio. A LDB 4.024/1961, em seu Art. 27, expõe que:

O ensino primário é obrigatório a partir dos sete anos e só será ministrado na língua nacional. Para os que o iniciarem depois dessa idade poderão ser formadas classes especiais ou cursos supletivos correspondentes ao seu nível de desenvolvimento. (BRASIL, 1961).

Inserindo a obrigatoriedade, a língua nacional, e, a preocupação com “a educação especial” e os “cursos supletivos”, para aqueles que não apresentavam nível de desenvolvimento “padrão”. O ingresso na primeira série do 1º ciclo dos cursos de ensino médio dependia de aprovação em exame de admissão.

Em seu Art. 34, dispunha que “O ensino médio será ministrado em dois ciclos, o ginasial e o colegial, e abrangerá, entre outros, os cursos secundários, técnicos e de formação de professores para o ensino primário e pré-primário.” Em seu Art. 35, colocava que “Em cada ciclo haverá disciplinas e práticas educativas, obrigatórias e optativas.” A Lei preconizava:

Art. 53. A formação de docentes para o ensino primário far-se-á:

- a) em escola normal de grau ginasial no mínimo de quatro séries anuais onde além das disciplinas obrigatórias do curso secundário ginasial será ministrada preparação pedagógica;
- b) em escola normal de grau colegial, de três séries anuais, no mínimo, em prosseguimento ao vetado grau ginasial.

Art. 54. As escolas normais, de grau ginasial expedirão o diploma de regente de ensino primário, e, as de grau colegial, o de professor primário. (BRASIL, 1961).

Essa lei equiparou os cursos técnicos e o Curso Normal ao então ensino médio, se cumprisse com as exigências da legislação, que fornecia maior liberdade aos Estados, buscando favorecer a expansão educacional diante de um triste quadro de analfabetismo do país. Simões (2014, p. 46), diante dos dados das taxas de analfabetismo no censo, considera que “apesar do Estado não ter eliminado o mal do analfabetismo no Brasil até o ano de 1970, deve-se entender que os dados revelam significativos avanços no combate do mesmo”.

Os processos de urbanização, imigração e desenvolvimento nacional proporcionaram alguns parcos avanços na educação. A autora expõe em seu estudo, cujo recorte temporal era de 1930 a 1973, que o corpo docente da sua instituição pesquisada se baseava em “profissionais que tinham uma ligação política com a situação partidária do governo do estado e conseqüentemente, estes nem sempre tinham formação específica para atuar e ocupar o cargo de professor”. (SIMÕES, 2014, p. 131).

Nesse período e mais a frente era exercido pelos políticos, uma certa cortesia na distribuição das vagas a esses professores, no exercício do poder constituído, as autoridades locais decidiam quem exerceria o magistério e estes profissionais, por sua vez, eram-lhes muito agradecidos.

Louzada (2018, p.113) coloca que até o golpe militar de 1964, o Governo do Estado do Rio Grande do Sul (RS) viveu uma alternância em seu poder entre os partidos Trabalhista Brasileiro, o PTB, e Social Democrático, o PSD, ambos criados

sob a inspiração de Vargas ideais de trabalhismo e desenvolvimento do processo educativo da nação.

Nos moldes de Getúlio, Brizola, com a participação popular imprimi uma política de incentivo a educação, Madeira (2010, p. 67) expõe que ele acabou com a falta crônica de vagas, quando Prefeito de Porto Alegre, “brotam escolas em pátios de quartéis e em trechos ociosos de ruas, algumas daquelas até hoje em funcionamento.”

Louzada (2018, p. 116), prepondera que “Para o homem público Leonel Brizola, a educação era o único caminho para a emancipação humana, tanto assim que seu governo tinha como lema Nenhuma criança sem escola no Rio Grande do Sul”.

A autora expõe (2018, p. 119), as adversidades educacionais advindas da incompetência dos governos anteriores, “além da falta de vagas nas escolas primárias, do alto índice de analfabetismo e da intensa evasão escolar ainda na infância, destacava-se a questão da existência de poucos professores contratados para assumir a docência estadual.”

As políticas educacionais de expansão das escolas primárias, da década 1960, no RS “[...] interferiram diretamente na trajetória docente das professoras recém formadas e na sua opção pelo exercício do magistério estadual.” Época em que os contratos eram muito utilizados. (LOUZADA, 2018, p. 10).

Em 1959, o Rio Grande do Sul apresentava “um déficit escolar de 284.652 matrículas.” O que fez com que Brizola reestruturasse os departamentos da educação e através de uma política de contratação criasse 23 mil vagas de professores até o ano de 1962. Essas professoras iam atuar em escolas construídas no Estado no Programa de Expansão Descentralizada do Ensino Primário. Prédios que ficaram conhecidos como “Brizoletas”¹³.

Recém formadas nas escolas normais do Rio Grande do Sul, após o término de seus estágios, no Curso Normal, muitas professoras entraram no mundo do trabalho como contratadas nessas ações do governo gaúcho. Contratadas por período letivo, a cada ano, renovava-se o contrato.

¹³ As escolas tinham características próprias. Eram construídas em madeira e, no geral, tinham uma ou duas salas de aula e se popularizaram como as escolinhas do Brizola, ou as Brizoletas. [...] Os prédios escolares eram construídos às margens das estradas ou voltados para a rua, em vales e picadas, eram edifícios simples e modestos (MADEIRA, 2010 p. 68 *apud* LOUZADA, 2018, p. 120). Nessas escolas, as normalistas recém contratadas assumiam turmas multisseriadas.

Na função de professoras contratadas tinham remuneração menor que as professoras nomeadas e não tinham direitos como licença-prêmio, ficavam por períodos longos para receber seus salários, como coloca uma das entrevistadas de Louzada (2018, p. 122) “não sei as outras, mas eu fiquei um ano sem receber”. “Sem mostrar indignação com a situação”, como pontua Louzada, (2018, p. 225), outra de suas entrevistadas, em um sentimento de apreço pela atitude do governador relembra que Brizola foi o único governador que, mesmo deixando de pagar 9 meses de salário, quando pagou, pagou também o mês de dezembro.

Fica claro na fala das entrevistadas que, apesar das adversidades estavam “agradecidas” ao governante por poder fazer parte do mundo do trabalho em uma época em que, para a mulher, isso era escasso. No estudo de Louzada (2018, p. 200), o lema, de uma turma de formandas, em 1960, descreve o pensamento dessas trabalhadoras na época: “Tudo para a criança e a criança para Deus”.

Tabela 1 - Frequência de formandas, as Normalistas da Escola Normal Nossa Senhora do Horto, em Dom Pedrito/RS, período de 1947 a 1971/75

(continua)

Ano	Número de alunas formandas
1949	14
1950	19
1951	22
1952	27
1953	25
1954	22
1955	17
1956	22
1957	26
1958	26
1959	30
1961	26
1962	23
1963	23+23=46
1964	34
1965	33+29=62
1966	21+16=37
1967	21+26=37

Tabela 1 - Frequência de formandas, as Normalistas da Escola Normal Nossa Senhora do Horto, em Dom Pedrito/RS, período de 1947 a 1971/75

(conclusão)

1968	31+27=58
1969	75
1970	24
1971	22+17= 39
1972	36
1973	18+19=37
1974	21+21=42
1975	28
Total	854

Fonte: Autora (2020)

A Escola Normal Nossa Senhora do Horto, foi a única escola no município de Dom Pedrito/RS, responsável por formar inúmeros profissionais em seus cursos de formação de professores, que funcionaram de 1930 a 1997, quando o curso gratuito do Magistério do Instituto Estadual Bernardino Ângelo começou a fazer frente aos altos custos do Curso de Magistério desta escola particular, católica. O Curso do Magistério do Bernardino Ângelo formou a primeira turma de Professoras de 1.^a a 4.^a séries, no ano de 1997.

Foram sessenta e sete anos do Horto dedicados à formação de professoras, os quais atuaram e ainda atuam nas classes do ensino público e privado no município refletindo muito do que foi vivido, experienciado e aprendido nessa instituição de ensino formadora de profissionais da educação, dos quais 28 anos foi dedicado ao Curso Normal.

A Tabela 1, Frequência de formandas, as Normalistas da Escola Normal Nossa Senhora do Horto, em Dom Pedrito/RS, período de 1947 a 1975, acima, foi construída a partir de dados tendo como fontes Abatti (1986) e o Livro “Concluintes”, dos cursos de formação de professores fornecido acesso pela Secretaria da Escola. Em 28 anos de existência do Curso Normal, formador das normalistas, em Dom Pedrito, 854 formandas frequentaram esse curso, que existiu desde o segundo semestre de 1946 indo até o mês de dezembro do ano de 1975, com 28 alunas sendo formadas, nesse último ano.

Como podemos observar, o ano de 1960 não teve formandas, pois o Curso Normal passou por uma adequação devido a nova legislação, exigida no Regulamento do Ensino Normal do Rio Grande do Sul (Anexo G), passando a ser em 3 anos e meio, onde o estágio, deixou de ser nas 2^{as} e 3^{as} séries e passou a ser no último semestre do curso, depois da terceira série de estudos no Curso Normal. Nesse período as Escolas Normais estavam em diversas cidades do Estado, formando as Normalistas.

Frago (2011 *apud* Louzada, 2018, p. 127) destaca que “no centro da ligação entre a memória e o patrimônio está a instituição educacional, foco de transmissão do saber e do conhecimento de um grupo social, onde é construída, através do tempo e dos espaços de interação, a história dos sujeitos que fazem parte daquele educandário.” Assim, possivelmente, sentia-se a normalista, que tinha em sua memória o respeito e a consideração pela instituição que lhe deu o sentido de identidade e de pertencimento estavam presentes em sua atuação docente.

Observa-se na Tabela 1, que em alguns anos houve duas formaturas na Escola Normal do Horto de Dom Pedrito, uma em julho e outra em dezembro, onde os dados foram somados, resultando o número total anual de formandas; em todos os anos, o Curso foi muito bem frequentado. As Irmãs mantinham o Curso dentro da legislação e eram amparadas pelo Sindicato dos Estabelecimentos Particulares de Ensino do Rio Grande do Sul (Anexo H).

O ano de 1969 fica em destaque com 79 formandas, sabendo-se hoje, que em 1971 viria nova legislação (BRASIL, 1971), que substituiu o Curso Normal pelo Curso de Magistério, a clientela para formação de professoras mantinha-se no Horto.

Os anos de 1960 a 1970 foram conturbados, no cenário político brasileiro, o Presidente João Goulart assumiu o cargo em 7 de setembro de 1961 e ficou no governo até 2 de abril de 1964, época em que a Ditadura Civil-Militar se instalou no Brasil (perdurando até 15 de março de 1985, quando tomou posse, como Presidente, o então vice-presidente eleito José Sarney, que assumiu interinamente o comando do país, devido a internação hospitalar do Presidente eleito Tancredo Neves, que veio a falecer em 21 de abril).

Não foi encontrado dentre os registros, na escola, documentos que remetessem a esse momento, mas as fontes orais, em seus depoimentos indicam que a instituição esteve fechada por uma semana em abril de 1964 e no retorno não

lhes foi permitido nenhum tipo de comentário sobre o cenário político brasileiro, a Professora Dulce (2020), lembra: *“Quando surgiu isso aí, primeiro fechou a escola né, fechou acho que uma semana, sabe, mas era, o comentário era muito oculto, assim sabe, não era... E não deixava a gente questionar, a gente não tinha liberdade de questionar, não tinha.”* Relatos deste estudo indicam que a Escola Normal mantinha uma estreita ligação com o 14.º Regimento de Cavalaria do município, pois muitas estudantes filhas de militares estavam matriculadas em seus bancos escolares. Em várias oportunidades autoridades militares visitaram a instituição.

A década de 1960, para 1970, foi um período caracterizado, pela falta de democracia, por supressão de direitos constitucionais, pela censura, pela perseguição política e pela repressão aos que eram contra ao regime civil-militar, mas na Escola Normal, formadora de professores, não havia menção dentro de seus muros a esses acontecimentos.

Por todo o período do Curso Normal, na Escola Nossa Senhora do Horto, uma escola particular, católica, existiu o sistema de Internato, onde, inicialmente, as alunas saíam da escola, apenas uma vez no mês, no domingo, as famílias vinham buscar às 8 horas e às 18 horas deveriam estar de volta. As atividades eram variadas e o culto religioso era exigido. Como nos esclarece, as professoras entrevistadas, que frequentaram o Curso Normal nessa escola.

Por depoimentos colhidos em entrevistas com alunas do Curso Normal, na escola era exigido obediência e ordem, muita leitura, atividades manuais, as sabatinas (provas, avaliações) e as “tomadas de lições”, (os pontos decorados) eram constantes. Assim contou a Professora Ana (2020), uma das estudantes entrevistadas (do período da década de 1940-1950), do Curso Normal. Existiam também as bolsas de estudo para alunas que não podiam pagar as mensalidades e que em troca prestavam serviços à escola, e, outras bolsas que o Estado ou a prefeitura de Dom Pedrito arcava com as mensalidades.

Na década de 1950 para 1960 o Estado contratava, com a expansão do ensino primário, através das Delegacias Educacionais de Ensinos, essas jovens professoras e as encaminhava às escolas recém construídas no interior do RS, muitas vezes deixando seus familiares, essas profissionais adentravam o mundo do trabalho docente, na ânsia das remoções, esperando a possibilidades de retornarem aos seus municípios de origem e lá continuarem seu trabalho.

Figura 6 - Atuação de uma normalista da Escola Normal do Horto, ano de 1959



Fonte: Autora (2020)

A Figura 6, uma fotografia do Acervo da Família Fontoura, mostra a atuação de uma normalista da Escola Normal Nossa Senhora do Horto, no ano de 1959, no Grupo Escolar Bernardino Ângelo, em Dom Pedrito, uma turma de alunos da 4º ano primário, com 30 alunos. A Professora, Normalista, está ao centro, com um jaleco branco, com as insígnias “GB”, a meninice da professora, em tão tenra idade, confunde-se no meio de tantos estudantes.

A fotografia foi oferecida para fazer parte da pesquisa, pois era uma recordação muito feliz para os familiares de um dos estudantes, já falecido, que admirava sobremaneira a professora da foto, que lhe havia alfabetizado nesse período. No fundo da foto, percebe-se vários rostos de estudantes curiosos, a espionar por entre os vidros da janela da escola, a turma que se organizava para o registro solicitado por uma mãe de aluno.

Formadas pelos preceitos cristãos, com base na ordem e na disciplina, as normalistas logo assumiam uma função no ensino público, em expansão. No livro organizado pelo historiador José Edimar de Souza, intitulado “Escola no Rio Grande do Sul 1889-1950: ensino, cultura e práticas escolares” (2020), os autores Brito e Silva, esclarecem que ocorria uma disputa entre o ensino público e privado desenvolvido pela Igreja Católica, no Rio Grande do Sul, cujo “Estado assumia para si o ensino primário, ficando a cargo da Igreja o ensino secundário”. (SOUZA, 2020, p. 453). Em Dom Pedrito, interior do RS, a Escola Normal Nossa Senhora do Horto era

responsável pela formação docente, a fim de suprir a carência de profissionais dos quais a região necessitava naquele período.

Um período de expansão do ensino demonstrado nos estudos de Louzada (2018), pesquisando o período de 1959 a 1963, ocasião em que o Estado do Rio Grande do Sul, construiu mais de 2000 escolas e abriu mais de 23 mil vagas de professores buscando expandir o ensino no Estado. Em ações como compra de vagas nas escolas particulares, e, cedência de professores em troca de bolsas, o governo do RS na época impulsionou o ensino primário e secundário.

Quadros (2003, p. 50 *apud* LOUZADA, 2018, p. 117), coloca o contexto educacional da ação de Brizola entre os anos de 1959 a 1963: um “[...] contexto educacional de precariedade, seletividade e insuficiência, com altos índices de evasão e repetência, com um magistério pouco qualificado, com poucos recursos materiais e insuficiente número de prédios escolares.” As Normalistas, muitas vezes, como ficou comprovado nas narrativas da pesquisa de Louzada (2018), não recebiam os valores devidos pela atuação nesses contratos, ou passavam até um ano para receber, fato que é descrito pela pesquisadora, em sua tese.

Não existia, até onde se sabe, nenhum compromisso com a qualidade do ensino ministrado nesses espaços ou com a segurança do trabalho, ou condições de trabalho, propriamente dito, ou aporte de manutenção. Podemos até observar na pesquisa de Louzada, nas narrativas que as Professoras, ainda meninas recém-formadas, eram “aproveitadas” pelo sistema. Os “números” demonstravam o “sucesso” do Plano Estatal de Governo e popularizavam o nome do Governador. As Normalistas estavam “satisfeitas” com o início em uma profissão, um emprego, um trabalho – sinônimo de dignidade de todo cidadão. Fato é que as ações nesse período foram uma revolução no ensino gaúcho. Brizola, estava ao mesmo tempo criando “espaços” eleitorais.

Oliveira (2002, p. 53 *apud* GIACOMONI; TEIXEIRA, 2019, p. 69) explica que com a pretensão de aliar eficiência ao mundo do trabalho, em busca do alinhamento do país a uma ordem mundial calcada no desenvolvimento associado ao capital internacional, mais explicitamente, ao norte-americano, o governo na época da Ditadura Civil-Militar (período ocorrido entre 2 de abril de 1964 a 15 de janeiro de 1985, com a eleição indireta do Presidente Tancredo Neves), buscando a tecnização exigiu: disciplinarização, normatização, rendimento e suposta eficácia pedagógica dos professores de sua rede de ensino público.

Isso foi em todo o ensino, Betti (1991 *apud* GIACOMONI; TEIXEIRA, 2019, p. 70) coloca que “a Educação Física nas escolas, por exemplo, foi utilizada como instrumento para apoiar a ditadura civil-militar, buscando nos exercícios físicos e nos esportes contribuições para formação de jovens fortes e a constituição de um exército saudável.” Nas escolas Normais havia o incentivo aos campeonatos esportivos.

Para Cunha (2008, p. 126), “Os documentos que permanecem nos acervos pessoais são aqueles que resistiram ao tempo, à censura de seus titulares e a triagem das famílias.” Em muitos trabalhos de pesquisa consultados demonstram imagens de fotografias em que, orgulhosamente, as normalistas apresentam seus times troféus e flâmulas.

O período de Ditadura Civil-Militar compactuou e incentivou o ensino dado nas escolas normais, pois os princípios rígidos formativos estavam adequados ao momento. Inácio (2017, p. 87) afirma que a “Cidadania aprendida e praticada pelos brasileiros” era “centralizada no Estado e por ele vigiada.” Apesar de terem sido criadas várias escolas técnicas no país até 1971, e Escolas Normais Públicas, o Estado dispunha do financiamento de bolsas de estudo que eram distribuídas nas localidades onde funcionavam essas escolas particulares, que mesmo com a nova legislação de 1971, continuaram por mais tempo abarcando esse ensino.

As práticas escolares desenvolvidas pelas normalistas em suas escolas, continuaram, por esse período histórico, 1946 a 1971, inspiradas no ensino tradicional. Uma prática pautada na exposição oral por parte do professor, preocupação com a memorização e repetição dos conteúdos, a base do processo didático é dedutivo, o ensino vai do abstrato ao concreto, do geral para o particular. Não há lugar para o aluno atuar, agir ou reagir de forma individual. O criar e o construir inexistem.

Com exceções, resguardada as proporções, a preocupação destas professoras, no ensino de crianças, que deveria ser até os 10, 11anos de idade, mas que na prática, muitas vezes abarcava idades acima disto, foi com: - o ensinar para que o sujeito soubesse tão somente ler o que lhe foi destinado a ler; e, escrever, de preferência, tal e qual o que lhe foi indicado para escrever.

A Escola Normal foi ampliada ao longo desse período para todas as escolas públicas do país. As mudanças propostas em relação ao ensino primário com oito

anos de duração, divididos em dois cursos – elementar e complementar –, proporcionou a criação de grupos escolares¹⁴ e a criação de um curso superior vinculado à Escola Normal, destinado a formar docentes para lecionarem nas escolas normais, bem como no ginásio. (SOUZA, 2020).

Pelos depoimentos colhidos nesta pesquisa, as famílias que conseguiam pagar por este ensino eram muito agradecidas à escola, as que não tinham dinheiro para pagar podiam arranjar alguma bolsa de estudo, com os políticos locais, ou, poderiam pagar seus estudos com o trabalho, como algumas internas faziam.

As fontes orais desta pesquisa perceberam o grande número de vagas criadas na administração do político Leonel Brizola, bem como todos os aspectos citados na pesquisa de Louzada (2018), como os contratos temporários, a falta de pagamento por meses, as instalações precárias nas escolas rurais, as Brizoletas, a dificuldade de voltar para casa, visto que muitas assumiam contratos estaduais em outros municípios, muitas vezes, distantes.

Um aspecto citado foi que algumas normalistas eram impedidas por seus pais ou maridos de assumir vaga de trabalho em outro município, marcando o firme braço do poder patriarcal da sociedade brasileira, gaúcha, pedritense, na época. A Professora Ana (2020) egressa do Horto entre as décadas de 1940 para 1950 e a Professora Dulce (2020) estudante da Escola Normal do Horto entre as décadas de 1960 para 1970 relatam fatos em que colegas deixaram de assumir vaga no magistério porque era fora do município e os familiares não apoiavam tal situação.

Pelos estudos feitos, pode-se dizer, que até o recorte temporal desta pesquisa, a Escola Normal do Horto atuou como fonte instituidora e perpetuadora da cultura social vigente, enquanto instância tradicional de socialização, acompanhando as mudanças nas leis da educação do sistema de ensino brasileiro:

Em decorrência, a Lei n. 5.692/71 (BRASIL, 1971) modificou os ensinos primário e médio, alterando sua denominação respectivamente para primeiro grau e segundo grau. Nessa nova estrutura desapareceram as Escolas Normais. Em seu lugar foi instituída a Habilitação Específica de 2º grau para o exercício do Magistério de 1º grau (HEM). Pelo Parecer n. 349/72 (BRASIL-MEC-CFE, 1972), aprovado em 6 de abril de 1972, a Habilitação Específica do Magistério foi organizada em duas modalidades

¹⁴ Em nível nacional consistia na “reunião de escolas isoladas, com o ensino graduado e classes organizadas segundo o nível de adiantamento dos alunos” (TANURI, 2000, p. 69). No Rio Grande do Sul, “o termo grupo escolar foi utilizado nesse estado inicialmente para designar escolas reunidas de até 200 alunos. Não obstante, a partir de 1939, todos os colégios elementares passaram a ser denominados de grupos escolares”. (SOUZA, 2016, p. 9).

básicas: uma com a duração de três anos (2.200 horas), que habilitaria a lecionar até a 4ª série; e outra com a duração de quatro anos (2.900 horas), habilitando ao Magistério até a 6ª série do 1º grau. (SAVIANI, 1997, p. 8).

Devido as mudanças na legislação a forma tradicional de ensino ministrado nas escolas normais – que surgiram para formar os agentes do ensino primário necessários pela institucionalização da educação, foi desaparecendo, construindo-se uma outra estrutura de formação de professores para atuarem nas séries iniciais das instituições educativas no Brasil.

3.1 O *habitus* constituidor da Escola Normal do Horto e as práticas educativas

Segundo conceitos de Bourdieu (1983, 2007, 2008) o *habitus*, da Escola Normal, esse “espaço plural de múltiplas relações sociais, produtora de valores culturais e referências identitárias [...]” como depreende as ideias da Professora da USP, pesquisadora na área da Sociologia da Educação e Sociologia da Cultura, Doutora Maria da Graça Jacintho Setton (2012), em seu artigo “A teoria do *habitus* em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea” resultante de sua pesquisa sobre modelos de socialização, é instituidor do *ethos*, que insere o cultivo de uma cultura específica, a cultura pedagógica, que resulta de representações, procedimentos e práticas educacionais que consolidam a postura do ser professor e do ser estudante, no desvelamento da articulação do social.

Diante desses conceitos é possível identificar através da análise crítica mecanismos de dominação, da produção de ideias, da gênese das condutas no exercício das práticas escolares no interior das escolas normais.

Na intenção de ajustar o texto ao que postula Le Goff (1990, p. 120-121) quanto a necessidade do exercício científico da historiografia, que “parece ser uma exigência da humanidade de hoje, segundo os diversos tipos de sociedade, cultura, relação com o passado, orientação para o futuro, que ela conhece.” E a função do historiador, como julga o autor: “[...] cabe ao historiador transformar a história (res gestae) de fardo – como dizia Hegel – numa historia rerum gestarum que faça do conhecimento do passado um instrumento de libertação.” Ou seja, o ofício na prática do historiador deve inspirar a compreensão histórica.

Bourdieu (1989, p. 39), disse “Para mim, a vida intelectual está mais próxima da vida de artista do que as rotinas de uma existência acadêmica,” discutindo em

torno da configuração do papel e do exercício do intelectual impondo ao pesquisador o uso de todas as armas possíveis para o exercício da crítica reflexiva.

Postulando, para esse exercício, o uso tanto da história, quanto da memória. Essa memória, como descreve Le Goff (1990, p. 411): “onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens.”

A fala, acima, e, a ênfase que o autor dá sobre as questões: saber e poder, objetividade e manipulação do passado insere a responsabilidade do historiador em esclarecer o presente através do passado, tendo em mente que o documento “não é inocente” e sempre “exprime o poder da sociedade do passado sobre a memória e o futuro.” (LE GOFF, 1990, p. 9).

Esses aspectos citados têm que ser levados em conta visto que o processo das práticas escolares nos tempos históricos, que foram praticados na Escola Normal foram refletidos no ensino em todas as instituições escolares, através das normalistas, como profissionais do ensino primário brasileiro.

Gadotti (2005) explica que essa escola, como instituição formal, nasceu da hierarquização e a desigualdade econômica gerada por aqueles que se apoderaram do excedente produzido pela comunidade primitiva. Com a divisão social do trabalho aparece também a desigualdade das educações, uma para os exploradores e outra para os explorados. O autor coloca que os exploradores procuram através dos tempos reproduzir na educação a dominação e a submissão. Impedindo, claramente, que ao aluno, sujeito, seja permitido sua expressão crítica, reflexiva e criativa, condições primordiais para um ensino que promova a plena compreensão dos dispositivos sociais, que se impõem como grilhões à todo aquele que se enxerga como cidadão.

Foi a partir da necessidade de formar pessoas para o ofício de professor, que surgiu a Escola Normal – uma educação voltada para as elites mandatárias da nação. As Escolas Normais, em seus percursos, foram por assim dizer “operadas” pela igreja, que travou uma luta ferrenha pelo direito de comandar o processo educativo, no sistema brasileiro, a partir de 1930, houve o embate entre a igreja católica e os ideais progressistas, escolanovistas, que propunham um ensino livre do dogmatismo religioso, uma escola laica, uma escola que “livrasse o povo da ignorância”.

Não houve feridos nessa guerra, porque o espírito brasileiro, promoveu acordos que favoreceu a permanência por muito tempo, das escolas religiosas, voltadas para a formação de professores para atuarem no ensino básico. De certa forma, contentou ambos os lados, com a igreja católica ainda a frente de grande parte das escolas normais, formadora da elite feminina brasileira.

Nessa época em que o caminho das moças era para a Escola Normal, ser uma normalista representava a conquista de um alto grau de escolaridade, restrito a poucos, representava uma distinção. Como diz Ortiz (2014), as vestes, apresentações, desfiles e outras festividades, além de ensinarem às alunas a serem vistas, ajudam a compor a imagem daquilo que eram as alunas e suas famílias ou mesmo daquilo que pretendiam ser.

Na prática educativa diária exercida na Escola Normal as fontes deste estudo indicam, que nestas escolas, as crianças do primário (assim como as normalistas), dirigiam-se às suas salas de aula em silêncio, em fila, as Irmãs cuidavam os corredores escolares e davam orientações “seguras” de “como dar a aula”, as Normalistas apresentavam suas anotações à sua Mestre, “antes” de adentrar à sala de aula com seus alunos. Martins (2016, p. 201) coloca que existia entre 1947 a 1961, recorte temporal de sua pesquisa, a escassez de professores, muitos eram professores leigos e profissionais liberais e as normalistas atuavam “como monitoras dentro das próprias instituições para pagar o seu estudo.”

Simões (2014, p. 57) explica que nos anos de 1950, 1960, o Brasil, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e o Banco Mundial se aproximaram “[...] e conseqüentemente abriram-se as portas da educação pública brasileira para as influências liberais norte americanas.”

Em uma época marcada por movimentos sociais a favor da renovação da escola pública, que estava em expansão, com a participação ativa das normalistas, professoras do ensino primário no Brasil.

Em entrevista concedida a Louzada (2018, p. 121), que pesquisou a época de 1959 a 1963, uma entrevistada coloca: “Terminávamos o estágio e o próximo passo era o contrato”, era só se inscrever e “entrava” e quando os representantes do Estado queriam, nomeavam essas professoras “[...] dava na cabeça deles, vamos nomear e nomeavam todo mundo.” Situação que a entrevistada considera positiva.

Trazendo pontos em comum entre pesquisas, realizadas em Minas Gerais, Mato Grosso do Sul e no Rio Grande do Sul, aquelas alunas, da Escola Normal,

tinham uma maneira de ser e de se portar única daquela formação. Educadas, obedientes, recatadas.

O que depreende dos fatos descritos por Louzada (2018), no período de 1960, 1970, é que os políticos, nessa época, entendiam a força que poderiam exercer sobre o ofício do Magistério, nomeando, demitindo, transferindo esses profissionais a seu bel prazer, num processo de usurpação. Enquanto que, para os simples civis, dependentes de um emprego a ótica era de “proteção”, de “benção”, de “caridade”. Como conta a Professora Ana (2020), muito agradecida ao político Leonel Brizola, que tinha estreita amizade com autoridades locais do município de Dom Pedrito:

Eu passei num concurso e me mandaram para São Sepé, por três anos eu não podia ir para outra cidade, a Coordenadoria era em Santa Maria, graças a Deus Brizola era amigo da [...] parente da minha mãe, [...] ele conseguiu a transferência para mim vir para Dom Pedrito. Brizola veio visitar [...], aí a [...] falou com ele, no outro dia que ele chegou em Porto Alegre, já mandou a minha transferência e eu segui trabalhando no Horto até me aposentar. (PROFESSORA ANA, 2020).

Era comum na época, uma carta, um bilhete ou um telefonema selar a vida de um professor, independente de ser concursado ou contratado a autoridade política utilizava seu longo braço privilegiado, cujo poder era exercido removendo, demitindo, exonerando, transferindo professores, conforme a conveniência pessoal do representante do povo, uma atitude recorrente no cenário político da república brasileira. As próprias bolsas de estudo do ensino distribuídas entre as escolas particulares do Estado sofriam esse assédio.

Azevedo (1953, p. 134), coloca que “Do ponto de vista cultural e pedagógico, a República foi uma revolução que abortou e que, contentando-se com a mudança do regime, não teve o pensamento ou a decisão de realizar uma transformação radical no sistema de ensino,” que era necessário, mas não ocorreu.

Como cita Teixeira (1956), a escola secundária no Brasil passa a partir da LOEN, Decreto Lei 8.530/46, a perder o caráter elitista de educação clássica, então a escola pública começa a sofrer, mesmo que timidamente, mas em ascensão, uma invasão da classe média, motivo pelo qual a elite busca no ensino particular a “qualidade perdida” com a presença desses, “pretensos ou pretenciosos cidadãos”.

Nessa época, o ensino secundário premiava a classe média, enquanto que a percentagem de filhos das classes mais pobres neste ensino, ainda era pequena, mas crescente.

Na Escola Normal era ministrado um ensino tradicional, centrado no docente e na transmissão de conteúdos, no qual o professor era o protagonista, o centro do conhecimento. Esse ensino, constitui-se em uma metodologia baseada na transmissão e recepção de informações, desconsiderando as experiências prévias dos estudantes, podendo o aluno avançar, apenas até onde o conhecimento fornecido em sala de aula permitisse. Nas avaliações, sabatinas, como eram chamadas as provas, o aluno deveria transcrever as respostas, tal qual o professor havia colocado no texto a ser “decorado”, “memorizado”.

Este tipo de ensino foi a primeira metodologia empregada em ambientes de ensino. Ao aluno era esperado: silêncio, obediência, aceitação, bons costumes, higiene e saúde, valores morais e cristãos, e, respeito. O professor era o dono do saber, as aulas eram expositivas, ao estudante cabia memorizar e repetir o que lhe foi ensinado. Nesse processo de ensino o professor possui maior controle da aula e não é desenvolvido o pensamento crítico dos estudantes; o professor não sabe exatamente o quanto foi aprendido pelos alunos, pois aplica testagens, apenas para medir o conhecimento de seus alunos.

Mesmo o ensino sendo desenvolvido de forma que o estudante atuava como mero expectador, centrado em regras rígidas, em um sistema disciplinador impositivo, as estudantes pesquisadas egressas da Escola Normal do Horto nutrem profundo apreço pela instituição educativa, como externam, abaixo, as Professoras: Bárbara, Normalista formada entre as décadas de 1940 para 1950, Cecília, formanda entre as décadas de 1960 para 1970; Elvira, estudante entre as décadas de 1970 para 1980:

Estudávamos muito, pois o curso era composto por professores maravilhosos, que nos levavam a querer mais. E mesmo porque éramos poucas e nos obrigavam estar sempre com a matéria em dia. Naquele tempo em Dom Pedrito, pouco se falava em sociologia, psicologia e filosofia. Aqueles novos conhecimentos nos encantavam e nos levavam a fazer pesquisas para ir mais adiante. Considerávamos o Horto nosso segundo lar, tal era o ambiente Alegre e seguro que ali reinava. (PROFESSORA BÁRBARA, 2020).

Minhas lembranças assemelham-se a uma Manancial de águas cristalinas, emolduradas nos exemplos de vida e atuação das professoras, Notáveis Mestres da cultura e dos valores, liderando Projetos na dimensão humana e Cristã com dignidade e fé. Destaco a presença evangelizadora das irmãs do Horto, testemunhando, na educação de várias gerações, a grandeza e os valores do Evangelho. (PROFESSORA CECÍLIA, 2020).

Era e é, a melhor escola do município, era particular, mas a gente como pobre tinha que se virar pra pagar, quem quisesse fazer magistério, era o único curso do magistério que existia no município então era muito boa, foi muito bom pra mim o curso todo. [...] Todas as vivências, todas as práticas pedagógicas que a gente vivenciou, todas foram ótimas, então eu procurei levar aquilo pra minha vida profissional, eu aproveitei tudo que eu aprendi lá na minha vida profissional. (PROFESSORA ELVIRA, 2020).

Os depoimentos são de Normalistas formadas em 1949; 1963 e 1975, três representantes dos 28 anos de existência do Curso de Formação de Professores Primários da Escola Normal Nossa Senhora do Horto de Dom Pedrito/RS. Baseado nas memórias apresentadas nos estudos feitos, permite enfatizar o que postula Le Goff (1990, p. 410), “a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando todas pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção.” Independente da filosofia, da ideologia ou da posição social, todos necessitam das memórias para construir e analisar a história.

As memórias, presentes nos estudos citados neste texto descrevem que nesse tipo de ensino era cobrado a “decoreba”, para memorizar os conteúdos que seriam “cobrados na prova” (tal e qual a professora escreveu), para que quantificados dessem uma “média”, que se atingida, indicava “aprovação”, senão “reprovação.”

Em sala de aula os alunos ficavam dispostos em fila, em dupla ou individuais, em suas carteiras incômodas observando atentamente a explanação da professora. Perez (2002), coloca que os problemas de postura começam na infância, logo que a

criança entra na escola, considerando que as atividades realizadas na postura sentada, que ocupam um período considerável de tempo dentro da jornada escolar, podem acarretar o aparecimento de dores na região lombar.

Azevedo (2002), esclarece que a sistematização do projeto escolar surge só a partir da chegada da República, no final do século XIX. O mobiliário escolar manteve-se desde o início da escola cristã até o início do Século XX. As carteiras, caracterizam-se pela ocupação coletiva, uma bancada em conjunto com o banco. As carteiras mais modernas dispunham de base emborrachada, com marcação de lugar individual nos bancos e tinteiro.

Nos anos 60 a carteira rígida, de dois lugares, alinhada com outras vinte e três carteiras semelhantes, continuou a ser a peça mais importante das salas do ensino primário oficial. A partir de 1970, em no âmbito federal ocorreu a sistematização e padronização de critérios para uma metodologia de projetos escolares. É criado, o Centro Brasileiro de Construções e Equipamentos Escolares (CENTRO BRASILEIRO DE CONSTRUÇÕES E EQUIPAMENTOS ESCOLARES, 1976), por uma iniciativa do Ministério da Educação (MEC), que oferecia um modelo para caracterização dos principais aspectos a serem considerados na elaboração, avaliação e aprovação dos projetos escolares.

Romanelli (2006) apresenta dados de 1960 que comprovam a precarização do professorado destinado ao atendimento dos alunos do ensino primário, uma série de professores leigos – professores sem a devida formação para atuar no mundo do trabalho docente. A autora coloca, que diante de vários movimentos sociais estava a luta na defesa pela escola pública, desencadeando discussões que conduzem a LDB 4.024/61. Essa foi a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Na década de 1960, o Brasil passava por grandes transformações e tinha uma alta dívida externa, crescia a participação popular, a criação de partidos. Seriam, na verdade, as primeiras experiências legitimamente democráticas, e, os movimentos sociais começaram a surgir, os sindicatos a se organizarem, querendo aprofundamentos na legislação trabalhista e nos direitos sociais e humanos.

Após 12 dias de uma guerra civil iminente, João Goulart aceitou a proposta dos militares e foi empossado presidente,¹⁵ isso depois de muitas discussões,

¹⁵ Lorena Paim (18 de junho de 2011). Como os sargentos da FAB evitaram o ataque ao Piratini». Sul21. (BRAGA; SOUZA; DIONI; BONES, 2004, p. 74).

embates e negociações políticas. Ele assumiu o cargo em 7 de setembro de 1961 e ficou no governo até 2 de abril de 1964.

A primeira Lei de Diretrizes e Bases (LDB) 4.024/61961, fruto desse cenário, não prevê grandes inovações aos cursos normais, manteve o que os estados já haviam implementado, no entanto, apresentou a nomenclatura ensino médio.

Em seu título: "Da Educação de Grau Médio", dando mais autonomia aos Estados da Nação e maior liberdade pedagógica às instituições de ensino, poder-se-ia dizer assim, diante da enorme opressão que se esquadrihava nas relações pedagógicas propostas nas práticas escolares desse período que lhe antecedeu.

A LDB 4.024/61: - regulamenta a existência dos conselhos Estaduais de Educação e do Conselho Federal de Educação, em seus artigos 8 e 9; - garante o empenho de 12% do orçamento da união e 20% dos Municípios com a educação, em seu artigo 92; - coloca, que o dinheiro público não é exclusivo às instituições de ensino público, em seus artigos 93 e 95; - determina a obrigatoriedade de matrícula nos quatro anos de ensino primário, em seu artigo 31; - implanta a formação do professor para o ensino primário e ensino normal de grau ginasial ou colegial, em seus artigos 52 e 53; - insere formação de professor para o ensino médio nos cursos de nível superior, em seu artigos 59; - propõe ano letivo de 180 dias, em seu artigo 72; - determina o Ensino Religioso, como facultativo, em seu artigo 97; - permite o ensino experimental, em seu artigo 104.

A década de 1960, para 1970, foi um período caracterizado, pela falta de democracia, por supressão de direitos constitucionais, pela censura, pela perseguição política e pela repressão aos que eram contra ao regime militar.

Saviani (1989), coloca que a Lei 5.692/71 mudou a organização do ensino no Brasil, agora o ensino primava por formar "o trabalhador". Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências.

O autor esclarece que a nova LDB 5.692/71 tornou o ensino profissional obrigatório, embora não fosse observado que os cursos profissionalizantes exigiam investimento em infraestrutura o que prejudicou sua implantação e seu sucesso pleno. O ensino de primeiro grau passa para 8 anos, e, o segundo grau três anos, ou três anos e meio, com o estágio.

O aluno receberia ao fim do 2º grau um certificado de habilitação profissional. Os governos estaduais teriam que implementar as medidas e a formação geral, antes oferecida por meio do secundário (que podia ser clássico ou científico).

Moraes (2014) descreve como foi a década de 1940 para 1960:

No período 1946-1958, os recursos da União provenientes do Fundo Nacional do Ensino Primário, possibilitou real expansão da rede escolar, ampliando o número de edificações escolares. A rede elementar de ensino crescia a passos largos, em função da ampliação do ensino primário, as Escolas Normais por sua vez passaram também por um desenvolvimento mais acelerado, mas, devido à ausência de uma política única voltada para a formação do professor primário, os estados continuavam a estabelecer suas próprias diretrizes, ainda com base na Lei Orgânica do Ensino Normal. (MORAES, 2014, p. 88).

A autora expõe que “o magistério, profissão com a possibilidade de ocupação de poucas horas diárias, férias escolares, constitui uma profissão conveniente para as mulheres, possibilitando acumulá-la facilmente às suas funções domésticas.”

Silva (1972), Basbaum (1962), Fausto (1970; 1972), Dias (1977), deixam entender que das aulas régias, perpassando por toda a história da Escola Normal, que existiu antes da LOEN (um dos últimos decretos da Reforma de Gustavo Capanema¹⁶), com a expansão da Escola Normal e do ensino secundário, poder-se-ia dizer que as práticas escolares, em todo o sistema, mudaram muito pouco, permaneceu um ensino enciclopédico, tendo as concepções tradicionais de ensino como arcabouço teórico – a escola tradicional imperou por todo esse tempo.

Nas escolas normais, não era diferente. Tendo por base a legislação, entre 1946 e 1971, com a nova LDB ocorreu a substituição de um ensino pautado em conteúdos culturais-cognitivos, para o modelo pedagógico-didático, como cita Saviani (2010), com prevalência deste primeiro sobre o segundo.

Saviani (2009) coloca que a preocupação pedagógica sobre a formação de professores ainda não se concretizou, apesar das mudanças, pois não lograram estabelecer um padrão minimamente consistente de preparação docente frente aos problemas enfrentados pela educação escolar brasileira.

16 Mineiro, Capanema foi um nome expressivo na história da educação nacional, seu mérito pode ser medido pelo tempo em que dirigiu o Ministério (11 anos) fato que gerou a continuidade das ações que é um dos principais problemas no que se refere à administração e consolidação de políticas públicas em todos os níveis.

3.2 A formação de professoras na Escola Normal do município de Dom Pedrito entre as décadas de 1940 a 1970

Os lugares de memória, segundo Nora (1993) vão do objeto material e concreto, ao mais abstrato, simbólico e funcional, simultaneamente e em graus diversos:

É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante ao mesmo tempo a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vivida por pequeno número uma maioria que deles não participou. (NORA, 1993, p. 22).

O autor coloca que a memória seria as experiências vividas e sua reconstrução intelectual seria a história. Cabe então, ao historiador captar essas vivências e traduzí-las de forma clara, objetiva e compreensível o suficiente, conforme suas escolhas, dentro de suas concepções de verdade científica.

No período estudado, observa-se que, abrangendo as décadas de 1940 a 1970, foi o início da profissionalização no magistério, e, o Estado comandava essa força trabalhadora e as comunidades, principalmente entre as décadas de 1950 para 1960 foram favorecidas, pois houve a expansão do ensino primário, concomitante com o Ensino Normal, uma vitória para as sociedades locais, formando grandes expoentes da educação nos municípios.

Figura 7 - A Escola Normal Nossa Senhora do Horto reunida, em 1952



Fonte: Autora (2020)

A Figura 7, mostra alunas da Escola Normal Nossa Senhora do Horto de Dom Pedrito, Rio Grande do Sul, reunidas, depois de um Retiro, no ano de 1952. A fotografia faz parte do Acervo da instituição, Museu Melânia Mottoso. À frente estão as estudantes do primário, bem ao fundo, as Normalistas, reunidas, em destaque, rodeando o *Hortus* e o padre da comunidade.

As mudanças, no Curso Normal, deram-se pelas apropriações das incorporações das prescrições curriculares das disciplinas, pela nova organização do curso normal; pelos mecanismos avaliativos do conhecimento escolar; pelo fim da segregação de gênero, em relação aos estabelecimentos de ensino e pelos instrumentos de fiscalização, supervisão e controle dessa instrução.

O sociólogo Bourdieu (1990) expõe que os agentes sociais constroem a realidade social, diante de uma estrutura que lhe são constitutivos também, os atos e os pensamentos dos agentes se dão sob “constrangimentos estruturais”, portanto, faz-se a análise da interação entre os agentes, os indivíduos e os grupos, e, as instituições para se encontrar uma estrutura historicizada que se impõe sobre os pensamentos e as ações descritos. O historiador faz das relações entre: - as condições da existência; - a consciência; - as práticas; - as ideologias, a matriz determinante do indivíduo (BOURDIEU, 2007, p. 188-190).

Bezerra (2015), encontra uma realidade de expansão e consolidação da Escola Normal nesse período, de 1959 a 1974, pois houve uma ampliação da rede de ensino, inclusive com escolas normais públicas, no entanto, expõe a fragilidade do sistema em termos de recursos e manutenção das instituições de ensino que ministravam o Curso Normal, com escassez de toda sorte.

Depreende-se do escrito, nesta pesquisa, que ao professor era incumbido: “dar a aula”; “cobrar a lição”, “exigir a colaboração e a cooperação”, “requisitar a presença obrigatória, em aula e nas atividades complementares” “permitir a autocrítica”, e como concessão, “conceder a compreensão humana.”

Base de um ensino tradicional, onde o professor é o detentor do saber e o aluno “nada sabe”, “uma tabula rasa”, “uma folha em branco”, embora se saiba hoje, que não é bem assim:

[...] não existe tábula rasa, analfabetismo absoluto; todos falam, se comunicam, usam um vocabulário básico, manejam conceitos dentro do senso comum, possuem referências da realidade em que estão inseridos, e assim por diante; este será o ponto de partida, se quisermos uma educação emancipadora. (DEMO, 2000, p. 32).

Essa escola tradicional originou-se no século XIX, mas só se expandiu nas últimas décadas do século XX:

O direito de todos a educação decorria do tipo de sociedade correspondente aos interesses da nova classe que se consolidara no poder: a burguesia... Para superar a situação de opressão, própria do Antigo Regime, e ascender a um tipo de sociedade fundada no contrato social celebrado livremente entre os indivíduos, era necessário vencer a barreira da ignorância... A escola é erigida, pois, no grande instrumento para converter súditos em cidadãos. (SAVIANI, 1991, p. 18).

Hoje, sabe-se que como Ribeiro (2014, p. 96) afirma, mais do que “cidadãos críticos”, precisamos formar “cidadãos leitores”, sujeitos capazes de realizar uma leitura interpretativa e compreensiva da História ou da “realidade,” “Precisamos de cidadãos críticos, mas que sintam necessidade e vontade de adquirir conhecimento. Talvez o prazer em aprender, em adquirir cultura, devesse ser desenvolvido com maior intensidade.” E isto supõe uma instituição escolar que identifique esses meandros históricos, explicitados acima. E outros mais que ainda estão por ser descobertos.

Fato é, que a estudante Normalista, a partir da formação, na Escola Normal, assume para si uma posição social, uma profissão, o jaleco utilizado como uniforme, representava para essa mulher, o que chamamos hoje de “empoderamento feminino”.¹⁷

Certamente, após deixar a casa pronta, com o almoço na mesa, a jovem professora, voltava-se para os preparativos do trabalho de docente, em um único turno, pois dividia a função de mãe, esposa, do lar com a função de professora, ao contemplar seu uniforme de trabalho, vê nele perspectivas de novas oportunidades, conquistas pessoais e profissionais.

Era grande a responsabilidade ao assumir uma turma de alfabetização infantil comprometida com o futuro do Estado e do país. Muitas eram lotadas em escolas precárias, longe de seus familiares, com classes multisseriadas, na zona rural dos municípios e sozinhas se responsabilizavam por todas as tarefas, limpeza do prédio, merenda, ensino, atividades sociais na escola.

A Professora Ana (2020), fonte deste estudo, conta que não era fácil assumir uma turma longe de casa e ter essa sobrecarga de trabalho, pois as tarefas do lar também eram de sua atribuição:

Também não era fácil dividir as atividades domésticas da casa com a docência, quando era um só turno era melhor, mas isso foi só no início, porque depois trabalhei muitos anos 40 horas, aí o salário ficava melhor, e quando chegava em casa tinha as coisas da casa para fazer, marido para atender, filho para cuidar. (PROFESSORA ANA, 2020).

A fonte oral da pesquisa, citada acima, Professora Ana (2020), coloca o que foi a realidade de muitas professoras formadas na Escola Normal brasileira nesse período em que a mulher atendia e, ainda hoje, em muitos lares acontece, os turnos dobrados entre a profissão e os afazeres do lar. Louro (2015) coloca:

Ao serem criadas as escolas normais, a pretensão era formar professores e professoras que pudessem atender a um esperado aumento na demanda escolar. Mas tal objetivo não foi alcançado exatamente como se imaginava:

¹⁷ Empoderamento feminino, constitui-se em consciência coletiva, expressada por ações para fortalecer as mulheres e desenvolver a equidade de gênero, as mulheres passam a construir lugares de destaque, em que suas vozes passam a serem ouvidas. Em 2010, a ONU lançou os princípios de empoderamento das mulheres, a fim de pôr em prática seus propósitos para um mundo melhor.

pouco a pouco, os relatórios iam indicando que, curiosamente, as escolas normais estavam recebendo e formando mais mulheres que homens. (LOURO, 2015, p. 449).

Uma profissão desenvolvida para as mulheres, pois a docência exigia o zelo de uma mãe, atributo do sexo feminino, amor, carinho, cuidado, atenção, como cita Louro (2015), em uma ocupação transitória passível de abandono frente a verdadeira missão feminina: ser esposa e mãe. Um trabalho de caráter provisório para mulheres solteiras, solteironas (mulheres sós) ou viúvas, aspecto que se refletia em poucos salários. Fato era, que ali na sala de aula, a professora exercia sua autoridade, embora em casa permanecia a supremacia masculina de mentalidade machista. Às mulheres cabia lutar ou conformar-se, exercer a docência era uma forma de resistência, de libertação, uma oportunidade ímpar.

Louro (2015) explica que se o destino primordial da mulher era a maternidade, bastaria pensar que o magistério representava, de certa forma, a extensão da maternidade, cada aluno ou aluna era visto como um filho, uma filha. O argumento parecia perfeito: a docência não subverteria a função feminina fundamental, ao contrário, poderia ampliá-la ou sublimá-la.

O Magistério, por sua especificidade, foi uma das maiores oportunidades com a qual contou o sexo feminino para atingir esse equilíbrio. Era aceitável que as mulheres desempenhassem um trabalho, desde que este significasse cuidar de alguém. (ALMEIDA, 1998, p. 31).

Fato é, que as Normalistas que vieram a exercer a docência, no serviço público ou mesmo particular, passaram de escravas de seus pais e maridos, à senhora na sociedade, sendo que a partir de 1970 a mulher professora, com uma profissão, em muitos casos, em 2 ou 3 turnos, passou a ser Senhora, dona de suas próprias escolhas, obtiveram o reconhecimento social de que também são atores sociais providos de autonomia.

Por todo período estudado nas fontes dispostas, observa-se que na memória das normalistas – a mulher ocupada com os afazeres domésticos, uma mãe, dona de casa, preparava-se para o segundo turno de trabalho, na escola, na função de professora, agia como a zeladora dos pequeninos, a tia, instituindo a Escola Normal como lugar de memória e construção social, lugar de memória como na Escola Normal Nossa Senhora do Horto, de Dom Pedrito, interior do Rio Grande do Sul.

Em 1947, no município de Dom Pedrito/RS, pelo Decreto n.º 2.329, de 19 de março de 1947 era criado o Curso de Formação de Professores Primários, fundamentado na nova legislação, Lei Orgânica do Ensino Normal (LOEN), de 1946, conhecido como o Curso Normal, era realizado em 6 (seis) semestres, 3 (três) anos de estudos. A prática da educação primária era realizada na 2.^a e 3.^a séries, no Curso de Aplicação da Escola. Em 1950, as Normalistas começaram a atender a “Aula Gianelli”, nas 4 séries do Curso Primário.

A partir de 20 de julho de 1955 o curso foi reformulado e passou a ter 7 (sete) semestres, 3 (três) anos e meio, com o estágio, neste último semestre. Em 1958 iniciou a primeira turma nesse sistema. A primeira formatura, nesse contexto foi em 1961. O Curso Normal, em Dom Pedrito, estava imbuído de formar professoras primárias, no secundário, em caráter terminal e profissionalizante – as Normalistas da Escola Normal Nossa Senhora do Horto, para atuarem no curso primário, das instituições de ensino, do município e região.

Ao iniciar o Curso Normal do Horto, em 13 e 14 de março de 1947, em obediência ao artigo 20 da Lei Orgânica do Ensino Normal (LOEN), realizou-se o 1º Exame Vestibular ao Curso de Formação de Professores Primários, sob a fiscalização da Assistente da Superintendência do Ensino Normal e da Auxiliar Técnico da Educação e Cultura, aprovando 14 alunas, que em 4 de dezembro de 1949, formaram-se recebendo o Diploma de Professor Primário, de acordo com o artigo 37 da LOEN.

Figura 8 - Primeira turma de formandas da Escola Normal do Horto, 1949



Fonte: Autora (2020)

A Figura 8, apresenta uma foto, disponibilizada pela família Machado, da primeira turma de formandas da Escola Normal Nossa Senhora do Horto, “Curso de Formação de Professores Primários”, de 3 anos, com prática pedagógica nas 2.^{as} 3.^{as} séries. O Paraninfo Civil, ao centro, sentado, rodeado pelas 14 formandas.

O evento foi realizado em 4 de dezembro de 1949. Foi um momento solene, com missa e café especial, com chocolate, pela manhã, com a presença dos familiares dos formandos, autoridades e comunidade local, e, às 17 horas foi a entrega dos Diplomas de Professor Primário. Os periódicos locais e em cidades vizinhas noticiaram em suas páginas o ocorrido, dando louvores para a distinta comunidade pedritense.

O esposo de uma das Normalistas, já falecida, concede a foto com orgulho, retirado do álbum de família, para que seja feita cópia em Estúdio Fotográfico local e integrar as fontes documentais desta pesquisa. Em primeiro plano, sentados, estão o Paraninfo Civil, Senhor Moacyr Dias, professor de Biologia e Puericultura, familiares das formandas e professores da instituição, atrás, em pé, em volta do Paraninfo, encontram-se as 14 formandas. Consta que o Paraninfo Religioso foi o Padre Antônio Paul.

De 1958 a 1975, com o curso reformulado, segundo Abatti (1986, p. 148), 2.159 alunas passaram pelas sucessivas séries. Tendo como fontes, Abatti (1986) e do Livro “Concluintes de II Graus Habilitação Magistério”, fornecido acesso pela Secretaria da Escola (2020), em 38 anos de existência do Curso Normal, formador das normalistas, em Dom Pedrito, 854 formandas foram diplomadas nesse curso,

que existiu desde o primeiro semestre de 1947 indo até o mês de dezembro do ano de 1975.

Em um convite de formatura, arquivado em álbum no Museu Melânia Mottoso, da década de 1950 é feito uma homenagem aos mestres da Escola Normal do Horto, que diz: “Foi lançada a semente e por mãos hábeis e competentes que souberam cultivar o terreno com dedicação e firmeza. Hoje só nos resta dizer a árvore crescerá e com ela nosso eterno reconhecimento”. Dedicação e firmeza, foram características do ensino ministrado no Curso Normal.

A normatização dos estudantes Normalistas era feita através de dispositivos, como a tomada de pontos, os exames públicos, as premiações e as notas de aplicação da prática pedagógica, período em que as normalistas deveriam mostrar “domínio de classe”, o item “silêncio na turma” era uma das anotações que valiam nota na planilha de observação da Supervisora de Estágio, contam as fontes orais desta pesquisa.

Para a Normalista do Horto de Dom Pedrito era exigido uma postura discreta e digna. Para a mestra, religiosa ou não, era cobrado uma posição discreta e severa, mantendo sempre as maneiras recatadas e silêncio sobre sua vida pessoal. As disciplinas ministradas estavam de acordo com a legislação, como se observa na imagem do Diploma abaixo.

Figura 9 - Diploma de Professor-Primário, expedido em 1949



Fonte: Autora (2020)

A Figura 9, mostra frente e verso de um diploma de Professora-Primária expedido em 1949, primeira turma de formandas da Escola Normal Nossa senhora do Horto, diploma disponibilizado pela Família Torres. As disciplinas, como se observa, acompanhavam o disposto na legislação brasileira LOEN (1946).

O Diploma de Professor Primário, expedido pela Escola Normal Nossa Senhora do Horto de Dom Pedrito, da Normalista Maria do Horto Torres, é assinado pela Diretora Irmã Maria Amélia Marletto e pela Professora Fiscal, Maria Garcez de Moraes Medeiros, datado de 4 de dezembro de 1949, 1.^a turma de formandas.

Constam no currículo do curso 19 disciplinas: Português e Literatura, Matemática, Estatística Aplicada à Educação, Biologia Geral, Biologia Educacional, Física e Química, Puericultura e Higiene, Anatomia e Fisiologia Humanas, Higiene Educação Sanitária, História e Filosofia da Educação, Iniciação à Educação, Fundamentos de Psicologia Geral, Psicologia Educacional, Sociologia Geral, Sociologia Educacional, Didática e Prática da Educação Primária, Desenho e Artes Aplicadas, Música e Canto, Educação Física, Recreação e Jogos.

A disciplina de Didática e Prática da Educação Primária era desenvolvida nas 2.^{as} e 3.^{as} séries, assim foi até o ano de 1958, quando iniciou turma nova, em um currículo remodelado (No ano de 1955), em função da legislação, encerrando suas atividades em 1975.

As formandas, Normalistas, da Primeira Turma do Curso de Formação de Professores Primários foram: Alvina Gonçalves Machado, Aury Duarte de Loreto, Ceny Terezinha de Oliveira Royes, Clóris Sarubbi da Cunha, Hilda Barra, Maria do Horto Torres, Maria Severo da Silva, Maria Luiza Moreira Frank, Maria Emília Torres, Nevina Fonseca Flores, Nahir dos Santos Pujol, Ruth Freire, Solange Vargas de Souza e Therezinha de Jesus Aguiar Simas. (ATA, 1949)

Fernanda Ros Ortiz (2014), em sua Dissertação “A escola normal de moças das elites: um estudo das práticas escolares, culturais e sociais do colégio nossa senhora auxiliadora (1946 – 1961)”, para a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, pondera sobre o espaço de formação da Escola Normal:

Determinadas maneiras de organizar e transmitir saberes, além da seleção dos mesmos, ajudaram a compor a formação socialmente desejada para moças das elites. De acordo com o levantamento dos estudos empreendidos nesse âmbito, os colégios confessionais católicos fizeram parte de um atrativo espaço de formação para moças das classes mais abastadas, pois veiculavam os saberes socialmente aceitos para seu

gênero e classe, transmitindo valores e preceitos religiosos e morais, ao lado da formação cultural almejada. (ORTIZ, 2014, p. 152).

Já Simões (2014) expõe que a gênese da Escola Normal, primeiro se deu de forma descontínua, abriam e fechavam e abriam novamente, cujos professores eram bacharéis em direito, escritores ou sacerdotes, só se fortaleceram mesmo nos anos 1950 e 1960, como único espaço formador de professores qualificados para atuar no ensino primário, com caráter terminal e profissionalizante, em uma época em que o acesso ao ensino superior das normalistas era limitado à alguns cursos da Faculdade de Filosofia.

A Escola Normal Nossa Senhora do Horto de Dom Pedrito/RS, manteve-se atuante na formação de professoras desde o ano de 1930, encerrando seus cursos nessa área de ensino em 1997.

Figura 10 - Bolilla, aparelho de sortear números dos objetivos estudados para os exames finais e tomadas “do ponto”



Fonte: Autora (2020)

A Figura 10, mostra a imagem do objeto denominado *Bolilla*¹⁸, que está sob guarda do Museu Melânia Mottoso, em exposição. Utilizado até a década de 1970. Dentro desse objeto eram colocado papéis com o título, ou o número do texto dado pela professora, no qual a aluna deveria decorar e se sorteada, “dizer o ponto”. Muito usados para os estudos do exame final, mas todos os dias havia a “tomada do ponto”.

¹⁸ *Bolilla* no dicionário espanhol é uma pequena bola numerada, que é usada em rifas.

Era um exercício de memória para as estudantes, que tinham que ler muito os textos até “decorá-los”. Na Escola Normal do Horto de Dom Pedrito, caso a aluna não soubesse ou deixasse a desejar, havia castigos, como a proibição de visita à casa de familiares, e isto sabendo-se que era uma única visita mensal, como cita a Professora Ana (2020):

Os meus pais moravam na campanha, então, a minha tia me colocou interna na escola, eu não podia sair para nada, só um domingo que podia sair se a família viesse me buscar, a gente saía 6 horas da manhã e tinha que voltar às 18 horas, às vezes tinha alunas que ficavam presas, mas a gente não sabia porque, as irmãs é que decidiam, era raro isso acontecer com as internas, porque a gente era muito obediente. (PROFESSORA ANA, 2020).

A Professora Ana (2020) destaca o rigor com que eram tratadas as Normalistas internas e enfatiza a obediência destas estudantes em sua época no Horto. Bezerra (2015), encontra uma realidade de expansão e consolidação da Escola Normal nesse período, das décadas de 1940-1970 houve uma ampliação da rede de ensino, inclusive com escolas normais públicas, no entanto, expõe a fragilidade do sistema em termos de recursos e manutenção das instituições de ensino que ministravam o Curso Normal, com escassez de toda sorte.

A Professora Dulce (2020), esclarece que na Escola Normal Nossa Senhora do Horto não faltavam professores, todos eram muito competentes, tinham profissionais liberais como bacharéis em direito e religiosas que tinham titulação para exercer a profissão, eram contratados professores de Escolas Estaduais para comporem o quadro de profissionais e algumas professoras eram cedidas pelo município ou Estado, em troca de bolsas para “alunos carentes.” Sobre como era um dia de aula na Escola Normal, no período entre as décadas de 1960 a 1970, ela coloca:

Ao chegar na escola fazíamos fila, entrávamos na sala de aula, as mesas eram individuais de madeira, rezávamos sempre no início da aula. As aulas eram de 45 minutos, a professora explicava o conteúdo e já ia perguntando, tomava o ponto do dia anterior e às vezes, sorteava o nome dos alunos para responderem às questões orais. Existia também o sorteio do ponto, tinha o recreio, tinha Educação Física, tinha banda. As atividades religiosas tinham sempre, e, existia uma fiscalização do uniforme. (PROFESSORA DULCE, 2020).

Como relata a Professora Dulce (2020), na Escola Normal do Horto existiam muitas atividades e o ensino em um dia de aula consistia em: oração, chamada, retomada da aula anterior, apresentação do conteúdo novo pela professora, logo após eram realizados exercícios sobre o ponto dado, isto em um cenário de disciplina, organização e obediência.

As atividades extra classe como a banda é lembrado com carinho pela fonte oral desta pesquisa. A fila para entrar na sala iniciava a ordenação do grupo de estudantes, que em silêncio se dirigiam aos seus locais de assento, as cadeiras e mesas de madeira, que acompanharam as salas de aula destinadas para o Ensino Normal.

Assim que a Professora entrava na sala existia a hora da oração seguido da chamada e retomada da aula anterior, momento em que era solicitado a participação das alunas, para responderem as questões levantadas sobre a aula passada. Ocorriam também, por vezes, o sorteio na *Bollila*, onde eram colocados os números conforme o caderno de chamada e o que saísse sorteado representava a aluna, que deveria discorrer sobre determinado tema selecionado pela professora, assim contam as Professoras Ana e Bárbara (2020).

As fontes relatam que eram momentos apavorantes, porque ninguém queria que baixassem a nota, o que poderia ocorrer, caso a aluna não soubesse o suficiente. A aluna sorteada levantava, ia até à frente da turma e respondia oralmente a questão. Era pior que as sabatinas, porque essas tinham datas e conteúdos pré-estabelecidos, já as questões eram de livre escolha da Professora. O que facilitava é que às vezes, eram perguntas do questionário da aula anterior, aí era possível se sair bem, porque já estavam devidamente decoradas, pelo menos, pelas estudantes dedicadas ao estudo, ou as que tivessem melhores memórias.

Figura 11 - Imagem de uma instalação de como era o quarto de uma interna



Fonte: Autora (2020)

A Figura 11, expõe uma instalação de como era um quarto de uma pensionista interna, na Escola Normal (A cama era localizada no dormitório, dentre outras camas semelhantes). Está disposto, em exposição, no Museu Melânia Mottoso, o Museu da escola denominada hoje, Escola de Ensino Médio Nossa Senhora do Horto.

Ao lado da cama, uma cadeira para leitura; acima da cama a imagem de Nossa Senhora do Horto; abaixo o urinol, onde as necessidades fisiológicas eram feitas (os quartos de banho eram em número reduzido); na mesa ao lado e em estrutura de metal ficavam as bacias e o sabão, para higienização, juntamente com um recipiente com água; nas camas tinha uma estrutura para uma cortina, que separava uma cama da outra dando privacidade, visto que os quartos eram coletivos, com crianças e jovens e sempre mais de uma pensionista interna fazia uso. Em cada quarto coletivo tinha a presença de uma irmã que cuidava da disciplina das internas.

Para ingressar no regime de internato a pensionista devia trazer o seu “enxoval” individual, roupas pessoais, roupas de cama e material de higiene, era um dos requisitos para a inserção na escola. Professora Ana (2020), que estudou inicialmente no Colégio Espírito Santo, das Irmãs Franciscanas, em Bagé (cidade vizinha de Dom Pedrito), disse que a organização era semelhante, no enxoval para Dom Pedrito, não lhe foi pedido colchão e mudava o feitiço do uniforme, mas as duas

escolas ministravam uma sólida educação moral e cívica, com instruções a partir da ciência e dos preceitos religiosos.

Além do pagamento mensal ou anual, conforme o contrato, o enxoval era requisito para matrícula. As Professoras Ana e Bárbara, entrevistadas nesta pesquisa recordam do enxoval que as normalistas internas tinham que trazer, era um *“baú cheio de roupas de cama, cheio de roupas e material de higiene e outras coisas.”* (PROFESSORAS ANA E BÁRBARA, 2020).

Em 1950, no Curso Primário Anexo, conhecido como Aula Gianelli, sob a orientação da Professora Fiscal do Curso Primário, docente da disciplina de Didática e Prática da Educação Primária, Heloísa Sarmiento Louzada, era realizado a prática da educação primária – a docência. A Prefeitura Municipal nessa época passou a ceder professores para atender esse espaço que oferecia um ensino gratuito. No ano e 1951 o fundador do Instituto das Filhas do Horto foi canonizado.

Figura 12 - Documento de 1951, por ocasião de canonização de seu fundador



Fonte: Autora (2020)

A Figura 12 apresenta o documento de 1951, por ocasião de canonização de seu fundador, datado de 21 de outubro de 1951, foi distribuído entre as Normalistas. Feito pelas ex-alunas da escola, em homenagem às Reverendíssimas Irmãs do Horto. Acervo do Museu Melânia Mottoso.

Com a imagem de Gianelli na capa, fundador das Filhas da Santíssima Nossa Senhora do Horto, logo a seguir, a imagem do Colégio do Horto, o nome das 07 fundadoras da instituição e noutra página os dizeres: “Homenagem e Admiração,

das ex-alunas, às Rvdmas. Irmãs do Colégio de Nossa Senhora do Horto de Dom Pedrito, por ocasião da canonização de seu fundador SANTO ANTÔNIO MARIA GIANELLI” e uma oração à Santo Antônio Maria Gianelli em sua última página.

A lembrança em forma de homenagem envolvida em um cuidadoso laço de fita demonstra o carinho e admiração das alunas da Escola Normal do Horto para com as Irmãs. O trabalho foi confeccionado com esmero pelas estudantes. O Colégio das Freiras, o Colégio das Irmãs do Horto, representava muito também para a coletividade de Dom Pedrito.

Figura 13 - Requerimento para matrícula na Escola Normal Nossa Senhora do Horto

Escola Normal "Nossa Senhora do Horto"
EM DOM PEDRITO MATRÍCULA

Requerimento para Matrícula no Curso de Formação de Professores Primários

Nome, Sobr. e Apelido
Srta. *Aracy Maciel Bueno*

Filho de
Pedro Bueno Filho
Manoela Maciel Bueno

natural de *D. Pedrito* Estado de *P. G. do Sul*
com *28* anos de idade, nascida em *7 de setembro* de *1925*
residente em *D. Pedrito* Estado de *P. G. do Sul*
Raz. *7 de setembro* N.º *172*

venho requerer a V. S. a matrícula a *1ª* série do Curso de Formação de Professores Primários neste estabelecimento.

NESTES TERMOS
P. D.

Dom Pedrito, E. de *março* de *1954*.

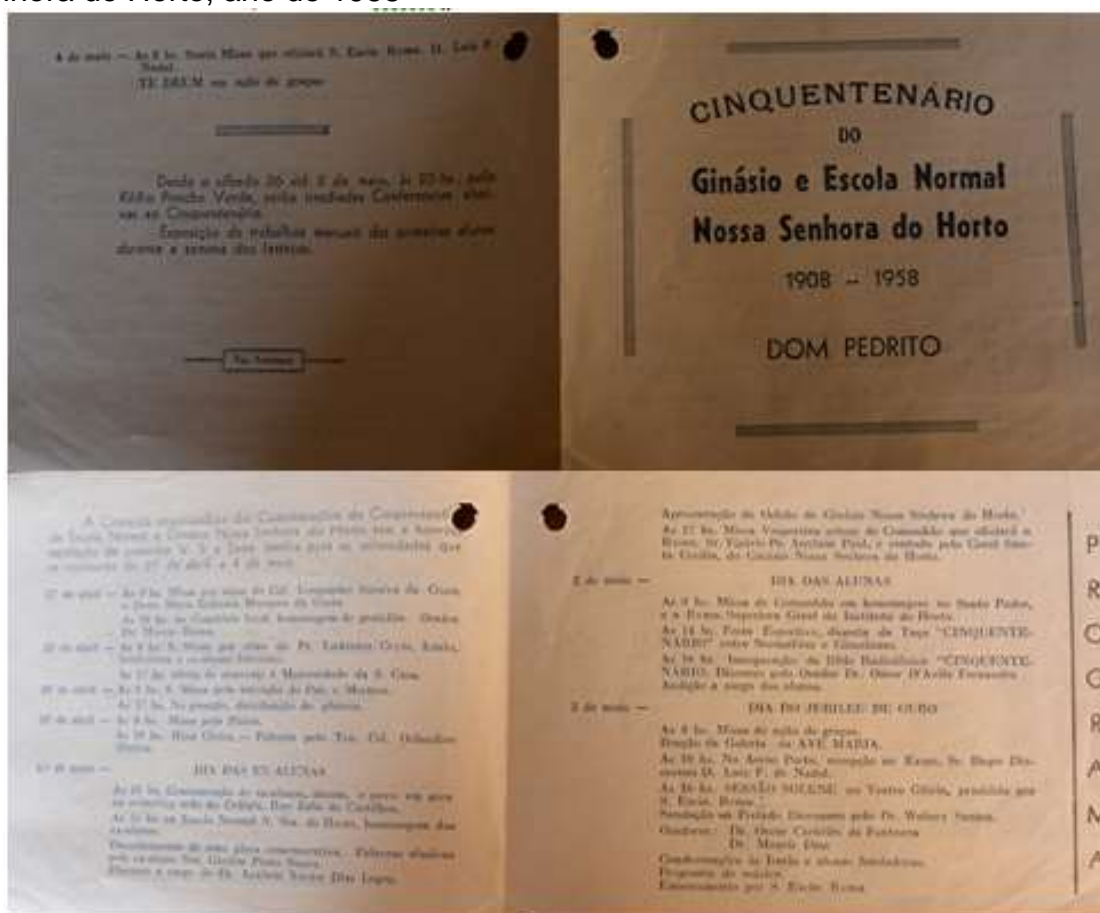
Aracy Maciel Bueno

Fonte: Autora (2020)

Para a matrícula no Curso de Formação de Professores Primários da Escola Normal Nossa Senhora do Horto de Dom Pedrito era obrigatório à todas as estudantes a apresentação do Certificado de habilitação no Exame de Admissão para o primeiro ano ou o certificado de habilitação das matérias da série anterior para as demais alunas; bem como: o Atestado de Saúde e de Vacina recentes; a certidão de nascimento; a Guia de transferência para as alunas que viessem de outra escola; e, o recibo do pagamento da taxa de matrícula e inspeção médica. Também era solicitado o Requerimento de Matrícula, como o da Figura 13, acima, o Requerimento de Matrícula da Aluna Aracy Maciel Bueno, do ano de 1954.

As internas do Curso Normal, inicialmente eram todas pagantes, 1952, já tinha a primeira bolsista do Curso de Formação de Professores Primários, na década de 1960 além das bolsistas, havia algumas alunas que pagavam seus estudos com o trabalho na instituição, tanto na parte de higiene, como alimentação e manutenção, também atuavam como monitoras e como substitutas ocasionais de professores.

Figura 14 - Convite do Cinquentenário do Ginásio e da Escola Normal Nossa Senhora do Horto, ano de 1958



Fonte: Autora (2020)

A Figura 14 mostra o Convite do Cinquentenário do Ginásio e da Escola Normal Nossa Senhora do Horto, ano de 1958. O documento pertence ao Acervo do Museu Melânia Mottoso.

Nesse ano de 1958 a instituição fazia 50 anos, o Curso de Formação de Professores Primários estava fazendo 11 anos de existência (19 de março de 1947). As Normalistas trabalharam duro desde o ano anterior para organizar juntamente com a direção do Ginásio e Escola Normal Nossa Senhora do Horto as festividades desse aniversário, cujo programa envolvia alunas, ex-alunas, autoridades locais e

regionais. As solenidades foram realizadas dentro e fora da escola. Toda a comunidade foi envolvida nos festejos. A Madre Geral das Irmãs veio da Itália, ela não falava português, mas ficou muito satisfeita com a organização do momento.

As ex-alunas Agar e Dulcinéa Warlet doaram um bolo, cujo topo tinha a imagem do *Hortus Conclusus* e 50 degraus para simbolizar os 50 anos da escola, tal era a gratidão pela formação recebida nesta instituição. A Diretora na época era a Irmã, de origem uruguaia, Escolástica Casas.

A Professora Elvira (2020) recorda que em 1975 tinha uma estudante do Curso Normal, cujos pais eram muito humildes, trabalhadores da zona rural do município, que em troca dos estudos neste curso desempenhava várias funções na escola, em busca da formatura como professora primária.

Figura 15 - Cartão de formatura, formandas de 1963



Fonte: Autora (2020)

A Figura 15 apresenta a imagem de um cartão de formatura, formandas de 1963 (Anexo I), pertencente ao Acervo da Família Santos, em sua capa consta o nome da escola, “Escola Normal Nossa Senhora do Horto de Dom Pedrito”, “Professorandas de 1963”.

Ao centro, na imagem de um livro e uma pena, os dizeres: “Luz nas trevas”, indicando o educandário como um luzeiro, cartão confeccionado pela empresa Artes Gráficas Capri, de Dom Pedrito/RS. O cartão é composto das seções: Convite, Paraninfo, Homenageados, Lema e Professorandas. O nome das formandas, “as professorandas”, apresentam-se em um acróstico com a máxima: “HORTO AMADO, NOSSO AGRADECIMENTO”.

No programa da formatura consta Missa em Ação de Graças, às 8h e Colação de Grau, com a solene entrega dos diplomas, às 17horas 30minutos, do dia 3 de agosto de 1963.

O lema da turma de 1963 era: “Aos elogios da turba preferimos os aplausos da consciência”, indicando que ali, naquele espaço educacional a ideia era não se deixar levar pelos louvores ou reconhecimento da população, mas sim pela razão, pela lucidez, pelo pensamento, conhecimento e ciência.

Figura 16 - Comemoração Cívica do ano de 1960, o Coral de Ex-Alunas



Fonte: Autora (2020)

A Figura 16 mostra uma Comemoração Cívica do ano de 1960, a fotografia faz parte do Acervo do Museu Melânia Mottoso.

Eventos como este eram organizados pela Escola Normal, como forma de envolver o conjunto da escola e estabelecer o ritmo do cotidiano escolar, em uma formação moral cristã vinculada a uma consciência patriótica. Esses momentos procuravam o desenvolvimento do patriotismo e da unidade étnica, administrativa, territorial e cultural da nação – assim foi durante o período de existência da Escola Normal do Horto.

Na imagem estão as integrantes do Coral de Ex-Alunas da instituição. A Escola Normal Nossa Senhora do Horto mantinha (e mantém), uma relação estreita

com suas ex-alunas. Além do Coral que funcionou durante esse período, e, retorna em momentos importantes para a instituição, existe a Confraria Nossa Senhora do Horto (fundada em 02/07/1910), que perdura até os dias de hoje, atualmente é Presidente a Senhora Glória Maria Leon Pereira.

Na foto acima, Figura 16, 27 ex-alunas, das quais 2 irmãs integram o grupo do Coral, que se apresenta em momentos de datas cívicas, novena, aniversário da escola e festas da comunidade escolar. Além dos conteúdos disciplinares, dos currículos, a prática social foi exigida e conquistada nos bancos escolares, como práticas escolares permanentes.

Figura 17 - A didática na prática: Normalistas de 1967 na Escola Normal Nossa Senhora do Horto



Fonte: Autora (2020)

A Figura 17 mostra três normalistas do ano de 1967, 3.^a Série do Curso Normal, as estudantes estão organizando os materiais didáticos para alfabetização, a serem apresentados para avaliação das professoras de didática geral, didática de ciências naturais, didática de estudos sociais, didática especial da linguagem, didática especial da matemática, didática especial em classe de primeiro ano, planejamento, ensino religioso.

Os materiais para execução dos jogos eram adquiridos e confeccionados, individualmente, para serem utilizados, em uma proposta de “ensino renovado”,

conhecido como Escola Nova ou Pedagogia Ativa, nas classes do ensino primário, onde aconteciam as intervenções das normalistas. Além dos jogos ficavam expostos, para avaliação, a Farmácia (composta de objetos e medicamentos para os primeiros socorros), os planejamentos de aula, como Projetos, Centros de Interesse, etc.

Dentre os jogos elaborados estavam: Relógio, Ábaco, Caixa Valor de Lugar, Caixa do Alfabeto, Flanelógrafo, Quadro de Pregas, Caixa de contagem, Figuras Geométricas, Jogos de Encaixe, Figura e Sombra, Sequência Lógica, Associação, Numerais e Quantidades, Máquina de Somar, Quebra Cabeças, Álbum Seriado, Gravuras, Histórias em Quadrinhos, Cartazes de Números e Contagem e Contagem Salteada, Jogo do Conte para a Frente, Jogo do Conte para Atrás, e, outros que iriam se juntas às cartilhas, como a Cartilha “Caminho Suave”, que era apresentada às Normalistas do Horto.

Da autora Branca Alves de Lima, a cartilha trazia a proposta de alfabetização pela imagem. A letra "a" está inserida no corpo de uma abelha, a letra "b", na barriga de um bebê, a letra "o", dentro de um ovo e assim por diante. Na capa da Cartilha “Caminho Suave”, sua marca sempre foi um menino e uma menina seguindo rumo à escola.

Pelos materiais pedagógicos criados e conhecimento de livros e cartilhas didáticas da época, pode-se dizer que o Curso Normal da Escola do Horto de Dom Pedrito, mesmo sendo uma instituição do interior do Rio Grande do Sul mantinha uma formação atualizada para a época, dentro dos padrões das melhores escolas do Estado, pois suas professoras mantinham as estudantes atualizadas.

A Caixa de Materiais, como era chamada pelas normalistas (E que deveria ser no plural, porque eram bem mais de uma), permitia à Normalista uma certa segurança didática para o exercício do magistério, logo à frente, se assim o desejassem, porque vagas haviam, visto que grande parte dos professores da rede de ensino, continuava atuando nessa época, como Professor Leigo.¹⁹ Segurança, que foi citada pelas fontes orais desta pesquisa nas vozes das egressas do Curso Normal do Horto.

A foto da Figura 17, pertence ao Acervo da Família Vargas (a mãe de uma das estudantes, da que está à esquerda da imagem, solicitou a “Foto Rex”, um dos

¹⁹ Termo empregado para designar os professores que trabalhavam na docência sem a devida formação profissional.

poucos fotógrafos da localidade na época, para eternizar aquele momento, que segundo a terceiranista *“Foi muito bonito e representou uma conquista, porque não era fácil construir tudo aquilo.”*), esta professora, ao encaminhar a imagem acima, enfatizou que dedica um profundo agradecimento à Escola Normal, que lhe permitiu uma profissão, uma remuneração, até que se aposentasse, com 25 anos de exercício de docência, sempre em classe de alfabetização, da rede pública de ensino do Estado do Rio Grande do Sul.

A Professora Cecília (2020), estudante entre as décadas de 1960 e 1970, define a escola como *“Luzeiro infinito de cultura e espiritualidade”*, muitas eram as atividades na instituição Nossa Senhora do Horto no ensino ofertado, que demandavam a didática na prática: técnica/teoria/prática:

Lembro-me no 1º ano do curso normal, a fundamentação teórica. O estudo, as leituras e as pesquisas eram muito valorizadas. No 2º ano aprofundávamos as didáticas e visitávamos as salas das séries iniciais e, por vezes, fazíamos observações. O planejamento didático, 3º ano, preparávamos para futura profissão: Projetos, Centro de Interesse, Método Científico e desenvolvimento das aulas a serem apresentadas às colegas, e, após, avaliação, aos alunos das séries iniciais. No Estágio, havia o acompanhamento pelos Supervisores do Estágio e as das escolas, onde realizávamos as práticas. Havia reuniões semanais de orientação e avaliação. Ansiosas esperávamos as visitas. Em cada sala havia um lugar destacado, para receber as Supervisoras com todo o material a ser apresentado.

Nas linhas do tempo do curso normal, destacamos:

- *As Novenas a Virgem do Horto;*
- *As formaturas nos diversos cursos;*
- *A reverência nos desfiles cívicos;*
- *As promessas no “Hortus Conclusus”²⁰ e as flores ofertadas a menina Maria;*
- *A magnitude dos concursos de oratória e poesia;*
- *A beleza do “Conservatório de Música Nossa Senhora do Horto”;*

²⁰ Traduzido do inglês-*Hortus conclusus* é um termo latino, que significa literalmente "jardim fechado". Na escola Nossa Senhora do Horto foi construído com o intuito de devoção à Nossa Senhora do Horto. Era comum, na Congregação, a construção de uma capelinha, um pequeno nicho no muro ou uma estátua em homenagem a Nossa Senhora do Horto, no Colégio do Horto de Dom Pedrito foi construído no pátio interno, um *Hortus*, em forma de hexágono, em madeira, gradeada, com acessos aos seus devotos. Em 1966 o *Hortus* completava 50 anos, no entanto, ele ocupava o local onde eram praticados os esportes, no Colégio, por isso, pela fiscalização, na época, ele não poderia continuar no lugar onde estava e foi transferido para a residência de uma devota.

- *A memória histórica do Museu Melânia Mottoso;*
- *A histórica passagem da Escola Giannelli;*
- *O canto, as vozes, a reza do terço, os bordados, pinturas e Exposições da Sala da Irmã Melânia Mottoso. (PROFESSORA CECÍLIA, 2020).*

A escola dispunha também de biblioteca, laboratório, sala de recursos pedagógicos, sala de fantoches, sala de reuniões, sala de vídeo, Salão de Atos com palco e cadeiras para um público de 200 pessoas onde eram realizadas reuniões, apresentados recitais e peças teatrais. Como se observa na fala acima, os materiais eram muitos e todas as atividades eram permeadas pelo cunho religioso, rituais e símbolos sagrados, Missa, Catequese, Coral, Datas Religiosas. Os materiais eram muitos, como pontua a Professora Dulce (2020), *Exigiam material que não era barato, era muito material.*”

Dentre as várias atividades da instituição, a entrevistada descreve As Cruzadas e A Maratona, como momentos marcantes do ensino do Horto:

Participávamos do desfile, de gincanas, naquela época tinha Grêmio Estudantil, tinha um jornal quinzenal, tinha as atividades religiosas, tinha o coral, tinha “As Cruzadas”, em que as alunas se vestiam toda de, de branco e boina vermelha e ajudavam na celebração, com os cantos. No Cine Glória eram realizadas atividades culturais e artísticas entre os alunos de várias escolas, esse evento tinha o nome de Maratona. A maratona envolvia todas as disciplinas, tinha música, cantos, poesias, declamação, teatro com cenários. Existia sempre, no desfile, uma concorrência entre o Horto e o Patrocínio, sempre um queria ser melhor que o outro. (PROFESSORA DULCE, 2020).

A egressa do Curso Normal do Horto, formanda de 1975, Professora Elvira (2020), aposentou-se com 32 anos de exercício no magistério público municipal e estadual, diz que o Curso Normal preparava muito, *“a gente tinha muitas atividades e tínhamos que construir muitos materiais didáticos para dar aula,”* segundo ela, a escola preparava muito bem os professores para atuarem na docência. *“A gente saia muito segura, porque tinha muitos materiais para aplicar com os alunos.”* E a entrada no mercado de trabalho, nessa época, era facilitada pela falta de professoras formadas na região.

Elvira (2020) destaca também, em seu depoimento, *“Tinha os materiais que a gente tinha que elaborar, tinha que ter uma farmacinha, tinha que fazer o flanelógrafo, tinha que fazer as aulas práticas, pra dar aula pra estágio, tudo isso era muito bem organizado, exigiam muito da gente, era muito bom o curso.”* Enfatiza a entrevistada, o apoio que as Irmãs davam às alunas “carentes”, no sentido de lhes arrumar emprego:

Logo que a gente se formou fomos trabalhar, e várias das minhas colegas arrumaram emprego, as Irmãs arrumavam trabalho pra gente, para as que precisavam, principalmente. E convidavam as melhores alunas para trabalhar na escola como professora ou funcionária. (PROFESSORA ELVIRA, 2020).

A egressa do Horto, do período entre 1970 e 1980, contou que trabalhou na escola e gostou muito, é bastante agradecida pela ajuda das irmãs, depois passou para concurso no município e para o Estado, onde ficou até se aposentar, como Supervisora Escolar, pois continuou seus estudos avançando para o ensino superior.

Existia neste período, na instituição educativa pesquisada, a cobrança de uma atitude austera, a Normalista deveria ter uma postura, uma forma de agir baseada nos bons costumes e nos preceitos religiosos. A própria vestimenta era cobrada como sinônimo de compostura. Tem-se registro de que determinada irmã, diretora da Escola Normal, aguardava as estudantes no topo da escada da entrada da escola com uma régua para medir a saia das normalistas que deveria ter 5 centímetros ou 2 dedos abaixo do joelho.

Sobre a exigência do acompanhamento dos preceitos religiosos católicos, a entrevistada, Professora Dulce (2020), aluna do período entre a década de 1960 e 1970, coloca que *“a religião que podíamos falar na época era só a católica, não existia a liberdade para debater determinados assuntos, como religiosos e políticos, Deus nos livre! Em sala de aula, era o silêncio total, se manifestavam só quando a professora mandava.”* As práticas desenvolvidas para a comunicação das aprendizagens nesse período mantiveram-se, como reflexo do *habitus* da normalista, conforme o ensino ofertado no Curso Normal, formador destas professoras.

Entre 1966 e 1970, ocorreu uma experiência que marcou o exercício da docência no Curso Normal do Horto. A Diretora do Grupo Escolar Bernardino Ângelo, na época Professora Ivone Garrido, com anuência e interseção do Estado, da Diretoria de Ensino, firmou convênio entre a Prefeitura Municipal e a Associação Rural, tendo como anexo ao Grupo Escolar, 8 classes do ensino primário, 4 pela manhã e 4 pela tarde – salas de aula nos pavilhões de exposição. (Consta dados como Beato Gianelli o nome deste espaço)

As estagiárias da Escola Normal do Horto atendiam esses estudantes orientadas por duas professoras da rede pública de ensino, pela manhã Professora Maria Cecília Leite Xavier, Professora Estadual e pela tarde, Professora Edelmira Espinosa Pereira, Professora Municipal.

A Aula Gianelli prosseguiu até 1973, a partir dessa data ocorria a compra de vagas pelo Estado, bolsas de estudo para alunos carentes distribuídas pela Prefeitura Municipal, salário-educação, auxílios estaduais e federais, auxílio de entidades filantrópicas locais, Rotary Club, Lion Club, Casa da Amizade. A comunidade e os poderes públicos sempre apoiaram esse educandário favorecendo vagas para estudantes, cujas famílias não podiam arcar com as mensalidades de um ensino particular.

Figura 18 - Formandas 1968, da Escola Normal Nossa Senhora do Horto, em Dom Pedrito/RS



Fonte: Autora (2020)

A foto acima, Figura 18, mostra as 31 (Trinta e uma) formandas de julho de 1968, em dezembro naquele ano teve outra formatura com 27 (Vinte e sete) Normalistas concluindo o Curso de Formação de Professores Primários do Horto de Dom Pedrito. Pela audiência presente, com o auditório repleto de formandas e familiares, observa-se o grau de importância que nesta data, a Escola Normal tinha na sociedade pedritense, embora saiba-se hoje, que em 1971, diante de nova legislação a Escola Normal foi, por assim dizer, extinta, dando espaço a um novo ensino.

Com a publicação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 5.692, de 11/08/1971, as Escolas Normais e seus respectivos Cursos de Formação de Professores Primários foram substituídos pelo Curso de Magistério.

O aluno que se formava neste curso recebia o Diploma de Professor do Ensino de Primeiro Grau, que lhe conferia o título de “Professor do Ensino de Primeiro Grau, de 1ª a 4ª série”, por ter concluído o seu ensino de segundo grau com a “Habilitação Profissional Plena para o Magistério”.

Por depoimentos colhidos em entrevistas com alunas do Curso Normal, (Período de 1947 a 1975) – fontes orais desta pesquisa, era exigido na Escola Normal Nossa Senhora do Horto: obediência e ordem, muitas leituras, atividades manuais, as sabatinas (provas, avaliações) e as “tomadas de lições”, (os pontos decorados), essas eram tarefas constantes. Assim contou a Professora Ana, uma das estudantes entrevistadas (do período da década de 1940-1950), do Curso de Formação de Professores Primários do Horto.

De 1950 para 1960 já existiam bolsas de estudo, que o Estado e/ou a prefeitura de Dom Pedrito arcava com as mensalidades, também existiam as bolsas de estudo para alunas que não podiam pagar as mensalidades e que em troca prestavam serviços à escola.

Pelos documentos e relatos angariados neste estudo, o ensino secundário, de caráter terminal e profissionalizante do Horto construía entre 1940 a 1970, um soldado da nação em defesa de seus princípios progressistas, liberais e reformadores, como cita Moura (2014).

O Curso Normal da Escola Nossa Senhora do Horto também formava para a Igreja, para a Pátria e para o lar, mas acima de tudo, proporcionava uma profissão às mulheres que ali estudavam, como normalistas. A menina moça, mãe, do lar,

virtuosa e recatada começa nesses bancos escolares a conhecer o que chamamos hoje de empoderamento feminino.

Eram amplamente recomendados dentre as Normalistas os métodos tradicionais de ensino – memorização e reprodução eram amplamente prescritos, com momentos de concessão, em que ao aluno era permitido participar, desde que mantivesse a disciplina e a obediência. Ou seja, um sistema de ensino cujas práticas escolares estavam amarradas ao conceito de competência, disciplina, organização e obediência.

Figura 19 - Normalistas em frente à Escola Normal do Horto de Dom Pedrito/RS: 1970



Fonte: Autora (2020)

Na Figura 19 está a imagem de 4 estudantes do Curso de Formação de Professores Primários, ano de 1970, em frente à Escola Normal do Horto de Dom Pedrito/RS. Foto do dia 7 de setembro de 1970. Acervo da Família Portilho.

As alunas do Curso de Formação de Professores Primários da Escola Normal Nossa Senhora do Horto de Dom Pedrito/RS, estão em frente à escola, organizando-se para o desfile cívico. Da esquerda para a direita: 1.º Neila Farinha Freire, 2.º Cleusa de Mello Portilho, 3.º Mariana Gonçalves, 4.º Clementina Melleu Simões.

A Professora Neila Farinha Freire, formada inicialmente no Curso Normal do Horto, no ano de 1972, foi Diretora de Escola Municipal em Dom Pedrito e esteve à frente da Secretaria Municipal de Educação na década de 1990.

Figura 20 - Jantar-baile de formatura no Dom Pedrito Country Club: 1972



Fonte: Autora (2020)

A Figura 20 mostra 2 imagens, das formandas dia 23 de dezembro de 1972, no Jantar-baile de formatura no Dom Pedrito Country Club. Acervo da Família Portilho.

Na primeira imagem da Figura 25, acima, estão 6 (seis) alunas do Curso de Formação de Professores Primários, na escada do Dom Pedrito Country Club, uma sociedade recreativa do município, responsável por grandes eventos sociais, como bailes, escolha de rainhas, festas de casamento e aniversários ilustres e luxuosos.

Ao centro, de vestido azul, está a formanda Cleusa de Mello Portilho, figura destacada no meio educacional em Dom Pedrito/RS, foi Diretora da Escola Municipal Alda Seabra, e, entrou para a história do educandário, foco desta pesquisa, pois foi de 1º de março de 1993 até dezembro de 2000, a 1.ª leiga a assumir a Direção da Escola do Horto. Trabalhando nesta instituição educativa até julho de 2021.

Ao lado da formanda Cleusa, estão as amigas inseparáveis do seu grupo de estudos. Na foto da esquerda para a direita: Primeira Fila: 1.º Maria Regina Simas Vargas, 2.º Cleusa de Mello Portilho, 3.º Maria Elisabete Batista. Segunda Fila: 1.º Eloí Gomes Gularte, 2.º Ana Beti Barbosa, 3.º Não identificada. Fato curioso foi em relação a cor do vestido, na época, 1972, a Diretora Irmã Amélia Lain determinou que as formandas solteiras deveriam ir de vestido branco ao baile, mas as formandas casadas deveriam ir de vestido azul.

A Colação de Grau foi no dia 23 de dezembro de 1972, na Capela da Escola Normal Nossa Senhora do Horto e o jantar-baile foi no Dom Pedrito Country Club, com entrada às 21 horas. O jantar e o baile oferecido às 36 formandas foi custeado pelo Paraninfo, Dr. Oscar Carneiro da Fontoura, nascido em Dom Pedrito em 20 de janeiro de 1900, foi estudante do Colégio do Horto, formando-se em Medicina no ano de 1923 – que aparece na segunda imagem da Figura 26, à direita, com a indicação da seta.

Figura pública, médico, pecuarista, agricultor e político de destaque, foi Intendente Municipal de Dom Pedrito (fevereiro de 1928 a setembro de 1932, foi deputado estadual, deputado federal, secretário de Estado da Fazenda, secretário de Estado do Interior e Justiça, presidente do Partido Social Democrático, ex-constituente e líder do seu partido. Assumiu a Secretaria da Fazenda no governo do general Daltro Filho, em 1937, continuando à frente daquela pasta nas gestões de Cordeiro de Farias, Cilon Rosa, Ernesto Dorneles e até o início do Governo Walter Jobim, em 1947.

Presidiu a Federação da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul (FARSUL) de 1963 a 1965. Foi ainda diretor da Caixa Econômica Federal, assessor da Caixa Econômica Estadual e colaborador direto, além de amigo pessoal, do governador Ildo Meneghetti.

Na Figura 20, imagem debaixo, na mesa da esquerda para direita, sentados, estão: 1.º Dr. Oscar Carneiro da Fontoura, 2.º O Jornalista Torquato Portilho, 3.º Formanda Cleusa de Mello Portilho, 4.º Julieta Farinha, 5.º Francisco Farinha. A figura ilustre que aceitou o convite para ser Paraninfo da Turma do ano de 1972, sentiu-se honrado em poder colaborar com a Escola Normal de sua cidade natal. Foi casado com Alice Machado Fontoura, com quem teve três filhos. O conceituado pedritense faleceu em 27 de dezembro de 1977, em Porto Alegre.

Quatro fatos marcam as imagens da Figura 20: 1. O momento da formatura de uma profissional da educação, expoente do ensino no município de Dom Pedrito – Cleusa de Mello Portilho, nascida em 09 de novembro de 1944, em Cruz Alta/RS, filha de Felisberto dos Santos Mello e Iris Leon Mello, casada com o jornalista Torquato de Mello Portilho, há 52 anos, mãe de Fabiana e Daniela de Mello Portilho, que são professoras, avó de Daniel Portilho do Nascimento; 2. O grau de obediência em que a à estudante era determinado a cor do vestido; 3. A não identificação da 6.^a integrante do grupo de estudos; 4. A consideração deste pedritense ilustre com a escola e a notoriedade do ensino ministrado na Escola Normal do Horto, cujo pecuarista, agricultor e político aceitou prontamente organizar jantar baile às 36 formandas e seus familiares.

Na vida estudantil da Professora Cleusa de Mello Portilho destaca-se que iniciou seus estudos em março de 1950, sendo aluna da Irmã Isabel Quijano, na 1.^a série do Primário. Concluiu o Ginásio em 1959. Concluiu o Curso Técnico em Contabilidade, em 1963, na Escola Técnica do Patrocínio. Formou-se no Curso de Formação de Professores Primários do Horto em 16 de junho de 1972. Fez Estudos Adicionais, na Área de Ciências, no Horto, em 1975. Formou-se em Pedagogia, Licenciatura II Grau, Fundamentos da Educação, na FAT/FUNBA, em 11 d agosto de 1986.

Em sua vida profissional destaca-se que ingressou como professora no magistério municipal em 10 de agosto de 1964, regente de classe multisseriada, na zona rural de Dom Pedrito de 1964 a 1967. Regente de classe de 1.^a a 5.^a séries, de 1968 a 1971. Foi Diretora da Escola Alda Seabra, de 1971 a 1986. Foi Supervisora da Zona Rural e Assistência ao Educando, na Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SMEC), 1986 a 1989. Ingressou no Magistério Estadual em 11 de julho de de 1980. Participou do Conselho Municipal de Educação de Dom Pedrito/RS, como Conselheira Presidente, de 27 de julho de 1994 a junho de 2006. Ingressou como Professora na Escola Normal do Horto, em 03 de março de 1989. Há 55 anos a serviço da educação pedritense.

Como cidadã atuante é Voluntária do Centro de Apoio à Vida (CAV). Voluntária da Liga Feminina de Combate ao Câncer. Integrante do “Coral Terra da Paz” há 34 anos, como vocalista e secretária. Integrante da Confraria Nossa Senhora do Horto, há 18 anos, como secretária.

Segundo a Professora Cleusa de Mello Portilho, a Confraria Nossa Senhora do Horto foi criada em 1910, com a finalidade de congregar associados devotos da Virgem do Horto, promovendo e vivenciando valores e princípios cristãos, contribuindo para a preservação e santificação da família, incentivo à vocações sacerdotais, religiosas, partilha e conagração de ex-alunos da escola e a vivência dos princípios Gianellinos na obra do bem comum. Nas palavras da Professora Cleusa, *“Com 110 anos, a Confraria mantém-se viva e atuante como Relicário Mariano na escola e a serviço na comunidade pedritense.”* (PROFESSORA CLEUSA DE MELLO PORTILHO, 2020).

A Congregação tem diretoria constituída, dela fazendo parte duas irmãs representantes das Filhas de Maria Santíssima do Horto e membros associados, que contribuem com uma anuidade, que reverte-se em atividade assistencial para idosos e crianças. Os sócios são chamados “Zelados” e divididos em grupos denominados de “Coros”, sob a liderança de “Zeladoras” participam das campanhas benemerentes, encontros de trabalhos orações e reflexões, bem como distribuição das arrecadações e blusões de lã confeccionados pelas tricoteiras.

Tem por finalidade maior reunir associados, devotos da Virgem do Horto, sistematicamente, para palestras, reflexões, orações, Novena do Horto, que acontece a partir de 24 de junho de cada ano, cujo encerramento festivo é 2 de julho – data consagrada à Virgem do Horto – época em que são introduzidos novos sócios que se comprometem a praticar e propagar a devoção Mariana, todos trabalhos que oportunizam o cultivo espiritual e pessoal, a prática da caridade, opção pela pessoa e a vivência cristã.

4 ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO DA ESCOLA NORMAL DO HORTO

4.1 Arquitetura, espaços, mobiliários

Quem passeia por Dom Pedrito, uma típica cidade do interior gaúcho, na Região da Campanha do Estado do Rio Grande do Sul, observa, circundando a Praça General Osório, a rica arquitetura preservada em prédios como a Caixa D'água, a Casa do Gaúcho, o Palácio Poncho Verde (de 1927, sede dos serviços administrativos da Prefeitura Municipal), a Igreja Matriz Nossa Senhora do Patrocínio, o Museu Paulo Firpo, a Escola Nossa Senhora do Horto (de 1908).

Figura 21 - O prédio do Horto/Dom Pedrito/RS: ontem e hoje



Fonte: Autora (2020)

A figura 21, mostra acima, a fachada do prédio do Colégio Nossa Senhora do Horto, inaugurado solenemente no dia 05 de julho de 1914, com essa denominação, a foto está disposta no álbum sobre a história da escola, no museu da instituição, Museu Melânia Mottoso. Na época da inauguração, em 1914, estava concluída a parte oeste, da portaria até a Andrade Neves, em direção à leste, as paredes estavam a 2 metros de altura, sendo concluído a ala em obras no ano de 1926.

Abaixo, está a imagem da escola nos dias de hoje, uma edificação imponente, muito bem localizada, no centro da cidade, a uma quadra da Praça Central General Osório. Pode-se dizer que para a época, 1914, até os dias atuais, constitui-se em uma construção suntuosa e muito distinta, que se ressalta nos dias de hoje pelo valor patrimonial que representa na sociedade do município de Dom Pedrito, Rio Grande do Sul, Brasil.

A Professora Regina Quintanilha Azevedo em sua dissertação de mestrado “Práticas educativas do curso complementar de uma escola particular católica: Colégio espírito Santo, Bagé, 1930-1944”, de 2003, o primeiro texto garimpado para a feitura desta pesquisa, por ter alunas que estudaram em (Bagé e Dom Pedrito), pela proximidade entre os municípios (67 km) e, pelas similaridades entre as instituições pesquisadas, coloca:

Comenta Frago (1998) que a escola construída em forma de U, na qual a fachada ficava exposta, tinha uma finalidade ostentar e impressionar a pessoa que a contemplasse, ao mesmo tempo ocultava o seu interior; interior que se encontrava sobre a total atenção das Irmãs que, como também Analisa Dallabrida (2001) ao estudar um colégio Jesuíta, como olhar sobre todas e cada uma das alunas, procurava ver todas as suas atitudes em todos os espaços do colégio como na sala de aula. (AZEVEDO, 2003, p. 70).

Este era o projeto também do colégio do Horto, em forma de “U”, com o predomínio de sua frente, escondia seu interior, apresentando a comunidade sua fachada ilustre, para uma cidade em canteiro de obras na época, pois ocorria construção da Praça General Osório, Instalação da rede elétrica, calçamento de ruas com pedras irregulares, realocamento da Igreja Matriz.

Figura 22 - Atestado Mensal de uma aluna do ano de 1914, época de inauguração do Colégio Nossa Senhora do Horto



Fonte: Autora (2020)

A Figura 22, mostra o Atestado Mensal de uma aluna, expedido no mês de julho do ano de 1914, época de inauguração do Colégio Nossa Senhora do Horto. O documento faz parte do Acervo do Museu Melânia Mottoso. Este Boletim expõe as disciplinas da época e as notas atribuídas, com os devidos valores: 1. Ótimo; 2. Muito Boa; 3. Boa; 4. Regular; 5. Má, bem como os critérios avaliados no decorrer da aprendizagem de cada estudante: Assistência, Comportamento, Aplicação, Ordem, Civilidade e Pontualidade.

Essa concepção de ensino foi uma das característica da formação ministrada também no Curso Normal, que formou professoras para atuar em Dom Pedrito e região. Logo após a formatura, a Normalista do Horto tinha a opção de pleitear um emprego como professora, podia assumir uma profissão. Quem fazia concurso para ser professor pelo Estado e passava, muitas vezes, tinha que assumir turma em outro município.

A Professora Ana (2020) fonte oral desta pesquisa conta que muitas colegas passavam para o concurso do Estado, mas seus pais ou maridos tinham que dar permissão, aí, muitas não iam assumir seus cargos, porque ficavam impedidas por

essas autoridades, “*era o costume daquele tempo*”, coloca a Professora Ana (2020). Outro aspecto evidenciado era o poder dos políticos, como conta a Professora:

Eu passei num concurso e me mandaram para São Sepé, por três anos eu não podia ir para outra cidade, a Coordenadoria era em Santa Maria, graças a Deus Brizola era amigo da Célia parente da minha mãe, a Célia do Senhor Oscar Vicente e Silva, ele conseguiu a transferência para mim vir para Dom Pedrito. Brizola Veio visitar Oscar, aí a Célia falou com ele, no outro dia que ele chegou em Porto Alegre, já mandou a minha transferência e eu segui trabalhando no Horto até me aposentar. (PROFESSORA ANA, 2020).

A Professora Ana (2020) expõe as dificuldades que a Normalista encontrava logo ali depois de sua formação inicial no Curso de Formação de Professores Primários da Escola Normal do Horto em Dom Pedrito: ter que abandonar suas origens e assumir um posto distante de sua localidade, e, relata como se resolviam as questões educacionais – através da política partidária.

O Governador do Estado, na época, 1959, Leonel de Moura Brizola, em sua política de expansão do ensino público realizou concursos para preencher vagas para professores da rede estadual de ensino o que proporcionou a profissão da Professora Ana. Através do político trabalhista local, Senhor Oscar Vicente e Silva, estava assegurada sua transferência, para Dom Pedrito, por cedência dessa profissional, em troca de bolsas de estudo para alunos carentes na Escola Normal Nossa Senhora do Horto.

Figura 23 - Normalistas da Escola Normal do Horto de Dom Pedrito visitam o Departamento de Cultura Pedagógica, no Palácio Piratini, em 1960



Fonte: Autora (2020)

A Figura 23 apresenta uma ocasião especial de muita honra para a Escola Normal Nossa Senhora do Horto, de Dom Pedrito, Professoras e Normalistas visitam o Departamento de Cultura Pedagógica, no Palácio Piratini, em 1960. De pé da esquerda para a direita, estão: 1.º Judite Fonseca de Oliveira, 2.º Iara Dutra, 3.º Mirta Neide M. Moreira, 4.º Zoila Maria da Rosa Quadros, 5.º Ana Cecy Fagundes. Sentados estão: 1.º Abigail Freire, 2.º Ione Mello, 3.º Nilda Leal Zacouteguy, 4.º Noemia Medran Moreira, 5.º Margarida Machado, 6.º Representante do Governo, 7.º Eleonilda Osório Marques, 8.º Representante do Governo, 9.º Maria Dinorá Fernandes Coutinho, 10.º Edena Lucas Pereira, 11.º Otília Machado, 12.º Maria Helena Salenave.

A comitiva pedritense da Escola Normal de Dom Pedrito foi recebida pelo Departamento de Cultura Pedagógica, na capital, em Porto Alegre, às vésperas da nova legislação, 4.024/61. Uma escola que estava em busca de constante evolução pedagógica.

Instituição, cujas práticas e doutrinas religiosas cristãs, católicas estavam presente em todas as atividades, com seus rituais e símbolos, era um ensino ofertado, em uma organização, cujo fio que interligava essas ações seriam estas práticas e as políticas educacionais que lhes atravessavam. Uma das cinco estudantes entrevistadas (décadas de 1940-1950, 1950-1960, 1960-1970) descreve a Escola Normal Nossa Senhora do Horto de sua época, década de 1960:

No município, era considerado referência em educação, destacando-se pela excelência do ensino. Na sociedade, era a formação das gerações que iriam protagonizar mudanças valiosas. Para mim, o Horto era o Manancial da cultura, a promessa de futuro, a educação que valorizava a inteligência e o potencial de cada aluno, enriquecia a espiritualidade e o cultivo dos valores consistentes que nos impulsionavam a voos maiores e inovadores. (PROFESSORA CECÍLIA, 2020).

A Professora Cecília (2020), nascida em 26/02/1944, já aposentada, formou-se como Normalista, em 1963, atuou como Professora na rede pública e particular de ensino e foi Supervisora de Estágio, na Escola Normal Nossa Senhora do Horto. Naquela época, em que foi aluna Normalista, no curso de 3 anos e meio, ela esclarece que para ingresso no curso normal, apresentava-se o histórico escolar dos cursos primário e ginásial e demais documentos para matrícula.

Para a Professora Cecília (2020). *“O prédio, imponente, destacava-se no ar. Ficava na Rio Branco, 1206, com seus espaços amplos, ensolarados, cercadas pelos jardins bem cuidados. As instalações adequadas à sua finalidade, oferecendo segurança e comodidade a toda a comunidade escolar.”* (PROFESSORA CECÍLIA, 2020). As salas de aula do Curso Normal foram construídas para esse fim:

A sala de aula estava instalada na construção nova, que foi ampliada para abrigar o curso normal. A ornamentação atrativa, os quadros de Nossa Senhora de do Horto e de Santo Antônio Gianelli para os quais faziam as orações no início das aulas. O carinho e a cumplicidade das colegas tornavam inesquecíveis as lembranças desse tempo de normalistas. A sacralidade das novenas, a oferta de rosas a Menina Maria, a solenidade e garbo dos desfiles cívicos, com o ritmo cadenciado da banda escolar iluminavam o passar do tempo, personalizando atores e espaços fantásticos de vida e religiosidade. (PROFESSORA CECÍLIA, 2020).

As lembranças afloradas destacam o fortalecimento da personalidade, a construção do conhecimento, o cultivo de amizades duradouras, o apoio imprescindível que sedimentaram suas escolhas, enquanto Normalista e enquanto Professora Cecília externa: *“Agradeço Ao Senhor pela graça e imensa de estudar na Escola do Horto.”* (PROFESSORA CECÍLIA, 2020). Uma instituição que marcou e ainda marca, a história do município e região.

Marcus Levy Albino Bencostta, estudando os aspectos do ensino no Estado do Paraná, inspirados nas ações paulistas, em seu artigo “Arquitetura e Espaço Escolar” (2001 p. 4) destaca, que já no início do século XX havia a “preocupação das autoridades de ensino em discutir um formato idealizado de escola primária”, projetos arquitetônicos específicos de edifícios destinados aos grupos escolares, e assim também foi no Rio Grande do Sul.

Neste Estado ocorreu o agrupamento das diversas salas de aula espalhadas nos municípios para um só edifício, que reunisse todas as condições exigidas pela higiene, também na escola particular como a Escola Normal Nossa Senhora do Horto, em Dom Pedrito, estava sob a mira de inspetores, delegados, fiscais e diretores gerais de ensino, que exigiam um espaço próprio para o ensino visando melhor divisão do trabalho do professor, aumento da oferta da instrução popular, de cunho progressista e organização pedagógica.

Questões como dimensões das salas de aula, classes proporcionais ao número de alunos, pé direito dos espaços em edifícios educacionais, iluminação, filas de carteiras mais adequadas, ventilação, latrinas na proporção mínima para o número de alunos, campo destinado ao recreio e exercícios físicos, proteção contra as intempéries, passaram a fazer parte das preocupações dos espaços ditos educativos.

Na Escola Normal do Horto havia a divisão das salas de aula por idade e sexo e a disposição das carteiras enquanto elementos da planificação do espaço. Embora as salas de aulas fossem amplas, espaçosas e oferecessem condições higiênicas propícias ao uso escolar, o número grande de alunos no único Curso Normal do município, entre 1947 a 1971/5 complicava as coisas, pois as carteiras distribuídas em fileiras eram muito próximas uma da outra.

Na hora do recreio o pátio que se dispunha era o espaço onde ficava o poço e o *Hortus*, ou, era um retângulo, com terra e areia, parte com jardim e árvores frutíferas nas laterais, onde as Normalistas realizavam suas interações, em grupos e lanchavam o que traziam de casa como merenda.

Figura 24 - Disposição e mobiliário em sala de aula



Fonte: Autora (2020)

A Figura 24 apresenta a constituição e disposição de uma sala de aula, da Escola Nossa Senhora do Horto, Dom Pedrito/RS, período de 1940-1970. A foto pertence ao arquivo do Museu Melânia Mottoso, está arquivada em um álbum ilustrativo sobre a história da instituição. As carteiras eram individuais, dispostas em fila, feitas de madeira, os bancos, inicialmente, não tinham encosto, em 1960 os bancos foram trocados por cadeiras de madeira, com encosto e assim permaneceram até 1970.

A estrutura da instituição, segundo as fontes orais, era primorosa, como confirma a Professora Ana (2020), período entre 1940-1950. Ela descreve que não havia quase infecções nas dependências, porque era tudo muito bem esterilizado com o máximo de cuidados higiênicos, as irmãs e algumas internas faziam o trabalho, tinham aulas, pela manhã e pela tarde, tendo somente folga na quinta-feira, pela manhã, e, nos domingos, no restante da semana faziam turno completo.

Em 1950, existiam o hall de entrada, a sala de recepção, as salas de aula, nos dois pisos (as de baixo e as de cima), o refeitório, os dormitórios, a sala de reuniões, as salas destinadas a Clausura, que era as dependências das Irmãs, a Capela e 2 pátios.

Um na ala direita e outro na ala esquerda do educandário. Na ala direita o piso era de tijoletas avermelhadas, e, na ala esquerda, só em 1969 é que foi construída uma quadra de esportes, antes era chão e areia. As duas alas eram inicialmente cercadas: por um arvoredo de eucaliptos, que deu lugar à Capela; e uma quinta de frutas, bergamoteiras e laranjeiras, que deu lugar ao pátio interno da ala esquerda, que foi cimentado para realização de esportes.

Figura 25 - Imagem de um momento de descontração no pátio da escola, em 1957



Fonte: Autora (2020)

O pátio da Escola Normal era o espaço para recreação das estudantes no recreio, para o desenvolvimento de atividades físicas e de integração com a comunidade local, a Figura 25, apresenta um momento de integração entre as normalistas, as Irmãs docentes e visitantes, no ano de 1957.

A fotografia faz parte do Acervo do Museu Melânia Mottoso. Descontraídos, o grupo joga uma partida de vôlei. Ao fundo observa-se grupos, em separado, a direita do *Hortus Conclusus*, os meninos, à esquerda, as meninas.

O *Hortus*, inaugurado em 31 de dezembro de 1916, com a Primeira Missa, em 1.º de Outubro de 1917, no ano 1966 devido a uma inspeção da Secretaria de Educação, que solicitou que fosse retirado para dar espaço as aulas de Educação Física, foi desmontado, transportado e reconstruído na Fazenda do Senhor Deoclécio Lopes, fazenda denominada Nossa Senhora do Horto.

Símbolo de devoção da comunidade estudantil do Horto, em 11 de fevereiro do ano de 2000 o *Hortus Conclusus* retornou ao pátio da Escola, sob a organização da Irmã Ana Abatti e com o esforços da Confraria, foi reconstruído entre os anos de 2000 a 2003, pelo construtor Alvício Correa Fernandes.

Sua reinauguração contou um grande evento, onde 60 integrantes da Confraria Nossa Senhora do Horto, liderada pela Presidente Glória Maria Leon Pereira carregaram o estandarte pelo pátio diante de um grande número na plateia, o Coral Esperança regido pela Ex-aluna do Curso Normal Sueli Scultz, o Coral de Crianças da Escola, regido pela Professora Maria Veiga Miranda, Diretora Maria Beatriz Neves Fagundes. (Anexo J – Reinauguração do *Hortus*).

Figura 26 - A Capela da Escola Normal, local de devoção e grandes eventos



Fonte: Autora (2020)

A Figura 26 apresenta a imagem da Capela da Escola Normal Nossa Senhora do Horto de Dom Pedrito, a imagem é do ano de 1960, arquivada no Acervo do Museu Melânia Mottoso. A estrutura do espaço dedicado à devoção de Nossa Senhora do Horto, até a década de 1970 passou por 4 momentos marcantes de sua história: 1909, 1914, 1926 e 1954. (Anexo k, a Capela atual).

Em 16 de novembro de 1908, época inicial desta instituição em Dom Pedrito/RS, foi feito pelas irmãs o pedido para instalar no Colégio uma capela em

devoção à Nossa Senhora do Horto, o que foi permitido pelo Bispo do Rio Grande do Sul, Dom José Cláudio Ponce de Leon. Em 25 de fevereiro de 1909, ocorreu a primeira Missa, da capela erigida na 2.^a casa alugada para o Colégio.

Em 1914, época da inauguração do prédio que conhecemos como Escola do Horto de Dom Pedrito, na ala oeste do prédio, em uma sala, foi organizado novo espaço para a capela.

Na década de 1920, a Confraria de Nossa Senhora do Horto moveu esforços que culminaram em uma capela na parte leste do prédio, inaugurada em 26 de junho de 1926, que foi sendo embelezada por seus devotos em constantes doações, enriquecendo-a de adornos religiosos.

Figura 27 - Campanha dos mil cruzeiros, recursos para construção da capela



Fonte: Autora (2020)

A Figura 27 mostra o documento utilizado para a “Campanha dos mil cruzeiros”, cujos recursos serviram para construção da capela, no lugar que se vê hoje. Aos interessados em colaborar ex-alunos, alunos, congregados e amigos é feita a súplica que colabore com mil cruzeiros ou mais, pois “Muitas serão as graças que se espalhará em cada família, conforme a sua generosidade.” Pedido que os fiéis prontamente atenderam, com a informação de que seus nomes constariam do

Livro de Ouro que seria oferecido à Nossa Senhora do Horto, por ocasião da inauguração da nova capela. Ação lançada entre 1952 e 1953.

No dia 12 de abril de 1953, o parque de eucaliptos do pátio do Colégio deu lugar ao início das obras da Capela do Colégio de Nossa Senhora do Horto, projeto idealizado e executado pelo construtor Abdias Baptista de Mello. Abattti (1986, p. 96) expõe a fala da Irmã Mercedes Liberali, que conta: “A Irmã Amélia Marletto solicitou do juiz a permissão para os presos auxiliarem na preparação do local destinado à capela. Cortaram os eucaliptos e arrancaram as raízes que estavam muito profundas”. Mesmo aqueles que estavam privados de sua liberdade contribuíram com seus esforços para a construção desse templo de devoção da comunidade pedritense.

No depoimento da Irmã Mercedes ela afirma que os presos cedidos pelo juiz da comarca, daquela época, trabalharam por vários dias, eram bem tratado pelas irmãs, com um “bom almoço” e lamentaram quando o serviço acabou.

Assim, a comunidade escolar, juntamente com as forças vivas da sociedade pedritense e autoridades da época moveram esforços para concretizar a obra, como bem diz no convite de inauguração: “[...] nova capela oferecida, pela população pedritense, a Nossa Senhora do Horto”. Solenidade realizada em 30 de outubro de 1954. É o espaço que conhecemos hoje, em 2021, diferenciando-se o altar, cujo original foi fabricado em Buenos Aires e ricamente adornado, da década de 1960 e mais tarde sofre algumas alterações.

Nesse espaço a comunidade escolar fazia e faz diversos eventos como catequese, primeira comunhão, apresentação de Coral, Novena em honra à Nossa Senhora do Horto, Missas e formaturas com colação de grau dos cursos de formação de docentes da escola. Também é o local onde as estudantes iam (vão) fazer suas súplicas e recobrar energias.

A instituição, com cuidados impecáveis em sua disciplina, organização e limpeza, preserva muito de suas características, como se pode ver, passeando por suas dependências.

Nas salas de aula do Curso Normal até 1960 os bancos de madeira foram substituídos por cadeiras de madeira com encosto. Havia a mesa do professor por sobre uma elevação do piso, o quadro negro, mapas, a cruz cristã e a imagem de Nossa Senhora do Horto. O caráter religioso, de ordem e obediência dominaram o cenário desta escola normal.

Gizele de Souza e Vera Lucia Gaspar da Silva (2019) esclarecem que:

O projeto de escolarização de massas no Brasil necessitou de uma articulação fecunda com setores comerciais, que participaram da tarefa de produzir o aparato material que sustentaria a edificação do projeto de escolarização da infância (em fins de século XIX e início do XX). (SOUZA; SILVA, 2019, p. 1).

No ensino público havia os negócios combinados em uma trama político-comercial-pedagógica, como bem explica as autoras citadas acima, nesta região do estado também foi assim, mas a Escola Normal do Horto nutria-se de doações orçamentárias da comunidade local e buscava as adequações exigidas pelos professores, inspetores, autoridades e fiscais de ensino.

A estrutura física organizada na década de 1930 para a formação das Alunas-Mestras perdurou na instituição por longa data. O Curso Normal herdou essa configuração de sala de aula apinhada de alunas e foi se adequando, conforme as exigências dos fiscais de ensino muitos dos quais formados em seus bancos escolares. Foram-se organizando espaços pedagógicos na escola, mas pouco foi feito pela estrutura da sala de aula em si: classes, cadeiras e ornamentos.

Figura 28 - Turma do 3.º Ano do Curso Normal, ano de 1964



Fonte: Autora (2020)

A Figura 28 mostra uma turma da 3.ª Série do Curso Normal, ano de 1964, em uma sala de reuniões, a foto faz parte do Acervo Melânia Mottoso.

Da esquerda para à direita estão:

Na Primeira Fila: 1.ª Adelaide Portela, 2.ª Carmem Beatriz Seabra de Castro, 3.ª Neuza Irânia Gomes, 4.ª Tânia Cardoso, 5.ª Irmã Ana Amabile Abatti.

Segunda Fila: 1.^a Zaida Gantes Quincozes, 2.^a Eunice Viana Borges, 3.^a Jeusa Simões da Fontoura, 4.^a Nair Lima, 5.^a Marila Freire, 6.^a Irmã Setembrina Santos.

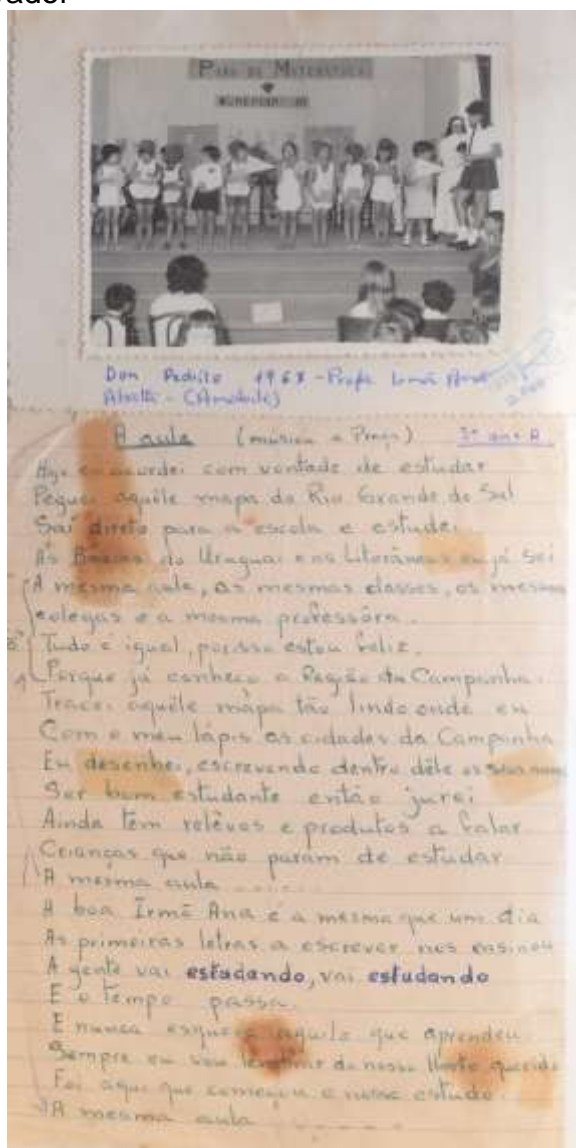
Terceira Fila: 1.^a Sirley Santos, 2.^a Celste Nunes, 3.^a Ana Aleluia Silveira, 4.^a Francisca M. Umpierre, 5.^a Terezinha de Jesus, 6.^a Nair Martins, 7.^a Delvair Gonçalves.

Quarta Fila: 1.^a Olvina Vieira, 2.^a Maria Capuano, 3.^a Miriam.

Em pé, ao fundo, está a Professora Rosinha Zeferim.

Na foto acima, as Normalistas, apresentam-se descontraídas, e, entre as colegas estão duas religiosas, Irmã Setembrina e Irmã Ana. Esta última, Professora Irmã Ana, Amabile Abatti, foi uma das principais fundadoras do Museu Melânia Mottoso.

Figura 29 - A dinâmica de ensino renovado, ano de 1967, em um espaço conservado e conservador



Fonte: Autora (2020)

A Figura 29 mostra a atuação de uma estagiária em uma turma do 3.º ano, a imagem é do ano de 1967, demonstra a dinâmica de ensino renovado, Pedagogia Ativa, ministrada pela Escola Normal do Horto, em um espaço tradicionalmente conservado e conservador.

O momento eternizado compõe a culminância de um Projeto de Ensino, inspirado nos fundadores da Escola Nova: Ovide Decroly (1871 – 1932), Maria Montessori (1870 – 1952) e John Dewey (1859 – 1952), que fizeram a crítica à Escola Tradicional, problematizando a função social da escola, o papel do educador, do educando e a organização do trabalho pedagógico.

Os escolanovistas procuraram criar formas de organização do ensino que tivessem características como: a globalização do ensino, o atendimento ao interesse do aluno, a participação dos alunos, uma nova organização didática e a reestruturação da sala de aula.

Entre as formas de organização de ensino estavam os centros de interesses, as unidades didáticas e os projetos. Técnicas pedagógicas que contemplam a psicologia infantil, principalmente sobre o desenvolvimento da criança e a preservação de sua liberdade. A sala de aula funcionaria como uma comunidade em miniatura, ou seja, prepararia para a participação social na vida adulta. A escola deveria auxiliar as crianças a compreenderem o mundo de forma rigorosa através da pesquisa, do debate e da solução de problemas.

A paródia da música “A Praça” (música eternizada na voz do cantor Ronnie Von), descrita acima na Figura 28, descreve bem a situação: *“A mesma aula, as mesmas classes, os mesmos colegas e a mesma professora. Tudo é igual por isso estou feliz. Porque já conheço a região da campanha”*. Um ensino renovado entre complexidades e dilemas sociais.

A proposta encontrava ali pelo menos três grandes entraves: Primeiro, o fato de a concepção tradicional do programa escolar ser uma grande lista de conteúdos fragmentados, obrigatórios, uniformes, previamente definidos e autoritariamente cobrados; Segundo, a necessidade de prever o período de duração dos projetos antes mesmo de sua implementação; Terceiro, o caráter dogmático de um ensino centrado nos preceitos religiosos da fé católica.

4.2 Horários, disciplinas, perfil dos alunos e professores

O Colégio Nossa Senhora do Horto foi fundado em 03 de maio de 1908, O Curso Normal, foi criado em 19 de março de 1947, abarcando os conceitos da LOEN, de 1946. Nos dias 13 e 14 do mês de março de 1947 realizou-se o 1.º Exame Vestibular do Curso de Formação de Professores Primários da Escola Normal Nossa Senhora do Horto de Dom Pedrito, e, em 1975 formou-se a última turma de Normalistas.

O Curso Normal existiu neste educandário por 28 anos. Primeiramente, as estudantes cursando-o em 3 anos e depois de 1955, época em que a lei 6.004, do

Regulamento do Ensino Normal do Rio Grande do Sul foi aprovada, cursando-o em 3 anos e meio. O Curso abrangia o sistema de internato, semi-internato e o que chamavam de externato.

As fontes orais deste estudo indicam que o corpo docente era constituído por professores registrados no Departamento Nacional do Ensino e as Delegacias de Ensino fiscalizavam se de fato estavam registrados. Nos anos iniciais do Curso Normal do Horto profissionais liberais e religiosos eram os professores na instituição. Os docentes deveriam mostrar capacidade para o trabalho e idoneidade moral reconhecida na comunidade. Recebiam seus pagamentos até o dia 10 de cada mês e tinham férias remuneradas. Sobre as religiosas que exerciam docência no Curso Normal, a Professora Ana (2020), egressa do período de 1940 a 1950, diz que todas tinham habilitação, relembra sobre as Irmãs:

As irmãs usavam hábito não se via nem o cabelo delas. A supervisora tocava a sineta a gente fazia fila, aí mandavam a gente para aula, cada um para sua sala em fila, se tivesse alguém com uniforme desconforme, era mandado para casa, não podia entrar, o colégio era muito organizado. (PROFESSORA ANA, 2020).

Na fala da Professora Ana (2020), fica claro o sistema rígido de ensino desenvolvido no curso de formação de professores primários da Escola Normal Nossa Senhora do Horto, se comparecesse a escola sem o devido uniforme, não entra, volta pra casa. Em Dom Pedrito, no Horto, existiam professores cedidos pelo Estado, cedidos pelo Município e aqueles que tinham Contrato de Serviços, por ano letivo.

No contrato lhes exigiam: comparecimento às reuniões do corpo docente; pontualidade ao serviço; seguir os programas oficiais e os projetos da direção do estabelecimento; chegar sempre, no mínimo, 5 minutos antes do primeiro período de aula; não faltar ao trabalho, sem aviso prévio, a não ser por doença ou força maior e a diretora é que decidia se aceitava ou não a razão da falta; manter a disciplina no interior das salas de aula; preparar exercícios para os alunos, como tarefa de casa, corrigí-los e registrá-los; manter a direção da escola informada quanto a qualquer fato, dentro ou fora da escola, que viesse a macular a moral e a boa imagem da instituição.

Às alunas era posto como exigência boa conduta, respeito, obediência aos professores, assiduidade nas aulas, organização, zelo e pontualidade nos trabalhos escolares. O sistema disciplinar da instituição previa: advertência, suspensão momentânea das aulas, perda de nota, separação temporária das outras colegas, suspensão das aulas, por um ou mais dias. Qualquer outra leitura, que não fosse para o estudo, indicada pelos professores, estava proibida, jornal ou livro de qualquer espécie, somente os indicados pela instituição e os adquiridos na Biblioteca pré-selecionados para a turma.

Inicialmente, no Curso Normal as taxas do ensino, do pensionato eram pagas anualmente, ou trimestralmente, adiantado, na ocasião da matrícula, pagava-se a jóia, que era uma taxa de matrícula, e, a inspeção médica.

A partir da década de 1960, segundo as fontes orais, já havia a mensalidade. Para as alunas internas as visitas continuavam a ser permitidas uma vez por semana, no sábado, mas tinha que marcar com antecedência, e, se a aluna estivesse de castigo, ficava proibida de receber visitas. No domingo a família poderia buscar pela manhã e devia retornar à tarde, às 18 horas. Receber ou mandar carta ou qualquer objeto, só com a anuência da diretora. O uniforme era exigido sempre nas dependências da instituição, as famílias tratavam de mandar fazer nas costureiras da localidade ou da região. O dormitório das Normalistas internas eram coletivos e ficavam ali crianças e jovens de idades diversas. Uma Irmã ficava responsável para apagar a luz, anunciando que já era hora de dormir.

Uma vez por mês os pais poderiam vir buscar a filha para visitar sua casa, era no domingo, saía às 8 horas da manhã e às 18 horas da tarde deveria estar de volta. Como as famílias que mantinham as filhas no internato moravam na zona rural do município, essas visitas eram esporádicas, vinham para a cidade, ficavam em uma casa de familiares, buscavam a Normalista pela manhã e à tardinha entregavam às Irmãs o seu bem mais precioso, ao pé da escada do hall de entrada da escola ou na sala de visitas da instituição. Se a estudante se atrasasse na sua volta, já ficava suspensa a próxima saída, pois as regras eram rígidas e deveriam ser observadas à risca.

As notas das estudantes em seus estudos eram divulgadas aos pais em um Boletim Mensal ou Trimestral, ocasião em que era enfatizado que o pai utilizasse

sua autoridade para auxiliar o bom desenvolvimento da filha no Curso Normal, o castigo era amplamente difundido desde a repreensão até castigo físico.

Para aprovação a nota final teria que ser acima de 30 em cada disciplina e a média igual ou superior a 50. Existiam os trabalhos escolares, as provas parciais, como as provas orais e escritas e a prova final, que constava como Exame Final, com acompanhamento de fiscais. (Um exemplo está no Anexo L).

Durante o ano letivo a nota final de uma disciplina era a média entre as provas parciais, trabalhos e a prova final do trimestre ou bimestre. As aulas iam de março a primeira quinzena de julho e de agosto a primeira quinzena de dezembro. Uma das professoras que foi bastante lembrada entre as fontes consultadas foi a Professora Maria Veiga Miranda, foto de formatura, abaixo.

Figura 30 - Professora de Francês, Filosofia e Psicologia no Curso Normal, Professora Maria Veiga Miranda



Fonte: Autora (2020)

A Figura 30, mostra a imagem da Professora Maria Veiga Miranda (30/05/1934 – 18/11/2019), em sua formatura, como Normalista da Escola Normal Nossa Senhora do Horto, no ano de 1954, na imagem a formanda veste capelo e beca, tradicionalmente utilizados para todas as cerimônias de colação de grau na Escola Normal Nossa Senhora do Horto.

Como estudante, destacou-se pela responsabilidade, competência e zelo, logo após a formatura foi exercer sua profissão na Escola Normal Nossa Senhora do

Horto, atuando nesse espaço em diversos *fronts* como professora docente, professora de língua francesa, como musicista, responsável pelo Coral da Escola, Orientadora Educacional, apoio pedagógico, todas funções educativas.

A professora Maria Miranda, como era conhecida, exímia pianista, dedicou sua vida à formação docente e à Escola do Horto. Na década de 1960 para 1970, foi professora de Filosofia e Psicologia no Curso Normal, após o término deste Curso também atuou no Curso de Magistério. Até sua morte trágica, em um acidente, no final do ano de 2019, esteve sempre envolvida com os projetos educacionais no município de Dom Pedrito.

Figura 31 - Mesa de autoridades de formatura, com a presença da Professora Maria Miranda



Fonte: Autora (2020)

A Figura 31 mostra uma mesa de autoridades para formatura na Escola Normal Nossa Senhora do Horto, com a presença, da esquerda para a direita: 1.º Professora Diretora da Instituição, Irmã Amélia Lain, 2.º Professora Maria Leite Xavier, 3.º Coronel Athos Prates da Silveira, 4.º Dr. Maurício Munhoz, e, 5.º Professora Maria Veiga Miranda, bem à direita. Pode-se observar na boa postura da Professora Maria Veiga Miranda, os resquícios culturais da Normalista do ano de 1954, pois a estas era exigido uma postura discreta e digna.

A Professora Maria Veiga Miranda, como docente do Curso Normal era reconhecida como a professora que exigia o raciocínio e a elaboração do pensamento, em suas provas sempre colocava questões que ao final diziam: “Explique:” ou “Explique com suas palavras:”; “Como? Porquê?”.

Como os conhecimentos trazidos por esta professora eram “novos” naquele tempo, eram muitos os estudos exigidos para a conquista da média em suas disciplinas.

Figura 32 - As professoras do Curso Normal reunidas para 1.^a Festa das Normalistas, em 1968



Fonte: Autora (2020)

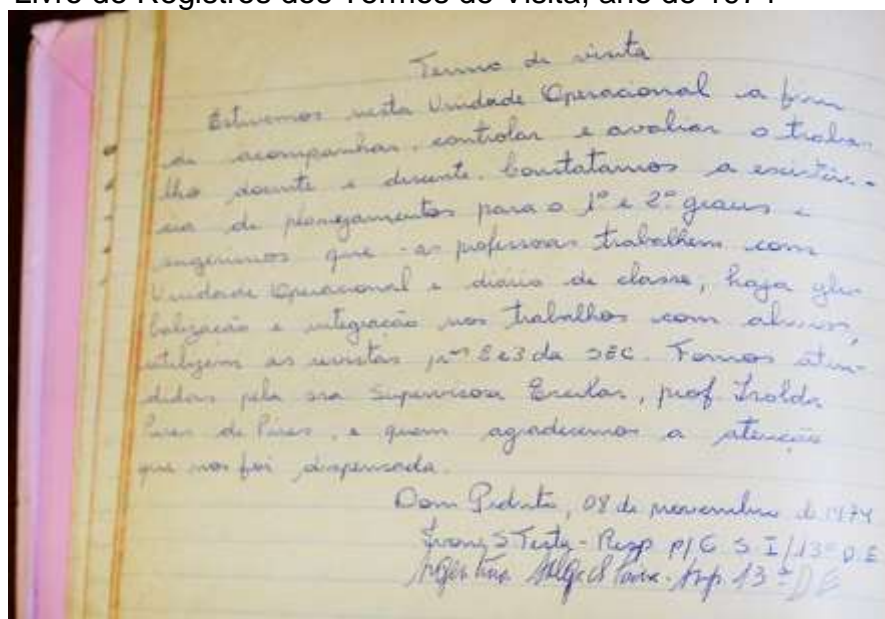
Na Figura 32 mostra a reunião das professoras do Curso Normal, para a 1.^a Festa das Normalistas, no ano de 1968. Acervo do Museu Melânia Mottoso. Da esquerda para a direita, Primeira Fila: 1.^o Dalva Leon Moura, 2.^o Cândida Taborda Alves; Segunda Fila: 1.^o Irmã Terezinha Machado, 2.^o Ana Aleluia Silveira, 3.^o Zairy Gularte Vian, 4.^o Elrie Cunha Corrêa, 5.^o Isolda Pires de Pires; Terceira Fila: 1.^o Marlene Meureles, 2.^o Nanci Mainéri; Quarta Fila: 1.^o Reah Dawvel, 2.^o Irmã Cecília Lain. À esquerda: 1.^o Irmã Amélia Lain, 2.^o O Repórter João Vasconcellos.

O Curso Normal acompanhou uma série de transformações sociais d 1947 a 1975 e extinguiu-se em decorrência de nova legislação, a Lei 5.692/71, que introduziu uma nova forma de ensino: o Ensino de 1.^o e 2.^o Graus, cujo Ensino Secundário passou a designar-se Ensino Médio, primando pela habilitação profissional em consonância com a necessidade do mercado de trabalho técnico local ou regional.

No Curso, da Escola Normal Nossa Senhora do Horto, segundo as egressas, fontes orais desta pesquisa, a disciplina era militar, as Normalistas estudavam em dois turnos, manhã e tarde, realizavam atividades extra-classe, assistiam, como exigência a Missa, e, as estudantes internas se recolhiam às 18 horas.

O Curso de Formação de Professores Primários do Horto de Dom Pedrito, mantinha-se atualizado com informações do Sindicato dos Estabelecimentos Particulares do Ensino do RS e consultas ao Departamento Pedagógico do Estado, no Piratini. Também era constantemente fiscalizado e avaliado pelos órgãos educacionais, como observamos, abaixo, em uma visita à escola de uma Equipe de Trabalho da 13.^a Delegacia de Ensino.

Figura 33 - Livro de Registros dos Termos de Visita, ano de 1974



Fonte: Autora (2020)

A Figura 33 mostra uma anotação feita no Livro de Registro de Termos de Visitas, no dia 08 de novembro de 1974, por membros da Equipe da 13.^a Delegacia de Ensino responsáveis pelo acompanhamento, controle e avaliação dos cursos de ensino médio e implantação da nova legislação Lei 5.692/71. Foi sugerido, nesta visita, o trabalho com Unidade Operacional e Diário de Classe, com globalização e integração nos trabalhos com os alunos.

Pela Portaria n.º 23.482 de 29 de outubro de 1979 a escola recebeu nova denominação de Escola de 1.º e 2.º Grau Nossa Senhora do Horto. O quadro abaixo demonstra as Diretoras da instituição no período de existência do Curso Normal nessa instituição, 1947 a 1975.

Quadro 6 - Diretoras no período de existência do Curso Normal

Período	Diretora
1943 a 1947	Irmã Escolástica Casas (Emma Belia)
1948 a 1954	Irmã Ester Piccini (Maria)
1955 a 1960	Irmã Esperança Moura (Delfina)
1961 a 1964	Irmã Jacinta Saling (Nilva)
1965 a 1966	Irmã Faustina Maria Canotti (Luisa)
1967	Irmã Helena Maria Zambon (Edite Maria)
1968 a 1977	Irmã Amélia Lain (Leocádia)

Fonte: Autora (2020)

Observa-se, no Quadro 6, que todas as Diretoras dessa época do Curso Normal foram religiosas, instituição que favorecia a formação da identidade, valores e princípios cristãos. A Irmã Amélia Lain, chegou a Dom Pedrito em 1968, foi a Diretora da instituição que fez parte da transição entre o Curso de Formação de Professores Primários e o Curso de 2.º Grau Magistério.

Natural de Caxias do Sul, formada em História e Pedagogia administrou a Escola do Horto por longa data, a disciplina e a organização fizeram parte de sua filosofia educativa. As egressas do Curso Normal ouvidas indicam que a Irmã Amélia Lain representou um marco na história do Horto, representou uma nova era, antes a formação secular enclausurada, as Irmãs tinham uma atitude de isolamento contemplativo, usavam hábito²¹, que não dava nem pra ver a cor do cabelo delas, havia pouca integração no convívio com as alunas; a partir de sua ação ocorreu uma abertura para realidade de seu tempo.

Na Escola Normal Nossa Senhora do Horto, de 1947 a 1975, primeira e última turma de formandas do Curso Normal, que diplomava Professoras-Primárias – as

²¹ Roupas que as freiras usavam, consistia em um cocar feito de uma touca rígida que emoldura o rosto, um véu branco que estende sua cobertura abaixo do queixo e sobre o peito e um longo véu preto anexado ao topo da touca drapejado nas costas.

Normalistas. O Curso era frequentado por estudantes do sexo feminino matriculadas como pagantes e não pagantes, internas e externas (Não internas).

A primeira turma de Normalistas formadas em 1949 não tinha nenhuma bolsista, mas a partir desse ano com base na Lei 522, de 22 de dezembro de 1948, o Plano de Distribuição do Estado do RS, em 1949, de auxílio, prêmios e subvenções, (Anexo M), passou a ter estudantes, os auxílios eram concedidos pelo Estado para fins de assistência social ou cultural.

Nas páginas do documento existem os valores explícitos destinados tanto a instituição, como a bolsas de estudo e verbas destinadas à internato e internas. As bolsas de estudo destinadas a alunos pobres eram de Cr\$ 300.000,00 (trezentos mil cruzeiros), distribuídos pela Secretaria de Educação e Cultura. Consta nos depoimentos das fontes orais que a Professora Marília Alencastro Maia foi a 1.^a Aluna Bolsista da Escola Normal Nossa Senhora do Horto (1952). Na profissão de professora assumiu cargos públicos importantes no município de Dom Pedrito, foi representante da 13.^a Delegacia de Educação no Município.

A Escola Normal do Horto seguia as normas do “Regulamento do Ensino Normal do Rio Grande do Sul”. Visando conforme o documento, em anexo, (Anexo G) “formar professores-primários e regentes de ensino primário para provimento de escolas urbanas, sub-urbanas e rurais”. Segundo as fontes estudadas, em um currículo amplo e diversificado entre a ciência e acultura social imperante, esta instituição tinha por objetivo, referendando o estudo de Louzada (2018), formar jovens de classes sociais mais favorecidas para entrar no mercado de trabalho e conciliar a futura vida matrimonial com a profissão de professora.

As estudantes não pagantes, da Escola Normal do Horto, eram as bolsistas, sistema adotado, pelo qual o Estado ou o município ofereciam à alunas carentes essas bolsas. Em 1975, última turma de formandas do Curso Normal, ainda tinha, segundo depoimento da Professora Elvira (2020), uma estudante interna que pagava com seu trabalho os estudos no Curso Normal, outra modalidade de matrícula, que acompanhou este curso na Escola Normal Nossa Senhora do Horto, em Dom Pedrito/RS.

A Professora Cecília (2020), ao ser perguntada se “Existiam, na sua época, alunas, internas e externas, bolsistas e não bolsistas, alunos afrodescendentes, alunos originários de outros estados, países?” Respondeu que “*Havia alunas em*

todas as modalidades referidas”, nesse período, entre 1960 a 1970, indicando que esse sistema perdurou até a década de 1970.

Os professores, inicialmente, década de 1950 eram religiosas e profissionais liberais, já nos idos de 1960 existia uma rede de apoio entre Estado, municípios na manutenção de convênios para amparar as Escolas Normais Particulares, como a Escola Normal Nossa Senhora do Horto, com cedências de profissionais, convênios entre Estado e Município, compra de vagas e distribuição de dotações orçamentárias.

A entrevistada se expressa assim, sobre quem estudava na Escola Normal do Horto: *“Estudavam as alunas cujas famílias valorizavam a sólida formação nos valores consistentes na espiritualidade e no saber. A escola visava a todos, oportunizando acesso através de convênios e bolsas de estudo.”* (PROFESSORA CECÍLIA, 2020). As alunas provinham, principalmente, de famílias de pecuaristas, agricultores e militares do município. Até o final do recorte temporal da pesquisa, a maior parte das vagas eram ocupadas filhas de famílias mais abastadas do município.

Sobre a presença de estudantes afrodescendentes a Professora Dulce (2020) colocou que a escola era para a elite da sociedade pedritense e grande parte das Irmãs faziam distinção abertamente entre ricos e pobres, e, afrodescendentes eram *“tolerados, se fossem bem de vida”*. Essa era a realidade cultural na sociedade brasileira na época e a instituição agiu como sedimentadora dessas correntes sociais.

Ao mesmo tempo, a Professora Elvira (2020) destaca o que ela considera caridade das religiosas do Horto, coloca que as Irmãs sabendo que ela pertencia a uma família numerosa, filha de pai mecânico e mãe do lar, sempre foram muito caridosas, inclusive arrumando trabalho. *“Logo que a gente se formou fomos trabalhar, e várias das minhas colegas arrumaram emprego, as Irmãs arrumavam trabalho pra gente, para as que precisavam, principalmente.”* (PROFESSORA ELVIRA, 2020).

Ela conta que as religiosas convidavam as melhores alunas para trabalhar na escola como professora ou funcionária. A Professora Elvira (2020), contou que trabalhou na escola e gostou muito, é bastante agradecida como estudante pela ajuda das Irmãs, depois passou para concurso no município e para o Estado, onde ficou até se aposentar, como Supervisora Escolar, pois continuou seus estudos

avançando para o ensino superior. As fontes orais indicam que ali, naquela instituição o espírito solidário e caridoso também tinha seu espaço, mesmo que por concessão.

Na Escola Normal do Horto, em 1975, também foram diplomadas 25 estudantes de em uma única turma que existiu na escola do Curso Estudos Adicionais. Na Ata consta: "Formandas do Curso de Estudos Adicionais Área de Comunicação e Expressão", as disciplinas eram: comunicação e expressão, estudos sociais, ciências físicas e biológicas, metodologia científica, fundamentos da educação, didática e prática de ensino, estrutura e funcionamento em primeiro grau, educação física, estágio.

Fato é, que foi a partir desta instituição, nesta formação, as histórias de vida dessas mulheres, as Normalistas, deram uma guinada, proporcionando o exercício de uma atividade profissional remunerada, uma profissão, que lhes deu autoestima, independência, perspectiva de futuro, delineadora de expectativas e desejos, incorporados no contexto sócio histórico do qual faziam parte e que tinha um caráter tanto mantenedor quanto transformador das representações sociais e culturais da época.

Conciliando trabalho e família, as mulheres Normalistas transformaram a existência feminina, que se ordenava naquele período, em função de caminhos socialmente pré-traçados, circunscritos ao mundo doméstico: casar, ter filhos, exercer determinadas tarefas impostas pela sociedade. A Professora Elvira (2020) coloca sobre a formação do Horto: "*O Curso Normal preparava muito, a gente tinha muitas atividades e tínhamos que construir muitos materiais didáticos para dar aula*". Agradecida, ela destaca: "*[...] Eu procurei levar aquilo pra minha vida profissional, eu aproveitei tudo que eu aprendi lá.*" (PROFESSORA ELVIRA, 2020). Um dia na 3.^a série, do Curso Normal da Escola Normal Nossa Senhora do Horto é descrito assim pela Professora Cecília, formanda de 1963:

Elaborava-se a mensagem de acolhida, após, a apresentação do Projeto e dos participantes; e, as atividades de pesquisa e a recreação. No final do dia de estudo, havia o Plenário com a conclusão dos trabalhos das equipes e avaliação. Era um dia muito especial de formação e integração, várias técnicas eram desenvolvidas. (PROFESSORA CECÍLIA, 2020).

Em seu depoimento a Professora Cecília enfatiza que *“O tempo desdobrava-se em apoio, segurança e amizade, mas também era cercado de interrogações em um mundo de grandes mudanças que afetariam as relações e a visão de mundo”*. (PROFESSORA CECÍLIA, 2020). Na sociedade dessa época para a mulher eram dois caminhos a seguir: lutar ou conformar-se. Lutar significava buscar uma independência através de uma profissão, conformar-se significava adotar para si a figura da boa esposa, bela, recatada e do lar – dona de casa e boa mãe.

Na Escola Normal Nossa Senhora do Horto, a cultura escolar baseava-se no rigor, na moral e nos bons costumes da religião católica. Fechadas entre muros, em uma educação católica, formadora de elites intelectuais, a instituição cumpria com seu papel de formar a mulher da época, que devia organizar, cuidar, educar. (MARINHO, 2008). Assim também foi na Escola Normal Nossa Senhora do Horto.

Da mulher normalista gaúcha, pedritense era exigido além da dedicação e da responsabilidade, o afeto materno, a docilidade, a submissão e a obediência. As práticas educativas e práticas escolares versavam em prol de uma educação conservadora, dogmática, segregacionista, opressora e repressiva, como cita Gadotti (2005), visando reproduzir na educação a dominação e a submissão de um sistema social excludente.

As egressas do Curso Normal que participaram do estudo indicam que as aulas começavam no turno da manhã, inicialmente das 8 horas até às 11 horas e 45 minutos, a Professora Ana (2020) recorda:

A gente almoçava na escola era tudo junto com as irmãs. À tarde tinha aula das 13 horas às 17 horas, tinha língua portuguesa, matemática, história, geografia, ciências, Inglês, francês, a irmã Melânia era de bordado, tricô, crochê, costura, fazia de tudo, ela ensinava muito, ela gostava de mim porque eu fazia tricô. Às 18 horas e 30 minutos era a janta, às 20 horas a gente já estava dormindo, na parte de cima da escola era os dormitórios, uma irmã que dormia no mesmo dormitório é que apagava as luzes. A gente acordava muito cedo 5 horas da manhã era para fazer a higiene. (PROFESSORA ANA, 2020).

Depois o dia letivo era de manhã, das 8 horas, indo até às 12 horas e à tarde, começavam às 13 horas e iam até às 17 horas, distribuídas, então, em dois turnos: manhã e tarde. Havia dois recessos escolares: um no mês de julho e outro no mês

de dezembro. As missas durante esse período da Escola Normal, ora eram pela manhã, às 7h, ora eram pela tarde, às 18 horas, e, as alunas tinham por obrigação assisti-las. Existiam também as atividades extra classe como os treinos esportivos, Grêmios e Banda, desenvolvidos depois das 17 horas.

O recreio, inicialmente de 30 minutos, até a década de 1960, depois de 15 minutos, era direcionado para interações e hora da merenda. Antes da construção da capela, inaugurada em 1954, as Normalistas costumavam em grupos, ao redor do *Hortus* colocarem seus assuntos em dia.

A Professora Ana (2020), egressa da década entre 1940 – 1950, conta, referendando fatos descritos entre as egressas, que algumas estudantes gostavam de roubar bergamotas no arvoredo que tinha na escola, fato reprovável, segundo ela, pois se alguma aluna fosse pega, se esta fosse bolsista, iria ficar de castigo.

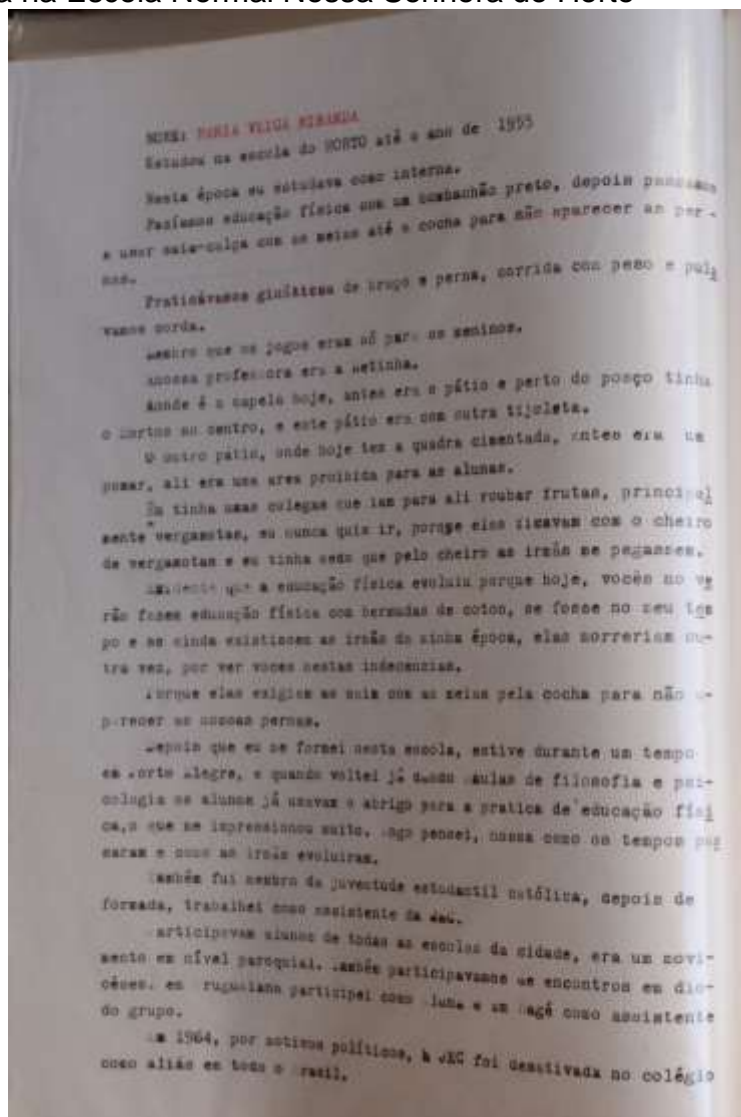
Depoimento em documentos arquivados no Museu Melânia Mottoso indicam que uma bolsista flagrada cometendo tal ato foi impedida de receber a visita dos pais, que moravam na Campanha, há quilômetros da sede, como castigo. Castigos que faziam parte da política educacional da instituição, principalmente entre as internas, visando a docilidade dos corpos – manter a ordem e a obediência.

De 1947 até 1958 (Ano em que iniciou turma em nova estrutura do curso), as Normalistas, da Escola Normal Nossa Senhora do Horto, formavam-se em um curso de 3 anos, a Didática e Prática da Educação Primária era desenvolvida nas 2.ªs e 3.ªs séries, com nova legislação.

A partir do ano de 1958 inicia nova turma com nova estrutura (Anexo K - Regulamento do Ensino Normal do RS, 1955 e documentos dirimindo dúvidas sobre a nova legislação), formavam-se Normalistas, em um curso de 3 anos e meio, o estágio era realizado no último semestre, nas turmas do Curso Primário da escola, nas Turmas Gianellinas. A primeira turma formada neste sistema de ensino foi no ano de 1961.

As disciplinas acompanharam as adequações da legislação. Na escola existia a preocupação quanto a atualização, como nos mostra o documento Portaria Ministerial de 1956, (Anexo L), com instruções para disciplina de Educação Física nos estabelecimentos de ensino secundário.

Figura 34 - Depoimento da Professora Maria Miranda sobre as atividades de Educação Física na Escola Normal Nossa Senhora do Horto



Fonte: Autora (2020)

A Figura 34 mostra o depoimento da Professora Maria Veiga Miranda (30/05/1934 – 18/11/2019), que estudou como interna na Escola Normal Nossa Senhora do Horto em Dom Pedrito/RS, formou-se no Curso Normal em 1955 e foi Professora da instituição. O relato consta em um trabalho de pesquisa realizado por alunos da escola, no ano de 1993, trata sobre a história da Educação Física na Escola, está arquivado como Acervo do Museu Melânia Mottoso.

No exposto ela coloca as condições da época para o exercício da Educação Física, comenta sua impressão como estudante do Curso Normal, faz menção à sua carreira como Professora de Filosofia e Psicologia, formada em Porto Alegre, e, destaca sua ação na Juventude Estudantil Católica (JEC), um movimento em nível Paroquial, com encontros em Dom Pedrito, Bagé, Uruguaiana, e, a desativação do

JEC, na Escola Normal do Horto e em todas as escolas do Brasil, em 1964, quando foram desativados movimentos sociais organizados, como este.

Foi a partir de 1930 que surgiu a Educação Física com jogos, atividades recreativas, ginástica e alguns esportes. No Horto, no ano de 1954, iniciaram os eventos competitivos na escola. De 1947 a 1959 as fontes indicam que a Educação Física na escola versava em exercícios físicos, ginástica rítmica e jogos, para os campeonatos. Em 1954, o uniforme das alunas era camisa branca, gravata azul marinho, saia azul marinho, abaixo do joelho. Assim eram realizados também os treinos extra classe, três vezes por semana o ano todo. Nova legislação direcionou os rumos dessa disciplina (Anexo N).

Uma aluna egressa do Curso Normal, dos anos de 1960-1970, conta que em uma oportunidade, no início de 1969, veio um grupo de alunas de Uruguaiana para um torneio no Horto, estas meninas tinham como uniforme para a competição uma bombachinha presa pelo tornozelo por elástico, era uma calça.

Este fato gerou uma grande polêmica, pois só se admitia na época a saia e este fardamento das alunas de Uruguaiana permitia o uso daquela calça, o que gerou descontentamento no grupo de Dom Pedrito, que reivindicou adequações nos fardamentos para competições esportivas – foi uma rebelião entre as desportistas do Horto.

O fato expõe o caráter impositivo à aluna da época e o preceito mais conservador da instituição do Horto, no município de Dom Pedrito, do que se mantinha na cidade de Uruguaiana.

Em 1963 a União dos Estudantes Secundários Pedritenses (UESP) presidida por Quintiliano Machado Vieira (Reconhecido hoje, como figura ilustre no município, como médico e político renomado), na época era atuante na comunidade pedritense, juntamente com o Grêmio Estudantil do Patrocínio (GEP) e Juventude Estudantil Católica (JEC). O que favorecia a ideia de uma inserção maior na sociedade para os estudantes desse período, discutindo também o sistema educacional a partir da visão do estudante.

Esse engajamento estudantil introduziu, diante da organização dos estudantes, a saia calça azul marinho, a camiseta branca e o tênis bamba ou kichute no fardamento para competições dentro e fora da escola do Horto. Passando depois a compor-se o uniforme de competição com shorts branco, camiseta amarela com lista azul e branca e nos pés congá branca com meias brancas até o joelho.

Em 1964, por motivos políticos advindos da ditadura civil-militar, como foi citado no depoimento exposto acima, o JEC foi desativado na Escola Normal Nossa Senhora do Horto, como em todo Brasil, juntamente com essas outras entidades estudantis que foram citadas.

As aulas de educação física eram realizadas no horário de aula, não havia atestados, todos faziam as aulas, mas os treinos para eventos esportivos eram depois das aulas. As competições na escola iniciaram com a criação do Grêmio Sparta, em 1954, primeiramente em forma de gincanas. O Grêmio organizava as competições esportivas e eventos como a Rainha da Escola. Os treinos esportivos eram após as aulas, depois das 17 h. A ginástica rítmica era a opção de muitas normalistas.

Um fato marcante na Escola Normal foi em 1966, quando em uma inspeção da Secretaria de Educação foi exigida a retirada do *Hortus Conclusos*, do pátio da escola. Essa edificação – um oratório – foi criada para abençoar os alunos no recreio, e para amparar as devotas de Nossa Senhora do Horto, especialmente as internas, cujos pais e familiares estavam longe, mas que também, na visão dos inspetores, impedia a organização das aulas de Educação Física e a prática de esporte, que toda instituição educativa deveria ter.

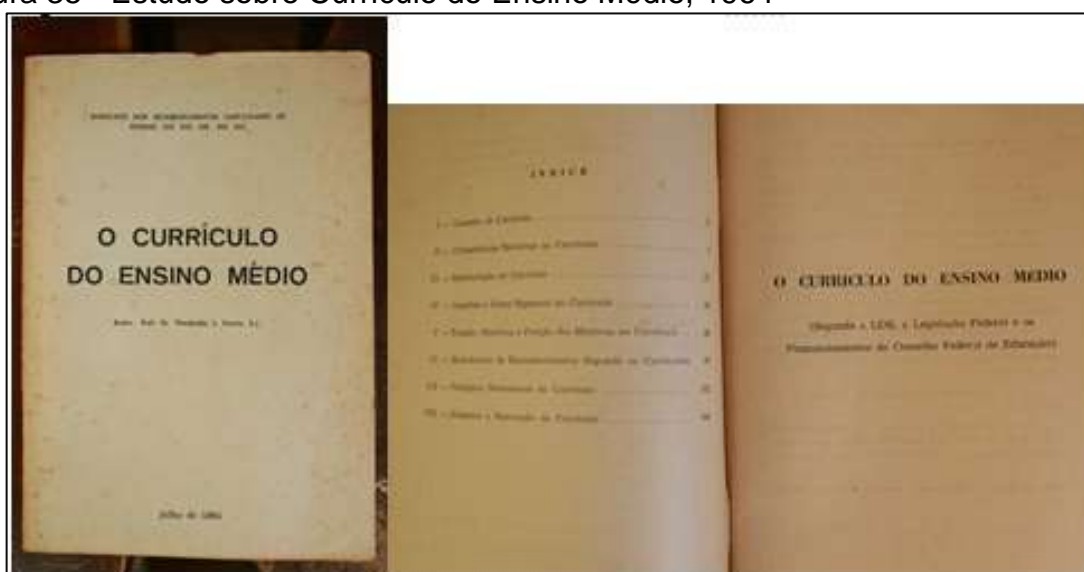
A lamparina ao lado, acesa para que a Virgem era símbolo de súplicas para que esta intercedesse por alunas que se preocupavam com as sabatinas e os exames, ou por algum doente na família, ou por alguma familiar que estivesse em trabalho de parto, ou por alguma causa considerada impossível – o Jardim da Virgem do Horto – foi inaugurado em 31 de dezembro de 1916 e em 1966, depois de meio século de existência, cedeu espaço para o esporte e as aulas da disciplina de Educação Física.

No dia 11 de fevereiro do ano de 2000, a Irmã Amabile Abatti e integrantes da escola, trouxeram de volta o monumento a fé católica na Virgem Maria, reconstruindo-o e recolocando-o em seu lugar de origem. Anexo H.

As fontes orais desta pesquisa indicam que na década de 1970 existia uma mesa de pingpong em uma sala da escola, que era disponibilizado aos alunos que quisessem jogar. Em 1975, última turma de Normalistas formada na Escola Normal Nossa Senhora do Horto, para as aulas de Educação Física já era permitido às mulheres moças, estudantes do Curso Normal a utilização de abrigo azul marinho, com listras brancas e nos pés congá branca ou kichute preto.

A Professora Cândida Corina Taborda Alves era professora de Educação Física, lembrada com carinho entre as alunas do Curso Normal dentre as décadas de 1960 a 1975. Ela não era formada em nível superior nessa disciplina, mas segundo depoimentos era uma professora muito dedicada e querida das estudantes, proporcionando jogos e desenvolvendo o esporte na Escola do Horto. O currículo, da Escola Normal adequava-se a legislação vigente e ocorriam estudos na escola para contemplar a atualidade do Curso, como mostra documento orientador abaixo.

Figura 35 - Estudo sobre Currículo do Ensino Médio, 1964



Fonte: Autora (2020)

A Figura 35 mostra o Documento Orientador para o currículo do ensino médio fornecido pelo Sindicato dos Estabelecimentos Particulares do Ensino do Rio Grande do Sul, de julho do ano de 1964 (Em sua íntegra, 107 páginas, disposto no pendrive entregue ao Repositório Digital Tatu, da Universidade Federal do Pampa, Campus Bagé/RS), neste estudo (Anexo H), apresenta a ideia reinante, antes de 1964.

Devido a união de forças da sociedade civil aos militares, que ocorreu em abril desse ano – culminando na Ditadura Civil-Militar, o Brasil foi conduzido a uma readequação social e educacional, influenciando uma educação técnico-profissionalizante, voltada para formação de mão de obra, cujas ideias estruturaram-se na lei 5.692/71.

Na Escola Normal Nossa Senhora do Horto em Dom Pedrito, seus professores seguiam essas orientações, os currículos revelavam uma linha de

princípios, inspirando normas e estruturas, fundamentos e bases filosóficas, psicológicas, sociais, legais e pedagógicas da época.

Seguiam os princípios de que esse período estudantil, o secundário, não fosse apenas um estágio seletivo, mas uma fonte de conhecimentos básicos para a vida, o desenvolvimento integral do aluno, com disciplinas e práticas educativas, obrigatórias e optativas. Um dos princípios norteadores do currículo na época seria “o espírito de liberdade, relativa autonomia e responsabilidade pedagógica atribuídos à escola Brasileira.” (Anexo L, p. 103).

Para isso a instituição contava com uma série de instrumentos, citados a seguir, com o ano de sua fundação: Coral da Escola (funcionou desde sua fundação, de forma esporádica), Conservatório de Música Nossa Senhora do Horto (anexo a escola, 1938 até 1969), Jornal Vitória (1942), (Anexo F), Círculo de Pais e Mestres (1957), Banda da Escola (1959), Grêmio Estudantil Nossa Senhora do Horto (GENS – esse nome a partir de 1957), dividido em Grêmio Esportivo Sparta e Grêmio Literário Rui Barbosa (1954), Centro de Tradições Gaúchas Flor dos Pampas (1968), Conselho de Classe (1972). Uma das grandes comemorações da escola foi, desde o primeiro ano de sua fundação, a Novena de Nossa Senhora do Horto (1909).

As disciplinas, da última turma do Curso de Formação de Professoras Primárias da Escola do Horto de Dom Pedrito eram 13 na primeira série, 10 na segunda série e 15 na terceira série, como observamos abaixo, em um histórico escolar expedido em 20 de dezembro de 1975.

Figura 36 - Histórico escolar de uma formanda, última turma de normalistas 1975

COLEGIO "NOSSA SENHORA DO HORTO"
 Av. São Brás, 1242 - Fone N.º 1000
 Caixa Postal 381 - São Paulo - S.P.
 Associação de Ensino, Assistência e Cultura - Grupo Escolar
 Primeira e Segunda Sés - Início de 1955

Nome: LETIA MARQUES ALONSO ESTEVE
 Data e Local de Nascimento: 2 de agosto de 1954 - Livramento SP
 Matrícula: Ruben Cabete e Eliza Almeida Esteve

	1ª série	2ª série	3ª série	Média
Português e Literatura	79,00	71,00	61,00	69,00
Língua Estrangeira	59,00	68,00	-	61,40
Matemática e Estatística	82,00	70,00	66,00	73,00
Ciências Naturais	80,00	-	-	80,00
Estudos Sociais	79,00	81,00	-	80,00
Introdução à Filosofia	74,00	-	-	74,00
Introdução à Psicologia	89,00	-	-	89,00
Desenho	-	82,00	-	82,00
Música	83,00	-	-	83,00
Artes	83,00	-	-	83,00
Educação Física	93,00	90,00	83,00	89,00
Filosofia Aplicada à Educação	-	61,00	81,00	72,00
Psicologia Aplicada à Educação	-	-	78,00	78,00
Sociologia Educacional	-	-	-	77,00
Ciências Físicas e Biológicas - Química	87,00	73,00	-	66,00
História da Educação	-	-	66,00	66,00
Administração e Didática	-	-	68,00	68,00
Educação Moral e Cívica	87,00	67,00	-	77,00
Didática Geral	-	-	79,00	79,00
Didática de Ciências Naturais	-	-	80,00	80,00
Didática de Estudos Sociais	-	-	88,00	88,00
Dir. Esp. de Língua Portuguesa	-	-	81,00	81,00
Dir. Esp. de Matemática	-	-	82,00	82,00
Dir. Esp. em classe de 1º ano	-	-	90,00	90,00
Planejamento	-	-	67,00	67,00
Ensino Religioso	81,00	70,00	86,00	80,00
Média de Didática	-	-	-	81,00
Avaliação do Estágio	-	-	-	90,00
Média Geral do Curso	-	-	-	78,00

Dom Pedrito, 20 de dezembro de 1975

Secretária: Maria Marlene Greco
 Diretora: Leocádia Lain Reg. 19825

Fonte: Autora (2020)

Na Figura 36 está a imagem da frente e verso de um Histórico Escolar de uma formanda, última turma de normalistas 1975. Acervo da Família Esteve.

No documento aparecem as disciplinas ministradas no Curso Normal do Horto:

Primeira série, 13 disciplinas: Português e Literatura, Língua Estrangeira, Matemática e Estatística, Ciências Naturais, Estudos Sociais, Introdução à Filosofia, Introdução à Psicologia, Música, Artes, Educação Física, Ciências Físicas e Biológicas - Química, Educação Moral e Cívica e Ensino Religioso.

Segunda série, 10 disciplinas: Português e Literatura, Língua Estrangeira, Matemática e Estatística, Estudos Sociais, Desenho, Educação Física, Psicologia Aplicada à Educação, Ciências Físicas e Biológicas - Química, Educação Moral e Cívica e Ensino Religioso.

Terceira série, 15 disciplinas: Português e Literatura, Matemática e Estatística, Educação Física, Psicologia Aplicada à Educação, Sociologia

Educacional, História da Educação, Administração e Higiene, Didática Geral, Didática de Ciências Naturais, Didática de Estudos Sociais, Didática Especial da Linguagem, Didática Especial da Matemática, Didática Especial em Classe de Primeiro Ano, Planejamento, Ensino Religioso. Na 3.^a série ficavam concentradas as disciplinas de Didática Geral, Didática de Ciências Naturais, Didática de Estudos Sociais, Didática Especial da Linguagem, Didática Especial da Matemática, Didática Especial em Classe de Primeiro Ano, Planejamento, Ensino Religioso.

Observa-se que 4 disciplinas: Português e Literatura, Matemática e Estatística, Educação Física e Ensino Religioso, acompanham as três séries do ensino ministrado na Escola Normal Nossa Senhora do Horto.

Na 3.^a série estão concentradas as disciplinas de Didática Geral, Didática de Ciências Naturais, Didática de Estudos Sociais, Didática Especial da Linguagem, Didática Especial da Matemática, Didática Especial em Classe de Primeiro Ano, Planejamento, Ensino Religioso.

Na 3.^a série também era o momento para que cada Normalista apresentasse sua Caixa de Materiais Didáticos, que foram sendo confeccionado durante o 3.^o ano de ensino, na Escola Normal do Horto, geralmente utilizado no fim do ano, como uma das avaliações mais consideradas da 3.^a série do Curso de Formação de Professores Primários de Dom Pedrito. Esse material deveria e era utilizado no estágio, como mostra a Figura 17, a didática na prática: Normalistas de 1967 na Escola Normal Nossa Senhora do Horto.

Era um curso de 3 anos e mais meio ano para o estágio, que poderia ser no primeiro ou segundo semestre, dependendo do desempenho da estudante e da disponibilidade de turmas na rede de ensino do município.

As fontes orais descrevem o período de formação na Escola Normal Nossa Senhora do Horto como tempos de socialização e de aprendizagens, que lhes acompanharam para a vida toda.

Em suas memórias reverenciam a instituição exaltando-a, não se permitem macular a imagem da instituição com qualquer fato desabonador, exemplo disso foi a postura da Professora Bárbara (2020) quando perguntada “O que a Senhora utilizou e o que a Senhora descartou, das práticas escolares que a Senhora vivenciou na sua formação, no Curso da Escola Normal do Horto, na sua vida e na sua formação profissional?”

Tá, deixa eu ver, o que eu aproveitei foi muito, já disse que mais da metade da minha vida, me serviu pra tudo a escola normal, pra vida inteira, se eu não tivesse frequentado a escola normal eu não sei o que que eu seria agora, bom, e eu descartei, deixa eu ver se eu posso dizer... Eu descartei, é não posso dizer o que eu descartei, descartei muita coisinha... (PROFESSORA BÁRBARA, 2020).

Ao responder a indagação, a Professora ficou em um momento de silêncio, como que rememorando os fatos e ao final não se permitiu tecer qualquer crítica sobre suas vivências das práticas escolares no Horto e, os pontos negativos foram caracterizados por sua fala como “coisinha”, algo menor diante dos benefícios trazidos para sua vida pessoal e profissional.

4.3 Festas e comemorações

A instrução no mundo variou de acordo com os costumes, hábitos, rotinas, condutas, usos, convenções, padrões, estilos, normas – as práticas culturais e figurações socioeconômicas de cada época. Já a institucionalização do ensino criou o ofício de professor, que foi disseminado e aprimorado com a Escola Normal, principalmente com a padronização desse ensino a partir d 1946, com a Lei Orgânica do Ensino Normal (LOEN). Nessas instituições educativas ocorriam muitas interações, eventos e atividades cívicas, como esta retratada abaixo.

Figura 37 - Comemoração no pátio da Escola Normal Nossa Senhora do Horto 1949



Fonte: Autora (2020)

A Figura 37 apresenta uma foto de 1949, do Acervo do Museu Melânia Mottoso, a fotografia também ilustra o livro da Irmã Amabile Abatti, “Nos Caminhos do Horto”, mostra a imagem das alunas do Horto em uma comemoração cívica interna, no pátio central, ao fundo observa-se o alto muro que circundava a escola em forma de “U”, o *Hortus*, em forma de hexágono, em madeira, gradeada, com acessos aos devotos de Nossa Senhora do Horto, se impõe no espaço.

Na sequência, as alunas, uniformizadas, com saia marinho pregueada, com o comprimento abaixo do joelho, camisa de mangas longas brancas, gravata marinho e sapato preto.

As estudantes organizadas em filas, preparam-se para uma atividade na escola; observa-se nesta imagem o “toldo” que era utilizado para minimizar a sensação térmica tanto no calor do sol, como no rigor do minuano²² gaúcho. À frente, à esquerda a aluna Marília Alencastro Maia, com o estandarte da Escola, e, a estudante Elsa Farinha, com a Bandeira das Vocações. As atividades cívicas eram uma constante, como mostra o documento a seguir.

²² Corrente de ar que tipicamente acomete os estados brasileiros do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Um vento frio de origem polar (massa de ar polar atlântica), de orientação sudoeste, algumas vezes também classificado como cortante.

Figura 39 - Comemorações artísticas alusiva aos 50 anos da Escola Normal, 1958



Fonte: Autora (2020)

O ano de 1958 foi um ano repleto de festividades alusivas ao aniversário do Ginásio e Escola Normal Nossa Senhora do Horto, que comemorou em grande estilo.

Foram realizados: baile, show artístico, apresentação de cantores renomados no cenário artístico nacional, desfile da banda, missas, concursos de beleza, apresentações artísticas das estudantes, dentro e fora da escola, nos Clubes Recreativos do município e no Cine Glória, espaço em que organizou diversos eventos.

Na Figura 39, acima, fotografia do Acervo do Museu Melânia Mottoso, mostra uma apresentação artística no pátio da ala direita do educandário, entre o *Hortus Conclusus* e o poço. Ao centro as alunas do Curso Ginásial e ao fundo as estudantes do Curso de Formação de Professores Primários, de Dom Pedrito – as Normalistas do Horto.

Na Figura 40, a seguir, mostra apresentação artística realizada no dia 03 de maio de 1958 as alunas fazem evoluções, ao fundo o Coral da Escola Normal, Coral Santa Cecília, existe um apontamento, de que a aluna de tranças no Coral é a

Professora Cleusa de Mello Portilho, a Professora Responsável pela Biblioteca, Arquivo e Museu da Escola, atualmente. À esquerda, encontram-se as Normalistas em traje de gala, de acordo com a ocasião.

Também os desfiles eram momentos grandiosos onde a população do município poderia admirar a Escola das Normalistas, orgulho dos pais pedritenses retratado na imagem abaixo.

Figura 40 - A Banda da Escola Normal Nossa Senhora do Horto fundada em 1959



Fonte: Autora (2020)

A Figura 40, mostra a imagem de um desfile cívico, da banda da Escola Normal Nossa Senhora do Horto, realizado na Praça General Osório, ano de 1959, bem no centro do município de Dom Pedrito/RS. Foto pertencente ao Acervo do Museu da instituição, Museu Melânia Mottoso.

Observa-se que no grupo de alunas pertencentes a banda nesse ano havia mais de 40 integrantes, diversos instrumentos de percussão e sopro, o uniforme era diferenciado, um vestido branco, com babados, nos ombros tinha o adorno de um xale branco ou azul marinho e sapato preto. As estudantes com cabelos presos e adornados discretamente. Na praça estão, possivelmente, os familiares, que com suas roupas de domingo, na beca, em grande número, circundavam as ruas para ouvir as canções da Banda da Escola Normal. Banda apoiada pelo Sargento Faustino Rodrigues do 14.º Regimento de Cavalaria.

Em 1968 foi criada uma Banda Marcial dirigida pelo Maestro Dorval Moraes constituída por mais de cem figuras, foi adquirido instrumentos novos como bumbos, surdos, caixas, taróis, pífaros, flautas, escaletas, pistões, clarins e tubas. As estudantes tocavam em seu repertório, mais de 20 músicas, com inclusão de músicas gaúchas.

Esse grupo pertencente a Banda Marcial da Escola Normal Nossa Senhora do Horto de Dom Pedrito/RS viajou, nesse ano, 1968, em excursão para Montevidéu, onde fez apresentações pela cidade, e, na Semana Farroupilha, em setembro, até o dia 20, culminância das comemorações da Semana Farroupilha, as componentes da Banda, caracterizadas com indumentárias gaúchas fizeram diversas apresentações na cidade de Dom Pedrito tocando músicas folclóricas gaúchas.

No interior da escola, entre os muros do educandário muitas festividades foram organizadas contando com um vasto público, que acompanhava as festividades da Escola Normal: novenas, primeira comunhão, recitais, apresentação artística como teatros, isto nos diversos espaços como sala de reuniões, capela, pátio interno da ala direita, pátio interno da ala esquerda, como este evento, no ano de 1964.

Figura 41 - Evento do ano de 1964, com a presença da Banda Marcial do Quartel



Fonte: Autora (2020)

A Figura 41, mostra as alunas Normalistas em um evento festivo da Semana da Pátria, no ano de 1964, na foto bem ao fundo está a Clausura, espaço dedicado às dependências das Irmãs responsáveis pela instituição, logo à frente da Clausura, entre o poço, do pátio, da ala direita e o *Hortus*, em um “L”, em fileiras, as Normalistas, cujo momento solene, além do uniforme completo exigiu luvas e a boina, que era usada só para eventos de grande prestígio. Acervo Museu Melânia Mottoso.

Eventos como esse em que estava sendo recebido em suas dependências autoridades do 14º Regimento de Cavalaria (14º RC), o Quartel do município de

Dom Pedrito, com quem a instituição tinha proximidade, apreço e reconhecimento, como comprova o documento mais abaixo neste texto.

As alunas do Horto eram instruídas em um ensino que primava pela boa imagem do educandário, por isso os eventos grandiosos. Várias eram as atividades além daquelas desenvolvidas propriamente nas turmas da instituição. A Professora Dulce, egressa da década de 1960 para 1970, conta como eram as turmas na Escola do Horto:

As séries eram assim, Jardim de Infância, primeiro ano, segundo ano, terceiro ano, quarto ano, quinto ano, admissão. Primeiro, segundo, terceiro, e quarto ano Ginásial. Exame Vestibular. Primeiro, segundo, terceiro ano do curso normal. No início faziam exame no final do ano, depois veio uma modificação e aí mudou a média, aí a média era 75, baixou para 50, os professores somavam o teste com a prova e dividiam por 2, aí dava média, no nosso entender, quando mudou para 50, foi o início do fracasso, pois aí era só necessário saber a metade para passar de ano. (PROFESSORA DULCE, 2020).

Relembrando das turmas da escola, a Professora Dulce (2020), cita que a nova legislação advinda das adequações da Primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 4.024, de 20 de dezembro de 1961 “*enfraqueceu*” o ensino brasileiro, afrouxou as regras, baixando a média para a aprovação, diminuindo o número de provas, segundo ela, “*foi o início do fracasso*”, pois os estudantes da época entendiam que, a partir dali, só precisavam “*saber da metade para passar de ano*”.

As estudantes Normalistas envolviam-se em todas as atividades da escola tanto escolares como extra escolares, a Primeira Comunhão e as Missas eram exigências, a estudante deveria se apresentar sempre de uniforme e participar na Liturgia, no Coral, na recepção ou na organização do espaço.

Outra atividade, que demandava grande organização da escola era os desfiles cívicos, cujas alunas esperavam ansiosas para o momento de passar frente a sociedade pedritense com seus uniformes impecáveis. Abaixo, o registro do momento de espera do desfile cívico, em 7 de setembro de 1966.

Figura 42 - Normalistas do ano de 1966



Fonte: Autora (2020)

A Figura 42 mostra a imagem de normalistas se preparando para o Desfile Cívico, no dia 7 de setembro de 1966. Em destaque aparecem 10 estudantes. A fotografia faz parte do Acervo da Família Vargas. As estudantes aguardam no pátio interno da escola para desfilarem no centro da cidade. Ao fundo um dos vitrais da Capela e ao chão, o revestimento de tijoletas que cobrem o pátio interno da escola, que fica na ala direita do prédio.

Observa-se que as estudantes estão descontraídas, estudantes menores circundam o grupo. O uniforme de gala para época e ocasião era a camisa branca, luvas brancas, gravata azul marinho, saia azul marinho, com o comprimento abaixo do joelho, meias brancas na altura da canela e sapatos pretos.

Ao identificarmos as revoluções comportamentais da década de 1960 nas sociedades pelo mundo a fora, entre os jovens: música, roupas, cabelo, sexo, tabu, rebeldia, e, a explosão dos sindicatos e movimentos sociais, logo reprimidos no Brasil, a partir de abril de 1964, com a Ditadura Civil-Militar, observa-se que na Escola Normal de Dom Pedrito, as características nas vestes das Normalistas de 1960 para 1970, mudam timidamente, como indica o comprimento das saias.

Fato que referenda os estudos de Ortiz (2014, p. 153-154), estudando o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, no recorte temporal de 1946-1961, quando a autora da pesquisa coloca, que nesse

período no ensino do Curso Normal “A educação era pautada em disciplina, bom comportamento, obediência, preceitos morais, a formação cultural estava intimamente ligada a instrução religiosa e moral.” E os bons costumes eram expressos, também, nas vestes das estudantes.

Para uma comunidade, de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, de região fronteiriça, arraigado a velhos hábitos, a resistência na Escola Normal do Horto era mais para manter as organizações culturais existentes do que para imprimir quaisquer mudanças.

O ensino erigia-se na Escola Normal diante de um processo articulado entre políticas públicas nacionais e as necessidades da elite local como cita Lemiechek (2014), o Colégio das Freiras mantinha uma educação conservadora, dogmática e embora pregasse e praticasse caridade e benevolência, estas ocorriam como espaços de concessão

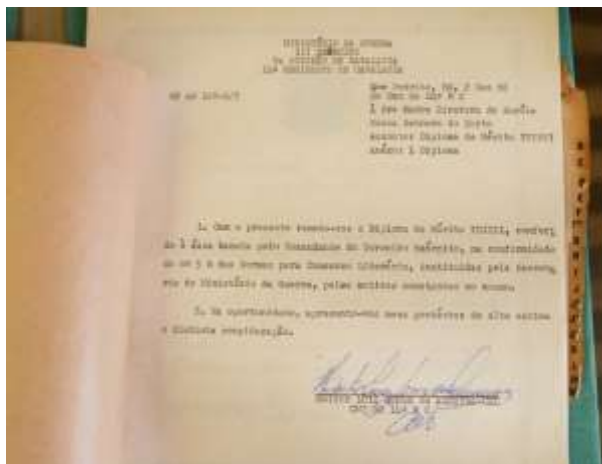
A Professora Dulce (2020), normalista entre as décadas de 1960 para 1970, que atuou nas salas de aula conhecidas como Turmas Gianellinas, lembra que existia na década de 1960, na Escola do Horto, uma diferenciação quanto às classes sociais (o que era comum no meio social da época, que utilizava expressões corriqueiras como: pobre, carente, desprovido).

Aspecto que era exercido por muitas religiosas da instituição em relação às estudantes, principalmente entre as alunas internas não pagantes e/ou bolsistas: *“No desfile, o Horto que pagava ia na frente, Gianelli, bem no fundo.”* (PROFESSORA DULCE, 2020). Fazendo alusão à turma de alunos, que estudavam de forma gratuita na instituição – as Turmas Gianellinas, espaço em que as Normalistas realizavam seu estágio.

Para esses alunos, a Professora Dulce (2020) esclarece que era tudo separado: pisos separados (pagantes piso de cima, não pagantes piso de baixo), recreio separados, pátios separados.

As fontes orais ditam que o uniforme dos estudantes das Turmas Gianellinas era avental e o uniforme dos estudantes pagantes era saia azul, blusa branca, meia branca, sapato preto, e em dia de festa, luva branca e boina eram usadas.

Figura 43 - Diploma de Mérito TUITI conferido à escola pelo Comandante do 14º RC, no ano de 1966



Fonte: Autora (2020)

A Figura 43 apresenta o Ofício 109/s/3, de 2 de dezembro de 1966, do Ministério da Guerra, III Divisão, 3ª Divisão de Cavalaria, 14º Regimento de Cavalaria, assinado pelo Comandante Coronel Heitor Luiz Gomes de Almeida, endereçado à Madre Diretora da Escola, conferindo a esta instituição o Diploma de Mérito TUITI pela conquista no Concurso Literário instituído pela Secretaria do Ministério da Guerra, por maior número de trabalhos literários apresentados. O Coronel despede-se enfatizando a "Alta estima e distinta consideração" pelo educandário.

Na comunidade pedritense, a Escola Normal Nossa Senhora do Horta gozava de grande prestígio, pois além de alfabetizar os pequeninos, era a única escola no município a dedicar-se à formação de professoras, que supria a necessidade local e regional, uma das poucas profissões adequadas às mulheres de meados do século XX, como enfatiza Louzada (2018). As filhas de militares eram matriculadas, em sua maioria, nessa época, na Escola Normal do Horta, que representava sua função de formar a clientela da classe social superior da comunidade pedritense.

As atividades sociais como a Escolha da Rainha da Escola eram eventos organizados pelo Grêmio Estudantil da Escola Nossa Senhora do Horta, o GENS, onde se apresentavam o Conjunto Horta Canta, Grupos de Teatro, que juntamente com as festas de formatura do Curso Normal e dos Professores eram momentos de confraternização social. Desse Grêmio subdividia-se, mais 2, o Grêmio Literário e o Grêmio Esportivo Sparta.

Inácio (2017, p. 87) afirma que a “[...] cidadania aprendida e praticada pelos brasileiros”, a partir de 1964 era “centralizada no Estado e por ele vigiada”, existia uma cidadania relativa, que não se firmava por princípios democráticos, por exemplo, o Grêmio Estudantil da Escola do Horto era atuante, organizavam-se um grupo de estudantes, mas era as Irmãs que decidiam quem iria ser “eleita” como Diretora da entidade, para gestão de 1 ano – era uma indicação da direção da escola, que apoiava a organização do grupo em prol de “eventos” da instituição. O período de Ditadura, a partir de 1964, compactuou e incentivou o ensino dado nas Escolas Normais, pois os princípios rígidos formativos estavam adequados ao momento.

Em 1969 foram realizadas campanhas entre professores, alunos e comunidade, organizadas pelos Grêmios e Direção para construção da quadra de esporte, no pátio da ala esquerda da escola, que logrou êxito.

Nesse ano de 1969 as Normalistas davam aulas de Educação Física aos alunos do primário. Na quadra os estudantes da escola jogavam basquete, futebol de salão e vôlei, às Normalistas ficavam a cargo de apresentações de ginástica rítmica para o público, tanto da escola, como de outras escolas visitantes. Geralmente no final do ano havia apresentações ao público do município.

Em 1970 as Normalistas ganharam novo fardamento para os esportes: camiseta e saia na cor branca e no mesmo ano foi introduzido o abrigo azul marinho, agora as estudantes poderiam utilizar calças compridas, que antes não era permitido na Escola Normal do Horto. Certamente, a Rebelião da Bombachinha, do ano de 1969 tenha sido o marco para a conquista ao direito das calças compridas pelas meninas da instituição educativa.

Em 1971 foi implantado a Supervisão do Estágio na Disciplina de Educação Física, a partir daí as estudantes do Curso de Formação de Professores Primários da Escola Normal Nossa Senhora do Horto deveriam organizar planejamentos com atividades práticas dessa disciplina, elaborando polígrafos que eram avaliados na disciplina e acompanhavam as aulas no estágio das normalistas.

Figura 44 - Desfile Cívico, ano de 1968



Fonte: Autora (2020)

A Figura 44 mostra a imagem do desfile cívico, no dia 7 de setembro de 1968 o local é a rua lateral da Praça General Osório. As estudantes em fileira, desfilam pela Rua Rio Branco, sentido leste, oeste, chegando na esquina com a Rua Barão do Upacarai.

À frente, em destaque, a bandeira do Brasil e a Bandeira da escola, trazidas por duas alunas, colegas, uniformizadas, com faixas verde e amarelo, caminham nas laterais. As alunas Normalistas são as primeiras a desfilar, com uniforme completo. Na Praça, várias crianças, meninas, com seus vestidos rodados, olham admiradas para a exuberância do desfile da Escola Normal Nossa Senhora do Horto, que disputava em organização e beleza diretamente com a Escola Estadual Nossa Senhora do Patrocínio, como conta a Professora Ana (2020):

Setembro era muito cobrado existiam concurso entre o colégio do Patrocínio e o do Horto, qual escola queria ser a melhor naquelas festividades do desfile, o colégio sempre foi mandado por uma irmã, a gente sempre obedecia muito, até porque eram escolhas delas quem trabalhava lá, ninguém conversava sobre o salário, eu recebia pelo Estado e pelo Horto era o mesmo valor. (PROFESSORA ANA, 2020).

Sua fala expressa o caráter impositivo das irmãs quanto a imagem da instituição perante a sociedade pedritense, seus salários deveriam ser justos, suas instalações deveriam ser as mais adequadas, seus professores deveriam ser os melhores, seus estudantes, os de maior destaque, por isso das Normalistas não se esperava menos, e, nos desfiles cívicos era a oportunidade da escola mostrar sua

grandiosidade. Arrancar suspiros da plateia era o objetivo, receber elogios, se possível em forma de diplomas expedidos pela Municipalidade, que era comum na época.

Figura 45 - Festa das Normalistas, ano de 1970



Fonte: Autora (2020)

A Figura 45 registra a Festa das Normalistas, no ano de 1970, do Acervo do Museu Melânia Mottoso. Sentadas, encontram-se as estudantes do Curso de Formação de Professores Primários da Escola Normal Nossa Senhora do Horto, em Dom Pedrito, Rio Grande do Sul, em pé, ao centro da foto, bem ao fundo estão, à esquerda, a Professora Rosa Zeferim e à direita, a Professora Irmã Ana Abatti, ambas professoras do Curso Normal.

As alunas, devidamente organizadas, sorridentes, descontraídas em volta de uma mesa, com toalha, copos e guardanapos, espaço onde seriam degustados os quitutes da festa, do ano de 1970.

Em 1968 foi realizada a 1.^a Festa das Normalistas do Horto. A festa se tornou tradição anual, sem data fixa (Ocorrendo como surpresa para as estudantes), sendo a 1.^a no mês de novembro de 1968, até o término dessa formação, em 1975, realizada por iniciativa da direção da escola, tinha o objetivo de integrar a comunidade escolar em um momento de alegria e descontração.

Eram momentos festivos como este retratado acima, na Figura 44, ano de 1970, que contou com danças, audição de músicas, declamações, sorteios de

brindes e merenda especial. Ocasão em que eram observados e cobrados os ensinamentos sociais da instituição.

Na Figura 45 ao centro da foto, bem ao fundo está, à esquerda, a Irmã Amabile Abatti, filha de Vitório Abatti e de Olívia Machado Dall'Agnol, nasceu a 5 de novembro de 1935 em Paraí, onde viveu sua infância. Foi alfabetizada pela própria mãe, fez o curso primário na Escola Municipal Coelho de Souza, Vila/Seca, Paraí, Rio Grande do Sul. Sua irmã, Elisangela Abatti Lorenzetti foi sua professora. Ingressou no juvenato das irmãs Nossa Senhora do Horto em Forqueta, Caxias do Sul, no dia 4 de fevereiro de 1952, no mesmo ano seguiu para Montevideu e dali para Buenos Aires, onde fez sua formação religiosa.

Regressando o Brasil em janeiro de 1955 fez o curso de formação de professores primários na escola Nossa Senhora do Horto em Dom Pedrito, concluindo o mesmo em Uruguaiana. Licenciada em história pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras agregada a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, fez o curso de pós-graduação em História de Cultura, especialização em Cultura Hispânica na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Trabalhou nas escolas mantidas pela congregação em Dom Pedrito, Uruguaiana, Porto Alegre. No período em que esteve na Escola Estadual de 1.º e 2.º Graus Dr. Glicério Alves, bairro Belém Novo, em Porto Alegre sistematizou o ensino religioso na escola. Amabile Abatti viajou e morou em diversos países da América do Sul nos quais fez estudo sobre a realidade do homem latino-americano.

Irmã Amabile Abatti, egressa do Curso Normal do Horto da década de 1950 para 1960, depois de concluído seus estudos voltou para Dom Pedrito e foi responsável por inúmeras ações em prol da história da instituição. Foi organizadora e criadora do Museu Melânia Mottoso, conjuntamente com um grupo de Professores da instituição.

Há registros que em 1982, Irmã Ana ocupou a cadeira de Didáticas de Estudos Sociais, no Curso de Formação de Professores, o Magistério, e, depois de um ciclo de palestras, culminou na Fundação desse museu, em 4 de maio de 1983.

No exercício docente da cadeira de Didática de Estudos Sociais, desenvolvendo o programa de terceira série do currículo por atividades, que tinha a proposta de estudar a história do município de Dom Pedrito, já no novo curso, Curso do Magistério, conjuntamente com as professoras da área de Estudos Sociais, Professoras Zaira Quadros Xavier e Maria Emília Gonçalves Dias, e, a Professora

de História do segundo grau, Professora Maria de Fátima Leon Dias organizaram um Projeto na Escola com a promoção de palestras sobre os dados históricos do município e região.

Ao findar os eventos propostos, a Professora Maria de Fátima sugeriu a criação de um Museu para a instituição, cujo objetivo seria pesquisar, difundir e preservar a história da Escola do Horto. Um museu, não só para visitas e consultas, mas, também promotor de conferências e exposições e outras atividades compatíveis com a instituição, foi então inaugurado em 4 de maio de 1983 o museu escolar da escola Nossa Senhora do Horto.

Escolheu-se o nome “Museu Melânia Mottoso” em homenagem a essa Irmã nascida em Paris, França, em 20 de julho de 1880 sob o nome de batismo Camille Augustine. Professora que veio do Uruguai para Dom Pedrito, como uma das 7 Irmãs fundadoras do Horto e fez das suas aulas, na Sala de Bordado da Escola do Horto, um centro de catequese de formação e oração, com sua inesgotável ternura de mãe. As fontes orais citam seu nome com carinho e admiração.

Neste museu entre acervo iconográfico, galeria de arte sacra, trabalhos de pesquisa de alunos da instituição, objetos está um mimeógrafo utilizado a partir de 1930 pelas Alunas-Mestras e depois pelas Normalistas, que funcionava com graxa, em vez de álcool e um projetor de lâminas, do ano de 1954, um dos primeiros que apareceram como tecnologia aliada do processo educativo, sendo a escola reconhecida por ser atualizada em relação às mudanças educacionais, metodologias e pedagogias.

Este setor da instituição foi e é de suma importância para preservação da história da escola e da ordem das irmãs do Horto proporcionando o entrelaçamento das gerações passadas, presente e futuro, embora hoje se encontre fechado, pois não tem nenhum profissional responsável pelo setor.

As atividades desenvolvidas por este setor, o Museu, serviu como exemplo do dinamismo da Escola Normal do Horto, que mantinha suas características tradicionais e ao mesmo tempo incorporava metodologias renovadas nos Cursos de Formação de Professores.

A Irmã Ana foi Normalista entre as décadas de 1950-1960, professora no Horto entre 1980-1990. Foi Diretora do Horto de Dom Pedrito até dezembro de 1992, quando passou a residir na Casa de Repouso das Irmãs do Horto, em Belém Velho, Porto Alegre, local em que é responsável pelo Museu Santo Antônio Maria Gianelli,

museu organizado e criado por ela, espaço em que é contada a história da vinda das irmãs do Horto para o Brasil.

Figura 46 - Teatro, Conjunto Horto Canta, Coral Infantil e Festa das Normalistas, 1969, 1970, 1971



Fonte: Autora (2020)

A Figura 46 mostra, acima, imagens do Teatro, do Conjunto Horto Canta e do Coral Infantil, do ano de 1969, atividades que eram incentivadas na Escola Normal Nossa Senhora do Horto de Dom Pedrito. As fotografias constam em um álbum sobre a história da instituição, no Acervo do Museu Melânia Mottoso.

A Figura 46 ao meio, mostra a imagem da Coral Infantil, do ano de 1969 e Festa das Normalistas, realizada em 12 de novembro de 1970.

A Figura 46 mostra a imagem da Festa das Normalistas realizada no dia 28 de junho de 1971 e o cartão que foi oferecido às estudantes na oportunidade. A criança que está entre as estudantes do Curso de Formação de Professores Primários do Horto nesta imagem, era filha de uma Normalista, uma estudante do Curso Primário no Horto, que veio fazer uma homenagem, declamando para as Normalistas. Estas fotos, do ano de 1970 e 1971, encontram-se armazenadas em um álbum, elegante, organizado e com legendas, que fazem parte do Acervo da Família Portilho.

No cartão distribuído às estudantes está escrito: “Entre o passado onde está nossa recordação e o futuro onde está nossa esperança, existe o presente onde está o nosso dever”. Fazendo alusão à responsabilidade social das mulheres futuras professoras, certamente, com a igreja, com a Pátria e com o lar, como pontua Suely Barbosa de Moura, em sua dissertação, do ano de 2014, cujo foco de estudo foi o Colégio São José, em Caxias, Maranhão, cujo recorte temporal foi 1949-1972.

Na Escola Normal do Horto, ao mesmo tempo que as práticas escolares constituíam-se em um ambiente exigente, disciplinado e disciplinador, incentivava seus estudantes a participarem ativamente de atividades saudáveis na escola, desenvolvendo habilidades, capacitando o estudante para o meio social comunitário, através da arte, da música, do exercício comunicativo, participativo e criativo.

Observa-se que no Coral Infantil de 1969, com 31 (Trinta e um) integrantes, 3 (Três) são estudantes do Curso Primário do Horto são afrodescendentes, que iniciam seus estudos na primeira série do primário nesta instituição educativa particular, religiosa e católica.

Dentre os eventos e comemorações mais marcantes do Horto estavam as formaturas, que movimentavam a comunidade pedritense, com solenidade de colação de grau, missa, confraternização, no salão de festas da Escola até bailes em clubes sociais da localidade. Os convites de formatura expunham a pedagogia da época, na Escola Normal de Dom Pedrito/RS, como este, abaixo, do ano de 1974, uma das últimas turmas formadas no Curso de Formação de Professores Primários do Horto.

Figura 47 - Cartão de Formatura do Curso Normal, Turma de 1974



Fonte: Autora (2020)

A Figura 47 apresenta a imagem de um Convite de Formatura, do ano de 1974, a realizar-se no dia 22 de dezembro, a iniciar às 19 horas. O Convite pertence ao Acervo da Família Ribas.

O brasão da escola ilustra a capa do convite, das 42 formandas do Curso Normal, 2 turmas de 21 alunas, cada uma, turma do primeiro e segundo semestre. No Programa consta Missa na Capela às 19 horas e solenidade de entrega dos certificados, os diplomas, no Salão de Festas da instituição, às 20 horas.

Os homenageados, na ocasião foram: “Aos pais – nosso amor. Aos mestres – nossa gratidão. Ao Brasil – nosso dever.” As formandas preocupadas com os brasileiros do amanhã, estão comprometidas com o futuro da nação, referendando a realidade encontrada em Teresina, Piauí, na pesquisa de Marinho (2008, p. 172), que indicava que o Curso Normal “Formava profissionais que iriam contribuir efetivamente para a alfabetização infantil e conduzir a Pátria ao progresso.”

Mesmo a pesquisa de Marinho (2008) representar o recorte temporal de 1930 a 1949, na Escola Normal Nossa Senhora do Horto, em Dom Pedrito, no Rio Grande

do Sul, essas ideias mantinham-se fortemente no ensino ministrado no Curso Normal e na sociedade local.

O lema deste ano de 1974: “Como princípio a Pátria. Como norma a criança. Como fim Deus”, referenda que o ensino secundário, de caráter terminal e profissionalizante na Escola Normal Nossa Senhora do Horto construía um soldado da nação em defesa de seus princípios progressistas, liberais e reformadores, como cita Moura (2014), o Curso Normal formava para a Igreja, para a Pátria e para o lar.

No juramento, as Normalistas do Horto prometiam: “Prometemos desempenhar sempre as funções de nosso grau, no ensino e na formação da criança, de acordo com os princípios da sabedoria cristã.” Fechadas entre muros, em uma educação católica, formadora de elites intelectuais, a instituição cumpria com seu papel de formar a mulher da época, que devia organizar, cuidar, educar. (MARINHO, 2008).

Figura 48 - Colação de Grau 1974



Fonte: Autora (2020)

A Figura 48 registra Colação de Grau 1974. Acervo da Família Ribas. O discurso da oradora Ana Lúcia Peçanha Pires, formanda do Curso de Formação de Professores Primários da Escola Normal Nossa Senhora do Horto, em Dom Pedrito/RS, do ano de 1974 ficou arquivado nesta imagem.

Na Figura 47, à frente, em destaque está a oradora, atrás, da esquerda para a direita, sentados, estão: 1.º O juiz da Comarca, 2.º Ieda Simões, 3.º Madalena Quadros Martins, 4.º Irmã Loreto, 5.º Terezinha Freitas, 6.º Bacharel Etchegoy de Albuquerque Royes (paraninfo), 7.º Mariza Freire, 8.º Irmã Cecília Lain, 9.º Gilmare

Pinto, 10.º Dr. Germano Carvalho Nunes (paraninfo), 11.º Professora Maria Veiga Miranda, professora de Filosofia e Psicologia do Curso Normal.

Os integrantes da mesa de honra estão sentados em volta de local preparado no palco e a Oradora está discursando ao público sobre um dos degraus que conduzem ao palco do Salão de Atos da escola. Observa-se a mesa rendada, os imensos arranjos de hortênsias, lírios e rosas e a distinção, dentre os convidados presentes na figura das mais altas autoridades na comunidade, como o juiz da comarca.

Figura 49 - Registro da última formatura de Professoras Primárias Curso Normal na Escola Normal Nossa Senhora do Horto, em 1975



Fonte: Autora (2020)

A Figura 49 mostra o registro da última formatura do Curso de Professores Primários da Escola Normal Nossa Senhora do Horto, Dom Pedrito, Rio Grande do Sul, no dia 20 de dezembro do ano de 1975 – Turma José Caminha Coelho Leal,

cuja oradora foi a Normalista Rosa Maria Soares de Castro. A fotografia faz parte do Acervo da Família Esteve.

Acima da imagem em destaque, Figura 48, a formanda recebe o diploma das mãos do Paraninfo e Prefeito Municipal, José Coelho Leal, e, à esquerda a Diretora da Escola Normal, Irmã Amélia Lain, que coloca o capelo – representante do poder temporal, possuindo uma correlação e analogia com a coroa real.

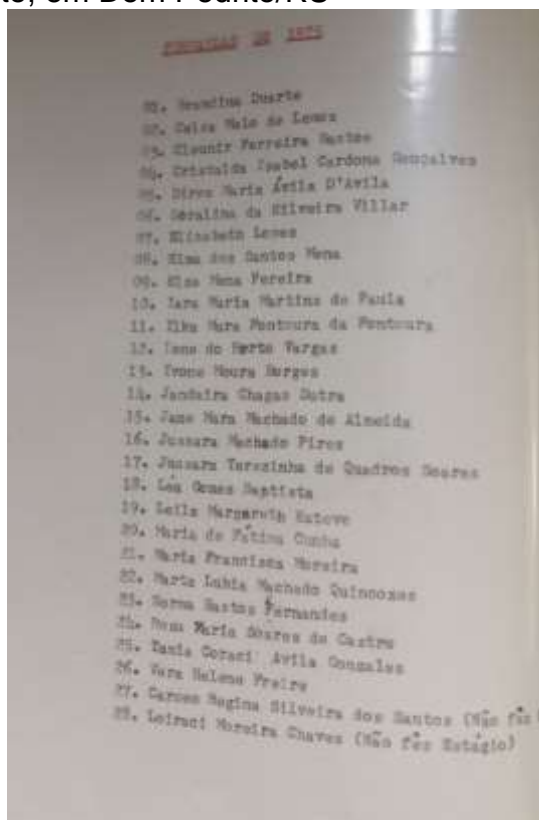
Na imagem central, a formanda, acompanhada de seu pai em traje social, veste um vestido de festa azul, para a cerimônia solene realizada nesse ano, na Capela da escola. Circundando a formanda estavam professores, alunas, familiares e autoridades, tinham muitos de pé, pois os assentos não comportaram o número para público presente.

No convite de formatura, Acervo da Família Silva constava no programa, Culto religioso em Ação de Graças na Capela da Escola, às 19 horas 30 minutos, com Solene Colação de Grau.

O convite continha uma Homenagem aos Colegas, que dizia: A amizade fraternal que se esboçou entre nós nos primeiros dias de convívio nesta escola, será imorredora. Ela esteve presente todos os instantes, nas alegrias e nas decepções e juntas compartilhamos de todas as lutas. Nesta hora de despedida lembramos, que no início da caminhada, um novo sentimento nos unia e que ele continuará vivendo para sempre em nossas vidas.

As Normalistas do Horto tinham um sentimento real de uma vivência de lutas, alegrias e decepções, tinham a consciência de que neste espaço de socializações e aprendizagens, ocorreram contribuições sociais, que foram muito além das disciplinas estudadas, foram vivências positivas que perduraram para uma vida e delinearam suas ações na profissão de professora, pois muitas dessas estudantes assumiram postos na rede de ensino de Dom Pedrito e região.

Figura 50 - Ata da última turma de formandas do Curso Normal da Escola Normal Nossa Senhora do Horto, em Dom Pedrito/RS



Fonte: Autora (2020)

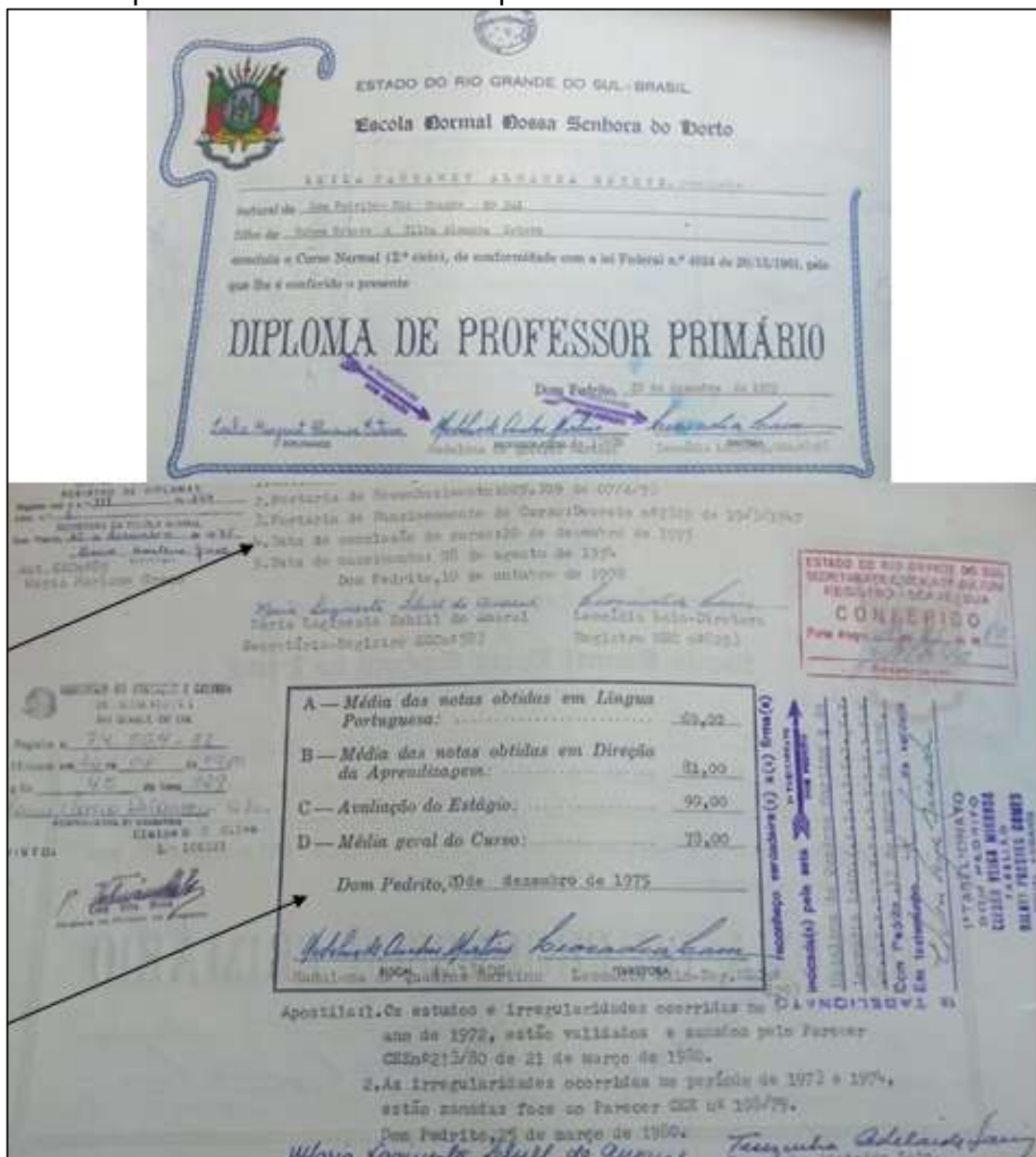
A Figura 50 mostra a Ata da última turma de formandas do Curso Normal da Escola Normal Nossa Senhora do Horto, em Dom Pedrito/RS. Está inscrita no Livro de Concluintes dos cursos de formação docente da escola, Acervo da Secretaria da instituição. 28 nomes figuram nessa Ata. Duas estudantes, número 27 e 28 da chamada, não realizaram o estágio.

No convite de formatura, desta última turma do Curso de Professores Primários da Escola do Horto, cujos escritos representavam as concepções da maioria, a Homenagem de Gratidão foi para a Professora Regente Maria Miranda, dizia: “Entre as que a conheceram, ficou cultivada a amizade, e há de perdurar.”

A Homenagem Especial foi para a Professora Isolda Pires de Pires, Coordenadora Geral do Estágio por longa data nesta instituição de ensino: “Nossos votos de que essa Fibra, esse Equilíbrio, essa Energia, que vos sustenta, que componha-te forte, pela consciência de seu destino moral, associado ao respeito desse destino, nos seus semelhantes, permaneça para sempre em vós.” As formandas consideravam-se agradecidas aos ensinamentos dados por essas professoras.

Os docentes nessa data do Curso Normal eram: Ana Aleluia Oliveira, Celeste Nunes, Elza Loreto, Maria das Grassa Mirazo, Suzana Jardim, Maria Miranda, Dalva Leon, Dr. José Adroaldo Rodrigues, Capitão Claudionor Silva, Irmã Ana Abatti, Irmã Loreto Montovani, Irmã Maria Cecília Lain, Irmã Flávia Canuto, Irmã Maria Amélia Lain (Diretora).

Figura 51 - Diploma do Curso Normal expedido em 1975



Fonte: Autora (2020)

A Figura 51 mostra a imagem frente e verso de um Diploma de Professor Primário, da escola normal de grau colegial, Curso de Formação de Professores Primários, concluído em 3 anos e meio, cujo estágio era realizado no último semestre do curso.

O Curso estava em conformidade com a Lei 4.024 de 20 de dezembro de 1961, que Fixa as Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a 1.ª LDB brasileira, que dizia em seu Capítulo IV:

Da Formação do Magistério para o Ensino Primário e Médio

Art. 52. O ensino normal tem por fim a formação de professores, orientadores, supervisores e administradores escolares destinados ao ensino primário, e o desenvolvimento dos conhecimentos técnicos relativos à educação da infância.

Art. 53. A formação de docentes para o ensino primário far-se-á:
 a) em escola normal de grau ginasial no mínimo de quatro séries anuais onde além das disciplinas obrigatórias do curso secundário ginasial será ministrada preparação pedagógica;
 b) em escola normal de grau colegial, de três séries anuais, no mínimo, em prosseguimento ao vetado grau ginasial

Art. 54. As escolas normais, de grau ginasial expedirão o diploma de regente de ensino primário, e, as de grau colegial, o de professor primário.

O Diploma foi assinado pela Diretora da Instituição na época: Leocádia Lain (Irmã Amélia Lain), pela Secretária: Madalena de Quadros Martins e pela Formanda: Leila Margaret Almansa Esteve.

Está assinalado, acima, com setas, os itens 3 e 4, a Portaria de Funcionamento do Curso na Escola Normal Nossa Senhora do Horto de Dom Pedrito/RS: Decreto n.º 2.329 de 19 de março de 1947, e, a Data de conclusão do Curso: 20 de dezembro de 1975.

Nas observações (Apostila) constantes no Diploma de Professor Primário indica que toda e qualquer possível irregularidade durante o curso foi sanada dentro da legislação estadual do RS e brasileira.

Nas palavras líricas, expressas em um documento alusivo ao aniversário da instituição, pertencente ao Acervo do Museu Melânia Mottoso, da Professora, formada no ano 1963, no Curso de Formação de Professores Primários da Escola Normal Nossa Senhora do Horto, Zairy Leal Gularte (Zairy Gularte Vian, depois de casada), coroa, com sua singeleza o pensamento da maioria das estudantes do Curso Normal à instituição Horto de Dom Pedrito: “Alicerçados no amor, distribuindo a fé pela vivência constante da religiosidade, simbolizando lampejos de luz, mostram-nos a alegria de viver, a coragem de ser, a grandeza da obediência”. (VIAN, 1980).

A professora Zairy, formou-se na Escola Normal do Horto de Dom Pedrito (1963), completou seus estudos (Ainda faz parte da Confraria do Horto), foi

Professora na instituição e ocupou cargos no sistema de ensino do município. Dentre as fontes orais pesquisados e em registros colhidos representa um dos expoentes formados nessa instituição.

Uma Normalista, mulher, que conquistou seu espaço profissional com dedicação, responsabilidade, disciplina, organização, resistiu a opressão de sua época resoluta, mas de forma figurada, pois foi decidida, determinada, lutou como pode, para cumprir seu papel de esposa, mãe e profissional, da Normalista, mulher, estudante, que a partir da formação, na Escola Normal, assume para si uma posição social, uma profissão, o que chamamos hoje de “empoderamento feminino”.

À sua maneira, a Professora Zairy, resistiu ao autoritarismo sob a mulher de seu tempo, mesmo ressaltando a figura opressora da “obediência” ocupou seu lugar na sociedade, com a coragem de “ser”.

4.4 Representações da escola na imprensa escrita e falada

A mudança numa representação social é a alteração de seu sistema central, que faz com que a representação perca sua identidade original. O contexto social é o aspecto que promove a transição em um sistema de representações, que sempre emerge, estabiliza e se transforma. Poder-se-ia dizer que entre 1940 a 1970, as representações são construídas e difundidas por meio da interação entre atores sociais, que compartilham representações sociais e têm crenças e comportamentos orientados por elas.

O processo de representar resulta em teorias do senso comum, aceitas e difundidas como verdades elaboradas e partilhadas pelo grupo social, sendo assim a Escola Normal e a Normalista serviram como fonte para a construção de uma realidade comum a um conjunto social, seu grupo comunitário. Estabeleceram representações sociais e processos simbólicos que intervêm nas relações da sociedade da época – distribuiu uma visão de mundo e contribuiu para identidade social do município.

A Escola Normal do Horto, enquanto instituição tradicional de socialização, foi definidora da identidade grupal, orientou práticas sociais e justificou ações e tomadas de posição no meio educacional local, através da educação ministrada nesse espaço. A educação, foi ao longo da história, utilizada por governantes como

símbolo de civilidade, progresso e desenvolvimento, tanto em nível nacional, como estadual e municipal e assim também foi em Dom Pedrito/RS.

Chartier (2010, p. 26) explica que “Tais representações não são simples imagens, verídicas ou enganosas, de uma realidade que lhes fosse exterior. Elas possuem uma energia própria que convence de que o mundo, ou o passado, é realmente aquilo que dizem que é”. As representações são um conjunto de proposições, que são emitidas para a sociedade, são por assim dizer, uma forma de convencimento. Nelas está uma força capaz de incutir verdades que se quer disseminar, ou ações que se quer imprimir.

A Escola Normal Nossa Senhora do Horto de Dom Pedrito agiu como instância tradicional de ensino, instituidora de *habitus*, com poder de ditar valores, normas e condutas, na qual, as religiosas, apresentavam-se como referência cultural na formação ética, identitária e cognitiva da normalista, da professora primária, em uma época em que as referências culturais e a circulação das informações eram restritas, começando a alargarem-se a partir de 1960, 1970.

Como a instituição escolar Nossa Senhora do Horto e a professora dessa Escola Normal eram retratados pela imprensa local de Dom Pedrito/RS? A comunidade pedritense reconhecia a Escola Normal Nossa Senhora do Horto, como expoente educacional? A Escola Normal da época entre 1940 e 1970 serviu de símbolo, de referência ou parâmetro do ensino do município de Dom Pedrito/RS, do extremo sul do Brasil?

São perguntas que podem ser respondidas pelas representações sugeridas na imprensa e periódicos locais. Que outro meio melhor, além das testemunhas vivas, poderá expressar a opinião recorrente de um período, senão a imprensa escrita e falada?

A professora, historiadora e escritora, Tania Regina de Luca (2015, p. 130), expõe a importância que esse meio veio desenvolvendo em âmbito social para a pesquisa científica: “o seu uso generalizou-se a ponto de se tornar um dos traços distintivos da produção acadêmica brasileira a partir de 1985”. O uso de periódicos, da imprensa, do jornalismo, para pesquisas relacionadas à História da Educação tem sido rica fonte de dados empíricos aos pesquisadores de nossa época.

Luca (2015), refere-se à materialidade dos jornais e sua periodicidade. Os periódicos consultados neste estudo foram: “Jornal Vitória”; “O Imparcial”; o “Jornal Ponche Verde”; e “Correio do Sul”, cujos exemplares acessados fazem parte do

Acervo do Museu Municipal de Dom Pedrito, Museu Paulo Firpo; e, do Acervo do Museu Melânia Mottoso, da própria instituição foco da pesquisa

Em decorrência da pandemia de COVID-19, que assolou o mundo e Dom Pedrito, impondo o isolamento social e restrição de acesso a locais, inclusive locais públicos, veio a prejudicar a pesquisa, quanto a coleta de dados no museu municipal, por esse motivo as fontes, encontram-se restritas a estes periódicos, descritos a seguir.

Em 1.º de março de 1958, por ocasião do início da divulgação dos eventos que estavam sendo organizados para o cinquentenário do educandário do Horto (1908-1958), na coluna “Opinando”, do “Jornal Ponche Verde” (Jornal em circulação até os dias de hoje), Acervo do Museu Melânia Mottoso, George Teixeira Giorgis, destaca: “Três de maio será o grato dia desta efeméride. E ela é, invariavelmente, uma data pertencente a totalidade da própria vida municipal pedritense.” A matéria enfatiza: “Múltiplas foram as gerações que passaram por seu interior. Enormes as levadas de moças que pisaram os seus pátios, que se assentaram nas suas classes e que hauriram, com a preleção fecunda das bondosas irmãs.” (GIORGIS, 1958).

O redator confia que a instituição, “com a preleção fecunda das bondosas irmãs”, com suas falas e exemplos, conseguiram haurir as estudantes que ali estiverem, conseguiram extrair o melhor dessas meninas moças para a sociedade pedritense. Ele coloca a seguir, que em 1947 a escola passou a se chamar Escola Normal e caracteriza o aprendizado desenvolvido ali:

Burilando alunas para a didática e o futuro ensino da petizada pedritense. Já se desdobrou, então, o educandário. Já se pode igualar aos dos mais modernos padrões rio-grandenses na espécie. E Dom Pedrito envaideceu-se em ver a sua Escola Normal prestigiada, elogiada, aplaudida, mercê a eficiência cultural que a tem caracterizado. Três de maio, portanto, merece a comemoração ai das mais salientes. Os poderes públicos, a imprensa, as associações de classe as forças vivas da comuna já devem ir movimentando no sentido de ofertar uma ampla e brilhante cobertura ao valioso evento. (GIORGIS, 1958).

O colunista expõe em sua escrita que a Escola Normal Nossa Senhora do Horto de Dom Pedrito está dentro dos modernos padrões das escolas normais do Rio Grande do Sul, constitui uma instituição que é prestigiada, elogiada e aplaudida pela eficiência cultural da pedagogia desenvolvida lá e pela formação das moças da sociedade pedritense.

Giorgis (1958) conclama as forças vivas da comunidade para irem organizando forças para oferecer uma ampla cobertura “ao valioso evento”. A instituição educativa e seus professores eram retratados pela imprensa local de Dom Pedrito/RS como merecedores de todos os louros, pois a educação ministrada ali servia para a sociedade local.

O Colégio das Irmãs do Horto estava contribuindo com a alfabetização infantil na comunidade, com a formação da boa dona de casa, mãe de família com moral e bons costumes, estava formando professoras primárias, que zelosas como as Irmãs iriam alfabetizar a “petizada”, meninos e meninas, dentro dos preceitos religiosos cristãos e ao mesmo tempo estava efetivando o progresso do Estado do Rio Grande do Sul e do Brasil.

Assim como foi o ensino das religiosas em outros estados – retratado nas pesquisas de 3 Teses e 10 Dissertações estudadas – em Dom Pedrito, em uma formação cultural intimamente ligada a instrução religiosa e moral, como pontua Lucimara Lemiechek, em sua dissertação de mestrado, do ano de 2014, pesquisando a formação de normalistas, períodos de 1946 a 1980: esse processo articulado entre políticas públicas nacionais e as necessidades da elite local, serviu de desenvolvimento para toda comunidade, pois foi uma vitória dos meios educacionais para a sociedade da época, formando grandes expoentes da educação no município de Dom Pedrito e região.

No Museu Melânia Mottoso, está arquivado recorte de jornal, do Jornal Correio do Sul, sem data completa, um periódico de Bagé, município há 67 km de Dom Pedrito, no qual o Serventuário da Justiça, Paulo T. Silveira Camargo, em sua coluna no jornal, periódico que funcionou de 1914 até 2008, também destacou a data do cinquentenário da Escola do Horto descrevendo a instituição em um artigo intitulado “A Passagem de Um Cincoentenário”. No texto o autor coloca que “O Ginásio e Escola Normal Nossa Senhora do Horto tem um papel de realce cumprido na vida pedritense, no setor da educação feminina”. (CAMARGO, 1958). Demonstrando que a Escola Normal de Dom Pedrito era reconhecida também fora dos limites territoriais do município.

Em 16 de março de 1958, Márcio Bazán, no Jornal Ponche Verde, Acervo do Museu Paulo Firpo e Acervo do Museu Melânia Mottoso, esclarece que o Horto possuía mais de 700 alunas, nos cursos primário, ginásial e normal, havia também

uma sala de aula gratuita denominada “Aulas Gianelli”. Os destinos do educandário estavam a cargo da reverendíssima Madre Maria Cecília Rodrigues.

Para comemorar o aniversário de 50 anos dessa instituição educacional o jornalista informa que estão sendo organizadas diversas solenidades. Caracterizando o educandário como “notável efeméride”, fato importante na comunidade pedritense, coloca: “Inúmeras senhoras e moças ali receberam o sagrado pão espiritual do saber para depois, irem distribuí-lo entre a nossa juventude.”

O jornalista Márcio Bazán anunciava uma data importante para toda comunidade pedritense, o aniversário do educandário, que deixou marcas muito positivas na localidade e região, destacou também a edificação da escola:

O educandário se fez notar, desde logo, no conjunto de prédios que o forasteiro distingue ao chegar em Dom Pedrito, pela beleza de suas linhas, e mais ainda, quando penetrando em seu interior, obter uma impressão de nobreza e espiritualidade, notadamente na capela, tão clara, a lembrar as alunas puras, tão singelas e alegres, como as humildes, e ao mesmo tempo, artística em todos os seus tons. (BAZÁN, 1958).

A descrição do prédio denota sua grandiosidade para a localidade, a “impressão de nobreza e espiritualidade”, destacava-se a Capela, cujos vitrais, na visão do autor, de imposição artística existentes no local, fundiam-se à imagens de almas puras, alegres e humildes, que passaram naqueles bancos escolares – suas estudantes. Sobre o Curso Normal do Horto de Dom Pedrito Bazán (1958) enfatizou:

Numerosas turmas cursaram-no e, ainda, espalharam longe os benefícios morais e culturais, decorrentes da instrução fundada nos mandamentos divinos, sugestiva das atitudes dignas e caritativas na existência de muitas jovens e de mães de família. (BAZÁN, 1958).

O Jornalista depõe que esta escola é benéfica às moças pedritenses que ali fazem suas formações iniciais, pois depois de formadas espalham os benefícios morais e culturais aprendidos ali. Juntamente com o texto o jornal contemplava seu leitor com a seguinte lembrança:

Figura 52 - Lembrança Hino do Cinquentenário



Fonte: Autora (2020)

A Figura 52 mostra a imagem de uma página do Jornal Ponche Verde, datado de 16 de março de 1958, com o artigo intitulado “Ginásio Nossa Senhora do Horto”, assinado pelo jornalista Márcio Bazán, que conta sobre a história da instituição de ensino Nossa senhora do Horto e ressalta que a sociedade pedritense “deve muito” a este educandário.

Acompanha essa edição do jornal uma Lembrança: o Hino do Cinquentenário do Horto, letra do Padre Heitor Rossato e Música de Subdesenvolvimento Luciano Brod, cujo refrão coloca: “Salve Virgem Mãe do Horto. Luz, confôrto em toda dôr. Sois a nossa Padroeira. Medianeira do Senhor. Esta casa em festa e em prece. Agradece o vosso amor!” (JORNAL PONCHE VERDE, 1958). A lembrança foi oferecida aos leitores do Jornal Ponche Verde, na edição de 16 de março de 1958. Acervo Museu Melânia Mottoso. Pelo título, nesse ano de 1958, observa-se que mesmo na imprensa ainda existia a persistente atitude de chamar o Ginásio e Escola Normal Nossa Senhora do Horto, da época, de “Colégio”.

Na edição de 29 de março de 1958, do Jornal Ponche Verde, Acervo do Museu Melânia Mottoso, o jornalista Lucidoro Brito, em seu artigo intitulado “Uma Grande Efeméride” descreve a instituição como “patrimônio moral afetivo e espiritual de uma coletividade”. Ainda coloca, “monumento como Escola Normal Nossa Senhora do Horto constitui um tesouro altamente precioso”. Para Lucidoro Brito a escola Normal de Dom Pedrito constitui “Educandário modelar, oficina primorosa que lapida espíritos e forma a pátria e a humanidade”. (BRITO, 1958).

Sobre as normalistas o autor diz que: “Para honra de nossa terra e felicidade de tantas criaturas, a Escola Modelo, formou educacionistas, que quais bravas legionárias, saíram pelo mundo espargindo o bem, aclarando espíritos, formando cidadãos para Pátria e corações para o mundo.” (BRITO, 1958).

Na visão do autor, descrita nas páginas do Jornal Ponche Verde, em 1958, assim como foi postulado durante o referencial teórico da pesquisa, também a Escola Normal Nossa Senhora do Horto de Dom Pedrito formava para a Igreja, para Pátria e para o lar. (MOURA, 2014). Em um período em que a mulher só poderia ser Secretária, Enfermeira ou Professora a instituição cumpria com seu papel de formar a mulher da época, que devia organizar, cuidar, educar. (MARINHO, 2008).

Brito (1958) em seu artigo, em página do Jornal Ponche Verde, enfatiza que, para essas moças Normalistas, se não fosse “a Escola Normal Nossa Senhora do Horto, não teria oportunidade de melhorar a sua vida! Elas vegetariam, tristes e anônimas, sem capacidade para lutar, sem preparo para exercer uma profissão condigna!” Deixando transparecer a distinção que era na época dizer-se Professora por profissão.

Em 12 de abril de 1958, no Jornal Ponche Verde, Acervo do Museu Melânia Mottoso, a Ex-aluna, Gisele Bueno Pinto se pronunciou sobre a escola no Jornal Ponche Verde, na matéria cujo título era “Cinquentenário”:

Queremos sim que os outros sintam, como nós, a existência de uma alma viva e palpitante nesse casarão e, que os outros sintam que esse colégio acompanha a vida da nossa cidade, como um país de sonhos para as crianças, um amparo e estímulo para os jovens. (PINTO, 1958).

Nesse artigo a ex-aluna relembra com carinho da Professora Irmã Melânia Mottoso e externa seu carinho pela instituição que a formou, destacando que a escola ampara e estimula seus jovens na ação social e cultural da localidade.

Em 19 de abril de 1958, no Jornal Ponche Verde, arquivo do Museu Paulo Firpo, a ex-aluna da Escola Normal Nossa Senhora do Horto, Maria Márcio Carneiro, expõe seu orgulho por receber a Circular expedida pela Comissão encarregada dos festejos alusivos ao Jubileu de Ouro do educandário:

Recebi a circular que distribui a comissão encarregada dos festejos comemorativos. Justo e admirável anseio de uma população que rende preito de amor e agradecimento as abnegados mestras instrutoras de sua mocidade. Três Gerações, avós mães e filhas entraram por aqueles portões e saíram ricas trazendo para seus lares a sabedoria que guia pelos bons caminhos terrenos e que consequentemente para os caminhos de Deus. Hoje, já vai entrando a quarta geração [...] (CARNEIRO, 1958).

Nas palavras da ex-aluna da Escola Normal do Horto, Maria Mércio Carneiro, observa-se o carinho, apreço e consideração da família pedritense a esta escola, que forma gerações da localidade, no interior do Rio Grande do Sul.

Amor e agradecimento são os sentimentos nutridos no seio cultural da cidade de Dom Pedrito das famílias mais abastadas da comunidade. A autora do artigo em homenagem a escola, que faz parte da história do município, destaca os ensinamentos cristãos aprendidos neste espaço e a abnegação das mestras ao instruir a mocidade local.

Figura 53 - O reconhecimento da imprensa no aniversário da escola em 1958 “Dom Pedrito em festa



Fonte: Autora (2020)

A Figura 52 traz a imagem do Jornal Ponche Verde, do dia 26 de abril de 1958, do Acervo do Museu Melânia Mottoso. Em sua capa apresenta o programa do Cinquentenário do Ginásio e Escola Normal Nossa Senhora do Horto, com o título “Dom Pedrito em festa”, divulga, que de 26 de abril a 03 de maio de 1958 vários eventos foram programados.

Os eventos foram realizados tanto dentro da escola, como extrapolou seus muros. Foram desde momentos cívicos e apresentações à comunidade escolar em seus pátios e Salão de Atos, chamado de Salão Nobre na época, até apresentações do Concerto de Orquestras do Departamento Artístico e Cultural da Sociedade Rio Branco de Cachoeira do Sul, realizado no Clube Comercial do Município.

Uma entidade fundada em 18 de Janeiro de 1912, responsável por muitos eventos memoráveis na comunidade. Este Clube está localizado, na Rua Bernardino Ângelo, número 915, em frente a Praça General Osório, a praça central de Dom Pedrito, na mesma quadra da sede da Prefeitura Municipal. Há 3 quadras do Horto.

Figura 54 - Convite para concerto de orquestra sinfônica



Fonte: Autora (2020)

No Cinquentenário do Ginásio e Escola Normal Nossa Senhora do Horto ocorreu, um momento muito especial para sociedade pedritense, como mostra o Convite para concerto de orquestra sinfônica, Figura 54 acima. Ocasão do encerramento da semana dedicada às festividades dos 50 anos da instituição.

A entrada para o Concerto, aberto ao público em geral, no dia 03 de maio de 1958, a partir das 20 horas 30 minutos, custava Cr\$ 50,00 – cinquenta cruzeiros (O Cruzeiro, Cr\$ ou ¢, foi a moeda do Brasil de 1942 a 1967, de 1970 a 1986 e de 1990 a 1993). O documento faz parte do Acervo do Museu Melânia Mottoso.

Na edição do dia 07 de junho de 1958, na coluna “Opinando”, do Jornal Ponche Verde, arquivado no Museu Melânia Mottoso, George Teixeira Giorgis, identifica e anuncia a importância para o Estado do Rio Grande do Sul, da Escola Normal Nossa Senhora do Horto de Dom Pedrito:

Todo o Rio Grande do Sul virou seus olhos para Dom Pedrito no dealbar do mês conferindo as religiosas da Escola Normal Nossa Senhora do Horto um pleito de gratidão que muito deve ter significado a sua humildade, singeleza das que nela laboram e as pessoas que de uma forma ou de outra se sentem vinculadas a vida do grande educandário. [...] As populações, em verdade, sempre tem deveres a cumprir e tradições pelas quais zelar é que elas, as populações, mais se agigantam, mais se engrandecem, mais são admiradas pela maneira como cultuam os seus vultos magnos e pelo modo eloquente como rendem seu tributo honorífico aos acontecimentos de transcendental valia para história do município de que participam. (GIORGIS, 1958).

O autor coloca que no clarear do mês de maio do ano de 1958, todo Rio Grande do Sul virou seus olhos para Dom Pedrito, para a Escola Normal de Dom Pedrito, em uma manifestação de respeito às religiosas e a todos que se sentem vinculados a escola, que caracteriza como “grande educandário”.

Nos escritos, do Jornal Ponche Verde, de George Teixeira Giorgis, com o título “Homenagens e Justiça”, do dia 07 de junho de 1958, arquivado no Acervo do Museu Melânia Mottoso, está sintetizado o que foi a Escola Normal em seu período de existência:

O Horto é um patrimônio material e espiritual de Dom Pedrito. Rara é a senhora, a mãe de família, a noiva de hoje, nascido e vivida em Dom Pedrito, que não tenha perpassadas seus bancos, corrido pelos seus pátios, sentido a imponência de seus umbrais. A conclusão disto é que escola em referência desempenhou e desempenha vital papel na formação da mulher pedritense concedendo regramentos, indicando caminhos, traçando-lhe diretrizes para uma existência futura moldada nos princípios mais sãos. (GIORGIS, 1958).

O autor do artigo publicado em periódico local declara todo o apreço que ele e a comunidade petritense têm pela escola, destacando o “vital papel na formação da mulher pedritense”. De fato, até mesmo nos dias de hoje, 2021, muitas das professoras atuantes no município de Dom Pedrito, foram formadas em cursos de formação de professores dessa escola, que funcionaram até 1997, sendo moldadas nos preceitos cristãos, na pedagogia ativa e na participação comunitária social.

Patrimônio material,²³ citado na fala de George Teixeira Giorgis, é descrito no Decreto-Lei nº 25/1937 – que organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional – como conjunto de bens culturais móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico.

A comunidade tem esse sentimento para com a instituição, no entanto, em Dom Pedrito há apenas o prédio da Prefeitura Municipal, construção iniciada em 1927 (No tombamento constam dois prédios, o da prefeitura e o das antigas cocheiras.) Com certeza esse prédio da Escola Normal do Horto e sua história constituem um marco para sociedade pedritense, cujos estudantes que passaram por ali, reverenciam como instância tradicional de socialização, como espaço de vivências e experiências constituidora de cada um e da coletividade no município de Dom Pedrito. Uma educação que foi e é defendida e reproduzida, em especial, pelas mulheres professoras formadas ali.

Figura 55 - Anúncio dos ciclo de palestras transmitidas pela imprensa falada Rádio ponche Verde (hoje Rádio Sulina)

Palestras Alusivas ao Cinquentenário do Ginásio e Escola Normal Nossa Senhora do Horto

<p>Iniciando as solenidades do Cinquentenário do Ginásio N. Sra. do Horto, serão transmitidas, através da Rádio Ponche Verde, uma série de Conferências alusivas à data.</p> <p>A continuação transcrevemos os temas e os respectivos oradores, esperando que nossas famílias pedritenses, que em forma tão expressiva e carinhosa estão aderindo as atividades programadas, não deixarão de escutar (ão interessante)</p>	<p>Palestras radiofônicas, às 20 horas dos dias seguintes:</p> <p>26 de abril — «A Escola das Mães de ontem Escola das jovens de hoje» pela Professora Dulce da Fonte Abreu.</p> <p>27 de Abril — «As Irmãs do Horto na obra educacional, nesta cidade» por Delfina Godoy Dias.</p> <p>28 de Abril — «A ação da Escola sobre o futuro da Sociedade» pelo Dr. Bernardo de Miranda</p>	<p>Munhoz.</p> <p>29 de Abril — «Educação para a vida» Dolores Gonzalez.</p> <p>30 de Abril — «Abrindo sulcos» pelo Dr. Antônio Candido Silva Neto.</p> <p>1º de Maio — «Colaboração da Escola nos destinos do país, pela educação integral da mocidade» pelo Dr. Luiz Mario de M. Gonçalves.</p> <p>2 de maio — «A juventude em face do mundo moderno» pelo Dr. Omar D'Avila Fernandes.</p>
--	--	--

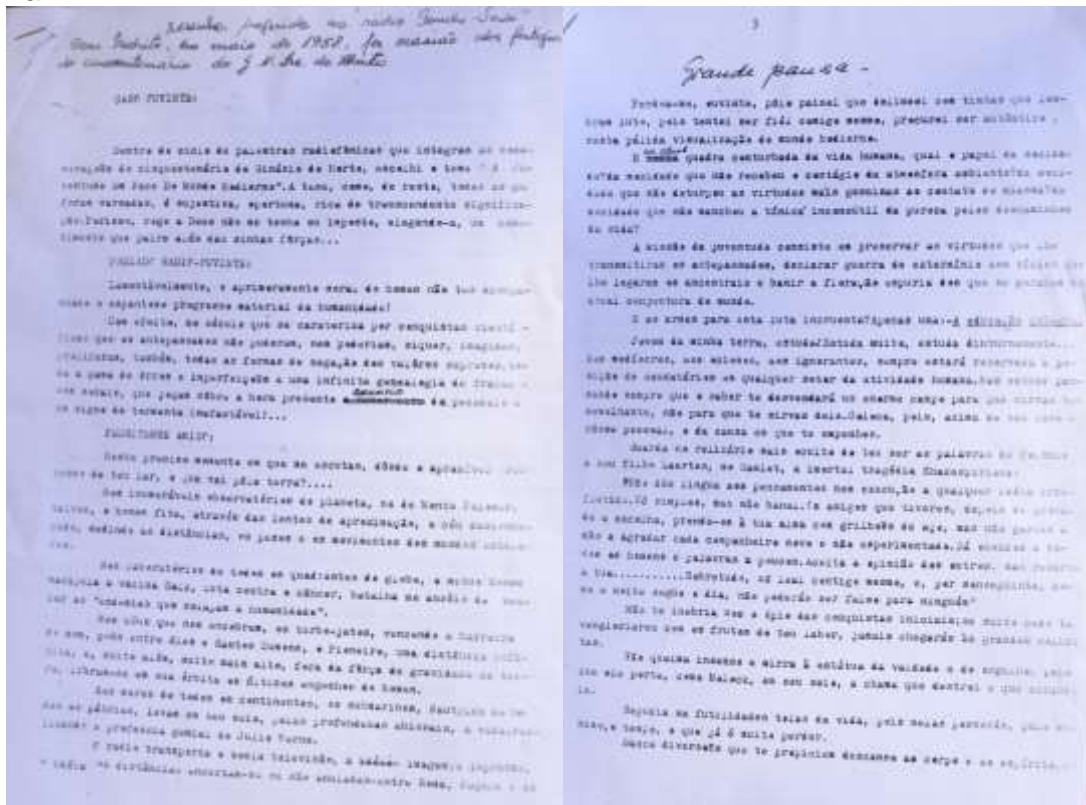
Fonte: Autora (2020)

²³ Os patrimônios materiais são os concretos e palpáveis, e os patrimônios imateriais estão relacionados aos saberes, às crenças, aos comportamentos e às práticas de uma comunidade ou região.

A Figura 55 traz a imagem do anúncio dos ciclo de palestras transmitidas pela imprensa falada, Rádio Ponche Verde (Hoje Rádio Sulina), às 20 horas, na semana de comemoração dos 50 anos da Escola do Horto. Estava descrita na edição do Jornal Ponche Verde, do dia 19 de abril de 1958. Acervo do Museu Melânia Mottoso.

Mães de alunas, educadoras e advogados participaram desse momento, de celebração desta instituição educativa na imprensa falada. Abaixo, encontra-se imagem da primeira e terceira páginas da palestra radiofônica proferida pelo advogado Dr. Omar D'Avila Fernandes, que clarifica a filosofia social da comunidade local.

Figura 56 - Palestra Radiofônica da semana comemorativa aos 50 anos da Escola Normal



Fonte: Autora (2020)

A Figura 56 mostra parte da Resenha da Palestra Radiofônica proferida em 19 de abril de 1958, pelo Advogado Dr. Omar D'Avila Fernandes, sobre a temática “A juventude em face do mundo hodierno”, a juventude no/do mundo moderno, o mundo atual da década de 1950 para 1960. Páginas 1 e 3, de 4. (Anexo O). Acervo do Museu Melânia Mottoso.

Para este palestrante, “o aprimoramento moral do homem” não estava acompanhando o progresso material da sociedade da época, ele aborda em seu texto o homem, a ciência e o progresso da sua época.

O advogado entende que o rádio transporta o som, a televisão a imagem, a imprensa a ideia e destaca que apesar de encurtar distância, a avalanche de notícias vai *“desagregando a família e poluindo a sociedade inteira”*, pois não trabalha ou deixa de trabalhar por omissão, o ser humano em si, voltado para si.

Dr. Omar D’Avila Fernandes identifica uma *“Complacência quase generalizada de parcela dos que detêm o poder, dos que possuem cultura, dos portadores de discernimento, das elites que se omitem quando deveriam contrapor os diques mais resistentes `maré subversora.”* (FERNANDES, 1958, p. 2). O que demonstra o desejo do autor, que neste momento compactua irmanado com a instrução desenvolvida na Escola Normal Nossa Senhora do Horto de Dom Pedrito, no Rio Grande do Sul na busca de um ensino integral que salve o jovem da subversão social que se avizinha pelo dito progresso social da época.

O Dr. Omar D’Avila Fernandes aconselha aos jovens, que por ventura estariam a ouvi-lo pela Rádio Ponche Verde, que *“estude muito, pois quem não estuda sempre será o pajem, o serviçal ou oficial doméstico”*. A missão da juventude, para o palestrante, *“consiste em preservar as virtudes que lhes são transmitidas dos antepassados, declarar guerra de extermínio aos vícios que legaram dos ancestrais e banir a floração espúria dos que se geraram da atual conjuntura do mundo.”* O palestrante conclui ao jovem pedritense:

Madruga no teu amor e na tua consagração a família e a Pátria, pois amanhã poderás estar no leme de seu destino. Respeita os princípios eternos e imutáveis que devem reger a conduta humana, pois serão santelmos do teu caminho e bússolas do teu Norte. Cultua a tua fé, crê, não te esquece de Deus, que estará contigo nos instantes difíceis da vida e te estender a mão ante o prenúncio de naufrágios. [...] Jovem da minha terra se procederes dessa forma, contribuirás para que se abram clareiras de luz nos horizontes sombrios da humanidade, e estarás cumprindo, pela força regeneradora do exemplo. Tua dignificante missão em face do hedierno. (FERNANDES, 1958, p. 4).

A fala deste palestrante, no ano de 1958, expõe claramente a concepção filosófica daquele momento histórico da sociedade, no Brasil e no mundo, mesmo naquele rincão do interior do Rio Grande do Sul, as novas correntes de revoluções

comportamentais nas músicas, roupas, cabelos, sexo, tabu e rebeldia (da subversão) estavam chegando, instaurando uma luta entre o antigo e o moderno.

Em 10 de maio de 1958, no Jornal Ponche Verde, Acervo do Museu Melânia Mottoso, o editorial noticia que “A cidade inteira, bem como inúmeras delegações de municípios vizinhos, associaram-se, com vivo entusiasmo, aos festejos que se prolongaram por toda semana passada”. A imprensa local reconhecia a Escola Normal Nossa Senhora do Horto, como expoente educacional, bem como a sua posição dentre as Escolas Normais existentes no Estado do Rio Grande do Sul na época, que era de destaque.

Daqueles bancos escolares, muitas autoridades se destacaram no meio sócio-econômico-político local e regional, referenciando em oportunidades como essa, o reconhecimento à Escola Normal de Dom Pedrito.

Esse ano de 1958 foi muito importante na história da Escola Normal Nossa Senhora do Horto de Dom Pedrito, porque iniciam as turmas do Curso Normal em uma dinâmica diferente, imposta pela legislação estadual. A partir desse ano o curso foi reentrustrado com a reformulação proposta pela Lei 6.004, de 26 de janeiro de 1955, Regulamento do Ensino Normal no Rio Grande do Sul, e, passou a ter 7 semestres, 3 anos e meio, com estágio no último semestre e assim foi até sua última turma em 1975.

Figura 57 - Visita de Normalistas à Assembleia Legislativa, ano de 1959



Fonte: Autora (2020)

A Figura 57 mostra, acima, esmaecida pelo tempo, uma publicação em um periódico da época, sem identificação do nome do periódico e da página, do ano de 1959, faz parte do Acervo Melânia Mottoso. Na notícia, com o título “VISITA À ASSEMBLÉIA”, comunica aos leitores do periódico que:

Um grupo de 15 alunas da Escola Normal Nossa Senhora do Horto de Dom Pedrito, esteve ontem em visita Assembleia Legislativa. As alunas, que se fizeram acompanhar das irmãs Maria Imelda e Maria Amélia e da professora Raquel Munhoz de Macedo, foram recebidas no gabinete da presidência pelo Deputado Milton Dutra, primeiro vice-presidente e pelos deputados Arnaldo Schiphorst, Luciano Machado e Gudbem Castanheira. Na foto, um aspecto da visita das alunas da Escola Normal Nossa Senhora do Horto. (1959).

Nas palavras escritas pelo periódico, sem identificação, do ano de 1959, documento arquivado no Museu Melânia Mottoso, observa-se que um grupo de Normalistas e Irmãs, professoras, foram visitar a Assembleia Legislativa, na capital do Estado e foram recebidas pelo Deputado Milton Dutra, primeiro vice-presidente e pelos deputados Arnaldo Schiphorst, Luciano Machado e Gudbem Castanheira, indicando que a Escola Normal do Horto, também na capital do Estado do Rio Grande do Sul era bem quista no cenário educacional do Estado.

A Figura 56 mostra, logo abaixo da imagem retratada em periódico da época, a imagem da foto que foi tirada naquele momento ímpar para a instituição. Fotografia arquivada no Museu Melânia Mottoso, em um álbum, cita que estiveram presentes nesse momento, na Assembleia Legislativa as seguintes pessoas, que estão retratadas na foto: Dalva Costa, Danilo Costa, Marta Pires, Yara Leite, Gilda Munhoz, Lívia Munhoz, Ele vira Salines, Neuza Machado, Elza Bueno, Verônica Flores, Maria Helena Umpierre, Regina Leal, Mariza Freire, Luciano Machado, Marlene Severo, Adelina Tarouco, Irmã Maria Imelda, irmã Maria Amélia, Raquel Munhoz, Milton Dutra, Arnaldo Schiphorst, Elaine Leon, Gudbem Castanheira.

A organização educacional da Escola Normal de Dom Pedrito, foi herdada do curso que formava Alunas-Mestras. Desde 1930, já havia formação de professoras no Colégio das Irmãs do Horto reconhecido no Rio Grande do Sul, de 1947, o início do Curso Normal, a 1959, ano desta visita à Assembleia Legislativa, já transcorriam 12 anos, a Escola Normal do Horto já estava consolidada no cenário educacional do Estado, com reconhecimento. (Já recebia também aporte financeiro do Estado para manter também “alunas pobres, as carentes”).

De 1947 a 1949 na estrutura do currículo do Curso Normal do Horto, a Didática e Prática da Educação Primária era efetuada durante o curso, nas 2.^{as} e 3.^{as} séries do Curso de Aplicação da Escola, dividido em 6 semestres, 3 anos; e, de 1950 a 1958, com a prática pedagógica efetuada nas “Aulas Gianelli”, espaço que as alunas matriculadas no primário gratuito, recebiam esse ensino na instituição, constituindo-se em ajuda para os pobres carentes da localidade, como foi lembrado pelas fontes orais da pesquisa, “[...] o Horto que não era pagante, nas turmas lá debaixo[...]”, e, ao mesmo tempo proporcionava espaço de aplicabilidade da didática aprendida na Escola Normal que Formava Professoras Primárias para atuar na docência em turmas do primário do sistema de ensino brasileiro.

Na edição do dia 3 de maio de 1958, o Jornal Ponche Verde, Acervo do Museu Melânia Mottoso, a ex-aluna Beatriz Warlet, coloca:

Guardando, indelevelmente, a mais grata das recordações e a maior da saudades, desse querido Colégio, aonde iniciei a minha formação intelectual e aonde também, recebi os mais sábios ensinamentos religiosos, é com indizível satisfação que venho o expressar, de público, os meus parabéns ao ensejo do Cinquentenário de vida desse benemérito estabelecimento de ensino. (WARLET, 1958).

A ex-aluna já morando em outra cidade, Camaquã, com uma carreira sólida, externa nas páginas de um periódico de Dom Pedrito, a saudade e a consideração por essa instituição, Beatriz Warlet considera que a escola tem mérito para receber louvores e recompensas, pois realiza uma “formação intelectual” e os “mais sábios ensinamentos religiosos”. Gerações da família Warlet acompanharam o ensino do Colégio e Escola Normal Nossa Senhora do Horto e nutriam por esse espaço grande admiração.

Na edição do dia 25 de dezembro de 1962, do Jornal Ponche Verde, arquivado no Acervo do Museu Melânia Mottoso, a Professora Marília Alencastro Maia, ex-aluna do Curso Normal, da Escola Normal Nossa Senhora do Horto, formanda do ano de 1954, que Abatti (1986, p. 140) indica em sua pesquisa, como “Primeira Aluna Bolsista” da instituição, no Curso Normal, professora que teve destaque no meio educacional, também como representante da 13.^a Delegacia de Educação no município, neste artigo faz uma homenagem às Irmãs do Horto, na pessoa da Irmã Melânia Mottoso e destaca a posição de amor, caridade e fraternidade dessas religiosas:

Charles de Gaulle, o homem forte do pós-guerra, elogiado por um escritor como sustentáculo moral e salvador do mundo moderno, foi proverbial e sábio no seu agradecimento. “Embora com uma grande parcela de boa vontade, os elogios a mim dirigidos não me assentam de modo algum pois a difícil tarefa de salvar o mundo está a cargo das piedosas Freiras, que, no silêncio dos seus claustros, ou no borbórinho encantador de suas escolas, pregam o amor divino, caridade fraterna e alegria santa do direito alcançado pelo dever cumprido. (MAIA, 1962).

Esta ex-estudante do Curso Normal, cuja socialização teve também como base a Escola Nossa Senhora do Horto tinha a percepção de que família, escola e igreja constituíam bases sólidas da sociedade e reconhecia na Irmã Melânia Mottoso a personificação do amor divino, esta, que foi uma figura ímpar dentre as mestras

daquele ensino, a ex-aluna Marília coloca que esta Professora sempre lhes falou “a linguagem do amor”, o convívio na Sala do Curso de Bordado era reconfortante para as estudantes dali.

A Irmã Melânia Mottoso nasceu em Paris, em 20/07/1880, sua família passou a residir em Buenos Aires, Argentina, localidade em que conheceu as religiosas do Instituto Filhas de Maria Santíssima do Horto. Em Montevideú, Uruguai, em 22 de abril de 1903, ingressou no Instituto, de onde veio para Dom Pedrito, como uma das 7 irmãs fundadoras do Colégio Nossa Senhora do Horto, em 1908, Primeiro Colégio do Horto, no Brasil.

Veio de Montevideú para o Brasil, de trem, passando por Rivera, no Uruguai. De Rivera a Santana do Livramento, cidade do Brasil, 90 km de Dom Pedrito, trecho que foi feito em condução, carroças carruagem, por estrada de chão, trabalhou no Horto por 53 anos, em 1956 recebeu o título de 1.^a Cidadã Pedritense. Faleceu em Dom Pedrito em 20 de dezembro de 1962.

Na pessoa desta Professora, a ex-aluna do Curso Normal de Dom Pedrito, Marília de Alencastro Maia, mostra a percepção das Irmãs do Horto, do Colégio das Irmãs do Horto: “[...] uma flor, cujo aroma impregnará nossas vidas na bondade, na fraternidade cristã e no amor a Deus.” (MAIA, 1962).

Religiosas que no exercício da docência, em curso de formação de professoras primárias no interior do Rio Grande do Sul conquistaram, irmadas pela comunidade pedritense, em um processo articulado entre as políticas públicas nacionais, estaduais e as necessidades da elite local – esse espaço de ensino, cujas práticas escolares foram pautadas na disciplina, bom comportamento, obediência e organização, interligada a uma instrução religiosa e moral.

A Escola Normal Nossa Senhora do Horto de Dom Pedrito serviu como símbolo de representação social. O prédio em si já representava o progresso e desenvolvimento do município, época em que o centro da cidade estava com várias obras. O Colégio das Irmãs do Horto era tido como marco positivo, representante da pujança da elite local, pois foram essas forças vivas da comunidade que trouxeram e alimentaram financeiramente esta instituição.

A educação dali, inicialmente anos de 1940, era só para os mais abastados, a partir de 1950, por caridade ou por necessidade, os recursos públicas fluem em bolsas de estudo no Ensino Normal, símbolo de *status* na localidade, as professoras

do Município e do Estado são cedidas em convênios para custear matrículas de “crentes”.

Até 1975 a instituição formou grandes expoentes da educação em Dom Pedrito e região, diplomar-se no Curso de Formação de Professores Primários era abrir uma porta para uma profissão remunerada e considerada pelo meio social.

As Irmãs do Horto eram símbolo de amor, caridade, fraternidade, na comunidade local, como enfatiza várias falas de alunas e jornalistas da cidade e fora dela. As Normalistas formadas ali apresentavam um *habitus*, uma forma de ser, estar e agir, apropriados para as concepções sociais correntes entre 1940-1970 sobre as mulheres. As Professoras Primárias formadas no Horto de Dom Pedrito, em sua maioria, eram devotas da Virgem Santíssima do Horto, tementes a Deus e, apresentavam-se, polidas socialmente, solícitas, educadas, organizadas, obedientes, dedicadas, responsáveis, disciplinadas, tudo o que um bom pai, marido ou patrão queria para o momento social vigente.

Em 16 de março de 1958, no Jornal Ponche Verde, Acervo do Museu Melânia Mottoso, o jornalista Márcio Bazán coloca que o Curso Normal do Horto de Dom Pedrito “desempenhou e desempenha vital papel na formação da mulher pedritense concedendo regramentos, indicando caminhos, traçando-lhe diretrizes para uma existência futura moldada nos princípios mais sãos. (BAZÁN, 1958). A ideia difundida era que a moça que ali se formava junto às Irmãs do Horto traziam consigo, advindos dos regramentos da escola, pureza e obediência, nos padrões morais para as mulheres daquele período.

Em 29 de março de 1958, na edição do Jornal Ponche Verde, arquivado no Museu Melânia Mottoso, Lucidoro Brito alerta as mulheres de Dom Pedrito, que se não fosse a Escola Normal Nossa Senhora do Horto, elas “Não teriam oportunidade de melhorar a sua vida! Elas vegetariam, tristes e anônimas, sem capacidade para lutar, sem preparo para exercer uma profissão condigna!” (BAZÁN, 1958). Nesta fala, divulgada nas páginas do Jornal Ponche Verde, no ano de 1958, compreende-se o que Louro (2015) relata sobre o magistério ser visto na sociedade como uma atividade em que as mulheres poderiam exercer suas qualidades “naturais”, uma extensão da maternidade, apesar de serem respeitadas pela sociedade as mulheres professoras eram vistas com preconceito, se não fosse o emprego em uma profissão condigna (enfermeira, secretária ou professora) seriam relegadas ao anonimato.

Anônimas, foi tudo o que as Normalistas de Dom Pedrito/RS do período estudado, no recorte temporal de 1947 a 1975, não foram. Muitas conseguiram completar seus estudos, galgaram postos em concursos no Município e no Estado, assumiram cargos públicos, exerceram docência e Direção de escolas municipais e estaduais, foram representantes em Delegacias de Educação e Coordenadorias Regionais de Educação, e, expoentes notáveis do ensino ministrado no Curso Normal do Horto, figuram também, em nomes de instituições de ensino na cidade, como Escola Estadual Cândida Corina Taborda, por exemplo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como esclarece Araújo *et al.* (2017) e Werle (2001; 2004), o sistema de organização das escolas normais, entre continuidades e descontinuidades foi iniciado nas décadas de 1830 e 1840 do século XIX, foi consolidado a partir de 1890 e, principalmente, das primeiras décadas do século XX, com a importação de materiais didáticos, carteiras escolares, tradução de obras visando a formação de professores, produção de manuais voltados à didática docente, a construção de Escolas Normais, como verdadeiros monumentos arquitetônicos.

Espaços em que a elegância e o esmero das formaturas de Normalistas eram noticiados na imprensa escrita e falada brasileira como feitos educacionais à elite mandatária da nação; e, seus ensinamentos constituíam aos olhos da sociedade da época como luz para o espírito – livro na mão e o intelecto alimentado pelos valores como higiene, família, Pátria, trabalho e religiosidade, em estreita ligação entre Estado e Religião.

A urbanização e a industrialização incentivaram as reformas educacionais, através de legislações, nas primeiras décadas da república surgindo a organização das Diretorias de Instrução Pública, os Serviços de Inspeção Escolar, a ampliação do acesso ao ensino primário, que entremeado pelo movimento da Escola Nova inseriu o ensino ativo e a racionalidade pedagógica, novas tendências pedagógicas.

Avanços educacionais para a época, que fixaram regras e normas, e padronizaram, mesmo que, minimamente, a partir da Lei orgânica do Ensino Normal (LOEN – Lei 8.530, de 2 de janeiro de 1946), a instrução nas escolas normais e incentivaram o processo de feminização do magistério primário, com a formação de Normalistas até a década de 1970, neste ensino secundário, de caráter terminal e profissionalizante.

Com a publicação da LDB, Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, as Escolas Normais e seus respectivos Cursos Secundários de Formação de Professores Primários foram substituídos pelo ensino de 2.º Grau com a Habilitação para o Magistério, fornecendo ao estudante o título de Professor do Ensino de 1.º Grau, com direito à docência de 1.ª a 4.ª série do ensino de 1.º Grau, em um ensino estritamente técnico.

Neste estudo, desenvolvido de agosto de 2019 a dezembro de 2020, buscou-se, como pontua Le Goff (1993), a “compreensão da trama histórica em que indícios

e pistas estavam envolvidos” na História e Memória, sobre a Escola Normal Nossa Senhora do Horto de Dom Pedrito, Rio Grande do Sul: cultura escolar, práticas e representações.

História e memória que para Le Goff (1990) têm um ponto em comum: - são espaços de poder, pois tecem o registro de verdades, verdades, que por vezes, não há o desejo de que venham à tona, mesmo sendo verdades parciais promovem o arquivo, que pode ser “revirado,” investigado, (re)investigado e, pode ser também recheado de testemunhos vivos em fontes orais ricas de memórias pessoais e históricas, entrelaçando o pessoal, o local ao cenário do entorno sócio-econômico-político da época.

A coleta de documentos e depoimentos visaram responder ao seguinte problema de pesquisa: Qual era a cultura escolar na Escola Normal Nossa Senhora do Horto de Dom Pedrito/RS (1947 – 1975), suas práticas (educativas e escolares) e representações produzidas na/para formação de professoras nesse período histórico?

O objetivo geral buscou Compreender a cultura escolar, as práticas (educativas e escolares), e, representações da Escola Normal Nossa Senhora do Horto de Dom Pedrito/RS na/para formação de professoras (1947 – 1975), como contribuições para a escrita da formação de professoras, na história da educação.

Para responder as questões propostas foi realizado: - Busca de referencial; - Coleta de dados; - Mapeamento e decodificação de dados; - Análise de dados. Diante do exame feito dos dados documentais colhidos, conclui-se inicialmente, que no Rio Grande do Sul por longa data, mais fortemente de 1989 a 1950, como coloca Souza (2020, p. 453), ocorria uma disputa entre o ensino público e privado desenvolvido pela Igreja, ocasião em que o “Estado assumia para si o ensino primário, ficando a cargo da Igreja o ensino secundário”.

Os colégios confessionais católicos do RS representavam um espaço apropriado para a formação das moças das classes mais abastadas, como observa Ortiz (2014, p. 152), eram adequados “pois veiculavam os saberes socialmente aceitos para seu gênero e classe, transmitindo valores e preceitos religiosos e morais, ao lado da formação cultural almejada”. Imponentes, amplos, higienizados, seguros, representavam um rico espaço para formar as mulheres gaúchas.

A Escola Normal Nossa Senhora do Horto, foi a única escola no município de Dom Pedrito/RS, responsável por formar inúmeros profissionais em seus cursos de

formação de professores, que funcionaram de 1930 a 1997 (quando o curso gratuito do Magistério, iniciado em 1994, no Instituto Estadual Bernardino Ângelo começou a fazer frente aos altos custos do Curso de Magistério desta instituição de ensino, particular, cristã e católica. A 1.^a turma de formandas do Bernardino foi em 1997), a década de 1990 foi um período em que o Estado passou a investir fontes orçamentárias no ensino de 2.^o Grau público na região de abrangência de Dom Pedrito.

Um prédio majestoso. Imagens vista do alto mostram o projeto arquitetônico do Horto de Dom Pedrito em forma de “U”, cujo predomínio de sua frente, escondia (E esconde) seu interior, apresentando à comunidade sua fachada ilustre, grandiosa até para os dias de hoje.

O Colégio das Irmãs do Horto, fechado entre muros altos, com instalações amplas, edificação reservada da curiosidade da vida “lá fora” foi, no período pesquisado, uma instituição educativa, na qual meninas moças iniciaram seus estudos na formação de seus conhecimentos para atuar na sociedade como boas esposas, preparando-se para o casamento e para o ofício de professora, como pontua Marinho (2008), uma herança do ensino das Alunas-Mestras herdado pelas Normalistas.

No Horto de Dom Pedrito, foram sessenta e sete anos dedicados à formação de professoras, as quais atuaram e ainda atuam nas classes do ensino público e privado no município e arredores refletindo muito do que foi vivido, experienciado e aprendido nessa instituição formadora de profissionais da educação, dos quais 28 anos foi dedicado ao Curso Normal – Curso de Formação de Professores Primários.

A Tabela 1, constante na página 84 deste estudo, indica que em 28 anos de existência do Curso Normal, formador das Normalistas, 854 formandas foram diplomadas, O Curso Normal do Horto de Dom Pedrito existiu desde o dia 19 de março de 1947, com o 1.^o Exame de Admissão ao Curso de Formação de Professores Primários da Escola Normal Nossa Senhora do Horto/Dom Pedrito/RS, indo até 20 de dezembro do ano de 1975, com 28 alunas sendo formadas, nesse último ano.

De 1947 a 1949, o Curso era feito em 6 semestres (3 anos), com a Didática e Prática da Educação Primária, desenvolvida na 2.^a e 3.^a séries, no Curso de Aplicação da Escola. Em 1950, as Normalistas começaram a atender a “Aula

Gianelli”, turmas em que eram matriculados estudantes não pagantes, nas 4 séries do Curso Primário do Horto.

Em 1955 o curso passou por uma reformulação por exigência da legislação, Regulamento do Ensino Normal do Estado do Rio Grande do Sul, de 26 de janeiro de 1955, pelo qual, a partir dessa data até 1975 obteve nova estrutura. No ano de 1958, iniciou a primeira turma do curso em 7 semestres (3 anos e meio), com estágio no último semestre. A 1.^a Turma formada nesse modelo foi em 1961. O Curso abrangia o sistema de internato, semi-internato e o que chamavam de externato.

Em Dom Pedrito, Rio Grande do Sul, o curso de formação de professores para exercer a docência no primário nas escolas brasileiras, iniciou no Horto, direcionado às mulheres – 1.^a Escola do Horto no Brasil (2.^a Uruguaiana; 3.^a Porto Alegre), uma instituição, particular, religiosa, católica, ligada ao Instituto Filhas de Maria Santíssima do Horto, cujas Irmãs vindas (expulsas) do Uruguai, nos idos de 1900, construíram, em um processo articulado entre políticas públicas nacionais e necessidades da elite local, uma instituição reconhecida, ao longo do tempo de sua existência, como conquista social para localidade e região, aspecto similar diante dos estudos feitos em dissertações e teses, que recontam a história de escolas normais de outras regiões do Brasil.

Esta instituição, a Escola Normal Nossa Senhora do Horto formou grandes expoentes da educação no município em seus Cursos de Formação de Professores Primários, direcionados ao exercício docente no primário. Sua preparação foi rica fonte de solução para a escassez de professores habilitados, pois existiam no município e arredores muitos professores leigos, que não tinham habilitação para o exercício do magistério.

Nos anos iniciais do Curso Normal do Horto de Dom Pedrito profissionais liberais e religiosos eram os professores na instituição. Havia professoras formadas no Instituto Flores da Cunha, na capital. Uma das instituições educativas mais antigas da capital gaúcha, criado como Escola Normal da Província em 5 de março de 1869. Muito do que foi aprendido lá foi replicado na Escola Normal Nossa Senhora do Horto.

O corpo docente era constituído por professores registrados no Departamento Nacional do Ensino e as Delegacias de Ensino fiscalizavam se de fato estavam registrados. Deveriam mostrar capacidade para o trabalho e idoneidade moral

reconhecida na comunidade. Recebiam seus pagamentos até o dia 10 de cada mês e tinham férias remuneradas, o salário era igual o pago pelo Estado.

Por norma, todas as estudantes do curso tinham que apresentar documentação e realizar a prova de qualidade brasileira, conforme o Art. 20 da LOEN: “a) qualidade de brasileiro; b) sanidade física e mental; c) ausência de defeito físico ou distúrbio funcional que contraindique o exercício da função docente; d) bom comportamento social; e) habilitação nos exames de admissão.” (BRASIL, 1946).

No Livro de Atas do Exame Vestibular ao Curso de Professores Primários, consta o 1.º Exame de Admissão ao Curso de Formação de Professores Primários da Escola Normal Nossa Senhora do Horto/Dom Pedrito/RS – ocorrido nos dias 13 e 14 do mês de março de 1947. Nessas datas, 15 (Quinze) estudantes, com idades entre 16 e 20 anos, prestaram o Exame Vestibular, sendo 1 aluna reprovada nessa ocasião. O Exame esteve sob a fiscalização da Assistente da Superintendência do Ensino Normal e da Auxiliar Técnica do Centro de Pesquisa e Orientação Educacional da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do RS.

O currículo do curso, conforme demonstra o Diploma de Professor Primário, expedido no ano de 1949, Figura 9, página 108, era composto por 19 (Dezenove) disciplinas, de 1947 a 1955: Português e Literatura, Matemática, Estatística Aplicada à Educação, Biologia Geral, Biologia Educacional, Física e Química, Puericultura e Higiene, Anatomia e Fisiologia Humanas, Higiene Educação Sanitária, História e Filosofia da Educação, Iniciação à Educação, Fundamentos de Psicologia Geral, Psicologia Educacional, Sociologia Geral, Sociologia Educacional, Didática e Prática da Educação Primária, Desenho e Artes Aplicadas, Música e Canto, Educação Física, Recreação e Jogos.

A disciplina de Didática e Prática da Educação Primária era desenvolvida na 2.ª e 3.ª séries (Como se fosse estágio), assim foi até o ano de 1958, quando iniciou turma nova em um currículo remodelado em função da legislação.

Não era nada fácil acompanhar as regras rígidas da escola, o cotidiano iniciava às 6h da manhã, para as internas pagantes, as bolsistas acordavam mais cedo, às 5h, para realizar atividades como limpeza das instalações da escola – começava o dia com o café e a missa matinal, que era às 6h, às 8h iniciavam as aulas que eram em dois turnos, manhã, das 8 horas às 11 horas 45 minutos e tarde, das 13 horas às 17 horas.

No início do curso eram só estudantes pagantes, no ano de 1952 já tinha a primeira bolsista. Na década de 1960 além das bolsistas, havia algumas alunas que pagavam seus estudos com o trabalho na instituição: atuavam na higiene, alimentação, monitoria.

No Horto, segundo as fontes estudadas havia formação de caráter, ditames morais e disciplina de conduta em um sistema de ensino rígido, organizado, disciplinado e disciplinador. As fontes orais deste estudo recordam do instrumento utilizado pelos professores para “dar o ponto” – a *Bolilla*, utilizada até 1970, como forma de avaliação do ensino ministrado nas salas de aula do Horto, dentro desse objeto eram colocado papéis com o título, ou o número do texto dado pela professora, no qual a aluna deveria decorar e se sorteada, “dizer o ponto”. Muito usados para os estudos do exame final, mas todos os dias havia a “tomada do ponto”. Uma forma de cobrar o estudo e exercitar a memória das Normalistas, bem como dispor do poder de professor para “dar” ou “tirar” notas.

A disposição e mobiliário em uma sala de aula do Curso Normal era composta de classes e cadeiras de madeira, alinhadas em fileiras, muito próximas devido ao número de estudantes, tinha as janelas que eram para a Rua Rio Branco e as persianas de madeira ficavam fechadas, as janelas que davam para o corredor, entreabertas faziam circular o ar.

A Professora Cecília (2020), egressa do Curso Normal entre as décadas de 1960 para 1970, expõe que a sala continha uma “Ornamentação atrativa, os quadros de Nossa Senhora de do Horto e de Santo Antônio Gianelli para os quais faziam as orações no início das aulas.” Com as estudantes em pé, havia o primeiro momento, a oração, após a retomada da aula anterior, a cópia do quadro, realização de exercícios, recreio, sorteio do ponto, um técnica avaliativa, organização para a próxima aula. A religião católica era difundida e a participação das estudantes nas cerimônias religiosas era cobrado. Nenhuma outra religião era aceita na instituição, nesse período. Falar de outra religião não era permitido.

Embora as atividades educativas extrapolassem os muros do Horto, na comunidade pedritense. Na Escola Normal Nossa Senhora do Horto, muitas foram as comemoração no Salão de Atos, no pátio, na Capela. Como diz Ortiz (2014) as vestes, apresentações, desfiles e outras festividades, além de ensinarem às alunas a verem e serem vistas, ajudam a compor a imagem daquilo que eram as alunas e suas famílias ou mesmo daquilo que pretendiam ser. Uma similaridade encontrada,

quanto ao estudo do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora (1946-1961), em Mato Grosso do Sul. O aniversário da escola, 3 de maio, a Novena de Nossa Senhora do Horto, sua padroeira, em junho, a Semana da Pátria e 7 de setembro eram aguardados pela comunidade com ansiedade.

A Figura 37 - Ata de abertura da semana da Pátria, ano de 1956, apresentada nesta pesquisa, Ata n.º 2, do ano de 1956, expõe o zelo com que a Escola Normal Nossa Senhora do Horto, em Dom Pedrito, no Rio Grande do Sul tratava o civismo. No dia 1.º de setembro de 1956, dava abertura à Semana da Pátria, que obedecia a um rigoroso programa, com diversos eventos: canto do hino; coral; palestras proferidas por integrantes da comunidade, como o Advogado Omar Fernandes; poesias, evoluções e ginástica rítmica a cargo das normalistas; demonstrações de Educação Física; apresentação do Coral das Normalistas. Dentro e fora da instituição as datas cívicas eram comemoradas com o devido esplendor, sinônimo de organização e disciplina.

A Capela Nossa Senhora do Horto, inaugurada no espaço que é hoje, no ano de 1954 foi e é espaço de eventos como catequese, primeira comunhão, apresentação de Coral, Novena em honra à padroeira da instituição, Missas e formaturas. Também é o local onde as estudantes iam (vão) fazer suas súplicas e recobrar energias.

Conforme os dados colhidos, existia um rígido sistema disciplinar no Horto. As notas das estudantes eram divulgadas aos pais em um Boletim Mensal ou Trimestral, ocasião em que era enfatizado que o pai utilizasse sua autoridade para auxiliar o bom desenvolvimento da filha no Curso Normal, o castigo era amplamente difundido desde a repreensão até castigo físico.

De 1958 a 1975, conforme histórico apresentado nesta pesquisa (Acervo da Família Esteve), Figura 35 - Histórico escolar de uma formanda, última turma de normalistas 1975, já tendo o curso reformulado o currículo, que era composto de:

Primeira série, 13 disciplinas: Português e Literatura, Língua Estrangeira, Matemática e Estatística, Ciências Naturais, Estudos Sociais, Introdução à Filosofia, Introdução à Psicologia, Música, Artes, Educação Física, Ciências Físicas e Biológicas - Química, Educação Moral e Cívica e Ensino Religioso.

Segunda série, 10 disciplinas: Português e Literatura, Língua Estrangeira, Matemática e Estatística, Estudos Sociais, Desenho, Educação Física, Psicologia

Aplicada à Educação, Ciências Físicas e Biológicas - Química, Educação Moral e Cívica e Ensino Religioso.

Terceira série, 15 disciplinas: Português e Literatura, Matemática e Estatística, Educação Física, Psicologia Aplicada à Educação, Sociologia Educacional, História da Educação, Administração e Higiene, Didática Geral, Didática de Ciências Naturais, Didática de Estudos Sociais, Didática Especial da Linguagem, Didática Especial da Matemática, Didática Especial em Classe de Primeiro Ano, Planejamento, Ensino Religioso. Na terceira série ficavam concentradas as disciplinas de Didática Geral, Didática de Ciências Naturais, Didática de Estudos Sociais, Didática Especial da Linguagem, Didática Especial da Matemática, Didática Especial em Classe de Primeiro Ano, Planejamento, Ensino Religioso.

Também era o momento para que cada Normalista apresentasse sua Caixa de Materiais Didáticos, que foram sendo confeccionado durante esse ano, na Escola Normal do Horto, geralmente utilizado no fim do ano, como uma das avaliações mais consideradas. Esse material deveria e era utilizado no estágio, como se demonstra com a Figura 17 - A didática na prática: Normalistas de 1967 na Escola Normal Nossa Senhora do Horto, fotografia do Acervo da Família Vargas.

Essa imagem da Figura 17 é muito representativa da instituição foco desta pesquisa, mostra a organização da Normalista do Curso de Formação de Professores Primários do Horto de Dom Pedrito, estudantes que se preparavam para o exercício da docência, as caixas de matérias eram confeccionados com recursos próprios, tinham por objetivo alfabetizar a meninada gaúcha, dos pampas pedritenses. O que era aprendido na teoria era posto na prática pelas Normalistas.

Os materiais para execução dos jogos eram adquiridos e confeccionados, individualmente, para serem utilizados, em uma proposta de “ensino renovado”, conhecido como Escola Nova ou Pedagogia Ativa, nas classes do ensino primário, onde aconteciam as intervenções das normalistas. Além dos jogos ficavam expostos, para avaliação, a Farmácia (composta de objetos e medicamentos para os primeiros socorros), os planejamentos de aula, como Projetos, Centros de Interesse, etc.

Dentre os jogos elaborados estavam: Relógio, Ábaco, Caixa Valor de Lugar, Caixa do Alfabeto, Flanelógrafo, Quadro de Pregas, Caixa de contagem, Figuras Geométricas, Jogos de Encaixe, Figura e Sombra, Sequência Lógica, Associação,

Numerais e Quantidades, Máquina de Somar, Quebra Cabeças, Álbum Seriado, Gravuras, Histórias em Quadrinhos, Cartazes de Números e Contagem e Contagem Salteada, Jogo do Conte para a Frente, Jogo do Conte para Atrás, e, outros que iriam se juntas às cartilhas, como a Cartilha “Caminho Suave”, que era apresentada às Normalistas do Horto.

Pelos materiais pedagógicos criados e conhecimento de livros e cartilhas didáticas da época, pode-se dizer que o Curso Normal da Escola do Horto de Dom Pedrito, mesmo sendo uma instituição do interior do Rio Grande do Sul mantinha uma formação atualizada para a época, dentro dos padrões das melhores escolas do Estado, pois suas professoras mantinham as estudantes atualizadas. O aparato para a prática pedagógica do Horto davam uma certa segurança para a Normalista formada ali, uma distinção, pois a professora, quando no exercício de sua docência lá estava com suas caixas de sabedoria, tentando resolver os problemas de uma população pouco letrada. O “como ensinar” estava na visão daquela professora iniciante, de certa forma resolvido.

No entanto, em uma análise percorrendo diferentes períodos históricos, a proposta pedagógica da instituição encontrava ali pelo menos três grandes entraves: Primeiro, o fato de a concepção tradicional do programa escolar ser uma grande lista de conteúdos fragmentados, obrigatórios, uniformes, previamente definidos e autoritariamente cobrados; Segundo, a necessidade de prever o período de duração dos projetos antes mesmo de sua implementação, constituindo-se em projetos breves e resumidos; Terceiro, o caráter dogmático de um ensino centrado nos preceitos religiosos da fé católica, que não dava, de certa forma, liberdade reflexiva, nem tampouco permitia a comunicação dessas reflexões.

A estrutura da instituição era “*Primorosa*”, como confirma a Professora Ana (2020), período entre 1940-1950. Ela descreve que não havia quase infecções nas dependências, porque era tudo muito bem esterilizado com o máximo de cuidados higiênicos, tinham aulas, pela manhã e pela tarde, tendo somente folga na quinta-feira, e nos domingos no restante da semana faziam turno completo.

Nos idos de 1960 foi criada uma rede de apoio entre Estado, municípios na manutenção de convênios para amparar as Escolas Normais Particulares, como a Escola Normal Nossa Senhora do Horto, com cedências de profissionais, convênios entre Estado e Município, compra de vagas e distribuição de dotações orçamentárias.

De 1966 a 1973 foi desenvolvido um convênio entre a Prefeitura Municipal e a Associação Rural, tendo como anexo ao Grupo Escolar Bernardino Ângelo, 8 classes do ensino primário, 4 pela manhã e 4 pela tarde – salas de aula nos pavilhões de exposição – Aula Gianelli (Também encontrei citado como Beato Gianelli).

As religiosas convidavam as melhores alunas para trabalhar na escola como professora ou funcionária. A Professora Elvira (2020), formada em 1975, contou que trabalhou na escola e gostou muito, é bastante agradecida como estudante, por o que ela caracteriza como ajuda das Irmãs, depois passou para concurso no Município e para o Estado, onde ficou até se aposentar, como Supervisora Escolar, pois continuou seus estudos avançando para o ensino superior.

A Professora Cecília (2020), formada em 1963 se expressa assim, sobre quem estudava na Escola Normal do Horto: *“Estudavam as alunas cujas famílias valorizavam a sólida formação nos valores consistentes na espiritualidade e no saber.”* (PROFESSORA CECÍLIA, 2020). As alunas provinham, principalmente, de famílias de pecuaristas, agricultores e militares do município, até o final do recorte temporal da pesquisa, a maior parte das vagas eram ocupadas por filhas de famílias mais abastadas do município.

Sobre a presença de estudantes afrodescendentes a Professora Dulce (2020), estudante do Curso Normal entre as décadas de 1960-1970, colocou que a escola era para a elite da sociedade pedritense e grande parte das Irmãs faziam distinção abertamente entre ricos e pobres, e, afrodescendentes eram *“Tolerados, se fossem bem de vida”*. (PROFESSORA DULCE, 2020). Pelas falas, a instituição agiu como sedimentadora das correntes sociais vigentes da época.

A Professora Maria Veiga Miranda (30/05/1934 – 18/11/2019), Normalista formada em 1955, que foi Professora de Francês, Filosofia e Psicologia, formada em Porto Alegre, em seu depoimento em um trabalho de pesquisa arquivado no Acervo do Museu Melânia Mottoso, Figura 33 desta pesquisa, destaca sua ação na Juventude Estudantil Católica (JEC), um movimento em nível Paroquial, com encontros em Dom Pedrito, Bagé, Uruguaiana, e, a desativação do JEC, na Escola Normal do Horto e em todas as escolas do Brasil, em 1964, quando foram desativados os movimentos sociais organizados.

Segundo as fontes estudadas, em um currículo amplo e diversificado entre a ciência e a cultura social imperante, esta instituição tinha por objetivo, referendando

o estudo de Louzada (2018), formar jovens de classes sociais mais favorecidas para entrar no mercado de trabalho e conciliar a futura vida matrimonial com a profissão de professora. Essas Normalistas logo assumiam vaga nas instituições de ensino do Estado do Rio Grande do Sul.

Assim demonstra a Figura 6 - Atuação de uma normalista da Escola Normal do Horto, ano de 1959, Acervo da Família Fontoura, inserida neste estudo. Formadas pelos preceitos cristãos, com base na ordem e na disciplina, as Normalistas logo assumiam uma função no ensino público, em expansão a partir do final da década de 1950. Pelos depoimentos colhidos nesta pesquisa, as famílias que conseguiam pagar por este ensino eram muito agradecidas à escola, as que não tinham dinheiro para pagar podiam conseguir alguma bolsa de estudo, com os políticos locais, ou, poderiam pagar seus estudos com o trabalho, como algumas internas faziam.

As fontes orais desta pesquisa perceberam o grande número de vagas criadas na administração do político Leonel Brizola, bem como todos os aspectos citados na pesquisa de Louzada (2018), como os contratos temporários, a falta de pagamento por meses, as instalações precárias nas escolas rurais, as Brizoletas, a dificuldade de voltar para casa, visto que muitas assumiam contratos estaduais em outros municípios, muitas vezes, distantes.

Um aspecto citado foi que algumas normalistas eram impedidas por seus pais ou maridos de assumir vaga de trabalho em outro município, na rede de ensino do Estado, marcando o firme braço do poder patriarcal da sociedade brasileira, gaúcha, pedritense, na época.

Inspirada nas palavras de Setton (2012) sobre processos de socialização, pode-se afirmar que a Escola Normal das Irmãs do Horto de Dom Pedrito agiu como instância tradicional de socialização, de formação ética, identitária e cognitiva das normalistas, que eram formadas professoras primárias, neste ensino secundário, de caráter terminal e profissionalizante, em uma época em que as referências e as informações eram restritas.

Diante das fontes identifica-se que a instituição contribuiu com a alfabetização infantil na comunidade, com a formação de professoras e de boas donas de casa, mães de família com moral e bons costumes.

Diplomou professoras primárias, que zelosas como as Irmãs iam alfabetizar a “petizada”, meninos e meninas, dentro dos preceitos religiosos cristãos católicos.

Foi uma instituição educacional que fomentou história e memória local da comunidade pedritense, que a tem como símbolo patrimonial histórico de identidade pessoal e social.

A Escola Normal Nossa Senhora do Horto de Dom Pedrito/RS visava o desenvolvimento integral do aluno, com disciplinas e práticas educativas, obrigatórias e optativas. Contava para isso com uma série de instrumentos : Coral da Escola (funcionou desde sua fundação, de forma esporádica), Conservatório de Música Nossa Senhora do Horto (anexo a escola, 1938 até 1969), Jornal Vitória (1942), Círculo de Pais e Mestres (1957), Banda da Escola (1959), Grêmio Estudantil Nossa Senhora do Horto (GENS – esse nome a partir de 1957), dividido em Grêmio Esportivo Sparta e Grêmio Literário Rui Barbosa (1954), Centro de Tradições Gaúchas Flor dos Pampas (1968), Conselho de Classe (1972). Uma das grandes comemorações da escola foi, desde o primeiro ano de sua fundação, a Novena de Nossa Senhora do Horto (1909), realizada no mês de junho, com a festa no dia 2 de julho.

A Escola Normal do Horto de Dom Pedrito era uma instituição amparada pelo Sindicato dos Estabelecimentos Particulares de Ensino do Rio Grande do Sul e se mantinha inteirada das mudanças educacionais, sempre dentro dos ditames da legislação da época, como comprova o Anexo E, a orientação do sindicato, enviada em julho de 1964, pelo Professor Padre Theobaldo L. Frantz sobre o Currículo do Ensino Médio. Também os registros de visitas ao Departamento Pedagógico do Estado do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, veiculadas nos periódicos da época, comprovam a vontade das Irmãs para manterem-se bem informadas e atualizadas, cumprindo sempre com os ditames das leis educacionais do sistema de ensino brasileiro e estadual.

Nesta instituição, a cultura escolar tinha como base o rigor, a moral e os bons costumes da religião católica. Fechadas entre muros, em uma educação católica, formadora de elites intelectuais, a instituição cumpria com seu papel de formar a mulher da época, que devia organizar, cuidar, educar, aspectos encontrados por Marinho (2008), em sua pesquisa sobre Escola Normal em Teresina (1930-1949), no Piauí.

Assim também foi na Escola Normal Nossa Senhora do Horto. Da mulher normalista gaúcha, pedritense era exigido além da dedicação e da responsabilidade, o afeto materno, a docilidade, a submissão e a obediência. As práticas educativas e

práticas escolares versavam em prol de uma educação conservadora, dogmática, segregacionista, opressora e repressiva, como cita Gadotti (2005), visando reproduzir na educação a dominação e a submissão de um sistema social visto hoje, como excludente. A instituição mantinha na comunidade a imagem de ações educativas, que primavam pela organização, disciplina, obediência e respeito.

O contexto social é o aspecto que promove a transição em um sistema de representações, que sempre emerge, estabiliza e se transforma. O processo de representar resulta em teorias do senso comum, aceitas e difundidas como verdades elaboradas e partilhadas pelo grupo social, a Escola Normal e a Normalista serviram como fonte para a construção de uma realidade comum a um conjunto social, seu grupo comunitário, estabeleceu representações sociais e processos simbólicos que interviram nas relações da sociedade da época – distribuiu uma visão de mundo e contribuiu para identidade social do município.

A instituição escolar e seus professores eram retratados pela imprensa local de Dom Pedrito/RS como merecedores de todos os louros, pois a educação ministrada ali servia para a sociedade local. O Colégio das Freiras estava contribuindo com a alfabetização infantil na comunidade e ao mesmo tempo efetivando o progresso do Estado do Rio Grande do Sul e do Brasil.

Para Lucidoro Brito, jornalista do Jornal Ponche Verde, de Dom Pedrito/RS, a Escola Normal do Horto de Dom Pedrito, da época de 1940 para 1960, constituiu “Educandário modelar, oficina primorosa que lapida espíritos e forma a pátria e a humanidade”. Sobre as normalistas o autor diz que: “Para honra de nossa terra e felicidade de tantas criaturas, a Escola Modêlo, formou educacionistas, que quais bravas legionárias, saíram pelo mundo espargindo o bem, aclarando espíritos, formando cidadãos para Pátria e corações para o mundo.” A Escola Normal Nossa Senhora do Horto foi símbolo da pujança social da comunidade de Dom Pedrito/RS.

A Escola Normal Nossa Senhora do Horto de Dom Pedrito agiu como instância tradicional de ensino, instituidora de *habitus*, com poder de ditar valores, normas e condutas, na qual, as religiosas, apresentavam-se como referência cultural na formação ética, identitária e cognitiva da normalista, da professora primária, em uma época em que as referências culturais e a circulação das informações eram restritas, começando a alargarem-se a partir de 1960/1970.

A Escola Normal Nossa Senhora do Horto, de Dom Pedrito/RS, na formação de professoras, teve um caráter, tanto mantenedor, quanto transformador das

representações sociais e culturais da época. Ao mesmo tempo que as práticas escolares constituíam-se em um ambiente exigente, disciplinado e disciplinador, incentivava seus estudantes a participarem ativamente de atividades saudáveis na escola, desenvolvendo habilidades, capacitando o estudante para o meio social comunitário, através da arte, da música, do exercício comunicativo, participativo e “criativo”, dentro do lhes era permitido.

O lema expresso no Convite de Formatura do ano de 1974, Figura 46, Acervo da família Ribas: “Como princípio a Pátria. Como norma a criança. Como fim Deus”, referenda que o ensino secundário, de caráter terminal e profissionalizante na Escola Normal Nossa Senhora do Horto, ocasião em que se construía um soldado da nação em defesa de seus princípios progressistas, liberais e reformadores, como cita Moura (2014), o Curso Normal do Horto de Dom Pedrito formava para a Igreja, para a Pátria e para o lar.

Poder-se-ia imaginar mentalmente a imagem de uma representante do clã religioso esculpindo a Normalista, que ao mesmo tempo se põe em continência, saindo das mãos do sistema religioso e se pondo à disposição do Estado, como o descrito na Canção do Exército Brasileiro, um soldado da nação em defesa de seus princípios progressistas, liberais e reformadores: “Nós somos da Pátria a guarda/Fiéis soldados [...] Em nosso valor se encerra/Toda a esperança/Que um povo alcança [...]”. Assim o poder público, apesar de propor inovações legislativas, via na educação o meio para a construção do consenso necessário ao formato do Estado e, os professores foram recrutados “[...] como tentáculos do poder político, na medida em que estivessem identificados com seus interesses”. (Simões, 2014).

Ao mesmo tempo, observa-se que as Normalistas, fontes orais deste estudo, tinham um sentimento real de uma vivência de lutas, alegrias e decepções, tinham a consciência de que este espaço de socialização e aprendizagens, foi muito além das disciplinas estudadas, construiu vivências que perduraram para uma vida e delinearum suas ações na profissão de professora, muitas dessas estudantes assumiram postos na rede de ensino, tornaram-se expoentes do ensino em Dom Pedrito e região, como outras tantas estudantes da Escola Normal Nossa Senhora do Horto de Dom Pedrito.

George Teixeira Giorgis (1958), jornalista do Correio do Sul, Jornal de Bagé, cidade vizinha de Dom Pedrito declarou que “O Ginásio e Escola Normal Nossa Senhora do Horto tem um papel de realce cumprido na vida pedritense, no setor da

educação feminina”. (GIORGIS, 1958). Demonstração do apreço e consideração da família pedritense a esta escola, que formou gerações da localidade, no interior do Rio Grande do Sul. Amor e agradecimento são os sentimentos nutridos no seio cultural da cidade de Dom Pedrito das famílias que formaram seus filhos nesta instituição educativa.

Notícias veiculadas na imprensa escrita e falada demonstra que a Escola Normal de Dom Pedrito era reconhecida pela comunidade e imprensa local, mas também fora dos limites territoriais do município, tal sua competência e organização. Na Escola do Horto, as Normalistas entre as atividades teóricas e práticas sobre o que e como ensinar, apropriando-se das habilidades necessárias para o exercício docente, aprendiam em uma educação competente, pautada na obediência, disciplina e organização.

Na última formatura do Curso de Formação de Professores Primários da Escola Normal Nossa Senhora do Horto, ocorrida em 20 de dezembro de 1975, imagem eternizada na Figura 48, deste estudo, Acervo da Família Esteve, sintetiza o que foi essa formação de professores em Dom Pedrito, para sua comunidade, a Normalista é acompanhada por seu pai para receber o tão sonhado diploma, ambos em traje social, rodeados por autoridades, professores, estudantes, familiares. Naquele ano muitos ficaram de pé na Capela Nossa Senhora do Horto, pois autoridades e convidados das 28 formandas lotaram o espaço.

A denominação da escola foi trocada em 1979, pela Portaria 23.482 de 29 de outubro de 1979, passando-se a denominar-se Escola de 1.º e 2.º Graus Nossa Senhora do Horto, em função das adequações necessárias ao novo ensino proposto pela lei 5.692, de 11 de agosto de 1971, que mudou a organização do ensino no Brasil, o 2º grau passou a ter como principal objetivo a profissionalização, em uma concepção de ensino técnico.

Mesmo com a expansão da Escola Normal e do ensino secundário, no Brasil, no período de 1946 a 1971, poder-se-ia dizer, que nas práticas escolares, os mecanismos desenvolvidos para a comunicação das aprendizagens, mantiveram-se em todo o sistema, mudaram muito pouco, permaneceu um ensino enciclopédico, tendo as concepções tradicionais de ensino como arcabouço teórico – a escola tradicional imperou por todo esse tempo.

As mudanças, neste ensino secundário, deram-se pelas apropriações das incorporações das prescrições curriculares das disciplinas, pela nova organização

do curso normal; pelos mecanismos avaliativos do conhecimento escolar; pelo fim da segregação de gênero, em relação aos estabelecimentos de ensino e pelos instrumentos de fiscalização, supervisão e controle dessa instrução.

Nóvoa (1995 p.16), citado no referencial desta pesquisa, enfatiza que toda escola constitui “territorialidade espacial e cultural”, com jogo de atores educativos internos e externos, daí a necessidade de mostrar a vida da escola, o que acontecia lá no seu dia a dia, no seu cotidiano escolar, o que se pretendeu, quando da apresentação das imagens de documentos e personagens da Escola Normal Nossa Senhora do Horto, captadas por fotografia, conservadas em Acervos da Escola, Públicos e de Familiares de Ex-Alunas. Resultando 768 imagens arquivadas em pendrive disponibilizado ao Repositório Digital Tatu, da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Campus Bagé/RS. Estudos nessa linha permitem um recontar das singularidades históricas, das peculiaridades encontradas.

A pesquisa e a construção de sua narrativa contribuiu para mim, tanto no aspecto pessoal, quanto profissional. Pessoal, porque me exigiu uma disciplina, uma determinação e uma superação, que eu mesma não sabia que tinha. E depois, sou filha de professora, irmã de professora, e, esse olhar de consciência histórica, não fazia parte de nossos diálogos. Nós compartilhávamos e compartilhamos seguidamente métodos, técnicas, instrumentos, ferramentas, recursos didáticos, mas essa reflexão social do processo formativo não estava presente, estávamos, de certa forma, alheias para muitos desses aspectos, como acredito que também estão grande parte dos colegas professores da educação básica brasileira, por uma ignorância velada ou maquinada consciente ou inconscientemente.

Para além desta pesquisa, fica com certeza: - as possíveis lacunas, que sempre teimam em existir; - a rica história oral das Normalistas, que está se perdendo em função do tempo; - as práticas pedagógicas em si ministradas ali; - o Curso de Estudos Adicionais que funcionou somente no ano de 1975; - o Curso Magistério do Horto (1976-1997); - o período em que em datas diferentes, estiveram matriculados no Curso Magistério, dois estudantes do sexo masculino, e logo no primeiro ano desistiram; - o estudo sobre Normalistas negras do Horto; - ações educativas das normalistas, enquanto professoras na rede municipal, estadual ou particular de ensino; - o estudo do período que sucedeu o Horto na formação de professores no município de Dom Pedrito, na rede pública, no Instituto Estadual de

Educação Bernardino Ângelo, que existe até o dia de hoje. Ou seja, esta instituição suscita muitas e variadas temáticas que podem enriquecer a História da educação.

Acredito que diante das minhas limitações pessoais e acadêmicas apresentei uma narrativa simples e modesta ancorada em fontes documentais e orais que corroboram as discussões aqui contidas.

É sabido que a pandemia do COVID-19, prejudicou sobremaneira as pesquisas desenvolvidas a partir do ano de 2020, como esta, mas esperamos, com este estudo, contribuir para a escrita da formação de professoras na História da Educação, pois essas práticas da Escola Normal, compreendidas, possibilitarão a consciência histórica, que é o maior benefício da História – a consciência crítica ao homem.

REFERÊNCIAS

- ABATTI, Amabile **Nos caminhos do Horto**. Dom Pedrito: Est, 1986.
- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- ANDREOTTI, Azilde Lina. A administração escolar na Era Vargas e no NacionalDesenvolvimentismo (1930-1964). **Revista HISTEDBR online**, Campinas, n. especial, p. 102-123, 2006. Disponível em: www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/22e/art8_22e.pdf. Acesso em: 12 set. 2019.
- ANDRADE, Fabiana Aparecida de. **Colégio das freiras: educação feminina no curso normal no sul de Goiás (1939/1968)**. 2016. 117f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação Mestrado em Ensino, Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2016.
- ANDRÉ, Marli. Pesquisa, formação e prática docente. *In*: ANDRÉ, Marli. (org.). **O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores**. 4 ed. São Paulo: Papyrus, 2005. p. 55-67.
- ARAGÃO, Milena; TIMM, Jordana Wruck; KREUTZ, Lúcio. A história oral e suas contribuições para o estudo das culturas escolares. **Conjectura: Filos. Educ.**, Caxias do Sul, v. 18, n. 2, p. 28-41, maio/ago. 2013.
- ARAÚJO, José Carlos Souza; FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de; LOPES; Antônio de Pádua Cavalho. (org.). **As escolas normais no Brasil do Império à República**. 2. ed. Campinas, SP: Alínea, 2017.
- AZEVEDO, Regina Quintanilha. **Práticas educativas do curso complementar de uma escola particular católica (Colégio Espírito Santo, Bagé, 1930-1944)**. 2003. 160 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2003.
- AZEVEDO, Fernando de. **A Cultura Brasileira**, 3. ed. Tomo III. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1953.
- AZEVEDO, Giselle Arteiro Nielsen. **Arquitetura escolar e educação: um modelo conceitual de abordagem interacionista**. 2002. 236 p. Tese (Doutorado em Engenharia) - Programa de Pós-Graduação de Engenharia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.
- AZEVEDO, Crislane Barbosa; STAMATTO, Maria Inês Sucupira. **Escola da ordem e do progresso: grupos escolares em Sergipe e no Rio Grande do Norte**. Brasília, DF: Liber Livro, 2012.
- BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. *In*: **Enciclopédia Einaudi**. ed. portuguesa, v. 5: Antropos-Homen. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985. p. 296-332.

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BASBAUM, Leôncio. **História Sincera da República**: de 1889 a 1930. São Paulo, Edições LB, 1962.
- BAZÁN, Marcio. **Ginásio Nossa Senhora do Horto**. Ponche Verde. Dom Pedrito, 16 de março de 1958.
- BEZERRA, Artur D'amico. **Escola Normal de Ponta Porã, sul de Mato Grosso (1959- 1974)**. 2015. 113 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de PósGraduação em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2015.
- BICA, Alessandro Carvalho. A pesquisa em história da educação: caminhos, etapas e escolhas no trabalho do historiador. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, 9. 2012, Gravataí. **Anais [...]**. Gravataí: Unisinos /Ulbra, 2012. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/768/7>. Acesso em: 08 out. 2020.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: TA, 1994.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**. 2. ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: ORTIZ, R. (org.). **Pierre Bourdieu**: sociologia. São Paulo: Ática, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. 9. ed. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas: Papirus, 2008.
- BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, J-C; PASSERON, J-C. **A profissão de sociólogo, preliminares epistemológicas**. Petrópolis: Vozes, 1990.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.
- BRAGA, Ana Carolina; MAZZEU, Francisco José Carvalho. O analfabetismo no Brasil: lições da história. **RPGE– Revista on line de Política e Gestão Educacional**, v. 21, n. 1, p. 24- 46, 2017.
- BRANCO, Alencar Castelo. In: **A Educação nas mensagens presidenciais (1890-1986)**. Brasília, INEP, 1987.
- BRASIL. Decreto-Lei nº 8530 de 2 de janeiro de 1946. Lei Orgânica do Ensino Normal. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Rio de Janeiro, 4 jan. 1946.
- BRASIL. **Lei 4.024, de 20 de dezembro de 1961**. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: DF, 1961.
- BRASIL. **Lei 5.692, de 11 de agosto de 1971**. Fixa as Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Brasília: DF, 1971.

BRAUDEL, Fernand. História e Ciências Sociais: a longa duração. *In*: BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a História**. Trad. J. Guinburg e Tereza Cristina Silveira da Mota. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. Departamento nacional de Educação. **Portaria Ministerial N.º 168, de 17 de abril de 1956**. Rio de Janeiro, Brasil, 1956. Museu Melânia Mottoso. Dom Pedrito/RS, 2020.

BRITO, Lucidoro. **Uma grande efeméride**. Ponche Verde. Dom Pedrito, 29 de março de 1958.

BRIZOLA, Leonel de Moura. **Leonel Brizola**: Perfil, discursos, depoimentos (1922/2004). Leonel de Moura Brizola; coord. Kenny Braga, João B. de Souza, Cleber Dioni e Elmar Bones. – Porto Alegre: Assembléia Legislativa do RS, 2004.

BURKE, Peter. A nova história, seu passado e seu futuro. BURKE, P. (org.). **A escrita da História**: novas perspectivas. São Paulo: Editora UNESP. 1992.

CAMARGO, Paulo T. Silveira. **A passagem de um cincoentenário**. Correio do Sul. Bagé, 1958.

CARNEIRO, Maria Mércio. **Cinquenta anos são passados**. Ponche Verde. Dom Pedrito, 19 de abril de 1958.

CALLADO, Sílvia dos Santos; FERREIRA, Sílvia Cristina dos Reis. **Análise de documentos**: método de recolha e análise de dados, 2004. Disponível em: <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/ichagas/mi1/analisedocumentos.pdf>. Acesso em: 18 set. 2019.

CARVALHO, Luciana Belissimo de. **Implantação e consolidação da escola normal no sul de Mato Grosso**: Escola Normal Jango de Castro, Aquidauana (1949-1975). 2014. 132 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2014.

CENTRO BRASILEIRO DE CONSTRUÇÕES E EQUIPAMENTOS ESCOLARES. **Crêterios para elaboraçã, aprovaçã e avaliaçã de projetos e construções escolares**. Brasília: MEC, 1976.

CELLARD, André. A análise documental. *In*: POUPART, J. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**: Artes de Fazer. Petrópolis, Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **A História cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1990.

CHARTIER, Roger. **A História ou a Leitura do Tempo**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DE DECCA, Edgar Salvatori de. *In*: SÃO PAULO (cidade). Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico. **O direito memória: patrimônio histórico e cidadania/ DPH**. São Paulo: DPH, 1992. p.129-136.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral e narrativa: tempo, memória e identidades**. ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL (ABHO), 6. 2003. Disponível em: [https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/819734/mod_resource/content/1/DELGADO %2C%20Lucilia%20%E2%80%93%20Hist%C3%B3ria%20oral%20e%20narrativa.pdf](https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/819734/mod_resource/content/1/DELGADO%20Lucilia%20%E2%80%93%20Hist%C3%B3ria%20oral%20e%20narrativa.pdf). Acesso em: 2 jun. 2020.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e Construção de Conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas**. 4. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

DEMO, Pedro. **História das Lutas Sociais no Brasil**. São Paulo: Editora Alfe-Omega, 1977.

DIVALTE, Garcia Figueira. **História**. Volume único. Série Novo Ensino Médio. São Paulo: Ática, 2000.

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **IPHAÉ – Instituto do patrimônio histórico e artístico do estado, bem tombado**. Disponível em: <http://www.iphae.rs.gov.br/Main.php?do=BensTombadosDetalhesAc&item=14807>. Acesso em: 18 jul. 2020.

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **Decreto Lei N.º 801 de 23 de maio de 1943. Lei N.º 522 de 28 de dezembro de 1948**. Aprova o Plano de Distribuição, em 1949, de auxílios, prêmios e subvenções.1949. Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial, Porto Alegre/RS, 1949. Museu Melânia Mottoso. Dom Pedrito/RS,2020.

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **Regulamento do Ensino Normal do Rio Grande do Sul. Secretaria de Educação e Cultura. 1955**. Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial, Porto Alegre/RS, 1955. Museu Melânia Mottoso. Dom Pedrito,1955.

FAUSTO, Boris. **A Revolução de 1930**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1970.

FAUSTO, Boris. **Pequenos Ensaios de História da República: 1889-1945**. São Paulo: CEBRAP, 1972.

FERNANDES, Ananda. **Quando o inimigo ultrapassa a fronteira: as conexões repressivas entre a ditadura civil-militar brasileira e Uruguai (1964-1973)**. 2009. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

FERNANDES, Omar D'Ávila. **Resenha de discurso radiofônico**. Discurso do palestrante, sobre a temática "A juventude em face do mundo hedíerno". Dom Pedrito, 2 de maio de 1958. Museu Melânia Mottoso. Dom Pedrito/RS, 2020.

FICO, Carlos. Ditadura militar brasileira: aproximações teóricas e historiográficas. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 9, n. 20, p. 05-74, 2017. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180309202017005>. Acesso em: 27 ago. 2019.

- FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e Cultura**: as bases epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- FRAGO, Antonio Viñao; ESCOLANO, Agustín. **Currículo, espaço e subjetividade**: a arquitetura como programa. Rio de Janeiro: Editora DP & A, 2001.
- GADOTTI, Moacir. **História das Idéias Pedagógicas**. São Paulo: Ática, 2005.
- GAIO, Roberta; CARVALHO, RB; SIMÕES, Regina. Métodos e técnicas de pesquisa: a metodologia em questão. *In*: GAIO, Roberta (org.). **Metodologia de pesquisa e produção de conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- GARNICA, Antonio Vicente Marafioti. **Para uma concepção de História e Historiografia**. Curitiba: Secretaria de Educação, 2010. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigosteses/MATEMATICA/Artigo_Vicente7.pdf. Acesso em: 20 jul. 2020.
- GIACOMONI, Cristian; TEIXEIRA, Tânia Nair Alvares. Memórias de normalistas e de alunos do primário sobre aulas e práticas de educação física em diferentes contextos do Estado do Rio Grande do Sul (1971-1985). *In*: RIPE *et al.* **História e Historiografia da Educação no Rio Grande do Sul**: instituições, culturas e práticas educativas. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2019. p.65-80.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- GIORGIS, George Teixeira. **Um Cinquentenário**. Ponche Verde. Dom Pedrito, 01 de março de 1958.
- GIORGIS, George Teixeira. **Homenagens e Justiça**. Ponche Verde. Dom Pedrito, 07 de junho de 1958.
- HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: O breve século XX**. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Impérios, 1875-1914**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Panorama**: Brasil/Rio Grande do Sul/Dom Pedrito, 2018. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/dom-pedrito/panorama>. Acesso em: 19 jun. 2020.
- INACIO, Clarissa Betanho. **Estado militar e educação e a formação de professores**: as iniciativas da Escola Normal de Uberlândia (1970 - 1980). 2017. 132 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017.
- IPÓLITO, Verônica Karina; ALMEIDA, Vivian Fernandes Carvalho de. Centro Universitário de Maringá. Núcleo de Educação a Distância. **História Moderna**. Maringá: UniCesumar, 2020.
- JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 1, p. 9-43, jan./jun., 2001.

LAKATOS, Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LAWN, Martin. Os professores e a fabricação de identidades. *In*: NÓVOA, António; SCHRIEWER, Jurgen. **A difusão mundial da escola**: alunos, professores, currículo, pedagogia. Lisboa: Educa, 2000.

LE GOFF, Jacques. **1924**: História e memória. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

LEMIECHEK, Lucimara. **Aspectos históricos da formação de professores normalistas no município de Laranjeiras do Sul - PR (1946 – 1980)**. 2014. 280 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2014.

LERMEN, Ivone Maria Vieira. **Dom Pedrito e sua História**. Dom Pedrito: CECOM – Departamento de Artes Gráficas da URCAMP (Bagé), 1989.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública**: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. 8.^a ed. São Paulo: Loyola, 1989.

LISPECTOR, Clarice. Os desastres de Sofia. *In*: LISPECTOR, Clarice. **A Legião Estrangeira**. São Paulo: Ática, 1977. p. 11-25.

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. **A formação de professores**: da Escola Normal à Escola de Educação. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. *In*: DEL PRIORE, Mary; PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

LOUZADA, Maria Cristina dos Santos. **Memórias e trajetórias de egressas das Escolas Normais Assis Brasil e São José em Pelotas/RS, no período do governo de Leonel Brizola (1959-1963)**. 2018. 272 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

LOPES, Eliana Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa em história oral contemporânea. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

LUCA, Tânia Regina. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. *In*: PINSKY, C. B. (org.). Fontes Históricas. São Paulo; Contexto, 2005. p. 111-153.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: E.P.U., 1986.

MADEIRA, Claudemir Pereira. **Da multisseriação à nucleação**: a Escola Municipal Alfredo Dias de Cerrito/RS: décadas de 1980 a 1990. 2010. Dissertação (Mestrado

em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010.

MAGALHÃES, Justino. **História das instituições escolares e das práticas educativas**. Braga, 2001.

MAGALHÃES, Justino. **Tecendo Nexos: História das Instituições Educativas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Francisco, 2004.

MAIA, Marília de Alencastro. **Irmã Melânia**. Ponche Verde. Dom Pedrito, 25 de dezembro de 1962.

MARINHO, Joseanne Zingleara Soares. **Entre letras e bordados: o tecer das tramas na história das normalistas em Teresina (1930-1949)**. 2008. 187 p. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Fundação Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2008.

MARTINS, Ana Maria Gomes De Sousa. **A formação de professores primários no Piauí (1947- 1961): entre as apropriações e mudanças decorrentes da lei orgânica do ensino normal**. 2016. 203 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de PósGraduação em Educação, Fundação Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2016.

MAUAD, Ana Maria. Usos e Funções da Fotografia Pública no Conhecimento Histórico Escolar. **História da Educação** [online], Porto Alegre, v. 19, n. 47, set/dez., p. 81- 108, 2015.

MORAES, Andréia Demétrio Jorge. **História e memória da formação docente em Ituiutaba-MG**. 2014. 326 p. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.

MOURA, Suely Barbosa de. **O Colégio São José e a formação das professoras normalistas em Caxias – Maranhão: formando para a igreja, para a pátria e o lar (1949 – 1972)**. 2014. 127 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Fundação Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2014.

NEMI, Ana Lúcia Lana; MARTINS, João Carlos. **Didática de História: o tempo vivido: uma outra história?**. São Paulo, Editora FTD, 1996.

NORA, Pierre. Entre memória e história a problemática dos lugares. *In*: NORA, Pierre. **Projeto História**. São Paulo, 2003.

NORA, Pierre. Mémoire collective. *In*: LE GOFF, Jacques CHARTIER, Roger; REVEL, Jacques (Dir.). **La nouvelle histoire**. Paris: Retz, 1978. p. 398-401.

NOSELLA, Paolo; BUFFA, Ester. **Schola Mater: a antiga Escola Normal de São Carlos (1911-1933)**. São Carlos: EdUFSCar, 2002.

NÓVOA, António. **Profissão professor**. Porto: Ed. Porto, 1991.

NÓVOA, António. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

NÓVOA, António. Por que a história da educação. *In*: STEPHANOU, M.; BASTOS, M. H. C. (org.). **História e Memórias da Educação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 9-13.

NÓVOA, António. **Professores**: imagens do futuro presente. Lisboa: Educa, 2009.

NUNES, Clarice. História da educação: espaço de desejo. **Em aberto**, Brasília, v. 9, n. 47, p. 36-45, jul./set, 1990. Disponível em:

<http://www.publicacoes.inep.gov.br/arquivos>. Acesso em: 2 set. 2019.

NUNES, Clarice. **Anísio Teixeira**: a poesia da ação. São Paulo: Edusf, 2000.

NUNES, Zilda Clarice Rosa Martins. História cultural e história da educação. Uma leitura de Clarice Nunes. **Revista Educação em Questão**, v. 22, n. 8, janeiro-abril, p. 253-263, 2005. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Brasil.

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=563959954012>. Acesso em: 18 de set. 2020.

NUNES, Clarice. História da Educação. *In*: ASPHE. **História da Educação**.

FaE/UFPel, Pelotas, n. 19, abr. 2006.

ORTIZ, Fernanda Ros. **A Escola Normal de moças das elites**: um estudo das práticas escolares, culturais e sociais do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora (1946-1961). 2014. 167 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal De Mato Grosso Do Sul, Campo Grande, 2014.

OLIVEIRA, Maria Augusta Martiarena de. **Instituições e práticas escolares como representações demodernidade em Pelotas (1910-1930)**: imagens e imprensa. 2012. 403 f. Tese (doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.

PADILHA, Lucia Mara de Lima; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. A pesquisa histórica e a história da educação. **Revista HISTEDBR On-line**, v. 15, n. 66, p. 123-134, 2016. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8643706>. Acesso em: 18 set. 2020.

PEREZ, Vidal. **A Influência do mobiliário e da mochila escolares nos distúrbios musculoesqueléticos em crianças e adolescentes**. 2002. 72 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis: SC, 2002.

PINTO, Gisele Bueno. **Cinquentenário**. Ponche Verde. Dom Pedrito, 12 de abril de 1958.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **Revista Projeto História**, São Paulo, n. 15, p. 13-49, abr. 1997.

RODRIGUES, Tobias de Medeiros; BICA, Alessandro Carvalho. Memórias de ensino: o repositório digital de história da educação da UNIPAMPA. *In*: SALÃO

INTERNACIONAL DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO 10.; 2018, Santana do Livramento. **Anais [...]**. Santana do Livramento: UNIPAMPA, 2018. Disponível em: https://guri.unipampa.edu.br/uploads/evt/arq_trabalhos/15942/seer_15942.pdf. Acesso em: 4 jul. 2020.

RIBEIRO, Renilson Rosa. **O saber (histórico) em parâmetros: O ensino da História e as reformas curriculares das últimas décadas do século XX. Departamento de História e Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte**, v. 05, n. 10, abr./jun., 2014. Disponível em: www.cerescaico.ufrn.br/mneme. Acesso em: 12 ago. 2019.

RODRIGUES, Giselle. **Teorias da História**. Centro Universitário de Maringá. Núcleo de Educação a Distância: UniCesumar, 2018.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil (1930-1970)**. 30. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

SALDANHA, Miro. **Música Retratos de Um Povo**. [S. l.: s. n.], 2011. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal Miro Saldanha. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AbTs3RieRbY>. Acesso em: 12 jun. 2020.

SANTIAGO, Alda Margarete Silva Farias. **Vozes e saudades: as narrativas das ex-alunas sobre a Escola Normal Regional Nossa Senhora da Assunção - Guimarães/MA (1957-1961)**. 2015. 97 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2015.

SAVIANI, Dermeval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. São Paulo: Cortez; Ed: Autores Associados, 1989.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

SAVIANI, Dermeval. *et al.* (org.). **O Legado Educacional do Século XX no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2004.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 9 ed., Campinas, Autores Associados, 2005.

SAVIANI, Dermeval. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação**, v.14, n. 40, p. 143-155, 2009.

SAVIANI, Dermeval. **História das Ideias Pedagógicas no Brasil**. 4ª ed. Campinas: Autores associados, 2013.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. **A teoria do *habitus* em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea**. Revista Brasileira de Educação, n. 20, Maio/jun./jul./ago. p. 60-70, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n20/n20a05.pdf>. Acesso em: 25 set. 2020.

SIMAN, Lana Mara de Castro. **Quanto tempo o tempo tem! A temporalidade histórica como categoria central do pensamento histórico: desafios para o ensino e a aprendizagem**. Campinas/SP. Editora Alínea, 2º edição, 2005.

SILVA, Hélio. **1931: Os Tenentes no Poder**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S. A., 1972.

SILVA, Afrânio; *et al.* **Sociologia em movimento**. v. Único, 2 ed. São Paulo: Moderna, 2017.

SILVA, Lidiane Rodrigues Campêlo da; *et al.* Pesquisa documental: alternativa investigativa na formação docente – UECE. CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE, 9.. ENCONTRO SUL BRASILEIRO DE PSICOPEDAGOGIA, 3.. **Anais [...]**. Curitiba: PUCPR, 2009.

SILVA, Teresa Roserley Neubauer da; *et al.* **Formação de professores no Brasil: um estudo analítico e bibliográfico**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas; REDUC, 1991.

SILVEIRA, Jane Mara Vargas. Museu Melânia Mottoso. Trabalho de pesquisa. Fundação Átila Taborda, Faculdades Unidas de Bagé. Dom Pedrito, maio de 1986. **Arquivo da Escola. Dom Pedrito**, 1986. Museu Melânia Mottoso. Dom Pedrito, 1986.

SIMÕES, Caroline Hardoin. **A formação de professores na Escola Normal Joaquim Murtinho no sul de Mato Grosso no período de 1930 a 1973**. 2014. 141 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo, Grande, 2014.

SOARES, Simaria de Jesus; FONSECA, Valter Machado da. Pesquisa científica: uma abordagem sobre a complementaridade do método qualitativo. **Quaestio-Revista de Estudos em Educação**, v. 21, n. 3, p. 865-881, 2019.

SOUZA, Gizele de; SILVA, Vera Lucia Gaspar da. **Negócios Combinados: modos de provera escola pública primária (em fins do século XIX e início do XX)**. *In: Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, v. 35, n. 76, p. 31-50, jul./ago. 2019.

STEPHANOU, Maria. Problematizações em torno do tema memória e história da educação. **História da Educação: ASPHE/FaE/UFPEL**, Pelotas, v. 2, n. 4, p. 131-141, set. 1998.

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara. **Histórias e memórias da educação no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

TAMBARA, Elomar. Problemas Teórico-metodológicos da História da Educação. *In: História e História da Educação*. Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR, 2000.

TANURI, Leonor Maria. **História da formação de professores**. *Revista Brasileira de Educação*, n. 14, (Número Especial – 500 anos de educação escolar), p. 61-88, 2000.

TEIXEIRA, Anísio. A escola pública universal e gratuita. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Rio de Janeiro, v.26, n.64, out./dez. 1956. p. 3-27.

THOMSON, Alistair; *et al.* **Os debates sobre memória e história:** alguns aspectos internacionais. *In:* AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta (orgs.). Usos e abusos da história oral. 5. ed. Rio de Janeiro, RJ: Fundação Getúlio Vargas, 2002.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado:** história oral. Trad. de Lólio Lourenço de Oliveria. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TUANI, Marcelo; LEITE, Leandro Butier; ALMEIDA, Adriana Aparecida Borin de. **Manual de metodologia da pesquisa aplicada à educação.** Faculdade de Porto Feliz. Porto Feliz, 2016.

VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. Pesquisa em História da Educação: Acervos, arquivos e a utilização de fontes. **Fronteiras:** Journal of Social, Technological and Environmental Science, Anápolis-Goiás, v. 3, n. 3, jul./dez., p. 33-47, 2014.

VINÃO FRAGO, Antonio. Historia de la educación e historia cultural: posibilidades, problemas, cuestiones. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, p. 63-82, 1995.

VINÃO FRAGO, Antonio. El espacio y el tiempo escolares como objeto histórico. **Contemporaneidade e Educação**, Rio de Janeiro, n.7, p. 100-101, 2000.

VASCONCELLOS, Maria Izabel. **Dom Pedrito, ontem, hoje e sempre...** Dom Pedrito: Rigo, 2008.

XAVIER, Libânia Nacif. A construção social e histórica da profissão docente uma síntese necessária. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. *In:* **Revista Brasileira de Educação**, v. 19, n. 59, out.-dez., 2014.

WERLE, Flávia Obino Corrêa. História da Instituições Escolas. *In:* LOMBARDI, J. C. **Fontes, história e historiografia da educação.** São Paulo: Autores Associados, 2004.

WERLE, Flávia Obino Corrêa; *et al.* **Colégios femininos:** identidade, história institucional e gênero. Revista da Educação PUC, Campinas, n. 10, jun. 2001.

APÊNDICE A - Roteiro de entrevista online às normalistas professoras



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO ACADÊMICO EM ENSINO

CULTURA ESCOLAR, PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES DA ESCOLA NORMAL NOSSA
SENHORA DO HORTO DE DOM PEDRITO/RS (1947–1971)

INSTRUMENTO DE PESQUISA

ROTEIRO DE ENTREVISTA ONLINE ÀS NORMALISTAS PROFESSORAS

FOCO:

- 2 estudantes, do Curso Normal, da Escola Nossa Senhora do Horto, de Dom Pedrito/RS, que estudaram na instituição entre as décadas de 1940-1950;
- 2 estudantes, entre a década de 1960-1970;
- 1 estudante, entre a década de 1970-1980.

Todas professoras já aposentadas.

INDICADORES:

I – O SURGIMENTO DA ESCOLA DO HORTO E A FORMAÇÃO DAS NORMALISTAS (a imagem da instituição, o que representava para o município, para a comunidade e para a normalista) – a sociedade, a escola, seus personagens.

1. Qual o seu nome e data de nascimento?
2. Estudou na Escola Nossa Senhora do Horto, em que ano?
3. Estudou no Curso Normal, da Escola do Horto, em que anos e em que ano se formou?
4. Na sua opinião, o que a Escola do Horto representava para o município, para a comunidade e para a Senhora, naquela época?
5. Como era aquele tempo em sua família (sua descendência), em sua cidade?

II - O PERFIL DAS NORMALISTAS DA ESCOLA DO HORTO NO PERÍODO DE 1947 a 1971 (Quem era a clientela da Escola do Horto? – aspectos de segregação, exclusão social e discriminação de gênero).

6. Quem estudava na Escola Normal do Horto na sua época, qual era a clientela da escola, para quem era essa escola, na sua opinião?
7. Qual era o processo para adentrar na instituição, no Curso Normal, quais eram as exigências?
8. A Escola Normal era para meninas e meninos? No período em que a senhora estudou, no Curso Normal, algum menino esteve matriculado?
9. Existiam, na sua época, alunas, internas e externas, bolsistas e não bolsistas, alunos afrodescendentes, alunos originários de outros estados, países?

III – A INSTITUIÇÃO E SEUS ESPAÇOS, A SALA DE AULA (Os valores católicos e a formação ofertada) – valores, atitudes e posturas sociais sedimentadoras de mecanismos (de tentativas) de perpetuação de dogmas e paradigmas à época.

10. Como era a escola no seu tempo, o prédio, as instalações?
11. Como era a sua sala de aula: as classes, os ornamentos, as colegas, as atividades religiosas? Quais valores eram passados?

IV – A INSTITUIÇÃO E O CORPO DOCENTE (Os saberes, métodos de ensino, práticas escolares) – o valor social da instituição como fontes de identidade social e de seu sentimento de pertencimento de uma realidade local.

12. Como eram e quais eram, em suas lembranças, os professores do Curso Normal, em sua época?
13. Como era um dia de estudo, no Curso Normal, da Escola do Horto, em Dom Pedrito/RS, em sua época (horários, organização das atividades, recreio, etc)?

V – O MANUAL DE ENSINO À FORMAÇÃO DAS NORMALISTAS (o currículo, os materiais pedagógicos exigidos, as atividades religiosas, as atividades sociais, o movimento estudantil, a banda, os times desportivos) – as práticas escolares vivenciadas pelas normalistas.

14. Como eram as atividades na escola, no Curso Normal, que a Senhora se lembre, (o currículo, os materiais pedagógicos exigidos, o movimento estudantil, a banda, os times desportivos, as práticas escolares)?

VI – A IMAGEM DA INSTITUIÇÃO NAS PERCEPÇÕES DAS NORMALISTAS DURANTE O CURSO E DEPOIS DELE EM SUAS ATUAÇÕES PROFISSIONAIS (a

formação de professores, noções de ensino) – os valores implícitos e explícitos na formação dessas normalistas.

15. Na sua opinião, o que foi para a Senhora e sua vida, o Curso Normal e a Escola do Horto?

16. O que a Senhora utilizou e o que a Senhora descartou, das práticas escolares que a Senhora vivenciou na sua formação, no Curso Normal da Escola do Horto, na sua vida e na sua atuação profissional?

APÊNDICE B - Carta de cessão de direitos autorais



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

CULTURA ESCOLAR, PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES DA ESCOLA NORMAL NOSSA
SENHORA DO HORTO DE DOM PEDRITO/RS (1947–1971)

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS

Dom Pedrito, de de 2020.

Destinatário,

Eu

RG....., declaro, para os devidos fins, que cedo os direitos autorais de minha entrevista gravada em de agosto de 2020, para Maria do Horto Machado Camponogara, usá-las integralmente ou em partes, sem restrição de prazos ou citações, desde a presente data.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes quanto ao objeto desta Carta de Cessão, subscrevo a presente.

Assinatura do Entrevistado

APÊNDICE C - Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa é sobre a **CULTURA ESCOLAR, PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES DA ESCOLA NORMAL NOSSA SENHORA DO HORTO DE DOM PEDRITO/RS (1947–1971)** e está sendo desenvolvida por Maria do Horto Machado Camponogara, do Projeto de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico de Ensino, da Universidade Federal do Pampa, sob a orientação do Professor Doutor Alessandro Carvalho Bica.

Os objetivos do estudo visam Compreender a cultura escolar, as práticas (educativas e escolares), e, representações da Escola Normal Nossa Senhora do Horto de Dom Pedrito/RS na/para formação de professoras (1947 – 1971), como contribuições para a escrita da formação de professoras, na história da educação, cuja pesquisa o (a) Senhor (a) pode contribuir.

Solicitamos a sua colaboração para entrevista, possivelmente, 1 hora, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos e publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo absoluto. Informamos que essa pesquisa não irá mencionar nomes dos entrevistados para evitar qualquer desconforto frente a sua comunidade de origem, serão, pois, criados “nomes fictícios”, com o devido sigilo da fonte.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, a senhora não é obrigada a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisadora. Caso decida não participar do estudo, não realizando a entrevista, não sofrerá nenhum dano. Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável

Considerando, que fui informado(a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações).

Bagé, ____ de _____ de _____

Assinatura do participante

Contato com o Pesquisador (a) Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o (a) pesquisador (a)
Maria do Horto Machado Camponogara. Telefone: (53) xxxxxxxxx

ANEXO A – Imagem da Fachada atual do Prédio da Escola Nossa Senhora do Horto, em Dom Pedrito/RS e pátio interno, ala direita, ao fundo a Capela onde antes de 1953 tinha um arvoredo de eucaliptos



ANEXO B – Imagem aérea do Prédio da Escola Nossa Senhora do Horto, em Dom Pedrito/RS e pátio interno, ala esquerda



ANEXO C – Imagem da Biblioteca da escola



ANEXO D – Imagem do Arquivo da escola



ANEXO E – Imagem do Interior do museu da escola, Museu Melânia Mottoso



ANEXO F – Jornal “Vitória” primeira e segunda edição, do ano de 1942, sob a coordenação das alunas terceiranistas (Alunas-Mestras)



Perguntas

Estas perguntas foram redigidas pelas colaboradoras senhorinhas Daclia Machado e M. Ernestina X. Lopes, que convidam para responder às mesmas, as senhorinhas cujos nomes estão indicados acima das respectivas perguntas.

Luiz Gonçalves — 1.º ano complementar:

1 — Qual foi o filósofo que, segundo uma tradição, vasou os olhos para melhor se concentrar na meditação metafísica?

2 — Qual o país europeu que não possui lei constitucional escrita?

3 — Quem foi Isaac D'Israeli?

Dulcineia Faria — 2.º ano complementar:

4 — Qual foi o primeiro humanista admirador da cultura clássica?

5 — Quem foi Leibnitz?

6 — De qual dos nossos Estados podemos dizer: foi um verdadeiro seminário de vocações intelectuais?

Lida Freire — 3.º ano complementar:

7 — A quem se deve a primeira gramática da

língua dos ciganos?

8 — Agir de acordo com as próprias ideias é o que há de mais difícil no mundo. «Pensar é fácil; agir, difícil». Dizia

9 — Quem foi o inventor da máquina de escrever?

Charadas

1 — "Olha ao longe aquela luz. 1-1."

2 — "Aqui" "neste momento", encontramos esta fruta deliciosa. 1-1

3 — "Neste lugar" e no "instrumento" agrícol encontramos um abrigo. 1-1

4 — No "pequeno oceano e na sterminação", encontramos a "substância preciosa. 1-1

5 — A sexta letra do alfabeto grego, junto à "vestimenta indígina" forma a "pequena fruta silvestre". 1-2

Aviso

As respostas às perguntas assim como às charadas devem ser enviadas ao Colegio N. S. do Horto, dirigidas ao 3.º ano complementar.

As respostas às perguntas assim como às charadas devem ser enviadas ao Colegio N. S. do Horto, dirigidas ao 3.º ano complementar.

As respostas às perguntas assim como às charadas devem ser enviadas ao Colegio N. S. do Horto, dirigidas ao 3.º ano complementar.

As respostas às perguntas assim como às charadas devem ser enviadas ao Colegio N. S. do Horto, dirigidas ao 3.º ano complementar.

CONCURSO DE ALBUNS

Foi levado a efeito, na sala de Admissão um interessante concurso de albuns de História Patria.

Os dois albuns considerados como melhores foram submetidos à votação da classe. Ganhou por uma diferença de dois votos o album organizado pela aluna Dóci Eichlebury.

Cabe e segundo lugar à medalha dada a Sra. Fiscal que presidiu à sessão. D. Lourdes mandou expor a lancheteira na sala experimental.

As vencedoras os parabéns de "Vitória"

Amigas dos alemães

Um homem foi preso pela Gestapo por ter pronunciado palavras sediciosas. Ele alegou ter expressado ideias anti-nazistas.

— Pelo contrario — disse — estou sem trabalho e gostaria muito mais de trabalhar para um alemão do que para um unico inglês.

Comovidos os officiaes da Gestapo proclameram-lhe a ajuda a achar emprego.

— Qual a sua profissão, perguntaram-lhe? — Coveiro.

OH! O AMOR . . .

A NOVA — Ele é baixo, gordo, careca e terá meio milhão de contos.

AS AMIGAS — (em coro): Oh! Luiza que sorte a tua!

Os festejos da Semana da Patria

As comemorações da Semana da Patria realizaram-se este ano, com grande brilho e entusiasmo, nesta escola.

A abertura dos festejos internos foi feita a 31 de Agosto com o hasteamento do Pavilhão Nacional ao som do Hino Nacional cantado por todos os presentes, desfilé das alunas ante a Bandeira fazendo a saudação ao Pavilhão Nacional.

Em seguida iniciou-se uma sessão de auditorio que obedeceu ao seguinte programa: Abertura da Sessão pela Fiscal da Escola Complementar, Sra. D. Lourdes Vilamil Azambuja que numa entusiastica e patriótica oração falou do Brasil, do seu passado glorioso, das suas tradições e dos seus heróis, entre os quais destacou a figura inconfundível do grande militar e impoluto cidadão o Duque de Caxias, Patrono do Exército Nacional. D. Lourdes incitou os alunos a seguir esse exemplo vivo de amor a Patria e compreensão exata do dever.

Com uma salva de palmas foram acolhidas as suas ultimas palavras. Esse aplauso sincero mostrou o quanto nos tinham emocionado as suas patrióticas palavras.

A seguir foi apresentado o proposito do dia. Fizeram ouvir depois, varias alunas da complementar e do curso primario, apresentando redações e dramatizações. Foram cantados varios hinos.

Do primeiro foi tambem inaugurado a uma destinação a receber os propósitos feitos pelos alunos dos dois cursos.

Além dessas comemorações internas o Colegio compareceu à Missa Compadelhação de graças pelo restabelecimento do Exmo. Sr. Presidente da Republica. Participou da Parada da Mocidade, onde desfilou com garbo e assistiu ao raciocínio da Semana da Patria, no dia 7 de Setembro.

Ao leitor

Vitória! Vitória! E' o que todos nós desejamos, E si Deus quiser, Muito breve, alcançaremos.

E Vitória foi o nome Que nosso jornal recebeu Porque isso se deu.

Desejamos que o Vitória Te agrade, leitor, Te torne assinante E até mesmo colaborador.

O nosso jornalzinho Utilidade tem bastante, Não só aqui para nós Como para todo o estudante.

Pois é por meio dele Que vamos conseguir Desenvolver mais nossa linguagem Para o fim que queremos atingir.

Caro leitor, Esperamos então Que o nosso Vitória Te cause boa impressão.

D. M. F. G. (2.º ANO COMPLEMENTAR)

Caxias

Luiz Alves de Lima e Silva, nasceu no Rio de Janeiro em 1813.

No dia 25 de Agosto, data de seu nascimento, é a alvorada de todo o soldado, a sua vida, o breviário físico de todo o brasileiro.

Desde pequeno revelou seu valoroso caracter. Moço, muito moço entrou para o serviço do Exército do Imperador.

Aos cinco annos, já era cadete, aos quinze alferes, e seu porte e brilho valeram-lhe no batalhão do imperador.

Era a aurora radiante de sua vida militar que começava a surgir. E' o cavalheiro ousado que Deus resuscita para ser, durante meio século, o vesicario imperitório do paladão santo que acaba de abençoar, o prototipo do militar brasileiro, do guerreiro cristão: forte e magnânimo, paciente e abnegado, corajoso na batalha, manso na paz; o inimigo das sanguineas, das violências inuteis; o grande heroi pronto a estender mão aos adversarios, para fazer deles amigos dedicados.

E em verdade, outra figura não se poderia encontrar na historia de

nossa patria, como a de Luiz Alves de Lima e Silva, barão, marquez e duque de Caxias, parafuso apontado como modelo do soldado de sua terra.

Esse bravo cabo de guerra, que não perdeu nenhum dos 17 combates em que tomou parte, não encontrou quem o excedesse em valentia e disciplina.

Inactivo no campo de batalha, foi sobretudo um vencedor na luta da vida, em que sempre se manteve como homem de caracter reto e vontade decidida, jámais capitulando nas pugnas da consciência.

Sua carreira militar enche o passado do Brasil de episodios dignos de figurar ao lado dos mais épicos feitos assinalados pela historia universal.

Caxias pacificou São Paulo, Pernambuco, Maranhão e coube ainda a ele, a missão de pacificar o Rio Grande do Sul, cuja luta durava 10 annos.

A frente do exercito brasileiro, venceu as batalhas de Itororó, Avaí e Lomas Valenunas, em fim proclamou as tropas. Era o Idolo de seus homems, o Deus do seu exercito, todos o estimavam e respeitavam, lutava sempre pela ordem e pela paz dava os maiores exemplos de obedi-

encia.

Assim, mostrou-se Caxias digno do titulo de católico, que sobreleva a todos os outros titulos que nele devem ser apontados á posteridade, pois foi a obediencia ás leis da Igreja e a fidelidade a sua fé que fizeram esse exemplo masculino de herem, soldado bravo e disciplinado, campeão do ordem e defensor ardoroso da paz.

Morreu o grande heroi no anno de 1880, deixando em todos os corações uma doce e grande lembrança.

Honra e gloria ao heroi e valente Duque de Caxias.

Salve! Salve! I. M.

II ANO COMPLEMENTAR

ESMOLER

— Tu não tens vergonha de andar pedindo dinheiro?

— Não! Uma vez que o tomei sem pedir-te, custou-me seis meses de cadeia.

Se houvesse justiça neste mundo, a dona da casa ficaria na cozinha e o papagaio viria para a sala de visita . . . — Barilo Neves

"VITÓRIA" É IMPRESSO NA TIFOGRAFIA FONTOURA

Av. José Bonifácio, 150 - JARDIM DE CASTELHOS

Hilda Severo

VITÓRIA

Diretora: Nadir Pacheco — Redatora: Vanza da Costa Moreira — Gerente: Isabel Cardona

Ano I

Dom Pedrito, 25 de Outubro de 1942.

Num. 2

ZEFERINO BRASIL.

O jornal disse: Zeferino Brasil morreu. Eu não acredito. Zeferino Brasil vive, vive e canta.

Sua alma continuará a errar pelo mundo e sua lembrança viverá eternamente. Os poetas não morrem, vivem nos seus poemas no imenso salão sem paredes do mundo.

Na vida dos povos os poetas são como os alme- nares que brilham nas torres dos castelos medie- vais.

Eles nos descansam o es- pírito e a inteligência dan- do-nos conforto e alento. Não envelhecem as obras dos grandes poetas, eles continuam a ser lidos e seus nomes repetidos.

Zeferino Brasil é assim: a glória já teceu em volta de seu nome a luminosa corôa de louros.

Foi ele o maior poeta do Rio Grande do Sul dos tem- pos modernos.

O nome de Zeferino Bra- sil ficará, na historia lite- raria riograndense, aureola- do por uma corôa de glória. Sua poesia é de todos os matizes, em todas as produ- ções há sempre inspiração.

Percorreu todos os gêne- ros de poesia e em todos impressiona e encanta.

Que importa, pois, que Zeferino Brasil esteja sob a terra e sob flores, si ele está vivo e viverá na be- leza imortal de sua arte?

D. M. M.

(2º ANO COMPLEMENTAR)

A LENDA DO VAGALUME

Era uma vez uma cida- de em que estavam ma- tando as crianças que nasciam. Maria e José foram para a gruta de Belem. Mas quando iam em caminho, Zeta ficou com muita pena daque- le casal que ia no escu- ro e foi buscar uma luz. Quando José chegou na gruta disse Deus te pague! e Maria disse Deus te ajude! Quando Jesus nasceu, o boi deu uma cabeçada no chão, Jesus estava no escuro! Zeta foi buscar uma luz. E depois José lhe agradeceu muito e Jesus lhe perguntou se não queria aprender o ofício da formiga, mas ele respondeu que não queria. E Jesus lhe per- guntou se não queria umas azas de perolas bri- lhantes, mas Zeta res- pondeu não. Jesus en- tão lhe perguntou se queria aprender o ofício do bicho da seda que fazia sedas tão bonitas, mas Zeta não quiz.

Jesus perguntou se queria aprender o ofício da abelha, mas Zeta não quiz e Jesus disse: «En- tão que é que tu queres? deve ser uma coisa bem rara! O Zeta respondeu:

Brasil

Brasil, terra adorada,
Minha pátria bem amada,
Que guardo no coração.
Tudo em ti é só beleza,
Só encanto, só grandeza,
Que Deus nos quis ofertar.
Oh! Brasil si eu pudesse,
Nestes meus humildes versos,
Tuas belezas cantar,
Mostraria a todo o mundo,
Num amor grande e profundo,
Que terra melhor não há
Do que este Brasil amado,
Este país abençoado,
Este recanto de luz,
Que o próprio Deus, vendo-o
[tão lindo,
Num gesto suave e infindo,
Marcou seu céu com uma cruz.

Z. Ma. A.

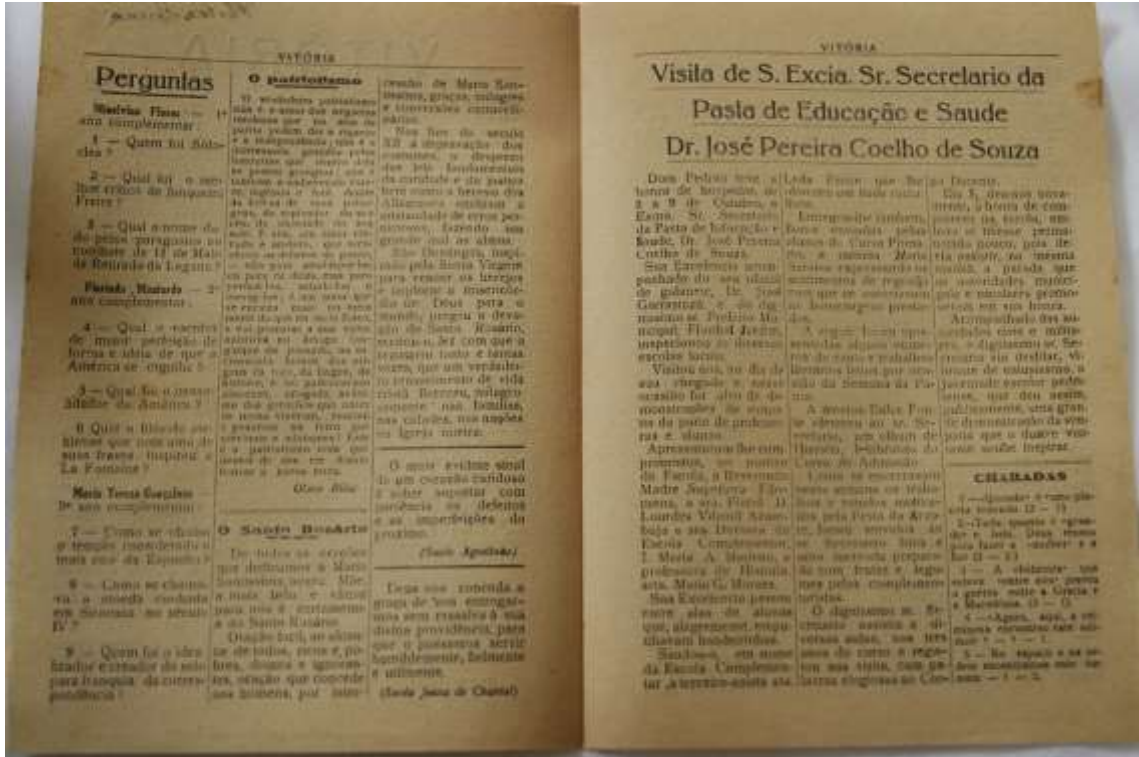
3º ANO COMPLEMENTAR

«Eu quero uma luz como aquela que eu alumiei os senhores — «Zeta, o teu nome será vagalu- me e terás sempre con- tígo uma luz! «Dá roupa a quem tem frio. Dá o pão a quem tem fome. Dá a água a quem tem sede e terás como Zeta a recompensa da luz eterna.

Maria Vilma.

(1º ANO COMPLEMENTAR)





VITÓRIA

Perguntas

Madrinha Tereza de sua complementaria
1 - Quem foi o filósofo...
2 - Qual foi o nome do primeiro português a descobrir o Brasil...
3 - Qual foi o nome do primeiro português a descobrir o Brasil...
4 - Qual o nome do primeiro português a descobrir o Brasil...
5 - Qual o nome do primeiro português a descobrir o Brasil...
6 - Qual o nome do primeiro português a descobrir o Brasil...
7 - Qual o nome do primeiro português a descobrir o Brasil...
8 - Qual o nome do primeiro português a descobrir o Brasil...
9 - Qual o nome do primeiro português a descobrir o Brasil...
10 - Qual o nome do primeiro português a descobrir o Brasil...

O Instituto

O Instituto...
O Instituto...
O Instituto...
O Instituto...
O Instituto...
O Instituto...
O Instituto...
O Instituto...
O Instituto...
O Instituto...

Visita de S. Excia. Sr. Secretario da Pasta de Educacao e Saude

Visita de S. Excia. Sr. Secretario da Pasta de Educacao e Saude
Dr. José Pereira Coelho de Souza
A visita...
A visita...
A visita...
A visita...
A visita...
A visita...
A visita...
A visita...
A visita...
A visita...

VITÓRIA

Visita de S. Excia. Sr. Secretario da Pasta de Educacao e Saude
Dr. José Pereira Coelho de Souza

Visita de S. Excia. Sr. Secretario da Pasta de Educacao e Saude
Dr. José Pereira Coelho de Souza
A visita...
A visita...
A visita...
A visita...
A visita...
A visita...
A visita...
A visita...
A visita...
A visita...

Visita de S. Excia. Sr. Secretario da Pasta de Educacao e Saude
Dr. José Pereira Coelho de Souza
A visita...
A visita...
A visita...
A visita...
A visita...
A visita...
A visita...
A visita...
A visita...
A visita...

Visita de S. Excia. Sr. Secretario da Pasta de Educacao e Saude
Dr. José Pereira Coelho de Souza
A visita...
A visita...
A visita...
A visita...
A visita...
A visita...
A visita...
A visita...
A visita...
A visita...

CHARADAS

- 1 - Quando a terra...
2 - Quando a terra...
3 - Quando a terra...
4 - Quando a terra...
5 - Quando a terra...
6 - Quando a terra...
7 - Quando a terra...
8 - Quando a terra...
9 - Quando a terra...
10 - Quando a terra...

VITÓRIA

SOLUÇÕES DE PERGUNTAS

SOLUÇÕES DE PERGUNTAS
A solução das perguntas que foram enviadas...
1 - O País...
2 - O País...
3 - O País...
4 - O País...
5 - O País...
6 - O País...
7 - O País...
8 - O País...
9 - O País...
10 - O País...

GRANDE PASEO VITÓRIA

GRANDE PASEO VITÓRIA
Resolução...
1 - Maria...
2 - Prognos...
3 - Agnes...
4 - Maria...
5 - Maria...
6 - Maria...
7 - Maria...
8 - Maria...
9 - Maria...
10 - Maria...

PERGUNTAS E CHARADAS

PERGUNTAS E CHARADAS
Respostas...
1 - Maria...
2 - Prognos...
3 - Agnes...
4 - Maria...
5 - Maria...
6 - Maria...
7 - Maria...
8 - Maria...
9 - Maria...
10 - Maria...

DAS PERGUNTAS

DAS PERGUNTAS
1 - Maria...
2 - Prognos...
3 - Agnes...
4 - Maria...
5 - Maria...
6 - Maria...
7 - Maria...
8 - Maria...
9 - Maria...
10 - Maria...

DAS CHARADAS

DAS CHARADAS
1 - Vela...
2 - Laje...
3 - Caju...
4 - Melão...
5 - Faveira...

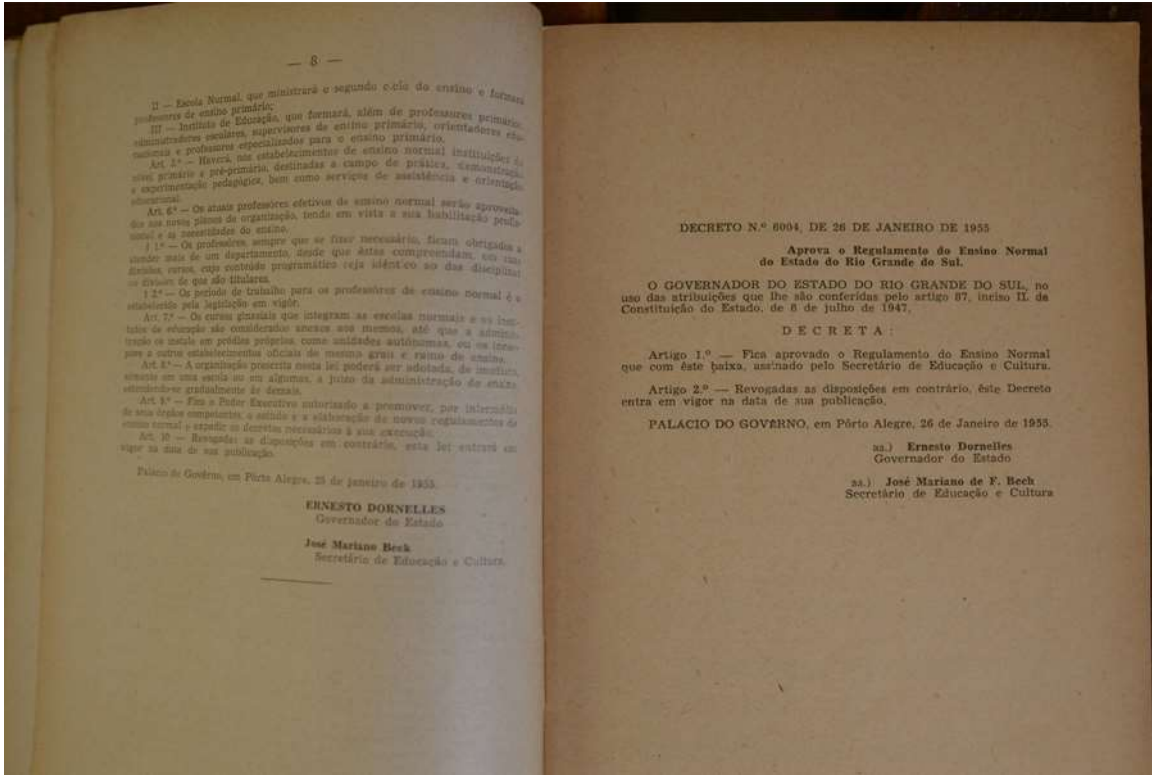
VITÓRIA

VITÓRIA
É IMPRESSO NA TIPOGRAFIA FONTOLURA
Av. José Bonifácio, 200-30
Cidade de Vitória

ANEXO G – Regulamento do Ensino Normal do RS, 1955



<p>DECRETOS Nº 4071, DE 10 DE MAIO DE 1955</p> <p>Altera os artigos 4º e 16º do Regulamento do Ensino Normal do Estado, lançada com o Decreto nº 4004, de 26 de Janeiro de 1953.</p> <p>O GOVERNADOR DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo artigo 42, inciso II, da Constituição do Estado, de 1 de Julho de 1934,</p> <p style="text-align: center;">D E C R E T A :</p> <p>Artigo 1º — O DEPARTAMENTO DE CULTURA GERAL de que trata o artigo 4º, inciso I, do Regulamento do Ensino Normal do Estado do Rio Grande do Sul, lançada com o Decreto nº 4004, de 26-1-1953, terá a seguinte organização:</p> <p style="text-align: center;">D E C R E T A :</p> <p>Artigo 2º — A título de "Escola Normal", inciso I, residual (item "c", do art. 16º do Regulamento do Ensino Normal, em vigor),</p> <p style="text-align: center;">ESCOLA NORMAL.</p> <table border="0"> <tr> <td>1 — DEPARTAMENTO DE CULTURA GERAL</td> <td>14 unidades</td> </tr> <tr> <td> Divisão de Filosofia</td> <td>2 "</td> </tr> <tr> <td> Divisão de Língua e Literatura</td> <td>2 "</td> </tr> <tr> <td> Divisão de Matemática e Ciências Físico-Naturais</td> <td>4 "</td> </tr> <tr> <td> Divisão de Ciências Sociais</td> <td>2 "</td> </tr> <tr> <td> Divisão de Artes</td> <td>1 "</td> </tr> <tr> <td> Divisão de Atividades Recreativas</td> <td>1 "</td> </tr> </table> <p>Art. 3º — Revogam-se as disposições em contrário, sob Decreto em vigor no dia de sua publicação.</p> <p>Palácio de Gobierno, em Porto Alegre, 10 de Maio de 1955.</p> <p style="text-align: center;">OLMO BENEDETTI Governador do Estado</p> <p style="text-align: center;">Liliana S. de Costa Secretaria de Educação</p>	1 — DEPARTAMENTO DE CULTURA GERAL	14 unidades	Divisão de Filosofia	2 "	Divisão de Língua e Literatura	2 "	Divisão de Matemática e Ciências Físico-Naturais	4 "	Divisão de Ciências Sociais	2 "	Divisão de Artes	1 "	Divisão de Atividades Recreativas	1 "	<p style="text-align: center;">OBJETIVOS DA REFORMA DO ENSINO NORMAL.</p> <p>Porto Alegre, 2 de agosto de 1954.</p> <p>Exposição de motivos do Sr. Secretário de Educação, encaminhando ao Excm. Sr. Governador do Estado o anteprojeto de Lei de Reforma do Ensino Normal, no Estado (Revisada).</p> <p style="text-align: center;">SENHOR GOVERNADOR</p> <p>De acordo com o artigo 12º da constituição, de 1 de Junho de 1947, cabe ao Estado organizar seu sistema de ensino.</p> <p>Entretanto, até a presente data, não existiu a Administração de legítima neste sentido, tendo assim que, no que diz respeito ao ensino normal, não sendo seguida as prescrições da Lei Orgânica — aprovada pelo Decreto-Lei nº 8128, de 7 de Janeiro de 1940 — nem as adaptações introduzidas pelo Decreto estadual nº 2320, de 15 de Março de 1947.</p> <p>A experiência e a prática, entretanto, têm demonstrado que a organização em vigor não lhe satisfaz aos interesses e às necessidades, pois, além de não oferecer ensino de disciplinas que integram as séries dos Cursos de Formação de Professores, mantendo grande sobrecarga de horas de trabalho escolar, mantendo, ainda, o ensino a um regime por demais rígido, inflexível, dificilmente adaptável às diferenças e capacidades individuais, a maioria, portanto, abandonada de aprender a partir de um nível científico, nos princípios da administração escolar moderna.</p> <p>Seguinte, assim, à Srta. Superintendente do Ensino Normal, Professora Aneia Fortini Alvim, e à Srta. Diretora do Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais, Professora Elvira Broch Ribeiro, que procederam à um estudo de reforma do ensino normal, tendo em vista as necessidades do ensino e as realidades de nosso meio.</p> <p>Arrecorrendo, agora, a Vossa Excelência e revendo o atual trabalho, sob a forma de anteprojeto de Lei, deixo esclarecer que Superintendente do Ensino Normal e o Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais acompanharam-se com os seguintes objetivos com os quais entraram integralmente:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1º — dotar o Estado de um sistema de educação normal, no qual, a par dos interesses e das capacidades pessoais dos alunos, se possam preparar professores aptos para solucionar diferentes problemas de educação primária, de acordo com as peculiaridades das diversas regiões do Estado; 2º — possibilitar a realização de sistemáticas e organizada especialização, oferecendo, no Instituto de Educação, oportunidades de se formarem administradores escolares de grau primário, orientadores educacionais, superintendentes de ensino, professores de classes do 1º ano,
1 — DEPARTAMENTO DE CULTURA GERAL	14 unidades														
Divisão de Filosofia	2 "														
Divisão de Língua e Literatura	2 "														
Divisão de Matemática e Ciências Físico-Naturais	4 "														
Divisão de Ciências Sociais	2 "														
Divisão de Artes	1 "														
Divisão de Atividades Recreativas	1 "														



— 8 —

II — Escola Normal, que ministrará o segundo ciclo do ensino e formará professores de ensino primário;

III — Instituto de Educação, que formará, além de professores primários, administradores escolares, supervisores de ensino primário, orientadores educacionais e professores especializados para o ensino primário.

Art. 1º — Haverá, nos estabelecimentos de ensino normal instituídos de ensino primário e pré-primário, destinadas a campo de prática, demonstração e experimentação pedagógica, bem como serviços de assistência e orientação educacional.

Art. 6º — Os atuais professores efetivos de ensino normal serão aproveitados em sua respectiva classe de organização, tendo em vista a sua habilitação profissional e as necessidades do ensino.

§ 1º — Os professores sempre que se fizer necessário, ficam obrigados a atender aula de um departamento, desde que estas compreendam, em suas diversas partes, cujo conteúdo programático reja sintonia com as disciplinas ou divisões de que são titulares.

§ 2º — O período de trabalho para os professores de ensino normal é o estabelecido pela legislação em vigor.

Art. 7º — Os cursos gerais que integram as escolas normais e os institutos de educação são considerados, senão aos mesmos, até que a administração os instale em prédios próprios, como unidades autônomas, ou os incorpore a outras estabelecimentos oficiais de mesmo grau e ramo de ensino.

Art. 8º — A organização prevista nesta lei poderá ser adotada, de imediato, senão em uma escola ou em algumas, a juízo da administração de cada estabelecimento gradualmente de forma.

Art. 9º — Fica o Poder Executivo autorizado a promover, por intermédio de seus órgãos competentes, a seleção e a validação de novos regulamentos de ensino normal e expedir os decretos necessários à sua execução.

Art. 10 — Revogadas as disposições em contrário, esta lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Palácio do Governo, em Porto Alegre, 23 de janeiro de 1955.

ERNESTO DORNELLES
Governador do Estado

José Mariano Beck
Secretário de Educação e Cultura.

DECRETO N.º 8004, DE 26 DE JANEIRO DE 1955

Approva o Regulamento do Ensino Normal do Estado do Rio Grande do Sul.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo artigo 87, inciso II da Constituição do Estado, de 8 de julho de 1947,

D E C R E T A :

Artigo 1.º — Fica aprovado o Regulamento do Ensino Normal que com este baixa, assinado pelo Secretário de Educação e Cultura.

Artigo 2.º — Revogadas as disposições em contrário, este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

PALACIO DO GOVERNO, em Porto Alegre, 26 de Janeiro de 1955.

22.) **Ernesto Dornelles**
Governador do Estado

23.) **José Mariano de F. Beck**
Secretário de Educação e Cultura

REGULAMENTO DO ENSINO NORMAL

TITULO I

Das bases de Organização do Ensino Normal

CAPITULO I

Das finalidades do Ensino Normal

Art. 1.º — O ensino normal tem as seguintes finalidades:

- 1 — formar professores primários e regentes de ensino primário para provimento de escolas urbanas, sub-urbanas e rurais;
- 2 — preparar administradores escolares, supervisores de ensino primário, orientadores educacionais e professores especializados para o ensino primário;
- 3 — proporcionar cursos de formação pedagógica a professores estaduais contratados, municipais e particulares que não possuem certificado ou diploma conferido por estabelecimento de ensino normal;
- 4 — oferecer cursos de extensão cultural.

CAPITULO II

Das Instituições de Ensino Normal

Art. 2.º — O ensino normal, constituído de dois (2) ciclos, será ministrado em estabelecimentos de ensino normal, oficiais e particulares.

Art. 3.º — Haverá três tipos de estabelecimentos de ensino normal:

- I — Escola Normal Regional, que ministrará o primeiro ciclo do ensino normal e formará regentes do ensino primário;
- II — Escola Normal, que ministrará o segundo ciclo do ensino e formará professores de ensino primário;
- III — Instituto de Educação, que formará, além de professores primários, administradores escolares, supervisores de ensino primário, orientadores educacionais e professores especializados para o ensino primário.

- 16 -

de qualquer uma das séries de curso geral, ou de outro do mesmo grau e nível.

Parágrafo 2.º — Para o fim previsto no parágrafo anterior e quando houver admissão ou curso de admissão.

Art. 20 — Toda escola é inscrita nos estabelecimentos de 3.º grau, em qualquer que tenham recebido o 1.º nível do ensino Normal, ou de curso geral, comercial, industrial e agrícola de igual nível, sendo dispensada de realizar, quando matriculadas em Escola Normal, as provas de admissão previstas no artigo 21.º deste Regulamento.

Parágrafo Único — Os alunos portadores de certificado de conclusão de curso médio, ou certificado de uma das séries do curso regular, serão dispensados de realizar, quando matriculadas em Escola Normal, as provas de admissão programáticas, sendo obrigadas apenas as que se referirem ao currículo de referência curso.

Art. 21 — Para a classe dos cursos de especialização profissional, aprovada pelo Instituto de Educação, serão exigidas, além de outras condições e áreas estabelecidas pela autoridade competente, a seguinte:

a) — diploma de proficiência primária, das condições dos cursos anteriores à propagação de conhecimentos escolares, expressões de mesma natureza, estabelecidas voluntariamente e por professores especializados para o ensino primário;

b) — certificado de conclusão de 2.º curso industrial nos cursos de Mecânica, Carpintaria, Serralteria, Fiação e Tecelagem, Magalhães e Danças, Danças, Fotografia e Xerógrafia, Cerâmica, Alfaiataria, Corte e Costura, Desenho de Interiores e, bem assim, Cursos de Formação Técnica fundamentada, desde que tenham sido aprovadas em exames de conclusão em Artes Aplicadas e Tecnologia Doméstica;

c) — diploma de curso de Artes Plásticas ou de Arquitetura, expedido pelo Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul, ou pelo Instituto de Belas Artes coordenado pelo Governo Federal, ou pelo Instituto de Educação e Cultura para os estudantes que tenham sido matriculados em curso de Belas Artes, ou no Conservatório de Música de Educação e Cultura, para os matriculados no curso de Arquitetura em Música;

Art. 22 — Para ingresso no ensino Normal, em qualquer de suas séries, serão exigidas as seguintes condições:

a) — certificado final de escolaridade;

b) — existência de efetivo físico ou funcional funcional que permita a matrícula no ensino Normal;

c) — condições físicas que o permitam ao estudante;

d) — não ser portador de qualquer doença de caráter crônico, ou de qualquer outra doença de caráter crônico;

Parágrafo 1.º — Desde que previsto a lei e autorizado se admitirá, desde que autorizado pelo Conselho de Educação, a matrícula de alunos em cursos de especialização de nível médio profissional, desde que:

1.º — tenham sido aprovados nos exames de admissão;

2.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

3.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

4.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

5.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

6.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

7.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

8.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

9.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

10.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

11.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

12.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

13.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

14.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

15.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

16.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

17.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

18.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

19.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

20.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

21.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

22.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

23.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

24.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

25.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

26.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

27.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

28.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

29.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

30.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

31.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

32.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

33.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

34.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

35.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

36.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

37.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

38.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

39.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

40.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

41.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

42.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

43.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

44.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

45.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

46.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

47.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

48.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

49.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

50.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

51.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

52.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

53.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

54.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

55.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

56.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

57.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

58.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

59.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

60.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

61.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

62.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

63.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

64.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

65.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

66.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

67.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

68.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

69.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

70.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

71.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

72.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

73.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

74.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

75.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

76.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

77.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

78.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

79.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

80.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

81.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

82.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

83.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

84.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

85.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

86.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

87.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

88.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

89.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

90.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

91.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

92.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

93.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

94.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

95.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

96.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

97.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

98.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

99.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

100.º — tenham sido aprovados nos exames de conclusão, ou de qualquer outra natureza, em qualquer de suas séries;

- 17 -

CAPÍTULO II
Do Ensino em Curso

Art. 23 — O número de alunos que poderão ser matriculados em qualquer de suas séries de ensino, não deverá ser superior a 25.

Art. 24 — O ensino de Ensino, realizado em estabelecimentos de ensino, será ministrado em salas de aula, sendo obrigatório o uso de livros didáticos, e a utilização de outros recursos de ensino, desde que estejam de acordo com o plano de ensino de cada curso, previsto no artigo anterior.

Art. 25 — O número de vagas destinadas aos candidatos às escolas privadas, não será superior ao número de vagas estabelecidas no artigo precedente, devendo, porém, possibilitar, sempre que possível, a matrícula de alunos que tenham sido matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal.

Art. 26 — Se o número de candidatos ultrapassar o de vagas previstas no artigo anterior, observando-se a seguinte ordem de preferência:

1.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

2.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

3.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

4.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

5.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

6.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

7.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

8.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

9.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

10.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

11.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

12.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

13.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

14.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

15.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

16.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

17.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

18.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

19.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

20.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

21.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

22.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

23.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

24.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

25.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

26.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

27.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

28.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

29.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

30.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

31.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

32.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

33.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

34.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

35.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

36.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

37.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

38.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

39.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

40.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

41.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

42.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

43.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

44.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

45.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

46.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

47.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

48.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

49.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

50.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

51.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

52.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

53.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

54.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

55.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

56.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

57.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

58.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

59.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

60.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

61.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

62.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

63.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

64.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

65.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

66.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

67.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

68.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

69.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

70.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

71.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

72.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

73.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

74.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

75.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

76.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

77.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

78.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

79.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

80.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

81.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

82.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

83.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

84.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

85.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

86.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

87.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

88.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

89.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

90.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

91.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

92.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

93.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

94.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

95.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

96.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

97.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

98.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

99.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

100.º — alunos matriculados em estabelecimentos de Ensino Normal;

- 18 -

CAPÍTULO III
Das Provas Letivas e do Regime de Trabalho

Art. 27 — O plano letivo das Escolas Normais Regulares, das Escolas Normais e do Instituto de Educação será dividido em dois períodos de 1.º de março a 15 de julho e de 1.º de agosto a 31 de dezembro.

Parágrafo Único — Haverá para os professores matriculados no ensino, um regime de frequência letiva, em termos de horas, de 2 de janeiro a 10 de março, durante o qual serão ministradas as aulas de ensino do Departamento de Cultura Profissional.

Art. 28 — O tempo mínimo para cumprimento das exigências regulamentares de obtenção do diploma de professor letivo e de certificado de registro de ensino primário, nos termos do artigo 24 deste Regulamento, será de 2 anos para as Escolas Normais e de 4 para as Escolas Normais Regulares.

Parágrafo Único — O tempo mínimo de tempo fixado neste artigo para os estabelecimentos de 1.º e 2.º níveis não será exigido dos matriculados cujo rendimento de matrícula os equipare em dias de matrícula em cursos de 1.º e 2.º níveis, nos parágrafos 1.º e 2.º do artigo 25.

Art. 29 — O horário de funcionamento das unidades de ensino será organizado pelo Diretor, sob a orientação dos professores letivos, atendendo ao número de alunos matriculados e às normas regulamentares.

Art. 30 — As aulas terão a duração de 50 minutos, com intervalo de 15 minutos entre uma e outra.

Art. 31 — O número de horas de aulas em que se poderá trabalhar a semana, será de 4 a 7.

- 19 -

CAPÍTULO IV
Das Provas Letivas e do Regime de Trabalho

Art. 32 — Serão consideradas, nos cursos de ensino, todas as matérias e áreas de ensino.

Parágrafo Único — Para a obtenção de uma unidade de ensino, o aluno deverá ser aprovado em todas as matérias e áreas de ensino, e deverá apresentar desempenho satisfatório.

Art. 33 — As provas finais serão realizadas, podendo, a critério do professor e de acordo com a natureza do curso, ser complementadas por uma parte prática ou oral.

Art. 34 — Às vezes exigidas de alunos para efeitos de concessão de matrícula, em cada unidade, será de:

Parágrafo 1.º — Esta parte será o grau resultante da aplicação de seguinte fórmula:

Nota de avaliação = 2 + média das notas parciais + 2 a 4 nota da prova final.

Parágrafo 2.º — O rendimento do trabalho será avaliado em escala de 0 a 100.

Art. 35 — Nos cursos de nível superior frequentados por estudantes diplomados, o critério de avaliação da aprendizagem será, por proposta do Professor ou Diretor, por diferido.

Art. 36 — Por motivo justificado, poderá o aluno, em qualquer momento, solicitar a realização de provas de segunda chamada, em data a ser fixada pelo Diretor, dentro do prazo de 45 dias, a contar da data de realização da prova.

Art. 37 — Não haverá exames de segunda época.

CAPÍTULO V
Das Ações e Diplomas

Art. 38 — Aos alunos aprovados nos estudos ministrados em estabelecimentos de ensino, será conferido o diploma de conclusão.

Parágrafo Único — Das unidades ministradas serão computadas, para efeito de concessão de diploma, as unidades previstas no artigo 24 deste Regulamento.

Art. 39 — Para obtenção do diploma de conclusão do ensino primário e do diploma de professor primário, exigirá-se do aluno:

a) — aprovação em determinado número de unidades, de acordo com a tabela anexa;

CONSULTA FORMULADA PELO CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO AO SENHOR DIRETOR DA DIVISÃO DO ENSINO SUPERIOR DO MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO E CULTURA, E ENCAMINHADA POR SEU PRESIDENTE, DR. ELISEU PAGLIOLI

Estabelecem o artigo 2.º e seu inciso V, da Lei n.º 1.821, de 12 de março de 1953:

Art. 2.º — Terá direito à matrícula na primeira série de qualquer curso superior o candidato que, além de atender à exigência comum do exame vestibular e às peculiaridades a cada caso, houver concluído:

IV — o 2.º ciclo do ensino normal de acordo com os artigos 8.º e 9.º do Decreto-lei n.º 8.530, de 2 de janeiro de 1946, ou de nível idêntico, pela legislação dos Estados e do Distrito Federal.

Havendo especial interesse em conhecer a interpretação atribuída pela Diretoria do Ensino Superior à expressão "ou de nível idêntico", pela legislação dos Estados, constante do inciso acima mencionado, solicitamos o pronunciamento do órgão competente a que já nos referimos.

Quais as condições que um curso de ensino normal organizado pelo Estado deve oferecer para que seja considerado de nível idêntico do previsto nos artigos 8.º e 9.º do Decreto-lei n.º 8.530, de 2 de janeiro de 1946, para fins de ingresso na 1.ª série de qualquer curso superior nos termos do artigo 2.º da Lei n.º 1.821, de 12 de março de 1953.

1-9-1954.

CONSULTA IDENTICA FOI FORMULADA PELO SENHOR SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO E CULTURA AO SENHOR DIRETOR DA DIVISÃO DO ENSINO SECUNDÁRIO EM OUTUBRO DE 1954.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

(H. 3280)

Em 12 de outubro de 1954

Do D. E. Su.

Do Sr. Presidente do Cons. Est. de Ed. do Est. do R. G. Sul

Assunto

Sr. Presidente:

Tenho o prazer de, pelo presente, responder à consulta do V. Ex.ª encaminhada a esta Diretoria, a respeito da exata interpretação que deve dar-se às disposições do art. 2.º IV, da Lei n.º 1821, de 12 de março de 1953.

1. É o seguinte o entendimento que aquele inciso vem sendo interpretado: os professores normalistas que hajam concluído o curso a partir do ano letivo de 1946, ano em que entrou em execução o Decreto-lei n.º 8.530, de 2 de janeiro de 1946 — Lei Orgânica do Ensino Normal, deverão apresentar, para fins de inscrição em concursos de habilitação nos cursos superiores, prova de conclusão de curso normal (de formação de professores primários) feita em dois ciclos de estudos de nível de segundo grau.

2. Esclareço pois que, para que se verifique a identidade de nível a que a lei se refere, é necessário — e suficiente — que o curso de curso médio, cuja conclusão dá direito ao diploma de professor normalista, tenha sido feito em dois ciclos de estudos, sendo que o 1.º ciclo pode ter sido realizado em ensino normal ou em estabelecimento reconhecido de ensino secundário.

(ss) JURANDYR LODI
Diretor do Ensino Superior

At. Exma. Sr. Prof. Elyseu Paglioli,
Presidente do Conselho Estadual de Educação do Estado do R. G. do Sul.
PORTO ALEGRE — Estado do Rio Grande do Sul.

MINISTERIO DE EDUCACAO E SAUDE

95082

Do DIRETOR DO ENSINO SECUNDARIO

Ao Senhor SECRETARIO DE EDUCACAO — PORTO ALEGRE - RGS

Assunto "Acusando Officio n.º 292".

Senhor Secretario:

Acuso o recebimento do officio n.º 292, de V. Excia., contendo consultas quanto à articulacão de cursos previsto da Lei n.º 1821, de 12 de março de 1953.

Quanto à equivalência prevista naquela Lei para fins de ingresso em curso superior, esclareço que esta Diretoria considera caracterizado desde que o segundo ciclo do curso normal exija para admissáo que o candidato possua curso ginasial ou equivalente e que a duracão do segundo ciclo seja de dois anos, pelo menos.

Uma vez que o projeto da lei regulamentando o ensino normal no Estado de Rio Grande do Sul respeita aquelas características, de sua adocão não redundará prejuizo para os alunos.

Sirvo-me da oportunidade para renovar a V. Excia. meus protestos de elevada estima e distinta consideração.

(ass.) **ARMANDO HILDEBRAND**
Diretor do Ensino Secundário

PEDIDO DE REGISTRO DE PROFESSOR PARTICULAR PRIMARIO

Normalistas conseguem o registro com facilidade. O novo Regulamento do ensino particular facilita-o para os demais. Por ora, também pessoas que concluíram o ginasio e possuem boas noções de didática têm probabilidade de obter o registro.

Os documentos exigidos vêm enumerados no Requerimento abaixo, que é formulado para normalistas. Os não normalistas apresentem atestado médico com firma reconhecida, em lugar do laudo médico, e certificado de conclusão de ginasio (ficha 18) ou equivalente, em lugar do diploma. Cada documento leva selo de folha estadual (Cr\$ 5,00).

Modelo do Requerimento:

Exmo. Sr. Chefe do Setor Primário Particular.

N. N. (irmão), abaixo assinado, exercendo, no presente ano letivo, o magistério no Curso Primário da Escola N. N., em (local), ficha n.º....., vem respectivamente requerer a concessão de registro de professor particular, para o que aponta os seguintes documentos:

- 1) Requerimento
- 2) Laudo médico
- 3) Atestado de vacina
- 4) Fotocópia do título eleitoral
- 5) Pública forma do diploma
- 6) Duas fotografias 2x2
- 7) Declaração do Diretor da Escola
- 8) Certificado de nascimento

Nestes Termos
Pede Deferimento.

(ass.)

Local, data.

Modelo da Declaração do Diretor da Escola:

DECLARAÇÃO:

Declaro, para os devidos fins, que o professor N. N. (irmão.....) exerce o magistério no Curso Primário desta Escola N. N. (local).

(ass.)

Local, data.

AUXILIO AO PROFESSOR PRIMARIO DADO PELO GOVERNO ESTADUAL

Sómente professores registrados ou "licenciados" pela Secretaria de Educação e Cultura recebem auxílio do governo estadual.

A documentação para pedidos de auxílio deve ser entregue até 30 de junho. Processos incompletos ou inexatos não serão atendidos pela Secretaria. Por isso, os professores, que desejam encumbrar pedidos através do Departamento de Informações da Conferência dos Religiosos, queiram enviar os documentos até meados de maio o mais tardar, a fim de permitir a correção de possíveis erros.

Endereço do Departamento: Rev. P. e Odilon Jaeger, S.J., Colégio Sévigné, Rua Duque de Caxias 1478, Porto Alegre.

O processo consta dos documentos abaixo indicados. Os documentos 4.º, 5.º e 6.º são requeridos apenas no primeiro pedido ou quando o professor, embora tenha pedido, nunca recebeu auxílio. Nenhum documento exige selo ou firma reconhecida, exceto a 5.ª e 6.ª, como vem indicado.

DOCUMENTOS EXIGIDOS:

1.º — REQUERIMENTO DO DIRETOR DA ESCOLA AO EXMO. SR. GOVERNADOR, incluindo os nomes de todos os professores para quem pede, junto com o número do registro de cada um. Modelo (não oficial) deste requerimento:

Exmo. Sr. Governador do Estado:

O abaixo assinado, Diretor da Escola N. N., situada em N. N. (local), e registrado no S.E.P. (ou Secretaria de Educação e Cultura) sob n.º..... de conformidade com o Decreto 1.352, de 26-12-50, vem respectivamente solicitar a V. Exa. se digne conceder o auxílio decretado aos seguintes professores:

- 1 — Irmão Amâncio José (Pedro Fernandes) — Registro n.º 1376a
- 2 — Irmão Carlos Antônio (Afonso Mueller) — licenciado
- etc.

Nestes Termos
Pede Deferimento.

N. N. (local), data.

(ass.)
Diretor

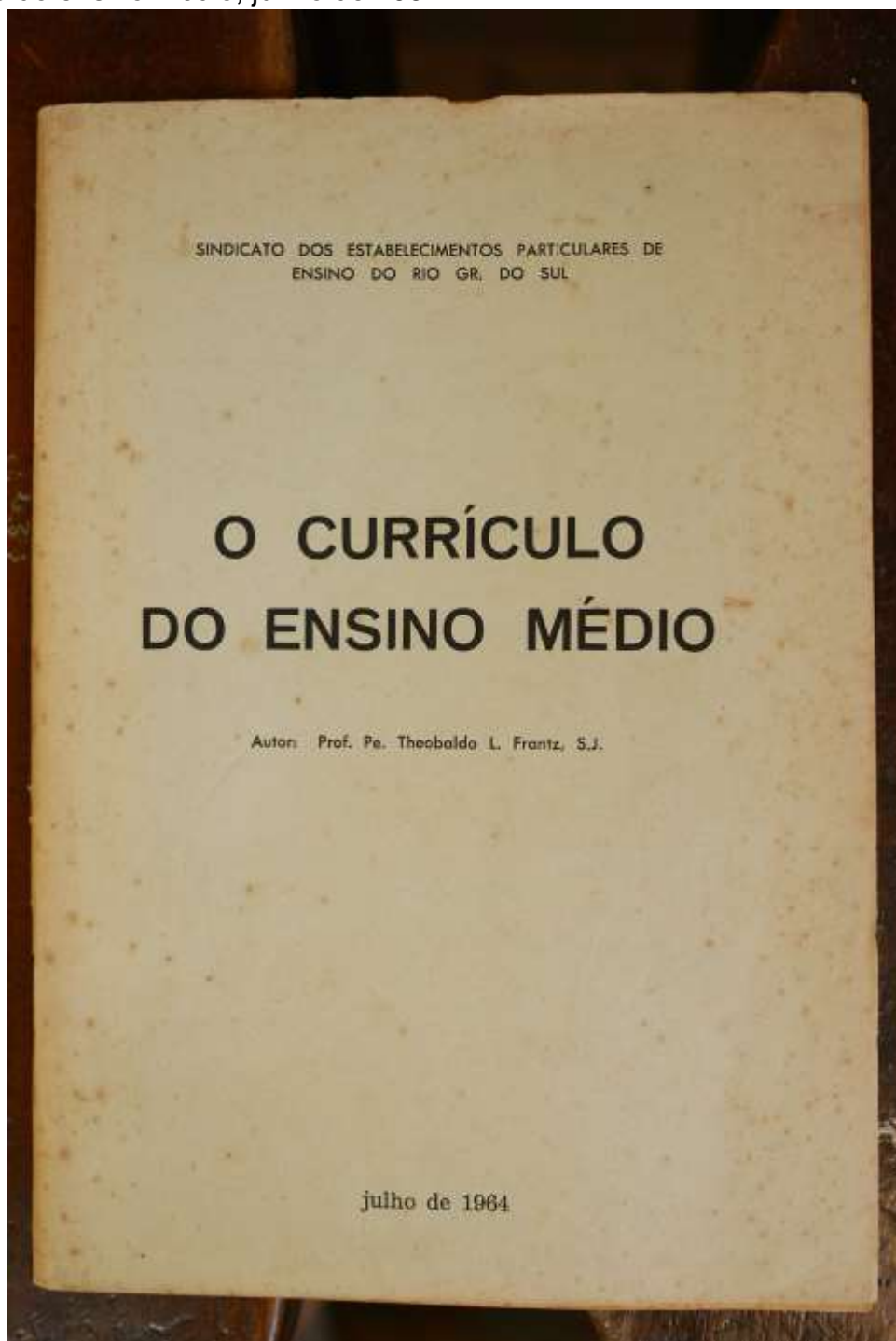
2.º — RELATÓRIO DAS ATIVIDADES ESCOLARES DO ANO FINDO: Relatório das atividades cívicas e culturais, curriculares e extracurriculares. Não satisfazem indicações vagas. Relate-se, por exemplo, como decorreu o início das aulas, o dia 21 de abril, 1 de maio, dia das mães, festa do Duque de Caxias, semana da pátria, semana da asa, dia do professor, proclamação da república, semana da bandeira, etc. Agréguem as atividades sociais e caritativas. O relatório termina com "quadro demonstrativo do rendimento escolar", indicando classe por classe e matrícula geral, matrícula real (ou n.º de alunos que frequentam) e percentagem de aprovação. Esquema do "Quadro":

Classe	Matr. geral	Matr. real (fr.)	% de aprovação
1.ª c. prim.	46..	43	87%
2.ª c. prim.	47	42	89%

(ass.)
Diretor

Local, data.

ANEXO H – Documento Orientador para o Currículo de Ensino Médio fornecido pelo Sindicato dos Estabelecimentos Particulares de Ensino do Rio Grande do Sul: o currículo do ensino médio, junho de 1964



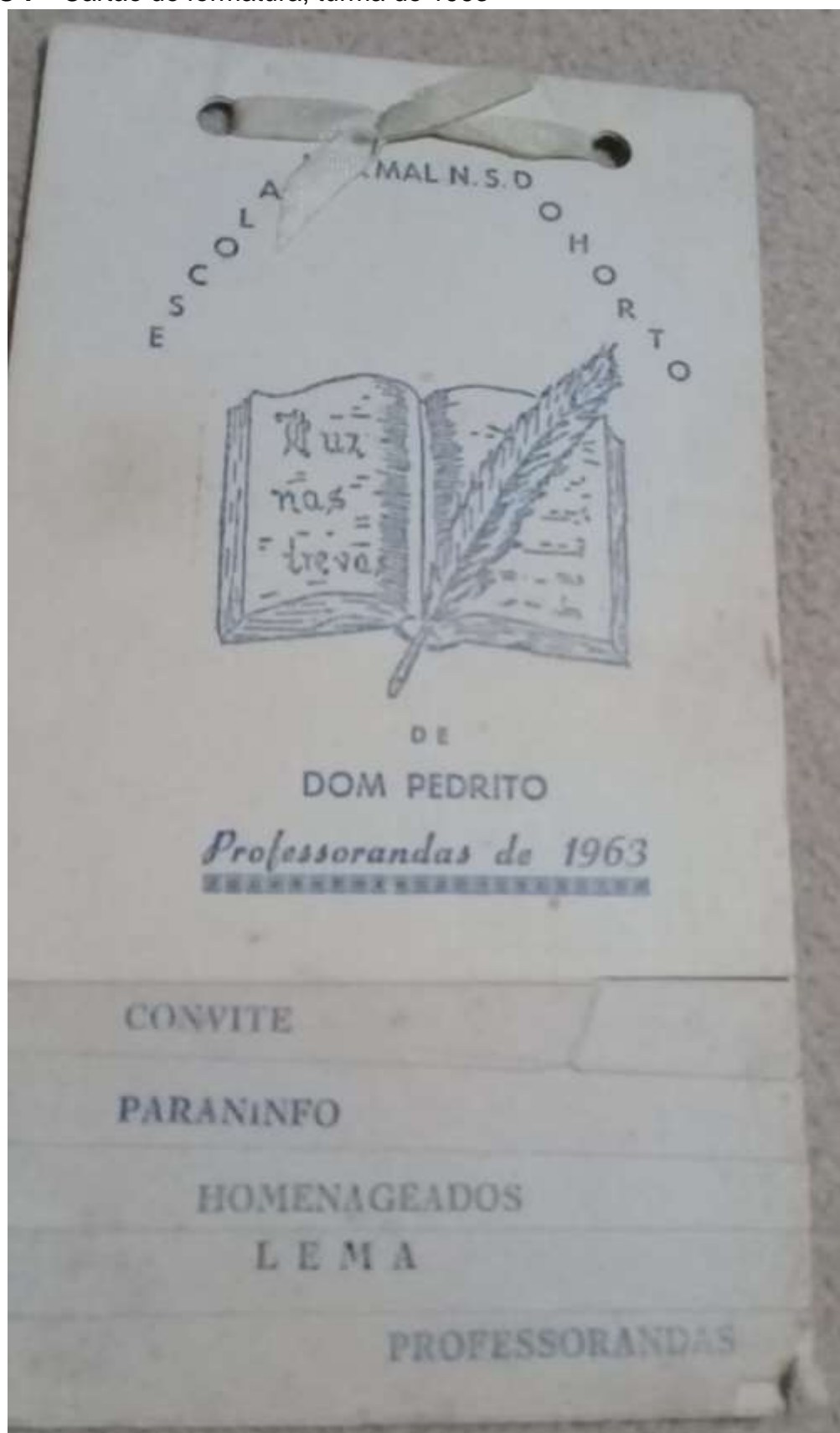
INDICE	
I - Direito de Currículo	1
II - Competências Teóricas no Currículo	1
III - Estruturação do Currículo	11
IV - Aspecto e Características do Currículo	24
V - Função, Objetivos e Função das Matérias no Currículo	30
VI - Modalidades de Estabelecimentos Segundo os Currículos	31
VII - Princípios Metodológicos do Currículo	32
VIII - Dinâmicas e Inovação do Currículo	38

O CURRÍCULO DO ENSINO MÉDIO

(Segundo a LDB, a Legislação Federal e os
Pronunciamentos do Conselho Federal de Educação)

<p>«Art. 1.º — A educação nacional, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por fim:</p> <p>a) a compreensão dos direitos e deveres do cidadão humano, do cidadão do Estado, da família e dos demais grupos que compõem a comunidade;</p> <p>b) o respeito à dignidade e as liberdades fundamentais do homem;</p> <p>c) o fortalecimento da unidade nacional e da solidariedade internacional;</p> <p>d) o desenvolvimento integral da personalidade humana e a sua participação na obra do bem comum;</p> <p>e) o preparo do indivíduo e da sociedade para o domínio dos recursos científicos e tecnológicos que lhe permitam utilizar as possibilidades e vencer as dificuldades do meio;</p> <p>f) a preservação e expansão do patrimônio natural;</p> <p>g) a condenação a qualquer tratamento desigual por motivo de convicção filosófica, política ou religiosa, bem como a quaisquer preconceitos de classe ou de raça»</p> <p>Art. 1.º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional</p>	<p style="text-align: center;">CAPÍTULO I</p> <h3 style="text-align: center;">CONCEITO DE CURRÍCULO</h3> <p>1 — DEFINIÇÃO: Currículo é o conjunto das matérias que formam o conteúdo de um curso.</p> <p>Esta definição foi extraída da conceituação feita pelo Com. Newton Sucupira, em parecer aprovado pelo CFE, ao examinar os currículos do ensino superior: «O que define o currículo é o seu conteúdo, conjunto de matérias e sua sistematização pedagógica». . . «Proporíamos, a título de hipótese de trabalho e em caráter restrito, uma definição geral do currículo na qual este se entenda como o conjunto das matérias que formem o conteúdo de um curso» (Par 28/62 CFE, Doc 2, p 50)</p> <p>Sendo definição geral, ela também esteve presente nos estudos e deliberações do mesmo Conselho, ao serem definidos e fixados os currículos e a maneira de organizá-los para o ensino médio.</p> <p>2 — COMPONENTES DO CURRÍCULO</p> <p>«Prevê a LDB quatro componentes para a organização do currículo de nível médio:</p> <p>a) as disciplinas intelectuais</p> <p>b) as práticas educativas artísticas ou lúricas</p> <p>c) as práticas educativas físicas</p> <p>d) educação moral, cívica e religiosa» (Estado Especial, Doc. 9, p 33)</p> <p style="text-align: center;">— 3 —</p>
--	---

ANEXO I – Cartão de formatura, turma de 1963



CONVITE E PROGRAMA

As professorandas de 1963 da Escola Normal Nossa Senhora do Horto têm a subida honra de convidar V. S. e Exma. Flia. para as solenidades da Missa em Ação de Graças e Colação de Gráu a realizar-se dia 3 de agosto de 1963.

As 9 horas: Missa em ação de graças na capela do Educandário
 às 11.30 horas: Solene entrega dos Diplomas.

Adelino da Moura
 Pela Turma

Agosto, 1963.

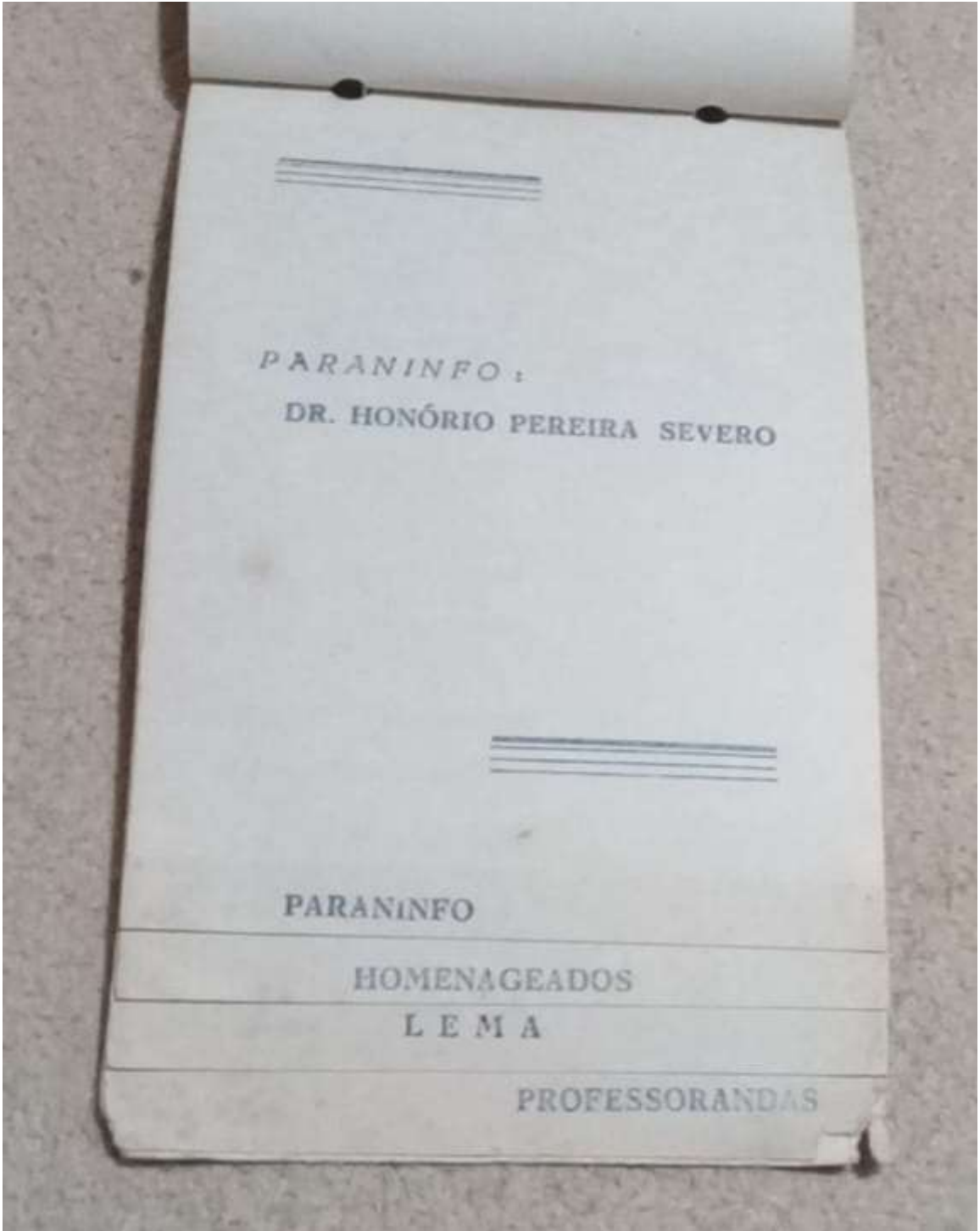
CONVITE

PARANINFO

HOMENAGEADOS

L E M A

PROFESSORANDAS



PARANINFO :
DR. HONÓRIO PEREIRA SEVERO

PARANINFO

HOMENAGEADOS

L E M A

PROFESSORANDAS

HOMENAGEADOS :

Homenagem de Honra

Profa. Irmã Ma. Jacinta Salling
Profa. Madalena Quadros Martins
 « *Dulce da Fonte Abreu*
 « *Isolda Pires de Pires*
 « *Idê Garcia Ferrer*

Homenagem Especial

Roda. Madre Amélia Marletto
Profa. Heloiza Sarmiento Louzada
 « *Rosa Gonzales Seferim*
 « *Elaine Saraiva da Silva*
 « *Abigail Freire de Freire*
 « *Nancy O. Mainieri*

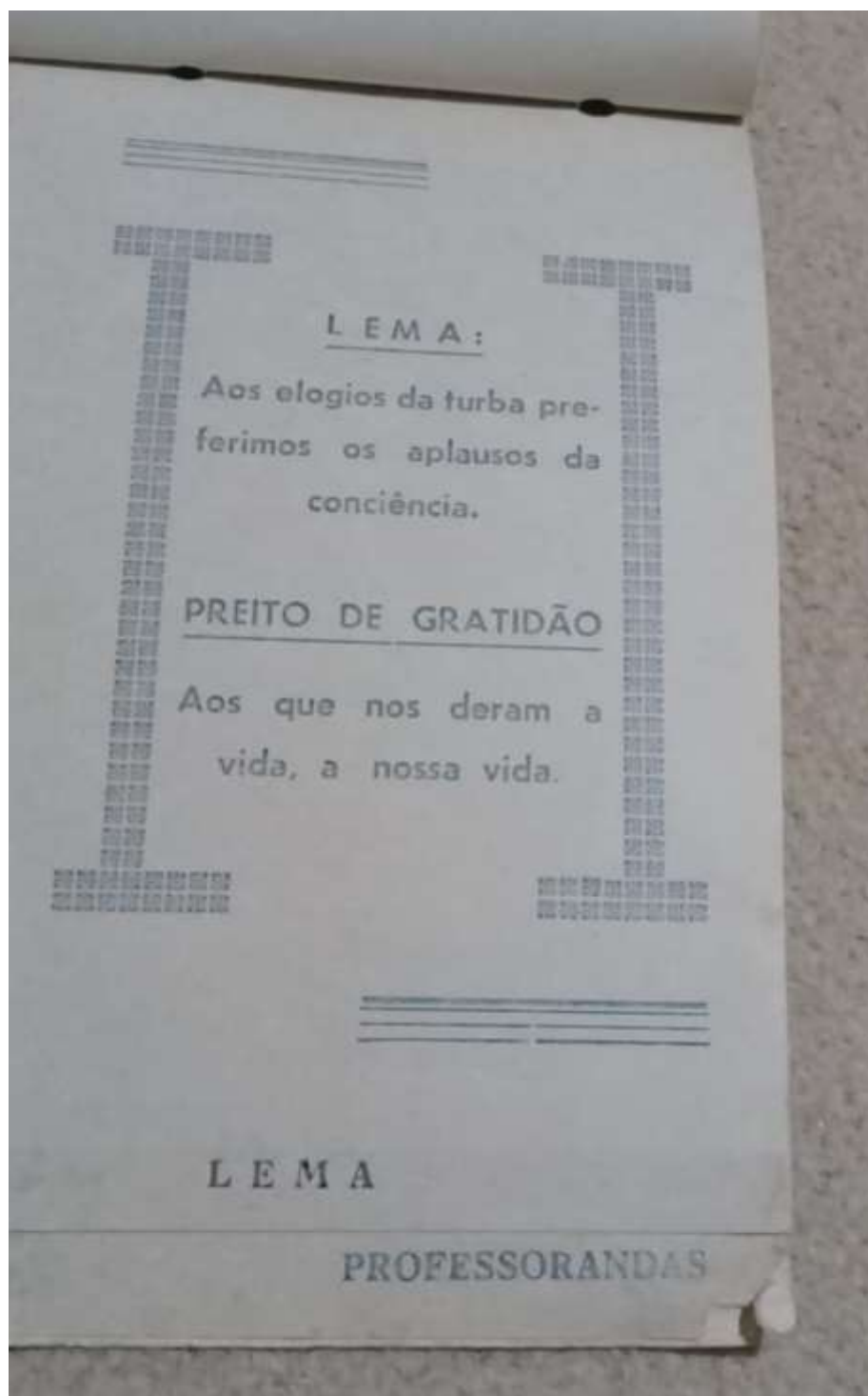
Homenagem Póstuma

Irmã Maria Melânia Mottozzo

HOMENAGEADOS

LEMA

PROFESSORANDAS



PROFESSORANDAS

Gládis Maria Fontoura Machado
Maria Emília Gonçalves
Ader Therezinha Moura
Mariana da Silva Tavares
Norma Fernandes Lopes

Eva Vaz de Leon
Maria Inês Pimentel Severo
Zacy Leal Gularie
Ligia Dutra Bulcão
Sonia Fontoura Cardoso

Cedália Antunes Andrades
Dinora Anastácio Gonçalves
Maria Nilza Moraes Sciortino
Elaine Mary Lucas de Moura
Neiva Machado Alves

Jaira Taborda Alves
Suely Gonçalves

Maria Anieê Machado Severo
Maria AguiAssul R. Tarouco
Neida Dutra Lima

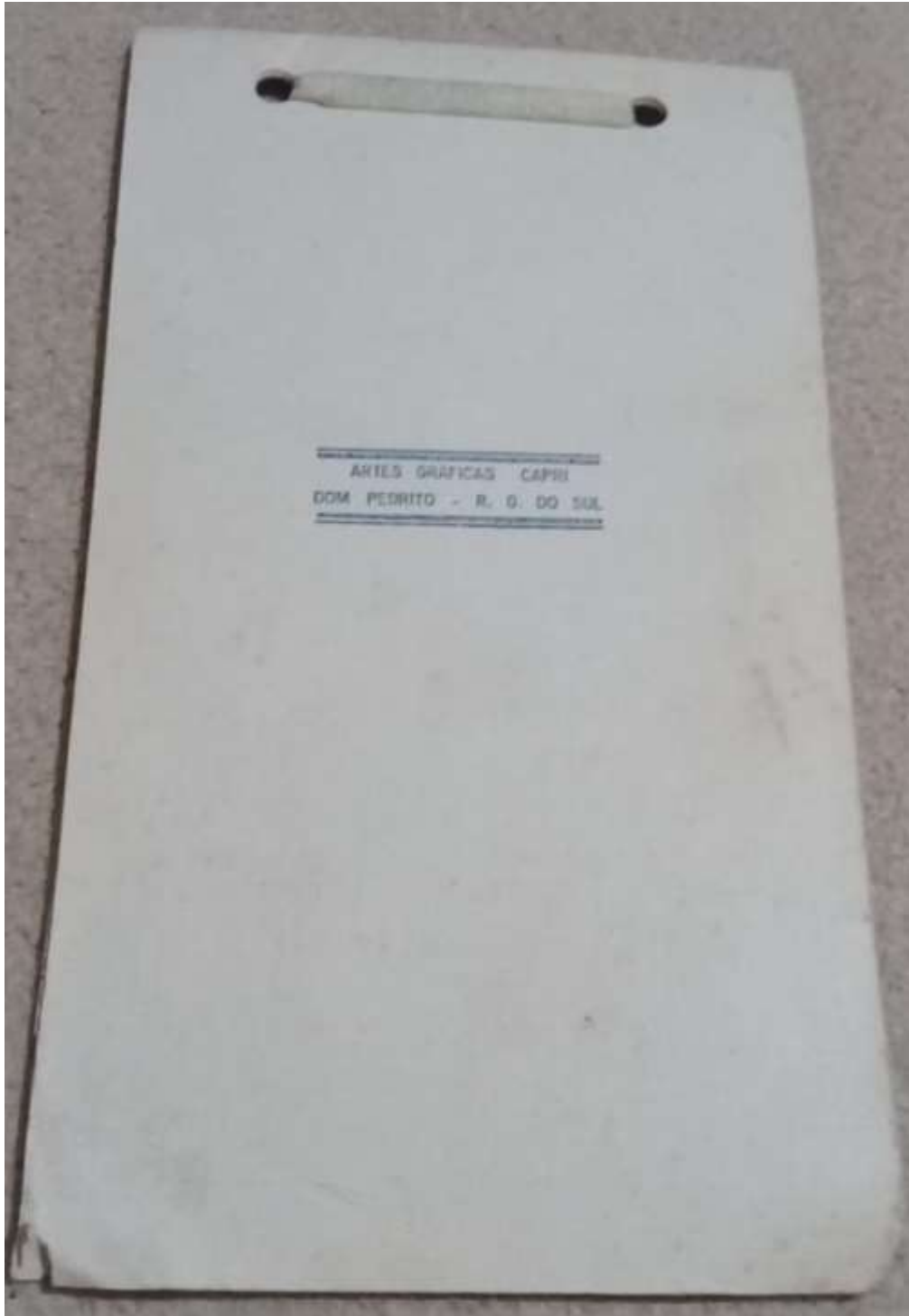
Maria Adiles Flores dos Santos
Therezinha Isis Coelho Cardoso
Ana Maria Freire de Freire

Maria Thereza Teixeira Meza
Ines da Silva Silveira
Zali Bueno dos Santos
Neuza Fontoura Simões

Isolda Rodrigues dos Santos

ORADORA : *Maria Inês Pimentel Severo*

PROFESSORANDAS



ARTES GRAFICAS CAPRI
DOM PEDRITO - R. G. DO SUL

ANEXO J – Reinauguração do *Hortus Conclusus* com apoio de 60 integrantes da Confraria Nossa Senhora do Horto, 21/11/2003



ANEXO K – Capela na atualidade



M. J. P. de S. J.

1912

Verão de abertura

Contem este livro, anexo, folhas numeradas e publicadas por mim, com o subscrito "M. J. P. de S. J.", de que se trata, e se declara, nos termos da "Lei de 1907", do Livro da "Comissão de Provisores Lembrados da Escola Normal", Nossa Senhora do Porto, desta cidade.

Com. Legitim. 1 de Junho de 1912.
Mariano de S. J. P. de S. J.

Provisore - Fiscal do C. P. P.

Verão de abertura

1912

Verão de abertura

1912

Contem este livro, anexo, folhas numeradas e publicadas por mim, com o subscrito "M. J. P. de S. J.", de que se trata, e se declara, nos termos da "Lei de 1907", do Livro da "Comissão de Provisores Lembrados da Escola Normal", Nossa Senhora do Porto, desta cidade.

Com. Legitim. 1 de Junho de 1912.
Mariano de S. J. P. de S. J.

Provisore - Fiscal do C. P. P.

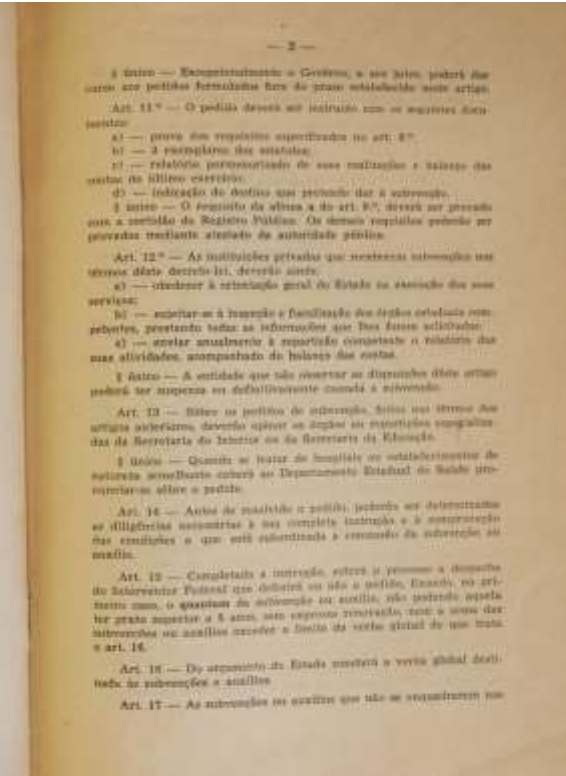
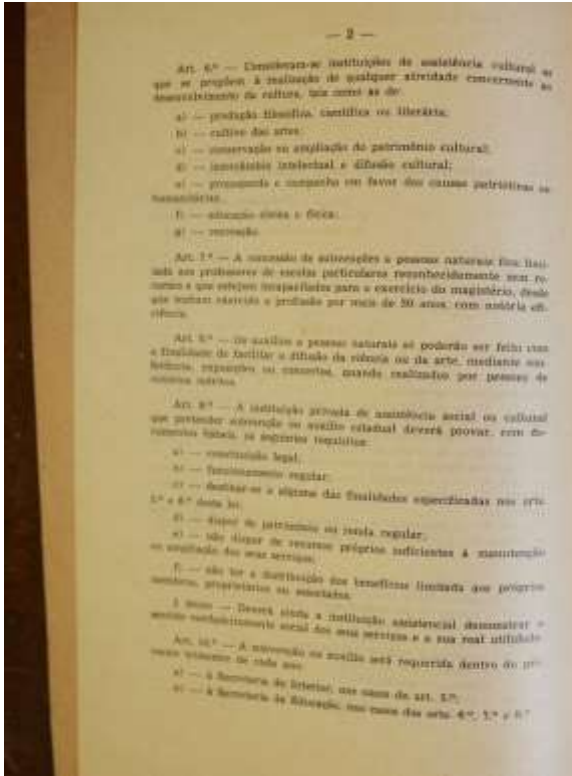
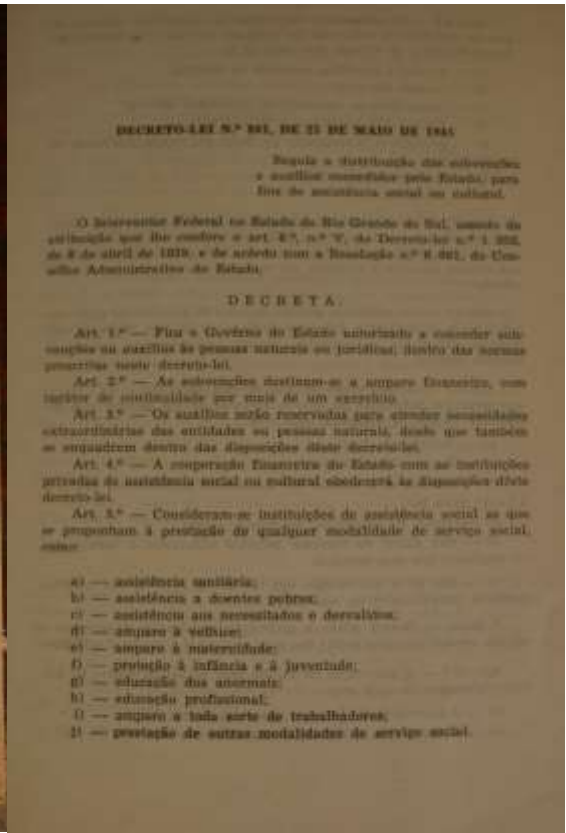
Handwritten text on the top page of a notebook, including a title 'Dileta da Santa Helena' and several paragraphs of cursive script.

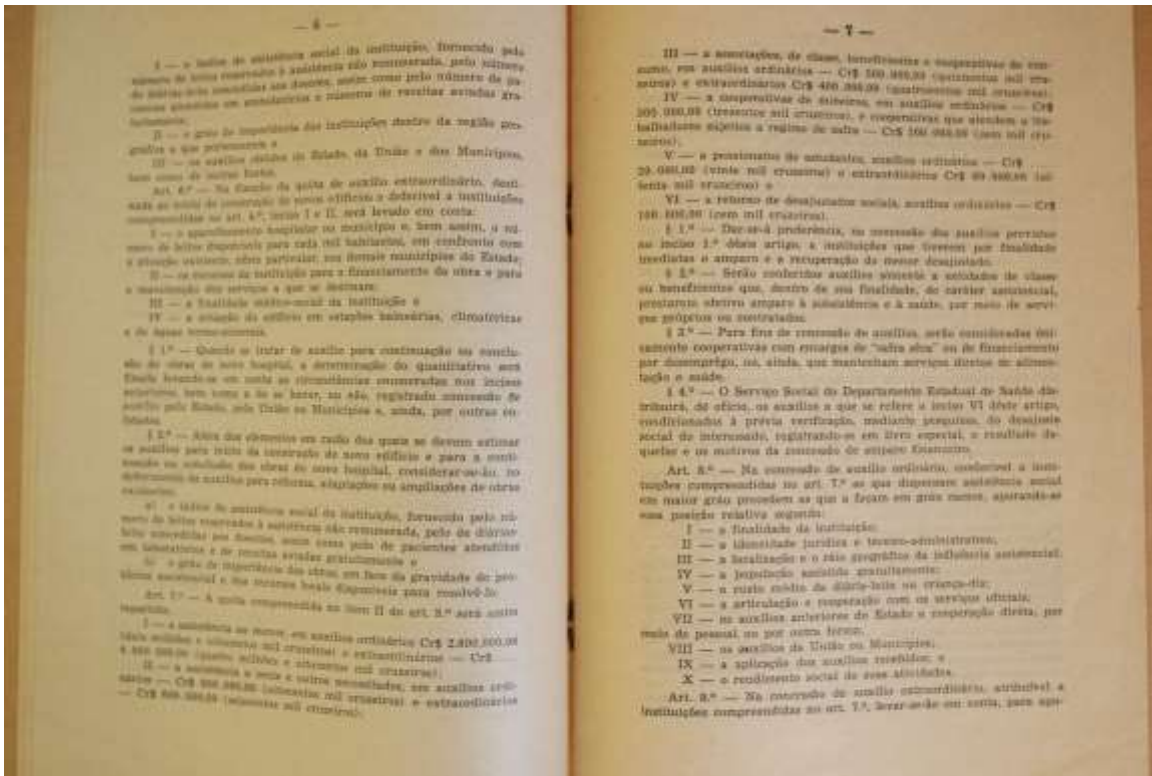
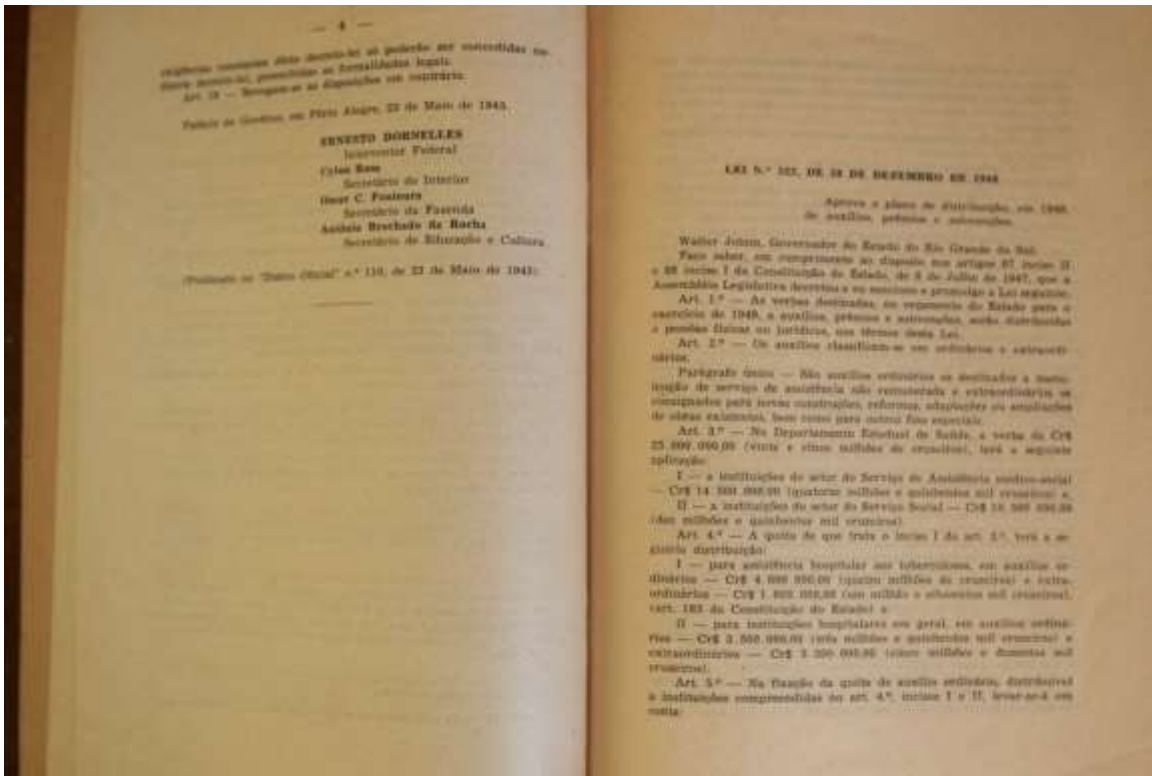
Handwritten text on the bottom page of the notebook, including a title 'Dileta da Santa Helena' and several paragraphs of cursive script.

Handwritten text on the top page of a notebook, including a title 'Dileta da Santa Helena' and several paragraphs of cursive script.

Handwritten text on the bottom page of the notebook, including a title 'Dileta da Santa Helena' and several paragraphs of cursive script.

ANEXO M – Plano de distribuição do Estado do RS de auxílio aos estudantes, Lei 522, de 21 de dezembro de 1949





ANEXO O – Resenha de palestra radiofônica, ano de 1958

Resenha proferida na "rádio Tencho-Sorde"
 Dom Sebastião, em maio de 1958, na ocasião dos festejos
 de cinquentenário de J. V. de Horta

CARO CUVINTE:

Dentre de ciclo de palestras radiofônicas que integram as comemorações de cinquentenário de Ginásio de Horta, escolhi o tema "A Juventude Em Face Do Mundo Moderno". A tese, como, de resto, todas as que foram versadas, é sugestiva, oportuna, rica de transcendente significação. Perisso, rege a Deus não me tenha eu impesto, elegendo-a, um cemiteiro que paire além das minhas forças...

PREZADO RADIO-CUVINTE:

Lamentavelmente, e apuradamente mera de homem não tem acompanhada e espantosa progressão material da humanidade!

Com efeito, no século que se caracteriza por conquistas científicas que as antepassadas não puderam, nem poderiam, sequer, imaginar, proliferam, também, todas as formas de negação dos valores supremos, toda a gama de erros e imperfeições e uma infinita genealogia de fracassos merais, que jogam sobre a hora presente ~~um signo~~ ^{avultoso} de pesadela e um signo de tormenta inafastável!...

PEDRITENSE AMIGO:

Neste preciso momento em que me escutas, dásde o aprazível recesso de teu lar, e que vai pela terra?....

Nos inumeráveis observatórios de planeta, no de Monte Palomar, talvez, o homem fita, através das lentes de aproximação, o céu desconhecido, medindo as distâncias, os pesos e os movimentos dos mundos estelares.

Nos laboratórios de todos os quadrantes do globo, o mesmo homem manipula a vacina Saik, luta contra o câncer, batalha no ansioso de vencer as "endemias que se lapam a humanidade".

Nos céus que nos encobrem, os turbe-jates, vencendo a barreira do som, põem entre eles e Santos Dumend, e Pioneiro, uma distância infinita, e, muito além, muito mais alto, fora da força de gravidade da terra, libram-se em sua órbita os últimos engenhos do homem.

Nos mares de todos os continentes, os submarinos, Nautilus de todas as pátrias, levam em seu seio, pelas profundezas abissais, a vida, realizando a profecia genial de Julie Verne.

O rádio transporta e senja televisão, a iséia- imagem; a imprensa, a idéia as distâncias encurtam-se cu são anuladas-entre Roma, Pequim e os

peles já não medeia e infinito, e o homem parece que deseja, até mesmo, estreitar num abraço o Zênite e o Nadir. *(Grande pausa)*

Tudo isto é ciência, tudo isto é progresso—apanágio e glória do mundo hedierne, da centúria luminosa em que vivemos.

Pena que a maioria dominadora da humanidade, inebriada ^{pelos} pela vitória na luta contra todos os elementos, contra todas as oposições e adversidades no campo material, se tenha esquecido daquela outra, mais difícil e, por isso, mais consagrada— a vitória sobre si mesma, no afã de vencer as mazelas e imperfeições que a deturpam e cerceiam.

Dai a coexistência de triunfos que exaltam e derrotas que aniquilam; de virtudes que dignificam e vícios que depreciam; de atos que enaltecem e atitudes que enchevalham a espécie humana. Dai a realidade consternadora que nos cerca:— a predominância de erro sobre a virtuosas verdade, a apostasia cada vez maior dos princípios e a intrenização cada vez mais dominante das forças desagregadoras.

PEDRITENSE AMIGO:

Toma um jornal, sintetiza em teu rádio qualquer emissora do mundo e compara as manchetes:

Aqui, um luminar da ciência ou da arte plasmeu obra que o credencia perante o censeiro dos homens; ali, "o apedrejado, o plagiário, o charlatão" procurou cabair a credulidade popular em proveito de seus exclusivos interesses inconfessáveis.

Aqui, o homem do Estado lutou e se debateu no afã de conduzir o bem comum pela reta do progresso, da honradez e da decência; ali, o prevaricador, o concussionário, insinuou-se, de maneira solerte, nos postos de administração, falsificando documentos, ferjando mentiras, rapinando o erário público.

Aqui, a netícia do fa agiota que prospera, do falsário que enriquece, do especulador que triunfa; ali, a infernação da fome que apavora, da mendicância que cresce, do marginalismo que se multiplica.

Aqui, ali, por toda a parte, como pente mais negro num quadro de cores carregadas, uma avalanche minaz desagregando a família e, por via de consequência, paluinando a sociedade inteira.

Sobre tudo isto, a complacência quase generalizada da parcela dos que detêm o poder, dos que possuem cultura, dos pertadares de discernimento, das elites que se emitem, ^{que pregam pelos falares e destorcem pelo exemplo,} quando deveriam contrapôr os diques mais resistentes à maré subversora.

Grande pausa -

Perdeu-me, euviato, pôle painel que delinhei com tintas que lem-
bram lute, pois tentei ser fiável cunigo mesmo, procurei ser autêntico,
nesta pálida visualização de mundo heíderno.

E ^{na actual} ~~nesta~~ quadra centurbada da vida humana, qual é papel da necida-
de? da necidade que não recebeu o contágio da atmosfera ambiente? da neci-
dade que não deturpou as virtudes mais genuinas ao contato de miasma? da
necidade que não manchou a túnica incensútil da pureza pelas descasinhas
da vida?

A missão da juventude consiste em preservar as virtudes que lhe
transmitiram os antepassados, declarar guerra de exterminio aos vícios que
lhe legaram os ancestrais e banir a floração espúria dos que se geraram na
actual conjuntura de mundo.

E as armas para esta luta incruenta? Apenas uma: - A educação intelectual

Jovens da minha terra, estuda! Estuda muito, estuda diuturnamente...
Aos mestres, aos ecleses, aos ignorantes, sempre estará reservada a pe-
sição de candidaturas em qualquer seter da actividade humana. Mas estuda pen-
sando sempre que o saber te desvendará um enorme campo para que sirvas teu
semelhante, não para que te sirvas dele. Caleca, pois, acima de teu inte-
rêsse pessoal, e da causa em que te empenhes.

Guarda-te de reicódiar mais oculte de teu ser as palavras de Penthe
a seu filho Laertes, no Hamlet, a imortal tragédia Shakespiriana:

"Não des lingua aos pensamentos nem execu,de a qualquer idia irra-
tional. Sê simples, mas não banal. Os amigos que tiveres, depois de prova-
da a escolha, prende-os à tua alma com grilhões de aço, mas não gastes a
mão a agradecer cada companheiro neve e não experimenta. Dá ouvidos a to-
dos os homens e palavras a poucos. Aceita a opinião dos outros, mas reserva
a tua..... Sebretuado, sê leal contigo mesmo, e, per senseguinte, ce-
ne a noite segue e dia, não pederás ser falso para ninguém"

Não te inebria com o épie das conquistas iniciais; se muito cedo te
vangleriareas com os frutos de teu labor, jamais chegarás às grandes oalho-
tas.

Não queima incense e mirra à estátua da validade e de erguão, pois
que ela perta, como Maleck, em seu seio, a chama que detrai e que aniqui-
la.

Repudia as futilidades telas da vida, pois muitas perderás, pôle mi-
nimo, e tempo, e que já é muito perder.

Busca diversões que te propiciem descanso ao corpo e ao espírito,

neve alente à luta; fuge às que te estenuem as reservas da alma, às que te embates as mais alviçareiras inclinações.

Madruga no teu amor e na tua consagração à família e à pátria, pois amanhã poderás estar no leme de seu destino.

Respeita os princípios eternos e imutáveis que devem reger a conduta humana, pois serão santelmas de teu caminho e bússulas de teu norte.

Cultiva tua fé, crê, não te esquece de Deus, que estará contigo nos instantes difíceis da vida e te há de estender a mão ante e pronunciar de naufragios. (*Grande pausa*).

JOVEM DA MINHA TERRA.

Menina-Meça, que tens a alma povoada de senho e de beleza, em homenagem ao Herte cinquentenário que é teu, que fci de tua mãe, que continua sendo de todos nós, toma estes conselhos, pauta por eles teus atos quotidianos e segue tranquila e casinho da vida.

Joves varão, em honra da escola veneranda, fonte onde tua irmã bebe a água lustral da virtude, da escola que prega estas verdades e difunde estes mesmos princípios, transferma-os em teu ideário e estarás semeando redondezas desses de futuro.

JUVENTUDE QUE ME ESCUTAS:

Precedendo dessa forma, contribuirás para que se abram clareiras de novos horizontes sembrados da humanidade, e estarás cumprindo, Pela força regeneradora de exemplo, tua dignificante missão em face do mundo hedierne.

Dr. Amor D'Ávila Fernandes - advogado.